



**BOSCO MARTINS**

# DIÁLOGOS DO ÓCIO

**Um inventário de amizade com  
o poeta MANOEL DE BARROS**



 **editora  
UFMS**



BOSCO MARTINS

# DIÁLOGOS DO ÓCIO

Um inventário de amizade com  
o poeta MANOEL DE BARROS



editora  
UFMS





**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

**Reitor**

Marcelo Augusto Santos Turine

**Vice-Reitora**

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

**Obra aprovada pelo**

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS  
RESOLUÇÃO Nº 163-COED/AGECOM/UFMS.  
DE 8 DE DEZEMBRO DE 2022.

**Conselho Editorial**

Rose Mara Pinheiro (presidente)  
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz  
Andrés Batista Cheung  
Alessandra Regina Borgo  
Delasnieve Miranda Daspert de Souza  
Elizabete Aparecida Marques  
Maria Lúgia Rodrigues Macedo  
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

---

Martins, Bosco.

Diálogos do ócio [recurso eletrônico] : um inventário de amizade com o poeta  
Manoel de Barros / Bosco Martins. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.  
321 p. ; il.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>  
Inclui bibliografias.  
ISBN 978-65-86943-83-2

1. Manuel de Barros – Biografia. 2. Poetas brasileiros. 3. Literatura brasileira. 4.  
Manoel de Barros - Entrevistas. I. Título.

CDD (23) 928

---

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

**Bosco Martins**

**DIÁLOGOS DO ÓCIO**  
UM INVENTÁRIO DE DÉCADAS  
DE AMIZADE DO AUTOR COM O  
POETA MANOEL DE BARROS

Campo Grande - MS  
2022

 **editora  
UFMS**

© do autor:  
Bosco Martins

1ª edição: 2022

**Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica**  
TIS Publicidade e Propaganda

**Editor-gestor**  
Edmir Conceição

**Produção editorial**  
Allison Ishy

**Capa e ilustrações**  
Josemir Constantino Bispo

**Supervisão-geral e organização**  
Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques

**Revisão e edição de textos**  
Marco Antonio Storani e Ahmad Schabib Hany

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

**Direitos exclusivos para esta edição**



**Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário  
Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

**Editora associada à**



**ISBN: 978-65-86943-83-2**

**Versão digital: dezembro de 2022**



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. [br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

## APRESENTAÇÃO

A editora da UFMS tem compromisso com as práticas do conhecimento e da literatura. Seu papel e o sentido acadêmico a tornam participante ativa e integrada ao projeto institucional de formação, produção científica e de sua literatura local. As páginas que seguem fazem o leitor entender um pouco mais de quem foi Manoel de Barros, poeta reconhecido antes mesmo de experimentar a fama nos anos de 1990. O garoto tímido que da corretagem e do Direito voltou ao refúgio do Pantanal em meio à ditadura Vargas e da aversão à tecnologia e a seus gravadores fez a coleção de lápis, que ajudou a criar preciosos manuscritos, revelava-se também homem que se divertia com as pequenas coisas da vida – ou melhor, que via como ninguém a grandeza do insignificante. O surgimento de seu alter ego Bernardo, a quem escolheu para expressar sua visão, e, obviamente, o amor incondicional pela companheira e “revisora” Stella são parte do conteúdo deste Diálogos do Ócio, que ilustra também os últimos dias de Manoel de Barros, as razões da reclusão nos últimos dias de vida – com o avanço da idade, pouco conseguia ver e ouvir, dedicando-se enquanto pôde às releituras, não escondendo certa frustração – e a tristeza com perdas nos últimos dias.

Manoel de Barros dizia que 10% daquilo que escrevia era mentira, e os outros 90% “tinha de inventar”. Porém, verdadeiro e único era o jeito com o qual via e sentia a tudo e todos. “Sou linguagem”, afirmou ao autor deste livro, que agora os convida para visitar um pouco dos bastidores do poeta “Nequinho”. Foi em certo encontro com Manoel de Barros, pouco mais de um ano antes do adeus ao poeta, que o escritor e jornalista Bosco Martins se debruçou em seu novo livro: Diálogos do Ócio. Palavras ditas depois de um abraço apertado entre dois homens que, ao longo de três décadas, dividiam não apenas um amor incomum pela palavra dita e desconstruída pelo olhar do poeta, mas uma amizade

profunda, dessas que tornam um e outro confidentes das molecagens da juventude às expressões sinceras do mundo que os rodeia. E, em se tratando de Manoel, trata-se de um próprio universo ao qual o jornalista recebeu a honra de adentrar. Tenham todos uma excelente leitura.

Marcelo Turine, reitor da UFMS

# SUMÁRIO

## **PRÓLOGO**

Além do tempo e da concepção multicultural.....8

## **PREFÁCIO**

O poeta e o fazendeiro .....9

## **INTRODUÇÃO**

O ócio do ofício.....18

## **CAPÍTULO I**

Manoel, humilde, mas vaidoso.....23

## **CAPÍTULO II**

Entrevistas como ninguém fez .....31

## **CAPÍTULO III**

Manoel por ele mesmo .....94

## **CAPÍTULO IV**

De BM para MB .....124

## **CAPÍTULO V**

Abecedário manoelês.....184

## **CAPÍTULO VI**

A crítica .....250

## **CAPÍTULO VII**

O Picasso pantaneiro.....282

## **CAPÍTULO VIII**

A Stella e ao poeta.....286

**SOBRE O AUTOR**.....289

**APÊNDICES**.....295

**REFERÊNCIAS** .....316

## PRÓLOGO

Este livro é fruto de uma grata empreitada em que busco revelar para o público o cotidiano do criador do seu próprio dialeto, dono de uma linguagem *sui generis*; o íntimo de um homem simples, que carregava dentro de si um imenso poeta, de aguçada percepção da vida, não apenas em suas grandezas, mas, também, em suas “pequenezas”. Um poeta que transpôs conceitos e preconceitos dos hábitos e conhecimentos do homem, mostrando que o inútil é fonte de criação, assim como no ócio também se exercita o pensamento.

Como amigo, admirador e discípulo, eu sentia a necessidade de interpretar e dar sentido à singularidade da obra de Manoel de Barros, um poeta que valorizava as pequenas coisas da vida, retratando as pessoas simples e humildes, os bêbados, os loucos... Longe da pretensão de trazer uma biografia, até pela transcendentalidade de Manoel de Barros, este inventário reúne fatos que cercaram a vida deste poeta que fortaleceu um outro modo de ver o mundo.

Esta publicação traz, entre outras, essas particularidades. A quem o poeta dava a primeira leitura de sua obra? E mais, levava em conta uma opinião antes de dar publicidade à sua arte? Se a opinião fosse divergente, era humilde o suficiente para reescrever? Era um trabalho fácil, “tirava de letra” como se diz, ou malhava duro até suar ou se exaurir?

Vale a pena conhecer um pouco da história de Manoel de Barros nesta coletânea de raras entrevistas, reportagens e “conversas em confidência” de 30 anos de “Diálogos do Ócio” que mantive com o poeta.

Bosco Martins

# PREFÁCIO

## O POETA E O FAZENDEIRO

Por José Hamilton Ribeiro\*

“Não importa saber por qual perna se começou a fazer a mesa, desde que ela tenha quatro e pare de pé.”

(Ezra Pound)

Como sou do Globo Rural e vou escrever sobre um poeta brasileiro, nada melhor que começar com Rodolfo Agrícola.

– Rodolfo – o quê?!

Agrícola. Também só fui saber dele ao ler o *ABC da Literatura*, de Ezra Pound. Não tem nada a ver com agricultura. Esse Rodolfo foi um humanista que viveu a partir de 1440 no que é hoje a Holanda. Morou também na Itália. O nome é latinizado, língua em que escrevia. Ele disse que a pessoa escreve por três motivos: para ensinar (*ut doceat*), para comover (*ut moveat*) ou para deleitar (*ut delectet*).

Manoel de Barros não quis ser professor de ninguém. Também pouco pretendeu atizar paixões. Escrevia para deleitar, suponho que, primeiro, a si próprio. Uma conquista literária vinda de surpresa na biblioteca do colégio, ou no “caderno de rascunhos” onde fazia seus poemas, comparando a criação ao orgasmo, como relata em um dos “Diálogos do Ócio” deste livro. Escrevia e reescrevia um poema 200 vezes e achava que nunca ia ficar bom. Escrever, reescrever, condensar. “O que a gente queria era que a palavra poemasse.” Sofria nessa luta até

fisicamente – às vezes de sair sangue. Mas quando alcançava na palavra o sumo, a síntese, a comunicabilidade absoluta, direta e inovadora – aí ele se dava ao gozo. Gozava.

Literatura é linguagem carregada de significado, diz Pound. E Grande Literatura é linguagem carregada de significado até o máximo grau. Manoel (daqui para a frente MB) só queria isto do verso, da palavra. O grau máximo de significado, uma forma nova, uma surpresa, uma beleza: a descoberta de um lance de que ninguém ainda se dera conta! Deleitava-se quando conseguia, sempre deixando claro que não queria influenciar ninguém, não estava atrás de voto nem de aplauso. Não pedia notícia no jornal, não mandava folheto para Suplemento Literário. Mas era um homem de olhos abertos para o mundo, com treinamento para isso, que muitos gostariam de ter. Trabalhava em casa, no “escritório de ser inútil”, e tinha ali mesmo revisão rigorosa do que fazia.

*– Quando concluí uma fase do trabalho, dava a Stella para ler. Às vezes (poucas) ela aplaudia; noutras (a maioria) ela indicava minha sala no segundo andar e dizia: “Pode subir, vai trabalhar mais. Ainda não está MB.”*

## **UM HOMEM AUTÊNTICO, SINCERO**

Sinto-me em casa para falar de MB, primeiro porque se trata de um poeta reconhecido, um escritor originalíssimo, raro e necessário. Como disse José Mindlin, bibliófilo de São Paulo, entendido de poetas e de profetas: “Se MB não existisse, seria preciso inventá-lo.” Ou como registrou Luiz Melodia: “MB para mim era tudo o que faltava neste mundo.” Segundo porque, desde meu primeiro contato com MB, levado por seu tão cortês irmão Abílio, rolou entre nós uma simpatia que chegou ao ponto de ele me indicar, ao diretor e produtor de TV Claudio Savaget, para que eu fosse narrador de alguns de seus poemas no documentário sobre MB, “Paixão pela palavra”, da Globo News. Fi-

quei faceiro com participação nesse trabalho de Savaget e equipe, ao lado de Cássia Kis e Fabbio Perez, ambas “vozes profissionais” e figuras reverenciadas, ela no teatro e nas novelas, ele na TV.

Tive a sorte de que o primeiro poema lido nos DVDs tenha sido por mim (“Autorretrato”), assim como o último, para fechar o documentário (sobre não haver nada de novo embaixo do sol). Estive com MB após a exibição do programa mais de uma vez, ora acompanhando Bosco Martins em algumas de suas constantes visitas ao poeta, ora levado por Pedro Spíndola, mas acabei não ouvindo dele apreciação sobre os DVDs da Globo News. Imagino que tenha gostado, apesar do sofrimento nas várias fases da gravação – em sua casa em Campo Grande e na fazenda, no Pantanal. Equipe de tevê carrega uma penca de máquinas e luzes para captar a imagem e a “palavra falada” das pessoas, mas com MB, isso era tudo que ele não queria. “A palavra falada não tem pudor”, dizia, citando Confúcio.

Em condição normal de temperatura e pressão, MB recebia jornalistas, falava com eles, tratava-os bem, mas entrevista, só por escrito. Nada do risco de um escorregão, uma armadilha. Guardava distância de microfones, câmeras, gravadores e considerava a “palavra sem pudor” um perigo. Ainda mais para ele que se dava a responsabilidade de expressões inovadoras, surpreendentes. “(Gosto) de usar palavras que ainda não têm idioma.” Sua poesia é de frases, ele se considerava um “fraseador”. “A única coisa que sei fazer é frase. Minha mulher diz que, se eu pegar martelo para fazer um serviço, quebro o dedo.”

Ter aceitado gravar (imagem e voz) com a equipe de Savaget foi uma grande distinção. Creio que o sofrimento de MB foi compensado pela qualidade do documentário “Paixão pela palavra”, que o trata com grande consideração. Nem podia ser de outra forma. MB era tímido e reservado, mas, ao aceitar receber uma pessoa, mostrava-se atencioso, cordial e autêntico – como se pode comprovar no Capítulo II: “Entre-

vistas” deste livro, onde Bosco Martins põe à luz a sinceridade – às vezes surpreendente e “politicamente incorreta” – de MB. Quem diria de si o que disse MB sobre sua atitude, no Rio, diante de uma mulher exuberante como Leila Diniz? Pode até não ter sido verdade – MB falou do assunto sempre rindo – mas nenhum “machão” confessaria aquilo, muito menos numa situação em que podia ser publicado.

Também como fazendeiro MB foi autêntico. “Gosto das coisas miúdas, eu sou miúdo. E tenho o olhar pra baixo” – para a terra e os seres que ali rastejam ou habitam. Não valorizava o Pantanal como cenário, pedindo cena aberta das câmeras de filmar, mas sim como chão. Fez dele título de uma antologia de nove livros, a *Gramática expositiva do chão*. O mais alto que olhava, na fazenda, eram as árvores, atrás de uma flor ou de um passarinho.

## ERUDITO QUE VALORIZAVA O SIMPLES

A primeira infância MB passou na fazenda, no Pantanal. Uma das situações que sempre lembrava, e ria gostoso para contar, era que seu pai, encontrando certa vez uma ema chocando seus ovos, esperou a hora certa para pegar um filhote e o levou para a sede. O pintinho de ema criou-se ali, no meio das pessoas, como um cachorrinho e, quando cresceu, o pai o amansou de sela.

*– Então era uma cena engraçada. O pessoal ordenhando as vacas no mangueirão e eu chegava para tomar leite, montado na ema. Depois voltava para casa naquela penagem fofa das costas dela.*

Não há componente erótico nessa história, talvez faltasse idade. Aos 8 anos, MB vai para um colégio de padres e, nesse ambiente propício, começa sua iniciação. Conta que um religioso, possivelmente alemão, pegou-o fazendo “*pecado solitário*” e o mandou para a “parrede”!

A pena: ler e decorar 50 páginas do *Sermão da Sexagésima*, de Antônio Vieira. O que era para ser doloroso, um sacrifício, virou prazer.

*– Fiquei arrebatado. Senti o que era Literatura, isso que eu queria e não sabia o que era. Li o Sermão inteiro, foi um verdadeiro orgasmo.*

Duas coisas: propôs-se a fazer mais pecado solitário para ir mais vezes pra “parrede”, e tornou Vieira o autor que iria acompanhá-lo a vida toda. No internato, a vida seguia seu tom, mas MB ficou amarelo de tanto pecado. Veio a família, o médico indicou remédio. “Tomei um vidro de fortificante, fiquei bom de novo.”

Com 12 anos MB é mandado para o Rio, outro colégio de padres. Escreve sobre a mulher à sua frente, que a queria de “coxas abertas: isso não tem mandamentos nem ofende a disciplina militar”.

No embalo de Vieira, vai atrás dos bons livros, de preferência os poetas. Aos 16, fica livre do internato e aí soma, à vontade de ler, a escola de vida que é o Rio. Conhece Vinicius na noite, confraterniza com ele, tenta falar com Bandeira, visita sambistas, Pixinguinha, Clarice Lispector, torna-se conhecido de Noel, vai administrando (mal) a timidez que o inibe na frente das mulheres – como no “caso Leila Diniz”. Trabalha como corretor de imóveis.

É tempo de grandes viagens. Primeiro a América Latina acima, depois Europa e Estados Unidos, sempre ligado em poetas, pintores, artistas. Conhece Baudelaire e Flaubert em francês, Fitzgerald e Joyce em inglês, Ortega y Gasset no original, vai até onde a curiosidade o leva. E demora quanto for preciso.

Torna-se um homem culto, na medida para, na volta para a casa, tornar-se “um intelectual” e frequentar rodinhas da academia. Mas não é para isso que ele veio.

– Fazer o desprezível ser prezado, isso é coisa que me atrai.

Passa sua erudição pelo cobre do alambique para apurar uma comunicabilidade instantânea, direta – infantil. Vibra com Chaplin, lição de simples. “Fez teatro sem palavra falada, gostava de circo, retratava menino: vivia dizendo que o bom é o simples. E era Chaplin.” Diz que Carlitos, ao fazer de herói um vagabundo (um “*des-herói*”, na língua de MB), influenciou a Literatura do mundo inteiro. “Até então herói era só príncipe, homem de poder. Os escritores mudaram com Chaplin.”

No plano pessoal, após o casamento com Stella e a formação da família, torna-se discreto e econômico. Só lembranças, como no poema “Achadouros” de um de seus últimos livros (*Memórias inventadas: a infância*), que escreveu aos 90 anos: “Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.”



## BM E MB: LIGAÇÃO PROFUNDA

Há bons trabalhos sobre MB. De alguns ele até participou, caso do livro de Pedro Spíndola (*Celebração das coisas\** – *bonecos e poesias de Manoel de Barros, 90 anos do poeta*) em que escreve (e desenha) um poema à sua amiguinha Letícia, filha de Pedro, então com menos de 10 anos – material que aparece também neste livro. Dispôs sua imagem e voz no documentário de TV “Paixão pela palavra” de Claudio Savaget. Estou agora gratificado de estar participando deste *Diálogos do Ócio* que o autor cultivou com Bosco Martins durante anos. As “conversas em confiança” entre os dois são uma contribuição riquíssima para o entendimento da pessoa MB e uma celebração da sua finíssima cabeça. Às vezes ele se revela: “Poesia é voar fora da asa: um encantamento, você se encanta. Se encanta, mas não explica.” Ou “Poesia é um parafuso a mais.” “Coisa de criança, de louco, dos bêbados”, mas era tudo que ele queria. De seu período carioca (de 12 aos 40 e tantos anos) consta uma experiência no jornalismo. Não gostou, caiu fora, só quer saber da luta de inventar, mexer na palavra, construir frases poéticas.

– *Quem descreve (jornalista) não é dono do assunto. Quem inventa é.*

Este livro tem em Bosco Martins o autor, que devia ser “Bar-do”, como MB às vezes o chamava, por sua capacidade incrível de memorizar poesia (sabe de cor cerca de 60 poemas, de vários autores e, ao declamar, não mistura verso de um com o de outro). BM esteve sempre próximo do mundo de MB. Tendo sido seu precoce e sincero admirador, desde que, caipira do interior de São Paulo, escolheu viver em Mato Grosso do Sul no início da década de 1980. Acompanhou de perto a vida do poeta, e guarda, na memória e em documentos, eventualmente tudo que foi publicado (e o que não foi publicado...) sobre MB. Espírito inquieto e incansável, Bosco usa a usina de ideias que tem permanentemente na cabeça para promover (ou seguir, quando iniciativa de outros) movimentos de celebração de MB, como um grande autor e um poeta de lugar assegurado na História da Literatura Brasileira.

Existem críticos que despicam de MB: “é um fraseador”, dizem. A sucessão de frases vai resultar no poema, não se discute a que fez primeiro. Como na mesa de Ezra Pound, importa é que, no fim, tenha quatro pernas e pare de pé. O crítico tem direito de achar o que quiser.

Quando surgiu Guimarães Rosa, um redator carioca, por não alcançar o valor da obra ou por preguiça de ler direito, disse que nosso grande escritor “escrevia em húngaro”, não dava para entender. Do crítico, ninguém mais sabe o nome. Não por acaso, MB vibrava com Guimarães Rosa. “Conheço tudo dele. Só *Sagarana* li mais de 20 vezes, aquilo abriu mais ainda para mim a possibilidade de ousar no verso, na palavra, no idioma.”

Recebeu Rosa no Pantanal e, conseguindo vencer a timidez diante de quem considerava um gênio da língua portuguesa, disse-lhe, ao ouvir um passarinho: “Andorinhas encurtam o dia” (devia estar na hora do almoço...). Gostou de ouvir de Guimarães Rosa que encher a cabeça de informações nem sempre de boa qualidade, coisa comum neste mundo de celulares e redes sociais, não é bom para a poesia: “A pessoa perde o dom de inventar, de criar.”

Outro que entusiasmava MB era Bandeira. Por certo o ritmo, a cadência, o humor, o talento e a sutileza do pernambucano faziam gosto no nosso pantaneiro.

“-Lá, a existência é / de tal modo inconsequente / que Joana, louca de Espanha / Rainha e falsa demente / Vem a ser contraparente / da nora que eu nunca tive.”

Se quisesse, MB podia ir também atrás de ritmo, de cadência, de rima, como fez em “Bocó”:

*- Covil aberto / de mil acenos / Cobra na rua / que me mordia / Que me injetava / sutis venenos.*

Admirava também Augusto dos Anjos, poeta do escatológico, porém mestre na rima, no ritmo, no espantoso vocabulário: “Esse me causou um grande choque, não queria parar de ler.” Mas MB só se curvava na palavra, era a “paixão pela palavra”: “O que dá eternidade ao poeta é a palavra.”

Poesia não é ideia, não é ideologia, não muda o mundo, dizia ele. Mas deleita. Um poema que tive a honra de ler no documentário da tevê:

*– Tudo creio que já foi dito por tantos e tontos.*

*Ou quase tudo. Ou quase tontos.*

*De modo que não há novidade debaixo do sol*

*– E isso também já foi dito (...)*

*(...) então, o que se pode fazer de melhor  
é dizer de outra forma.*

E foi o que ele fez, com sua arte tão original. Campo Grande tem MB, tem até um monumento a ele. E tem Bosco Martins com este livro. É caso de orgulho para os dois Mato Grosso e para o Brasil inteiro!

**\*José Hamilton Ribeiro** é autor, entre outros, dos livros Gosto da guerra, sobre sua participação na Guerra do Vietnã, Pantanal, amor-baguá, com mais de 40 edições, e Música caipira, as 270 maiores modas.

# INTRODUÇÃO

## O ÓCIO DO OFÍCIO

Em novembro de 2014 partiu o poeta. Voou o amigo Manoel, privando-me da sua generosa presença. Presença tão sutil que destoava da habilidosa forma de poesia marcada na memória do Brasil e do mundo. Foi-se o corpo, mas viva está a alma do poeta! Dele, mais do que lições, aprendi que pelas suas palavras brotava uma afiada percepção da natureza, não só humana, mas de todos os reinos, materiais e imateriais.

Recordo-me bem daquela feição delicada, amparada na biblioteca, lançada às suas lembranças. A nossa última conversa... se eu soubesse...

Assim como em vida, meu caro Manoel, você ainda nos abastecia com a mina do seu coração cordial, estimulando sempre o resgate da infância em nosso pensamento. Nos anos em que usufruí com enlevo e encanto de sua amizade e confidências, sempre admirei o modo gentil e o jeito simples com que se relacionava com as pessoas.

Sua memória era um armazém de infinidade de frases construídas, esculpidas em seus caderninhos, artesanalmente. Os encontros em sua casa, meu caro Manoel, mostraram-me o quanto é produtivo aproveitar o “ócio” para exercitar a linguagem. E os “ócios do ofício” eram fundamentais para alimentar os diálogos que mantínhamos com espontânea regularidade.

Por se dizer “abastecido de infância” eu brincava ser ele “o Peter Pan da literatura”. No que me apelidou “Bardo”, visto que eu gostava de declamar poesias.

A cada ano de sua morte testemunhamos, mais uma vez, o quanto é forte sua presença e quão perene é sua obra. Da engenhosidade artística surgiu um poeta singular, de capacidade criadora poética e filosófica e, sobretudo, perceptiva e sensitiva. E, pasmem, humilde!!! Que sorte nós temos de tê-lo traduzido em “matéria” de poesia.

Sempre que me convidam para falar dele me reporto a nossos “Diálogos do Ócio” e digo, repetidamente, não ser nenhum despropósito afirmar que Manoel inventou sua própria literatura, a literatura “manoelina”. Uma forma de escrever tão única, tão dele.

Assim nasceram o “escritório de ser inútil”, o “idioleto manaelês arcaico”, “baticum gererê” (quando já andava meio baleado), “vanguarda prymitiva” ou “Diálogos do Ócio”, entre outras expressões. Eram invenções dele que utilizava para se “divertir” e “zombar” em contraponto com as dificuldades de seus últimos anos de vida. Época em que o poeta já vivia de “amarrar o tempo no poste”.

Na verdade, com as dificuldades da idade avançada, ele escrevia cada vez menos. O poeta acabou criando também seu próprio manual de sobrevivência. Consistia nesta infalível receita: prolongar o tempo “praticando o ócio”. Tivemos o prazer de desfrutar bons momentos transformados em “Diálogos do Ócio”.

Manoel gostava dos momentos leves e informais; sinalizava que, apesar de seus personagens serem de carne e osso e de ter vivenciado o que escreveu, era nos “Diálogos do Ócio” que seu espírito brincalhão se revelava. Para o poeta, essa prática era uma forma de exercitar a criatividade. Lembro-me de uma vez, quando recebemos Gilberto Gil, então ministro da Cultura. Veio conhecê-lo e repetia um único verso de Manoel que aparentemente havia decorado às pressas no avião. Manoel percebeu e foi logo lhe tascando:

– *Ministro, não deveríamos praticar mais o ócio?*

Era sua característica expressar-se sempre com bom humor, espontâneo e contextualmente adequado para relatar episódios, situações, histórias que vivenciara, imaginava e inventava.

Com a morte de dois filhos mergulhou na reflexão, no trabalho laboratorial, na verificação de suas teorias... nos “Diálogos do Ócio”.

Nos últimos anos, levava uma vida reclusa, ao lado da esposa Stella, na casa da Rua Piratininga, no centro de Campo Grande. Ele viveu também esses momentos trágicos nessa residência, inclusive seus últimos dias de vida.

Viveu momentos difíceis em sua vida, o primeiro deles foi em 2007 com a morte do filho João, aos 50 anos, em acidente aéreo. Era ele quem administrava os negócios do pai. Desde esse episódio, o poeta quase não saía mais. Seis anos depois, em 2013, perdeu o filho mais velho, Pedro, vítima de três acidentes vasculares cerebrais. Quando eu o visitava, levava cerveja. Pedro fumava muito e adorava tomar “umas geladas”.

Antes de partir, Pedro passou alguns anos estirado numa cama, sendo assistido pelo pai, pela mãe e por cuidadores. Naquela manhã, foi Stella quem me puxou pelo braço e levou-me até a porta do quarto do filho para, com muita tristeza, mostrá-lo inerte na cama e indagar:

*– Acha mesmo que podemos ser felizes diante disso?*

A partir desse episódio, a tristeza pegou o poeta. A única filha, a artista plástica Martha Barros, passou a cuidar dos negócios da família, desde a morte de João. Ela administra também os direitos autorais do poeta.

Que outra coisa havia de fazer senão entregar-se ao trabalho contínuo, que levou com boa cara por ser polido. Nos últimos tempos, nem via os seus amigos, não podia sofrer a desconsolada dor de suas perdas.

A multiplicidade de ocupações o absorvia. O que lhe fragmentava a vida e o inutilizava para tanta coisa grande, o torturava pela

inanidade e pelo inútil aparato; quando ele já não tinha tempo de viver, de jantar, de conversar, de respirar quase, quando a sua existência de lufa-lufa e de pessoa consagrada se lhe tornou um martírio execrável.

Contrasta esse período com o de outros mais recuados, em que Manoel de Barros tinha tempo para conviver saudavelmente com os amigos nas primeiras terças-feiras de cada mês em seus “Diálogos do Ócio”. O bom humor fazia de MB um sujeito extremamente espirituoso para aquilo que verdadeiramente gostava de fazer – a possibilidade de reflexão e criação.

Assim eram os “Diálogos do Ócio”, nos quais amizade, convivência, amor, em conjunto, traduziam as reflexões de um homem que nunca pretendeu ser um pensador. Representavam os ensinamentos de alguém que nunca quis ser. Tudo o que ele queria estava anotado em seus caderninhos.

E foi isso que ele fez todos os dias ao longo de quase um século de vida, quando criou uma obra monumental que, enquanto nos faz rir, chorar, também nos torna mais humanos.

Nas conversas com amigos, falava do cotidiano, da vida simples, nunca se gabava de sua obra. Manoel tinha como um de seus maiores trunfos a companhia sempre atenta do amor de sua vida, a esposa e conselheira Stella, cinco anos mais nova. Era ela quem “consertava” sua obra e somente ela podia alterar ou atrasar a edição de um livro, por conta de suas rigorosas observações. Nos áureos tempos em que praticávamos nossos “Diálogos do Ócio”, apesar da idade já avançada, seu humor e sua vitalidade eram invejáveis, apesar das dificuldades auditivas e de visão.

Manoel de Barros adorava ler e lia bastante para cultivar palavras – leitor dos Sermões de padre Vieira, habituou-se a consultar dicionários etimológicos para criar seus versos numa linguagem artesanalmente construída, sem se ater a convenções gramaticais ou sociais, mas sempre em busca da simplicidade.

Manoel escrevia à mão, como de hábito, com uma caligrafia muito particular. Extremamente culto e antenado, leu Durkheim, Gramsci e, enquanto podia, lia muita filosofia, incluindo no rol de seus autores preferidos o filósofo italiano Remo Bodei.

A obra de Manoel, escrita, límpida e transparente em seus 32 livros, fala por si. Satisfaz ao leitor mais exigente. Mas de que modo se inspirava, com que ferramentas, com que ritual ele esculpia suas poesias? Até transformá-las em pequenas joias do idioma português? Como corriam suas horas ao longo do dia, como e onde trabalhava, o que bebia? Quem fazia a primeira leitura da sua “boneca”? Bem-humorado, ele adotava o substantivo feminino para o termo “boneco”, que é a prova impressa do livro quando finalizado.

*– Minha boneca está pronta – brincava ele.*

É este o Manoel de Barros que conheci em três décadas de amizade, que revelo em alguns trechos de nossos “Diálogos do Ócio”: um Manoel humano, verdadeiro, que vai além do ser “letral”. Manoel de Barros nada mais era do que um homem simples, que carregava dentro de si a imensidão do chão.



## CAPÍTULO I

### **MANOEL, HUMILDE, MAS VAIDOSO**

A vida de Manoel de Barros foi dedicada às inutilidades. Era para isso que ele prestava. Chegava a sofrer moralmente por só fazer coisas inúteis. Os “livros sobre nada” de Manoel de Barros tinham poesia, cores, paisagens, palavras inventadas e muita beleza singela. Ele completaria 98 anos em dezembro de 2014, mas ainda era uma criança. Só teve infância, como ele mesmo diz, em seus poemas. Manoel morreu numa quinta-feira, 13 de novembro daquele ano, mas havia meses a infância tinha entardecido: já não escrevia, não falava, quase não enxergava.

Foi um dos poetas brasileiros que mais publicaram livros. Sua escrita é comparada à de Guimarães Rosa. Ganhou dois prêmios Jabuti, mas nada disso o envaidecia. Cada vez que publicava um livro se refugiava desonrado para o Pantanal, onde era abençoado por garças.

Ele gostava mesmo era de partes isoladas. A fazenda onde passou a infância era o seu universo preferido. Foi criado entre bichos de chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios. Gostava de viver em lugares decadentes, por apreciar estar entre pedras e lagartos. “Só as coisas rasteiras me celestam”, escrevia. Adulto, vivia em um mundo pequeno, com um rio e um pouco de árvores.

Na escrita, MB imprimia sentido literário aos pássaros, ao sol, às águas, a todos os seres. Seu cuidado era para que as palavras não caíssem nos louvamentos à exuberância do Pantanal, não descambando no adjetivamento excessivo. Queria ser amparado por substantivos – verbais –, como ele destacava, sem ser engolido pelo cenário.

Poeta *sui generis*, Manoel de Barros inventou sua própria literatura. Eu a chamo de “literatura pantaneira” ou, de outro modo, “literatura do futuro”, porque se trata de configuração única, de tão singular. Não é nenhum despropósito afirmar que, na literatura “pantaneira”, a tríade próclise, mesóclise e ênclise nunca mais foi a mesma. Sem sua existência não haveria a “reinvenção” poética reconhecida e aclamada por colegas como Millôr Fernandes e Drummond, dos quais o nosso poeta também era um grande admirador.

Convivemos desde os anos de 1980. Separava-nos a idade, eu quatro décadas mais novo. Lembro-me de férias que passamos na fazenda dele no Pantanal. Ele se unia aos vaqueiros na lida no campo, eu observando sua habilidade com o cavalo e o laço. Só tempos depois me dei conta de que aquele manejo de gado pantaneiro ele aprendeu praticando, ainda bem moço, quando teve de ficar um bom tempo na fazenda fugindo da polícia da ditadura Vargas. Agentes encontraram no seu quarto de pensão, no Rio de Janeiro, material suficiente para provar a “militância comunista”. Amigos o enviaram para o Pantanal, onde ninguém conhecia polícia nem comunismo.

Depois, em outra fase da vida, já com filhos, passaria quase dez anos no trabalho de transformar a terra bruta que herdara do pai na Fazenda Santa Cruz, na Nhicolândia.

Antes de ser o homem das pequenezas e das “ignoranças”, o menino do mato que no velho Mato Grosso fazia compêndio de passarinhos foi um modernista. Começou a escrever poesia, nos anos de 1930, quando o modernismo brasileiro estava em fase madura e seguia firme e forte no caminho da ruptura de linguagens que estabelecera nos anos de 1920. Ele subia no bonde já em movimento quando criou seus primeiros versos. O livro *Poemas concebidos sem pecado*, escrito em 1937, por sua linguagem e criatividade, que a muitos encantou (ou espantou!), cabia direitinho na grande abertura mental que o modernismo desencadeou no Brasil.

Mesmo tendo a natureza e a vida pantaneira como inspirações, não gostava quando o “rotulavam” de “poeta do Pantanal”. Tivemos embates e discordâncias sobre isso; eu sempre defendendo a importância de ser o poeta do Pantanal. Insistia e discordava dele sobre essa “rotulagem”, argumentando que na verdade a associação de sua literatura com o universo pantaneiro também foi um diferencial em sua poesia e essa “regionalidade” é que projetou o poeta, os Mato Grosso e o Brasil para outras dimensões.

Sua escrita de grande sensibilidade criou uma linguagem própria, que brotou de um lugar onde a natureza não se anuncia por meio de clichês. Mais que um espaço íntimo de escrita pessoal e bucólica, Manoel fez uma poesia irreverente e usou sua linguagem revolucionária: a escuta silenciosa de uma realidade até então desconhecida: o Pantanal. Era ali o seu “quintal”; e ele o projetou para bárbaros e infiéis, daqui e do estrangeiro. “Meu quintal é maior que o mundo”, dizia Manoel. E quem iria contrariá-lo?

O centenário, dois anos após a morte – em 19 de dezembro de 2016 –, foi marcado por homenagens a esse que era considerado um dos maiores poetas do Brasil. Justas, merecidas. Deve-se considerar, porém, que a melhor maneira de cultuar Manoel de Barros é mantê-lo vivo, contemporâneo, atual. Independentemente do calendário, o poeta deve ser lembrado sempre; homenagens pontuais são passageiras. Deveria ser todo dia o centenário de Manoel de Barros, como um elixir, um alimento para a alma.

E na sequência das homenagens, em 2017, a Escola de Samba Império Serrano homenageia Manoel de Barros com o enredo “Meu quintal é maior que o mundo”, reconhecendo aquele que estudou no Rio de Janeiro e cuja obra, universal, continuará a impressionar o leitor no futuro. A homenagem rendeu à verde-e-branca de Madureira a conquista do título e o retorno da escola à elite do carnaval em 2018.

Atuais, à medida que o tempo passa, seus textos expõem, com visão aguda e de forma elaborada, aspectos diversos da vida humana. Sua obra se tornou perene e chama tanto a atenção por desenhar e antecipar questões que parecem ter sido escritas para o leitor de hoje e as próximas gerações. Isso é que chamamos de “literatura do futuro”.

Ser humano recluso e gentil, detentor de um jeito único de se expressar poeticamente, Manoel alcançou um status singular e se tornou referência no mundo literário.

Difícil de traduzir. Com senso de humor – este, o mais avançado estágio da inteligência – Manoel se gabava de ter inventado “o idioleto manoelês, o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e as moscas”.

A originalidade linguística do escritor e poeta Manoel de Barros trouxe certa dificuldade de tradução para outros idiomas. É de se imaginar que tradutores e alguns críticos, por conta disso, nunca entenderam o sentido de sua poesia. Alguns deles suprimiam o campo lexical de sua escrita.

Considerando-se um “manobreiro” de palavras, Manoel de Barros já declarou que poesia não é um fenômeno de ideias ou sentimentos, mas de linguagem. Por isso adota um comportamento de desarrumar e reinventar palavras. Há quem por isso o qualifique de “Guimarães Rosa da poesia”. Em seu *O livro das ignorâncias* (1994), Manoel descreve seu gosto por “fazer defeitos nas frases”.

Manoel tinha boa memória. Gostava de recordar a infância e as suas andanças pelo mundo. Morou na Europa, correu a América Latina, estudou no Rio, de tudo aproveitando para sua poesia. Fobia ao reconhecimento público, pavor de microfone e aversão a entrevistas não eram de fato mania ou estrelismo, mas timidez. Daí nasceu seu perfil (parcial) reservado, retraído, sóbrio.

Antiacadêmico, dizia que, para escrever bem, é preciso ter formação humanística – e vivência. Deve-se ter consciência da realidade, mas se ilude quem acredita que a poesia ou a literatura possam ser elementos de transformação do mundo. Manoel era descrente sobre esse conceito.

Para ele, escritor não devia, necessariamente, estar frequentando rodinhas literárias ou acadêmicas. A academia pode dar base teórica, mas não supre a falta de vivência, o conhecimento da “alma” do mundo.

Apesar de sua importância no mundo literário, e das seguidas demandas que tinha do mercado editorial, Manoel sempre foi uma pessoa simples, cortês, delicada, distante dos rapapés e do comportamento afetado de certos meios.

De hábito caseiro, com o compromisso de um uisquinho ao entardecer – ainda em casa –, parecia recluso, distante e inacessível, mas bastava se apresentar com a devida discrição que logo fluía uma boa prosa e a distância desaparecia. Mas sem microfone ou câmera, pois aí a timidez ressurgia.

Revelador e sincero, nunca escondeu que 10% do que escrevia era mentira. Os outros 90% tinha de inventar. E gostava, sobretudo, de brincar com a palavra e, também, com a vida, sem nunca perder a ternura.

Em casa ou na roda de amigos mostrava seu lado terno e extrovertido. Na intimidade superava o comportamento retraído e se punha a contar histórias antigas e interessantes. Por pouco já sorria, logo mais ria abertamente. Sua risada era fácil, meio, assim, juvenil. Em outro ambiente, porém, o temperamento cobrava seu preço. De tão tímido chegava a vomitar, tamanho o desarranjo orgânico que a timidez provocava. Assim que se formou, foi exercer a advocacia, mas na primeira audiência em Fórum, para o que se julgava uma simples demanda trabalhista, ficou tão nervoso que “lançou” na mesa do juiz, de cujo nome jamais esqueceu: Epaminondas.

Esse acontecimento o marcaria para sempre e foi o sinal de que, como advogado, a luta seria dura. Acabou assumindo a terra que lhe coubera de herança. Foi então um criador de gado, caprichoso e sério, com a ajuda do irmão Abílio, até passar ao filho João a administração da fazenda. Mudou-se para Campo Grande. Então passou a ser poeta em tempo integral, mas sem perder o vínculo com a fazenda, que administrava junto ao filho, a distância, de um escritório que tinha no centro da capital de Mato Grosso do Sul.

## O (DES)ÓCIO

Para MB, praticar o ócio era uma forma de exercitar a criatividade com leituras e boas histórias. E assim, recebendo amigos para conversar, ele ia esticando a vida com seus “Diálogos do Ócio”, sempre recheados de humor e simplicidade que brotavam de sua fina inteligência.

Recebia diariamente muita correspondência, livros de autores de todo o país. Na maior parte do tempo, lia outros poetas e consultava o dicionário. Tinha vários dicionários. Os cadernos de rascunhos, centenas, eram feitos com folhas de papel grampeadas e capas desenhadas à mão. Além da escrita, Manoel criava significados para seus desenhos. As palavras passavam para uma outra arte.

Era o perfeccionista da miudeza. Nunca se dava por satisfeito. A palavra era elaborada com esforço e pesquisas até o último momento. Como foi, uma vez, mesmo depois da publicação.

Em *O livro das ignoranças*, impresso em 300 exemplares, duas alterações foram feitas depois, de próprio punho, para uma próxima edição. “Para apalpar as intimidades do mundo” – nesta frase, a digitadora colocou “do corpo”. E onde a criança diz “eu escuto a cor dos passarinhos” – escreveram “a voz”.

Dizem que a morte de um filho é a maior dor que um ser humano pode sofrer. Imagine a dor de quem perde dois. Primeiro um, em acidente aéreo; anos depois, outro, em razão de doença. Martha Barros, artista plástica, é a única filha que restou do casamento do poeta com Stella de Barros. João Wenceslau morreu em 2007; Pedro Barros, em 2013. Eles tomavam conta da Fazenda Santa Cruz. Segundo Martha, o choque abalou demais o pai. Após a perda dos filhos, nunca mais foi o mesmo: “Ele parecia cansado, sem energia”. Manoel se retraiu na produção criativa.

Último poema. Em agosto de 2013, com a morte do filho Pedro, aos 65 anos, vítima de AVC (acidente vascular cerebral), Manoel de Barros e Stella desabaram de vez. A filha Martha afirmou que, depois da perda e em razão da idade, Manoel “estava se apagando como uma velinha”. Por conta também da saúde debilitada, não saía mais de casa, sempre sob os cuidados da filha e da esposa Stella. Perto de completar 97 anos, Manoel juntou forças e escreveu um último poema: “A turma”.

Adoecido com a perda dos filhos e a idade, sem condições de gerenciar os negócios, Manoel passou a necessitar cada vez mais dos rendimentos de direitos autorais. O potencial comercial de seus direitos autorais é respeitável, com preciosidades como dezenas de cadernos de rascunhos, escritos a lápis, onde Manoel guardava ideias e invenções. Apenas parte deles é conhecida. O restante está guardado. É um material precioso de grande valor literário. Riquíssima fonte de inéditos.

Martha prometeu ao pai que só daria destino ao material após sua morte. Esse acervo inédito ainda é uma incógnita entre os seus editores.



## CAPÍTULO II

# ENTREVISTAS COMO NINGUÉM FEZ

### *Roteiro*

“Ainda não está Manoel”	Conversas sobre nada e passarinhos
A lesma treme, freme, trava	Cor
A resistência do ar	Crenças
Aldeia global	Críticas
Algum padre tocando Bach...	Dependente
Alma gêmea	Desarrumar as palavras
Almoço e sesteio	Desenho de bonecos
Amizade	Des-heróis
Amor, inveja, ódio	Deus
Andarilho	Dez anos
Ao jeito que namorasse	Dos eremitas calçados
Arthur Rimbaud	Dos tontos, dos profetas
Árvore ia pensar	“Dupla contingência”
As coisas que me celestam	Ecologia
As vidas que podemos ter	É já e agora
Até aqui, tudo bem	E o que você não sabe fazer?
Autores preferidos	Escrita do chão
Bernardo	E se tudo se acabar junto?
Bernardo que eu vi	Enxergo atrás dos quadros
Bosta de rato	Erotismo
Bugre	Escrevo à mão
Cada um com sua carga	Esse mesmal
Canto dos mbyá-guarani	Falas de bêbados e de crianças
Cheiro lasso de fêmea	Falência das palavras
Clarice Lispector	Fatos
Completude	Fazenda

Funções da poesia no mundo atual  
Girassóis de Van Gogh  
Gosto  
Gozo  
Guimarães Rosa e Manoel  
Homenagens  
Ideologia do ódio  
Ignorância  
Imagem poética: você vê de ouvir  
Imaginação  
Infância  
Inspiração não, excitação sim  
Inteligência na alma  
Invenção é verdadeira, realidade não  
Ler ou reler?  
Lesmas e caracóis  
Linguagem pode apagar  
Mais que a bomba atômica  
Manuel Bandeira  
Marxismo  
Melhor idade da mente, 49 anos  
Meu tema é gente  
Minhas memórias  
Mistério  
Mundo para desver  
Música  
Na Academia?  
Na hora agá  
Na velha Olivetti  
Não é coisa de ideias  
Não tem volta

Nasci empelicado  
“Nova virgindade”  
O absurdo é divino  
O comportado abrunha  
O poeta me mandou  
O poeta, um narcisista  
O presente não tem espessura  
O processo criativo de um poema  
O que gerou o poeta?  
O tempo que vem  
Olhar pra baixo  
Onde o imaginário vai mais longe  
Os bons sermões  
Palavra acostuada, não  
Palavra concreta  
Pantanal  
Pantaneiro  
Para que o verso fique em pé  
Parafuso a mais  
Parvo  
Percepções infantis  
Poesia  
Poesia é necessária?  
Poesia e política  
Poesia vai permanecer?  
Poeta  
Política  
Ponta do lápis  
Por que o poeta se esconde da mídia?  
Posteridade  
Prazer

Preguiça de ser sério  
Primeiro lançador  
Primeiro livro: 20 exemplares  
Qual a matéria de sua poesia?  
Quem está parado?  
Razão e paixão  
Régua e compasso  
Rimar?  
Rimbaud também desarrumava  
Roendo o futuro  
Sabia, canto e cor  
Sensorial  
Seria como não viver  
Sexto sentido  
Só no susto  
Sou como árvore, eu só floreio  
Tarde e cachorro  
Terras e profetas  
Todos têm de ler Homero?

Tradução no estrangeiro  
Três coisas importantes  
Tudo que presta em mim  
Último livro  
Um ato solitário  
Um bem-te-vi no sol  
Um cavalo azul  
Um símio  
Um songo  
Uma vida de ensaio, outra para valer  
Umbigo ainda não caiu  
Vanguarda prymitiva  
Velhice  
Vinicius de Moraes  
Viver de poesia  
Você pertence à geração 45?  
Você vive em paz?  
Zé “absurdo” Limeira

**Adendo:** Manyphesto da Vanguarda Prymitiva, por Bosco Martins

A seguir, uma coletânea de raras entrevistas, reportagens e “conversas em confiança”, que fazem parte dos “Diálogos do Ócio” que eu e Manoel mantivemos. A declaração do poeta, autorizando-me a publicar nossas conversas, dita em um de nossos últimos encontros, despertou em minha alma a convicção de que, mais que uma concessão, MB permitia a mim a missão de não apenas cultuar sua liturgia poética, mas investigar o íntimo do criador e a singularidade de sua obra. Momento que foi selado com um abraço apertado de dois amigos que, ao longo de 30 anos, dividiam não apenas um amor incomum pela palavra dita e desconstruída, mas uma amizade profunda, dessas que tornam um e outro confidentes das molecagens da juventude às expressões sinceras do mundo que lhes rodeia. Em se falando de Manoel de Barros, trata-se de um universo curioso e emblemático ao qual tive o privilégio e a honra de adentrar. Universo que, prazerosamente, abro para desfrute no quintal de Manoel de Barros.

### “AINDA NÃO ESTÁ MANOEL”

*Já sofri pra escrever... já padeci. Porque, para eu entregar livro pra uma editora, eu só entrego depois que acho que está realmente pronto, e ainda boto para Stella ver. Se ela acha ruim, aponta para meu escritório, que fica no segundo andar, e diz: “Pode subir, vai trabalhar mais. Assim não está bom”. Isso é verdade. Nós somos casados há quase 60 anos, de forma que ela conhece o que escrevo, até onde eu posso chegar. Às vezes, ela fala assim: “Ainda não está você, ainda não chegou a ser Manoel”. Ela me conhece mais do que eu, e entende disso... aí eu subo... boto a mão na massa e trabalho até ser Manoel.*

### A LESMA TREME, FREME, TRAVA

*Se no tranco do vento a lesma treme, no que sou de parede a mesma prega; se no fundo da concha a lesma freme, aos refolhos da carne ela se agrega; se nas abas da noite a lesma treva; no que em mim jaz de escuro ela se trava...*

## A RESISTÊNCIA DO AR

*A esperança é algo não demonstrável, mas que nos permite viver. É uma dessas grandes paixões, grandes emoções, que, às vezes, tem aspecto negativo, por seu caráter pendular. Se se passa da esperança ao medo, nessa oscilação nos destruímos, nos cansamos. Mas a esperança não devia ser a outra face do medo, e não deveria ser uma esperança infundada, sem motivo, sem possibilidade de qualquer realização. A esperança é sustentação dos aviões, é aquilo que sustenta as asas do nosso voo.*

(O homem percebe quando não há cheiro. Manoel de Barros correlaciona ódio e consumismo como percepção do insípido e do inodoro: “A esperança é como o ar, sem cheiro, sem sabor, invisível, mas, quando falta, nós sentimos”. Sobre a esperança, Kant dizia: “É uma cândida pombinha que não poderia voar sem a resistência do ar”. Remo Bodei acrescentava: “A resistência do ar é que é a esperança”. Temos de nos projetar para a frente.)

## ALDEIA GLOBAL

*Não há como evitar as aldeias globais e seus efeitos. Elas invadem e des-temperam quase tudo. Mas o Pantanal em seu todo, em sua ossatura geológica, está resguardado. Ou quase. O fato de ser uma região de enchentes periódicas, isso preserva um pouco o Pantanal. Ninguém se estabelece com indústrias ou grande comércio no Pantanal. Porque em seis meses as águas lhes comem pelas beiradas. E tudo boia. E tudo nada. Aquilo é celeiro de bichos e aves e não de cofres bancários. Com a paz dos bichos vive a paz do homem pantaneiro. E viverá enquanto a natureza não modificar a sua ossatura geológica.*

## **ALGUM PADRE TOCANDO BACH...**

*É uma vanguarda, mas é primitiva. Ler a palavra, a poesia, renova a gente. O original vem das palavras, do contato que você tem com o primitivismo, que pra mim é sempre fascinante. Inclusive andei e morei por lá, era uma questão só de fascinação. Não tinha intenção de empregar na minha poesia; não percebia o quanto iria transformar a minha poesia. Depois dessa viagem que fiz por Bolívia, Equador, Peru, tive um choque cultural e comecei a mergulhar no primitivo. Aí fui para os Estados Unidos, chego lá e começo a conhecer Picasso, escutar Bach, Beethoven, conheço pessoas que eram artistas de verdade. Era jovem ainda, devia ter meus 27, 28 anos, e coisa contemporânea e clássica causou um choque entre o erudito e o primitivo em mim. Eu passava a tarde numa igreja do século 13, que foi transportada de avião, pedra por pedra, de uma cidadezinha da Itália e construída perto de um parque. A Itália teve dinheiro e fez coisas grandiosas. Dentro da igreja havia bancos, e o dia inteirinho até as 10 horas da noite tinha algum padre tocando Bach, Beethoven, alguma coisa da música barroca, e eu me empolgava, porque era uma coisa que alimentava muito a minha sensibilidade.*

## **ALMA GÊMEA**

*Encontrei na Stella a mulher e companheira de todas as horas. Na alegria e na tristeza – como nos prometemos no casório. Conseguimos um amor profundo e sonhado em todos os dias.*

## **AMIZADE**

*Por certo, um poeta tem de entender de amizade, dizia Shakespeare, “transmitir em suas obras os vários conflitos que envolvem as amizades”. (Para Manoel, o conflito sempre foi inerente ao pensamento, seja para expor a razão, seja para manifestação das paixões.)*

## AMOR, INVEJA, ÓDIO

*Algum tempo sonhei meu socialismo. Seria baseado nas palavras de Cristo: "Amar ao próximo como a nós mesmos". Logo enxerguei que aquilo era utópico. Porque o ser humano nasce com ambições diferentes. Ambição de poder. Ambição de dinheiro. Como então amar ao próximo como a ele mesmo? A palavra de Cristo é genial e por isso utópica. A ambição destrói qualquer amor ao próximo. A inveja e o ódio também.*

## ANDARILHO

*Andarilho é um ser que honra o silêncio. Essa é uma qualidade de excel. Ele não sabe se chegou, Não sabe pra onde vai. E gosta de rio, de árvore e de passarinho. Andarilho é um ser erasmico — igual a Paesão.*

## UM SONGO

*Eu me considero um songo no assunto.*

## AO JEITO QUE NAMORASSE

*Aquele homem falava com as árvores e com as águas  
ao jeito que namorasse.*

*Todos os dias*

*ele arrumava as tardes para os lírios dormirem.*

*Usava um velho regador para molhar todas as*

*manhãs os rios e as árvores da beira.*

*Dizia que era abençoado pelas rãs e pelos pássaros.*

*A gente acreditava por alto.*

*Assistira certa vez um caracol vegetar-se na pedra.*

*Mas não levou susto.*

*Porque estudara antes sobre os fósseis linguísticos*

*e nesses estudos encontrou muitas vezes caracóis*

*vegetados em pedras.*

*Era muito encontrável isso naquele tempo.*

*Até pedra criava rabo!*

*A natureza era inocente.*

*P.S.: Escrever em Absurdez faz causa para poesia.*

*Eu falo e escrevo Absurdez.*

*Me sinto emancipado.*

## **ARTHUR RIMBAUD**

*Era um menino bem descomparado.*

*Só tinha competência para ímpar.*

*Seu olho era vazado em vagalumes.*

*Ouvia enviesado de neblinas.*

*E as aves para*

*ele eram cheirosas.*

## ÁRVORE IA PENSAR

*Eu fantasio completo. Eu fantasio mulheres, viagens, vulva, pevide, inocências. Queria ter agora um olho de criança para ver o mundo pela primeira vez. (Meu olho está tão gasto!) Eu ia dar nome às coisas. Cobra eu chamaria de flor que anda. Nuvem eu chamaria de sol, etc., etc. Eu daria movimento às pedras. Faria árvore pensar. Tudo o que eu tocasse teria um canto, uma cor, um amor. A solidão teria que existir para que a alma funcionasse e se abrisse em sonhos. Eu sonho tudo. Eu queria saber misturar melhor as palavras a ponto que eu fosse mais poeta.*

## AS COISAS QUE ME CELESTAM

*Não pesam as contradições do Brasil porque, na verdade, a gente, eu, tenho muito mais contradições do que o Brasil. Eu ganho do Brasil de 10 a zero. Acho que a gente é poeta por isso mesmo: que precisa resolver as suas contradições. E porque não as resolve, graças a Deus. Eu não resolvo essa briga dentro de mim senão com palavras. E há uma figura de estilo que concilia muito a gente por dentro. Se trata da antítese. A gente produz uma frase antitética e fica feliz. Parece que a frase nos harmoniza. Assim como esta, por exemplo: Só as coisas rasteiras me celestam.*

## AS VIDAS QUE PODEMOS TER

*A vida é, de um lado, algo incompreensível e, de outro, algo em que estamos dentro. Para entender a vida é preciso vê-la de fora, e isso não podemos fazer. Na vida, devemos ter a porta aberta. A vida é algo maior que nós mesmos que, de certa forma, podemos pressentir, intuir, e à qual tentamos dar sentido. A vida é aquilo ao qual conseguimos dar sentido, aquilo que conseguimos entender, sentir e em que estamos envolvidos. E há uma parte cinza, negra, de fora da*

*vida, que nós nunca sentiremos. Mas a arte, a poesia, os meios de comunicação, a biologia têm essa grande vantagem, nos permitem que, lendo um romance, vendo um filme ou lendo um livro de filosofia, vivamos vidas paralelas, aquelas que não pudemos viver. Lendo O Capitão Ahab ou Madame Bovary, ou mesmo os clássicos de Guimarães Rosa, ou ainda poesias de Antônio Vieira e Drummond, vivemos muitas vidas. A do Capitão de Baleeiro, a da senhora da sociedade de província francesa, a das zonas do Brasil onde habitavam jagunços e cangaceiros, o mundo de Pasárgada, a trajetória de Bernardo, etc. Vivendo tantas vidas vamos ganhando outras experiências e entendendo outras formas de vida, ou seja, estarmos vivos é estarmos dispostos a ouvir a vida dos outros e a entrelaçá-las, com fios, com a nossa. O que há de mais bonito nos fios e nas cordas é que quanto mais fios entrelaçam as cordas, mais fortes elas se tornam!*

## **ATÉ AQUI, TUDO BEM**

*Para mim, viver nunca foi angustiante. Tirando o nunca até que venho bem até aqui. Sou como o vaqueiro Santiago. Santiago, no galpão, desafiou que não cairia de um cavalo famanaz de brabo que havia na fazenda. Todo mundo zombou do Santiago que estaria a contar vantagem. Então arrearam o cavalo famanaz e Santiago amontou de espora e chicote. O cavalo saiu disparado a corcovear de lado e pra frente. Ao passar pelo galpão, os peões viram escrito à espora na paleta do animal esta frase: “Até aqui Santiago veio bem”. Pois é: até aqui...*

## **AUTORES PREFERIDOS**

*Rimbaud é meu mestre. Aqui no Brasil, Guimarães Rosa, padre Vieira.*

## **BERNARDO**

*Esse é Bernardo.*

*Bernardo da Mata.*

*Apresento.*

*Ele faz encurtamento de águas.*

*Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros*

*Até que as águas se ajoelhem*

*Do tamanho de uma lagarta nos vidros.*

## **BERNARDO QUE EU VI**

Bernardo era o alter ego de Manoel, um sujeito inocente como uma flor, sem maldades e sem vaidade. Falava a língua das águas e tinha o respeito das cobras. Um homem humilde, simples, surdo-mudo, que foi acolhido e cuidado pelo casal, Manoel e Stella, por várias décadas, até sua morte. Quando ele morreu, o poeta ficou triste. – *Digo uma coisa: acho que eu, Manoel de Barros, gostaria de ter nascido ele.*

Quando conheci Bernardo da Mata, ao lado do poeta e de Stella, ele tinha seus 85 anos. Tinha vindo morar em Campo Grande para cuidar de problemas de coração. Stella, que era voluntária do Asilo São João Bosco, ajudou a cuidar dele. Fez isso por mais de 20 anos.

O asilo é como uma chácara que lembra a fazenda do Pantanal. Bernardo ficava ali, entre árvores e passarinhos. Antes, cuidava de uma tia de Manoel, com quem vivia. Foi na função de limpar o quintal da fazenda que Manoel o conheceu. Nunca mais se separaram.

O prazer de Bernardo era tomar “umas pinguinhas” no fim de tarde e fumar cachimbo.

Um dia o médico o proibiu de fazer as duas coisas. Aí Manoel pôs em questão: – *Mas, doutor, já que mulher nunca teve... não poderia ter ao menos um prazer na vida?*

Foi assim que Bernardo continuou fumando o seu cachimbo...

Junto com Manoel, vez ou outra, eu ia visitar Bernardo. Ele passava boa parte do tempo sentado num banco, fumando, fitando o céu.

Depois que a tia de Manoel de quem ele cuidava morreu, foi levado para a fazenda no Pantanal. Sua lida diária era varrer o quintal.

Ali ajudou a criar os filhos de Manoel, a ponto de os meninos se apegarem de um modo que pareciam gostar tanto do pai quanto dele. Vem muito daí a admiração que o poeta nutria por ele e a homenagem que lhe fazia, pondo-o como seu alter ego.

Certa vez, Bernardo foi trabalhar numa lancha de passageiros que fazia trajeto nos rios Paraguai e Taquari. Diversão dele era pescar, escamar peixe e dar risada. Bernardo ria muito. Ria sozinho. Ria a perder de vista... Quando enjoou do navegar, voltou para a fazenda, onde tinha o seu cantinho na forquilha de uma árvore. Ali, numa cama de tábuas, dormia horas, sem nunca despencar.

Da outra vez que Bernardo e o poeta se afastaram, quase que foi para sempre... Ele se danou a andar pelo norte do Paraná, labutando com colheita de café. E de repente não se teve mais notícia dele... Depois de longo tempo, toca o telefone no apartamento de Manoel no Rio de Janeiro. Era um delegado de polícia de Bauru, no interior de São Paulo: “Prendi um homem aqui que tá tonto de pinga e não para de rir”, disse o delegado. “Encontrei no bolso dele um papel todo amassado com esse número de telefone. Por isso estou ligando...”

*– Segura ele aí que estou indo buscar, doutor! Esse rapaz é meu irmão, o Bernardão da Mata.*

Foram dois dias de viagem para localizar Bernardo. Viagem de trem [naquele tempo havia trem de passageiro, limpo e no horário] do Rio a São Paulo, daí a Bauru e de Bauru a Porto Esperança, pela antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). Depois, de Porto Esperança a Corumbá, no Rio Paraguai. Viagem de volta de navio até precisar de uma lancha para encostar na fazenda. Bernardo estava de volta a quem lhe queria bem. Por isso ele foi o escolhido entre tantos? Pode ser! Mas desconfio de que hoje, e a cada aniversário, Manoel renascia em Bernardo. Difícil entender.

## **BOSTA DE RATO**

*Os olhos enxergam melhor as coisas do nosso pequeno mundo particular. Aqui ou em Paris os quintais têm as mesmas coisas: folhas secas, cacos de vidro, formigas, bosta de rato, baratas cascudas. Passei algumas horas no quintal de Rodin. Eu estava curioso para ver se os passarinhos de lá tinham duas pernas também, como os daqui. Saí confiante que tinham. Então acertei as pequenas coisas que meus olhos viam na minha terra, na minha cidade, no meu terreiro – eram quase que as mesmas que eu vira no quintal de Rodin. E sei bem que só um milagre estético pode tornar tudo isso universal. O que faz de particular uma coisa universal é o tratamento estético que podemos dar a esse particular de cada um de nós.*

## **BUGRE**

*Olha, vai ali um besouro com uma nódoa de osga na voz... acho que invento essas coisas a partir de um atavismo bugral que existe em minhas latên-*

cias. O índio, o bugre, vê o desimportante primeiro (até porque não sabe o que é importante).

## CADA UM COM SUA CARGA

No meu caso o tempo estragou mais o meu corpo.  
Não posso mais amar total. Não posso mais correr,  
dar salto mental, ver longe nem ouvir longe.  
Na minha imaginação criadora o tempo  
não se meteu. Sobre os outros homens, cada  
um tem sua carga.

## CANTO DOS MBYÁ-GUARANI

Ouvi os cantos, a voz, os murmúrios dos mbyá-guarani. Eles me transportaram para a fonte das palavras. Me levaram para os ancestrais, para os fósseis linguísticos, lá onde se misturam as primeiras formas, as primeiras vozes! A voz das águas, do sol, das crianças, dos pássaros, das árvores, das rãs... passei quase duas horas deitado nos meus inícios, nos inícios dos cantos do homem.

---

**Nota:** Manoel de Barros sobre “Kosmofonia mbyá-guarani”, registro literário-musical da Editora O Morto que Fala, de Guilherme Sequera, organizado por Douglas Diegues.

## CHEIRO LASSO DE FÊMEA

*As palavras não devem ficar por conta de pessoas normais. Assim como o sol desamarela na beira dos rios, a palavra poética fenece de fêmea entregue. Aquele cheiro lasso entrou para a estória do erotismo. O que se tem que obter há de sempre ser uma iluminação e não uma comunicação. A palavra que apenas comunica é uma palavra rasa, suja de fatos e incumbências. É a palavra normal que aplastra o homem. A palavra que não aplastra vem da insânia. E traz com ela auspícios de quem decifra o insondável. A gente, pra chegar em primeiro lugar na fonte da poesia, tem que fazer volta. Em matéria de canto, ninguém chega em primeiro lugar sem fazer voltas. Andando na reta e por cima de trilho você não enxerga além. Isso creio que dá pra não entender o que estou falando. Assim ficamos mais transparentes e podemos alcançar aquele cheiro lasso de fêmea que Matisse criou. Repito: a saúde mental das artes vem da insânia.*

## CLARICE LISPECTOR

*– Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar. Gosto dos venenos mais lentos! As bebidas as mais fortes! Dos cafés mais amargos! E os delírios mais loucos.*

Clarice Lispector era uma das musas de Manoel de Barros. Ele e Fernando Sabino escreviam cartas de amor para ela, disputando sua atenção. Manoel soube um dia da conversa que se passou entre Clarice e uma amiga de ambos: “O poetinha do Pantanal escreve bem melhor que o mineirinho”. Ele se gabava dessa história e do juízo que Clarice tinha dele.

## COMPLETUDE

*Tem aquele poeta que diz que cultura é o caminho que o homem percorre*

*pra se conhecer. Mas nós somos incompletos, nos sentimos incompletos. Só podemos ser completados pelo mistério.*

## CONVERSAS SOBRE NADA E PASSARINHOS

*Conheci o Rosa na primeira viagem que ele fazia para o Pantanal. Fui ao encontro de um mito. Porque, para mim, ele era um mito. Porém, no instante em que o conheci, ele se tornou um ser amável e bom de conversa. Conversamos sobre nada e passarinhos. Foi uma conversa instrutiva!*

## COR

*o azul.*

## CRENÇAS

Sou um homem crente, mas não frequentador de missa. Não há nada que tenha mais densidade que o mistério. O mistério é que alimenta o poeta. O cientista é sempre um sujeito atrasado, porque pensa que já descobriu tudo. O mistério tem camadas infinitas, e a ciência não. De repente “dá na pedra”, como se diz no Pantanal. E o poeta não pode dar na pedra. O verdadeiro cientista, como Einstein, conhece os limites. Os pseudocientistas, aqueles é que são metidos a bestas. O homem despojado de mistérios vira um cientificista desses. Deus é algo sem limite. Eu sou absolutamente crente de que Jesus foi um grande poeta, da intuição divina. É neste sentido que eu formulo a religião. Jesus nunca teve biblioteca e teve uma compreensão da natureza humana que nem Shakespeare teve.

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## **CRÍTICAS**

*Não sou diferente: as críticas contrafazem um gosto amargo na alma. As boas melhoram o nosso ego.*

## **DEPENDENTE**

*Não tenho mais nada, dei tudo para os filhos. Não sei guiar carro, vivo de mesada, sou um dependente.*

## **DESARRUMAR AS PALAVRAS**

*Para aprender a desarrumar o mundo. Eu não gosto do comportamento do mundo assim, digamos, em tese. Das coisas muito comportadas eu não gosto. Muitos críticos já falaram isso, que eu desestruturo a linguagem para criar uma nova natureza.*

*Uma natureza de outra maneira não é nova natureza. O Picasso, desculpem a comparação, faz mulher até com o olho no meio da testa, com o nariz pro lado, ele modifica a natureza. Ele não gosta da coisa acostumada, eu não gosto da palavra acostumada. Então, eu modifico mesmo, pra modificar também o comportamento das coisas do mundo. Não tiro as coisas, nem falo que são outras coisas, mudo de lugar, mudo o comportamento.*

## DESENHO DE BONECOS



A 15 METROS DO ARCO-ÍRIS  
O SOL É CHEIROSO

Manoel de Barros

*Acho que inventei a brincadeira para ilustrar meus poeminhas de O guardador de águas. Esse livro foi editado e publicado em 1989. E foi de brincadeira mesmo que fiz os bonecos. Teria caído em mim um surto de puerícia.*

*Sempre achei que as minhas palavras teriam que atingir o grau de brinquedo para que fossem sérias. Acho que os bonecos têm o peso da infância. A infância não conhece a técnica. A infância age por decepções.*

*Os bonecos têm um ar de inocência da natureza.*

---

Desenho publicado no livro *Celebração das coisas\** – bonecos e poesias de Manoel de Barros, 90 anos do poeta, de Pedro Spíndola, edição independente, 2006.

## DES-HERÓIS

*Em estudo sobre O processo de Kafka, o humanista Günther Anders observa o amor de Leni pelos processados. Leni acha que a miséria da culpa os torna belos. Sua compaixão pelas vítimas é que a leva ao amor. De muita dessa compaixão é feita a poesia de nosso século. Um fundo amor pelos humilhados e ofendidos de nossa sociedade banha quase toda a poesia de hoje. Esse vício de amar as coisas jogadas fora – eis a minha competência. É por isso que eu sempre rogo, pra Nossa Senhora da Minha Escuridão, que me perdoe por gostar dos des-heróis. Amém.*

## DEUS

*Acredito. Não tenho esses troços, não. Sou um homem de fé, porque sou incompleto mesmo, eu preciso me completar por meio de uma fé. É uma escapatória. Tenho um irmão que é agnóstico, que não acredita em nada. Agora, eu não, eu sou assim. Tenho necessidade. Preciso desse amparo. Grande parte da humanidade tem, os fundamentalistas, os árabes, todos têm crenças, pra se completar. Eu acredito em Deus e conto isso pra todo mundo.*

## DEZ ANOS

*Há dez anos eu só releio.*

## DOS EREMITAS CALÇADOS

*Sabe, eu tenho um mundinho bem reduzido. Tentei algum tempo alargar esse mundo lendo os filósofos, pensadores, romancistas, poetas de todos os lugares e tempos. Vi pinturas, esculturas, vitrais, pessoas, países, ruínas, aldeias, costumes, ternuras, desgraças. Andei por estradas modernas e por trilheiros. E vi, como diz o Eclesiastes, que tudo é vaidade e vento. Isto seja: que tudo é igual e vai pro pó. Não me impressiono com as tecnologias. Pra mim, elas acrescentam algumas palavras novas, que ainda não aceito em meus poemas. Não aceito porque essas palavras ainda não entraram no meu sangue. Componho como compunha: a lápis e usando um velho dicionário português dos eremitas calçados de 1870. E conto com as minhas percepções sensoriais.*

## DOS TONTOS, DOS PROFETAS

*Sempre achei a linguagem destroncada mais bela. E sei que isso foi a causa de meu tardio reconhecimento. Concordaria que a linguagem é minha matéria plástica. Plasmoo a linguagem para me ser nela. Agora não sei se sou um*

*defeito das minhas origens ou um efeito delas. Gosto da semente da palavra, que é a voz de Deus que habita nas crianças, nos tontos, nos profetas e nos poetas. Gosto da infância da palavra.*

## “DUPLA CONTINGÊNCIA”

O amor continua sendo uma constante na nossa civilização. É um pouco como a relação entre razão e amizade. O amor é uma contradição. Shakespeare dizia que era um escândalo para a aritmética, porque de dois se faz um. Mas Remo Bodei, em *Filosofia do século XX*, diz que “o escândalo é ainda mais complicado, porque se eu, 'A', amo a mulher 'B', paradoxalmente, ela deve ser à minha semelhança e, ao mesmo tempo, avessa a mim, pois nessa relação importam as diferenças”. A contradição do amor se reproduz continuamente, o que se comparava, por Manoel de Barros, a um milagre, na ótica e na lógica da “dupla contingência”.

## ECOLOGIA

*De jeito maneira que não me incomoda que me associem à ecologia. Com esta natureza exuberante que tem o Pantanal é que eu luto. Luto para não ser engolido por essa exuberância. (...) mas o artista tem que podar essa exuberância, tem que contê-la nas bragas, com vontade estética, numa linguagem com estacas. A expressão “poeta pantaneiro” parece que me quer folclórico. Parece que não contempla meu esforço linguístico. Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do Pantanal. Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas. Nem uma, porém, se me entregou de nudez ainda.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## É JÁ E AGORA

*O pensamento agora é que a vida é uma só e que devemos vivê-la intensamente. Usar todas as nossas paixões e desejos. A mágica que transformava o negativo em positivo, o sofrimento neste mundo em recompensa no outro, ou o sacrifício de hoje para os revolucionários na sociedade perfeita de amanhã não é mais aceita. Toda essa ética, que era ligada ao sacrifício ou ao comportamento religioso, da recompensa ou redenção (redenção em latim significa “recomprar”), damos nesta vida, mas contando com ser pagos na outra. Esse padrão de ética não promete mais; hoje a ideia é de que se deve consumir tudo e rápido, e isso tem permeado todas as paixões.*

## E O QUE VOCÊ NÃO SABE FAZER?

*O que não sei fazer desmancho em frases.*

## ESCRITA DO CHÃO

*Ao poeta penso que cabe a função de arejar as palavras. E não deixar que morram de clichês. Pegar as mais espolegadas, as mais prostituídas pelos lugares-comuns e lhes dar novas sintaxes, novas companhias. Colocar, por exemplo, ao lado de uma palavra solene um pedaço de esterco. (...) eu escrevo com o corpo. Eu tiro a poesia do chão e do andrajo.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## **E SE TUDO SE ACABAR JUNTO?**

*A medida no tempo é algo que nos tranquiliza porque, se o tempo existe, objetivamente, eu vivo no tempo, mas se o tempo é algo subjetivo, que eu sinto, mesmo sem ser mensurável, isso me inquieta porque significa que o tempo pode acabar junto comigo, com minha morte.*

O tempo segue no compasso do ócio, embora muito curta seja a vida, como lembrava Grassmann. Manoel de Barros se mira em Sócrates para fazer a analogia do tempo e da vida, mostrando que para o filósofo a angústia é como um espinho na carne, que não se pode tirar.

## **ENXERGO ATRÁS DOS QUADROS**

*Acho que não sou popular. Que de certa maneira chego a ser difícil, porque tenho muita criação de imagem, sabe? As pessoas que gostam mais de usar a razão não gostam muito de mim. Só aqueles que usam a sensibilidade, tenho certeza. As pessoas que leem querendo compreender, não. “O que esse cara quer falar com isso?” Eu não quero falar nada. São só umas imagens. Acho que minha poesia tem muito a ver com as artes plásticas, e com o cinema. Sou apaixonado pela pintura. Tenho a facilidade de enxergar atrás dos quadros, aquilo que eles querem dizer.*

## **EROTISMO**

*Minha poesia é carnal. As palavras que não roçam em mim não uso (...) A única coisa que eu sei fazer é frase. Nunca aprendi a fazer mais nada. Meu mister de poetar não compreende expor ideias nem sentimentos da cidade ou do campo. Mexo com palavras. Gosto de amá-las. Tenho até relações eróticas com várias. Hoje uma palavra abriu o roupão pra mim. Vi tudo dela.*

## ESCREVO À MÃO

*Eu sou cuiabano de chapa e cruz. Mas fui criado no Pantanal de Corumbá, no chão de acampamentos, a ver meu pai fazendo cerca. Conheci as boas coisas do chão. Hoje meu olhar é ajoelhado no chão a ver os caracóis da terra, a rã das águas, o lagarto das pedras. Cheguei a esta cidade já com 40 anos. Montei meu escritório de ser inútil aqui e sou inútil aqui, isto é, sou poeta aqui. É pequeno, só cabe a mim mesmo. E escrevo sempre à mão. Tenho muitos lápis usados, uns 100. Continuo escrevendo até o toco, depois guardo.*

## ESSE MESMAL

*Aprendi que o artista não vê apenas. Ele tem visões. A visão vem acompanhada de loucuras, de coisinhas à toa, de fantasias, de pertagens. Eu vejo pouco. Uso mais ter visões. Nas visões vêm as imagens, todas as transfigurações. O poeta humaniza as coisas, o tempo, o vento. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las nos dão tédio. Temos de arrumar novos comportamentos para as coisas. E a visão nos socorre desse mesmal.*

## FALAS DE BÊBADOS E DE CRIANÇAS

*Se estou em estado de ânimo, vou enchendo uns cadernos com idioma escrito. Anoto tudo. Não tenho método nem métodos. Se encontro um caracol passeando na parede, anoto. Uma coisa vegetal que nasce no abdômen de muro, anoto. Falas de bêbados e de crianças. Resíduos arcaicos pregados na língua. Pedacos de coisas penduradas no ralo. Os relevos do insignificante. A solidão de Vivaldi. Corolas genitais. Estafermos com indícios de árvore. Vespas com olho de lâ. Homem na mesa interrompido por uma faca. Pessoas afetadas de inúteis e de limos. Ovuras de larvas transparentes, mas antes de serem ideias. Desvios fonéticos, semânticos, estruturais, achados em leituras. Pessoas promíscuas de águas e pedras.*

## FALÊNCIA DAS PALAVRAS

Enquanto o mundo parir uns tipos hipobúlicos feito, por exemplo, Fernando Pessoa – resguardados pela timidez e incapazes de uma ação –, as palavras não morrerão. Estas criaturas não têm outra forma de ação que em cima das palavras. Obsessiva e sadicamente as trabalham, dobrando-as até seus pés, arrastando-as no caco de vidro, até que elas sejam eles mesmos. Até que elas deem testemunho da presença deles no mundo. Quase sempre as criaturas que nascem repositórios de chão e de estrelas só sabem fabricar poesia com palavras. E ainda outras, que moram em ruínas viçosas por dentro, se agarram nas palavras para sobreviver.

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 52, maio 1979.

## FATOS

fatos: pensei a vida tentando  
escrever em língua de brincar. Minhas palavras são do meu  
tamanho: eu sou miúdo e tenho o olhar pro baixo. Vêjo melhar  
o cisco. Minhas palavras aprenderam a gostar do cisco, isto é,  
de palavra cisco. E das coisas jogadas fora, no cisco. Pra ser mais  
carreto: as coisas que moram em terrenos baldio.

## FAZENDA

*Acho que todo poeta tem um menino nele que fantasia com as palavras. O menino é irresponsável e só gosta de coisas gratuitas. Até hoje eu tenho vergonha de não ser um ente sério. Não gosto de perder tempo com trabalho. Só gosto de aproveitar o meu tempo com nada. Igualzinho aos meus netos. Meus pais sempre sustentaram esse menino com esperança. Achavam que eu tinha um dom. Depois que meus pais morreram ficou-me de herança uma fazenda no Pantanal. Cuidei dessa fazenda mais como quem está fazendo um exercício de voltar às origens. E consegui viver materialmente bem, criando gado na fazenda. Essa aproximação à natureza fez muito bem à minha poesia. Ela me renovou. Como pessoa social, sou fazendeiro, tenho carteirinha de motorista. Mexo com brejo e com palavras. São duas coisas escorregadias.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## FUNÇÕES DA POESIA NO MUNDO ATUAL

*Quanto às funções da poesia... creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares-comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo cariadas, corroídas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs.*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS,

## **GIRASSÓIS DE VAN GOGH**

*Quando algum girassol assume a tarde, a tarde se enfeita dele. E vice-versa. A aragem cor de sol que vem dos girassóis bem que amarela as noites. O escuro se ilumina de amarelo. Se o entardecer fenece no olho de um sapo, diante de um girassol ele se põe a brilhos. Todos os bichos, todas as coisas da natureza se põem a brilhos. Essa é uma atitude de camaleão que os girassóis assumem, se assumem a tarde. Eu tenho um dom de lata que aparece de tarde em mim. É um dom de aniquilamento que me escura. Mas eu ponho um Bach na vitrola e o aniquilamento se vai. Esse dom de lata eu tenho, Beethoven ou Bach assumem e desafazem o meu aniquilamento. Fazem o mesmo efeito que os girassóis para as penumbras. Semelho um estuário onde caíssem rios de cantos. Me faço como que apropriado de Deus. Também se a gente faz nascer pelo olho outro mundo é Van Gogh que está nos ajudando. Para mim é caso de sobrevivência esgueirar-me por esses rumores de Van Gogh.*

## **GOSTO**

*Gosto de tirar matizes novos da mesmice.*

## **GOZO**

*Meu gosto é no fazer. É no fazer o verso que o poeta goza. Eu tenho isso: todo verso meu, eu gozei nele. Não escrevo muito porque eu demoro muito para gozar. Trabalho muito em cima das palavras, bolino muito as palavras, acaricio.*

## GUIMARÃES ROSA E MANOEL

O mito se encontrava apoiado na balastrada da embarcação, olhando andorinhas que se dirigiam ao pôr do sol. A cena se passa na década de 1940 e o encontro se deu num barco no “mar paraguaio” do Pantanal sul-mato-grossense. Transbordando encantamento, o rapaz franzino se aproxima do grande escritor, que – todo aristocrático – se abanava num leque. *“Andorinhas encurtam o dia.”* Ao fazer o verso de improviso, começou ali a amizade entre o poeta e seu mito.

As semelhanças entre Guimarães Rosa e Manoel de Barros adquiriram formas evidenciadas em suas trajetórias literárias e pessoais, a partir daquele instante.

As estruturas formais da poesia de Barros se assemelham ao mistério semântico da obra de Rosa. Não só criam e remexem com as palavras, mas se servem de uma maneira bastante simbólica da linguagem popular, mesmo eles tendo escrito em gêneros diferentes, um em poesia, o outro numa prosa poética. Como no romance de Rosa, a poesia de Manoel de Barros também pode ser lida em vários níveis.

## HOMENAGENS

(Não gostava. A fama o deixava indiferente.)

*O que mais gosto é de receber cartas de pessoas que não me conhecem. Isso me deixa feliz.*

## IDEOLOGIA DO ÓDIO

*Não é preciso destruir o outro porque não é ariano, ou porque é bugre, ou japonês, ou sei lá o quê. Vemos os efeitos do ódio nas pirâmides de caveiras, ou*

*nos campos de concentração alemães. Mas o que mais caracteriza nosso tempo, depois dos grandes totalitarismos do século passado, é o que chamamos de consumo de vida. Todas as paixões e desejos são baseados no consumo. Antigamente, quando a religião era forte ou quando existia uma ética revolucionária, dos jacobinos franceses a Lênin, havia a ideia de que se deviam sacrificar os próprios desejos a favor das gerações futuras.*

## **IGNORANÇA**

*Não tenho nenhuma pretensão de chegar à ygnorãça perfeita. Isso me sobra em dobro. “O ignorante, como a candeia, a si queima e a outros alumeia.” É ditado português este. A mim ela me alumeia. Meu Livro das ignoranças é jogo de brincar. Penso que a fonte da poesia está no indescoberto. E que chegar-se ao indescoberto é condão da ignorãça. Sei que as crianças, os tontos e os poetas têm esse condão de explicar o desconhecido pelo ainda mais desconhecido (ignotum per ignotus). E sei que o prêmio da irresponsabilidade e das jubilações quem nos dá é a ignorância. Eu tenho convivência com os líquens e sei das suas gratuidades. E respeito a sua maneira de ser e não saber que é. Sei o gosto que contagia o musgo quando os lagartos se encostam nele. E sei que os escorpiões se enterram e dormem por baixo das pedras, porque lhes faz bem o deserto das pedras. São segredos de amor que os bichos preservam. E quem mede a grandeza de um olho de mar, senão que os seus peixes? Serei sempre alguém que escreve com amor e irresponsabilidade. Assim, ninguém me chamará de conspício nem de solene nem de beletrista.*

## **IMAGEM POÉTICA: VOCÊ VÊ DE OUVIR**

*Eu li em Vieira, ele tem uma frase assim: “A imagem poética tem de ser ouvida para ser vista”. Você ouve e vê. Então, eu fiz um verso, uma imagem que está no último livro que publiquei: a manhã... (fiz a manhã como uma mulher...*

*é biológico). “A manhã de pernas abertas para o sol.” Então você ouve aquilo e vê uma mulher, não é? Que eu chamo de manhã, a manhã de pernas abertas para o sol, que a fecunda. Então, Vieira explica, dessa maneira, que imagem é uma coisa que você vê de ouvir. Eu achei isso importante. Agora, eu sou imagético por natureza. Não sei, tenho uma espécie de visão.*

## **IMAGINAÇÃO**

*Tem de dar trabalho à imaginação para produzir. Não é só memória, não. A minha, então... é a imaginação. A imaginação é viva, é a libido, o desejo do ser humano. O poeta tem de desejar alguma coisa dentro da imaginação dele. E eu até hoje penso que não tenha perdido nada. Acho que minha imaginação anda modificada porque está ficando um pouco louca.*

## **INFÂNCIA**

*Havia na minha infância um Beco do Urubu. E no beco uma venda de meu pai. Neco Caolho, um tio-avô, muito conceituado para parvo, ia para lá tocar viola e fazer trovas tortas. Ele tinha uma voz de harpas destroçadas. Eu me lembro de um doido de Rabelais que apregoava ferros enferrujados nas ruas de Paris. Ambos, o Apregoador de Ferros Enferrujados e o meu ancestral Neco Caolho, apregoavam utensílios. Eles tinham a noção exata do valor das coisas imprestáveis. Eram valores poéticos, se muito. Penso que terá vindo desse meu ancestral o meu gosto pelas coisas desimportantes. No fundo, o que se deseja até hoje é musiquiar sem viola os versos tortos.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## **INSPIRAÇÃO NÃO, EXCITAÇÃO SIM**

*Inspiração eu só conheço de nome. O que eu tenho é excitação pela palavra. Se uma palavra me excita, eu busco nos dicionários a existência ancestral dela. Nessa busca descubro motivos para o poema.*

## **INTELIGÊNCIA NA ALMA**

*Passei a acreditar que, de fato, razão se estabelece, ao passo que as paixões desabam ao descontrole. Mas, afinal, qual o grau de racionalidade das paixões? Há, sem dúvida, uma exaltação de razão e um vilipêndio das paixões nos dias atuais. Santo Agostinho é um cristão que fez das paixões um fato importante. Para Agostinho, se o homem olha para os seus, as paixões são boas, a felicidade do paraíso, etc., mas se olha para si mesmo, com egoísmo, são ruins. Mas as paixões em geral são concebidas como um espelho d'água sobre o qual se refletiria a inteligência incrustada na alma.*

## **INVENÇÃO É VERDADEIRA, REALIDADE NÃO**

*Tenho memória péssima. Quase não me lembro do que vivi. Só me lembro do que inventei. Prova de que a realidade é falsa. Verdadeira é a invenção.*

## **LER OU RELER?**

*Estou só relendo. Essa rapaziada mais nova quase não leio, inclusive porque estou prejudicado. Leio 20 minutos e começo a lacrimejar. Então leio as pessoas que já conheço. Gosto demais do padre Antônio Vieira, Guimarães Rosa, Machado de Assis, do Velho Testamento. Sou fanático pelo Velho Testamento. Não encaro aquilo como livro religioso – também me interessa este sentido, mas gosto principalmente da fala dos profetas, me agrada a linguagem. Mas*

*me angustia, sim, essa coisa de ler pouco. A literatura, como qualquer arte, serve para desabrochar a imaginação. E, se você não tem boa leitura, boa música, boa pintura, a imaginação, pelo menos a minha, acho que fica um pouco embotada, sem caminho, não desabrocha. Tenho escrito pouco, minha imaginação criadora está vacilante. Estou meio que castrado, sabe? A gente tem de aceitar sem chorar.*

## **LESMAS E CARACÓIS**

*A gente mais tarde via os caracóis enrolados em suas palavras. Ele [o poeta] se tornara um vate porque suas palavras se enrolavam nas lesmas dos caracóis! As lesmas queriam dormir nas palavras do vate. Agora, dentro da solidão das minhas palavras, andam caracóis que fazem confusão comigo. Criaram raízes em minhas palavras e andamos juntos nestas origens.*

## **LINGUAGEM PODE APAGAR**

*Acho que passei a vida inteira brincando, porque todo mundo ri da minha poesia. Riem quando compreendem. Comecei a ler meus versos, são todos assim; quanto à razão, inclusive se você for raciocinar em cima do verso pra procurar o sentido, não acha a ideia, porque a linguagem apaga a ideia, a metáfora destrói qualquer ideia. As ideias depois, se quiserem, invento.*

## **MAIS QUE A BOMBA ATÔMICA**

*Penso que vem de minha infância esse meu olhar minimalista. Fui criado no chão a brincar com os sapos e as lagartixas. Tenho paixão pelas coisas sem importância. As coisas muito importantes me aniquilam. Dou como exemplo a bomba atômica. Escrevi este verso: “O cu de uma formiga é mais importante do que uma bomba atômica”. E eu acho mesmo!*

## MANUEL BANDEIRA

*Conheci Manuel Bandeira quando morava no Rio e dava aula na Faculdade de Filosofia, onde ele lecionava literatura. Sou apaixonado pela poesia dele. Fui até o Recife conhecer a casa de Bandeira, na Rua da Aurora.*

*Fiquei decepcionado: ninguém sabia quem era o Manuel Bandeira. No Rio, ele morava no quinto andar, na Esplanada do Castelo. Bati com o dedo na porta. Bati três vezes. Me deu um medo, um pavor. Saí correndo, desci pela escada abaixo. Não conheci o Bandeira, por medo. Que pena!*

## MARXISMO

*Conheci o Evangelho de Cristo antes do evangelho de Marx. Cristo deu a utopia. Marx tentou realizá-la. Algum tempo briguei por acabar a pobreza. Não acabou. Mas tenho uma semente genética em mim de dar mais importância às coisas desimportantes. Tenho um comportamento cristão-marxista. A minha solidariedade aos humilhados e ofendidos vem da semente da genética e do fato de eu ter nascido no século 20, que foi o século em que o homem começou a se preocupar de novo com a pobreza. Falei de novo porque “antesmente” esse amor ao pobre era assunto de Cristo. Não há nobreza em ser pobre, só há mais fome.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## MELHOR IDADE DA MENTE, 49 ANOS

Manoel de Barros me dizia, em um dos nossos “Diálogos do Ócio”, que na antiga civilização Cícero, a quem se atribui a teoria do tempo, ensinava que há uma outra visão para o tema.

*Cícero tem um diálogo formidável sobre a velhice, quando diz que “seria uma loucura querer ser criança agora que havia chegado ao fim de seu caminho, na hora da velhice, da morte”. A infância, no caso dele, parecia algo terrível. É bom lembrar também que naquela época as crianças apanhavam muito e um cardeal do século 17, de cujo nome não me lembro, dizia que Cristo mostrou a sua grandeza não tanto por ter morrido na cruz, mas por ter passado o sofrimento da infância. A infância, então, era vista como algo terrível, ao passo que a ideia da maturidade é que era agradável. Shakespeare escreveu em Hamlet: “Creio que maturidade é tudo”.*

*Existe certo ponto em nossas vidas em que todas as nossas capacidades, tanto físicas como intelectuais, estão desenvolvidas. Existe também um limite temporal para a maturidade do corpo. Pensava-se em 25 anos, e há uma razão para isso. Ainda apelando ao filósofo Remo Bodei, ele nos revela, em um de seus livros, que houve um tempo em que se descobriu que nascem 105 homens e 100 mulheres na espécie humana (mas as meninas são mais frágeis).*

*Aos 25 anos, o número se iguala. Infelizmente, para os homens, as mulheres na maturidade vivem seis ou sete anos a mais: há sempre mais viúvas que viúvos. Então 25 anos seria a melhor idade do corpo. Aristóteles achava que a melhor idade da mente é 49 anos, que nessa idade nos tornamos maduros.*

## **MEU TEMA É GENTE**

*Acho que ser gente é o tema tão mais recorrente. Ou não ser gente. Se o tempo não é humano eu humanizo. Amarro o tempo no poste para ele parar. Boto a manhã de pernas abertas para o sol. Me horizonto para os pássaros. Uma ave me sonha. O dia amanheceu aberto em mim.*

## **MINHAS MEMÓRIAS**

*A um editor que me sugeriu que escrevesse um livro de memórias eu respondi que só tinha memória infantil. O editor me sugeriu que fizesse memória infantil, da juventude e outra da velhice. Estou escrevendo agora minhas memórias infantis da velhice.*

## **MISTÉRIO**

*É a coisa mais real. É real.*

## **MUNDO PARA DESVER**

*Agora a gente só queria saber o formato severo dos silêncios. Agora eu vivo por gosto de engolir a linguagem e não porque gosto de compreender. O mundo eu só quero desver.*

## **MÚSICA**

*Gosto de tudo. Clássico, Chico, Paulinho da Viola, tudo que toca, mas estou com meu ouvido meio enferrujado.*

## **NA ACADEMIA?**

*Conheci o Carlos Heitor Cony em Cuiabá, quando recebi um prêmio. Ele me chamou para dizer que queria que eu fosse para a Academia Brasileira de Letras. Eu disse: "De jeito nenhum, não gosto de chá". Falei: "Eu não tenho espírito acadêmico, não sou obediente à língua; gosto muito de corromper a língua, e então tá fora esse negócio de academia". Eu seria um mau elemento lá. Não dava certo para mim, não tenho facilidade de conversar com intelectuais, sabe?*

## NA HORA AGÁ

Manoel confidenciou que quando era solteiro já paquerou a musa do Brasil, Leila Diniz, a primeira mulher a fazer topless na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro.

*– Na hora H falhei. Depois ela nunca mais quis saber de mim (grande risada).*

## NA VELHA OLIVETTI

*A gente envelhece mesmo. Desde os 5 anos eu já era velho, porque uso óculos. Desde os 5 anos descobriram e me levaram ao médico, receitaram óculos. Pra longe. Mas isso nunca atrapalhou a poesia. Pra perto eu tiro os óculos. Eu escrevo sem óculos na minha velha Olivetti.*

*Poeta nunca bota data na existência. Velhice eu só conheço de nome. Das palavras o que conheço melhor é o perfume. Nem sei bem o nome das letras. Tenho até hoje, vivas, as minhas primeiras percepções. Algumas permaneceram comigo até hoje. Meu primeiro ver, meu primeiro ouvir, meu primeiro sentir.*

(Quando concebe o tamanho do tempo a seu tempo, a naturalidade passa a conduzir todos os passos da régua. Manoel de Barros interpretava Sócrates e aceitava o ponto de vista do filósofo, segundo o qual o homem, ao ser submetido às variações atmosféricas, tem oportunidade do contrabalanço dos ganhos e das perdas, e fica a grande dúvida: a velhice é uma perda ou é um ganho?)

## NÃO É COISA DE IDEIAS

*Penso que a partir dos “faróis”, o poema passou a ser um objeto verbal. Por antes ele andava romântico. Recebia inspirações celestes. E até se falava em*

*mensagens poéticas. Depois de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, poesia passou a ser feita de palavras e não de sentimentos. Poesia é fenômeno de linguagem e não de ideias.*

## **NÃO TEM VOLTA**

*O Tempo só anda de ida.*

*A gente nasce, cresce, envelhece e morre.*

*Pra não morrer*

*É só amarrar o Tempo no Poste.*

*Eis a ciência da poesia:*

*Amarrar o Tempo no Poste!*

*E respondendo mais: dia que a gente estiver com tédio de viver é só desamarrar o Tempo do Poste.*

## **NASCI EMPELICADO**

*Se eu não recebesse (herança) estava na sarjeta, já tinha morrido. Eu não sei fazer nada, meu querido... Eu só sei fazer isso, eu ia pro buraco mesmo. Minha mulher fala isso. Sou um cara sem espírito prático, não sei nem contar dinheiro. É verdade. Nasci empelicado, sabe o que quer dizer isso? É o seguinte: a criança para nascer, a parteira, o médico seja quem for... rasga a bolsa onde a criança vive, dentro da mãe, não é? A bolsa rasga e a criança nasce. Eu nasci com a bolsa inteira, minha bolsa foi rasgada depois, quando já estava na cama, aí que rasgaram a bolsa e me tiraram. Dizem que quem nasce empelicado tem muita sorte (risos).*

## “NOVA VIRGINDADE”

*Sobre elementos que influenciaram a minha formação, afora essa inapetência para o diálogo, talvez um sentimento dentro de mim do fragmentário, laços rompidos, o esboroo da crença ainda na adolescência, saudade de Deus e de casa, ancestralidade bugra, nostalgia da selva, sei lá. Necessidade de reunir esses pedaços decerto fez de mim um poeta. A incapacidade de agir também me mutila. Sou pela metade sempre ou menos da metade. A outra metade tenho de desferrar nas palavras. Ficar montando, em versos, pedacinhos de mim, ressentidos, caídos por aí para que tudo afinal não se disperse. Um esforço para ficar inteiro é que é essa atividade poética. Minha poesia é, hoje, e foi sempre, uma catação de eus perdidos e ofendidos. Sinto quase orgasmo nessa tarefa de refazer-me. Pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco – pegar essas palavras e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade. Salvá-las assim da morte clichê. Não tenho outro gosto maior do que descobrir para algumas palavras relações dessuetas e até anômalas.*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 51, maio 1979.

## O ABSURDO É DIVINO

*Quero repetir uma coisa. É que o absurdo é divino porque o absurdo infantiliza as palavras – como seja: Eu vi um sapo com olhar de garça. Não infantilizei a beleza das garças! Para bem compreender a voz das águas, das árvores, das pedras, precisamos estudar ignorâncias – coisa assim: eu vi a bunda do vento e a bunda só tinha o lado de fora. A gente não estudara as coisas por dentro delas. A gente fosse ignorantes! Mais tarde eu quis saber o que o silêncio sabe sobre a solidão das pedras. Ninguém nada sabia. Só um homem abraçou a ignorança.*

## O COMPORTADO ABRUNHA

*Se a insânia exceder, a poesia será saudável. A saúde mental da arte vem da insânia. O comportado, o que anda por cima dos trilhos, o que não excede, abrunha.*

## O POETA ME MANDOU

*Para Bosco,*

*Bernardo (em carne e osso – o sujeito, o próprio)*

*Seu nome por inteiro: Bernardo da Mata. Nasceu em Cuiabá em 1916. Com 18 anos apareceu na casa de meu avô, por parte de pai, no Beco Quente, pedindo um emprego. Meu avô tinha a filha mais velha doente. Era louca de pedra. Viviu trancafiada num quarto com grades. Meu avô precisava de encontrar uma pessoa para cuidar da louca: tirar penico, limpar o quarto, levar comida, água. Bernardo foi contratado para isso. Pra resumir: Bernardo ficou cuidando da tia, minha tia, até ela morrer. Resolve-se que nenhum outro ente, antes de Bernardo, minha tia aceitara. Bernardo entrou com a inocência de criança que já era seu dom – e a doente aceitou. Nunca ela aceitara ninguém antes.*

*Mude-se o cenário. Morta a tia Mercedes, meu pai carregou Bernardo para uma fazenda de onde nunca mais saiu. Note-se que com o tempo Bernardo foi se enfastiando do mundo e deixou de falar. E só ouve quando quer. Porque tem o dom da inocência, passarinho senta no seu ombro, etc.*

*Última referência que fiz a ele foi no meu Livro sobre nada, página 31. É assim:*

*“Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore. As plantas querem o corpo dele para crescer por sobre. Passarinho já faz poleiro na sua cabeça”.*

*Continuando sobre o ser de carne e osso. Hoje Bernardo mora aqui em Campo Grande, tem um problema no coração e mora em uma casa com quintal onde pode visitar seus passarinhos.*

*No meu livro Gramática expositiva do chão, a página 243 fala do personagem Bernardo. Fala depois sobre ele na página 280. E também no Livro das ignoranças, na página 99, cujo poema começa com este verso:*

*“– Bernardo é quase árvore”.*

## **O POETA, UM NARCISISTA**

*O tema do poeta é sempre ele mesmo. É um narcisista: expõe o mundo por meio dele mesmo. (...) O tema da minha poesia sou eu mesmo e eu sou pantaneiro. Então, não é que eu descreva o Pantanal, não sou disso, nem de narrar nada. Mas nasci aqui, fiquei até os 8 anos e depois fui estudar. Tenho um lastro da infância, tudo o que a gente é mais tarde vem da infância.*

## **O PRESENTE NÃO TEM ESPESSURA**

*Nossa vida não é uma reta infinita, é um segmento, infelizmente. E o presente é mesmo uma coisa que escapa continuamente e que não tem espessura. Poderíamos até sonhar dessa forma, tão comodamente, mas não é verdadeira, porque podemos imaginar a vida de outro modo: por exemplo, por que não pensar que estamos sempre no presente e que o passado e o futuro não existem?*

*O passado existe apenas nas nossas lembranças e o futuro na nossa esperança. Então, a imagem do tempo que corre não é boa, mas é cômoda, porque chega à estação final na qual se dá adeus ao tempo.*

*Em contrapartida, podemos especular, como os poetas barrocos, quando dizem: “Se quero pelas estrelas saber; tempo, por onde vais? Vejo que com elas vais, mas com elas não voltas; tu és tempo, aquele que fica, e sou o que se vai”. Significa que não é o tempo que passa.*

## O PROCESSO CRIATIVO DE UM POEMA

*Acho que inspiração é um entusiasmo, um estado anímico favorável à poesia, mas que não chega a ser arte. Seria, quando muito, uma erupção sentimental, esguicho romântico, soluço de dor de corno, etc., etc. Seria talvez material sobre que trabalhe o artista como para o oleiro é o barro. Poeta tem de imprimir sobre esse barro informe a sua técnica, escolhendo, provando, cortando as palavras, até que as coloque à sua feição e ganhe uma estrutura própria, como um sentido, um som e um ritmo. Poesia não é feita de sentimentos, mas de palavras, de palavras, de palavras – já se repetiu tanto.*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 52, maio 1979.

## O QUE GEROU O POETA?

*Acho que foi minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo mortal de angústia. Mesmo desde guri, no colégio, descobri essa barreira em mim que não posso vencer. Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Assim mesmo sem linearidade, por trancos, por sugestões, ambíguo – como requer a poesia.*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 51, maio 1979.

## **O TEMPO QUE VEM**

*Como o nascer, morrer também é natural, não tem mistério.*

*Vida é uma conformação. Pelas pessoas que se vão, pelas coisas boas que perdemos. Muitas vezes vivemos para perder, principalmente na velhice. O tempo não morre. O tempo nasce. Não devemos ter esse sentimento melancólico pelo tempo que passa. Devemos estar abertos para o novo, para o futuro, para o tempo que vem.*

## **OLHAR PRA BAIXO**

*Sou linguagem.*

## **ONDE O IMAGINÁRIO VAI MAIS LONGE**

*Sou tímido. Um gole de vinho me tira a timidez.*

*Existe a lenda de que eu tenha feito opção para viver à margem. E às margens. Mas, na verdade, eu nunca fiz essa opção, é tudo lenda mesmo. O que eu sou, sem dúvida, é um tímido incurável. Sofro para atravessar um salão cheio de gente. Sofro em solenidades. Ando sobre pregos se tenho de conversar com senhores conspícuos. Até para entrar em salão de barbeiro, se o salão está cheio de gente, eu sofro. Escolho sempre aqueles velhos salõezinhos de uma só cadeira. Aí fico amigo do barbeiro e nos anedotamos. Daí, por não gostar de sofrer, fui me afastando dos convescotes, dos vernissages, dos inauguraamentos, dos sodalícios. Prefiro os lupanares aos sodalícios. Vivo bem nas tocas. A gente acaba descobrindo que no fechado o imaginário voa mais longe.*

## OS BONS SERMÕES

*Li toda literatura portuguesa, todinha. Fui ler francês, Rimbaud, Baudelaire. Morei nos Estados Unidos por um ano, para ler os poetas de língua inglesa.*

*Mas o padre Vieira me assusta, pela linguagem própria dele, pela linguagem poética dele, uma linguagem literária mesmo. Ali descobri o que é literatura.*

*Passei a ler tudo dele, todos os Sermões, com o maior gosto. Foi um negócio que me levou para toda a literatura quatrocentista portuguesa.*

## PALAVRA ACOSTUMADA, NÃO

*Tive uma experiência no jornalismo carioca. Um amigo me levou para o “Correio da Manhã”, era um jornal importante num tempo em que funcionavam no Rio os poderes da República, o Executivo, o Congresso, o Judiciário. Fiquei na redação uns 20, 30 dias só, logo cá fora. Não tenho encanto para lidar com informação, para “descrever”, acho que isso corta um pouco a imaginação criadora. Não gosto da palavra acostuada. Sou mais mesmo é de inventar.*

## PALAVRA CONCRETA

*Se a palavra não transmite aspecto, não dá para esfregar nada em seu ser abstrato. A palavra abstrata não deixa nem a gente pegar nela. Pois que não se afigura e não representa nenhuma coisa. Gosto só das palavras que representam. As chamadas concretas. Que possuem feição e muitas vezes até roupa. Palavra que não fica em pé sozinha não tem extensão, nem largura, nem boca. Não tendo semblante, não representa nada, só tem a parte de dentro que não se vê. Como tisanar a solidão, por exemplo? Como beijá-la? Como passar o azul nessa descoisa? Parede é uma coisa que eu sei que se pode esfregar na solidão. Já*

vi até a solidão atravessar uma parede na forma de um caramujo sujo. É preciso esfregar nas palavras sem feição algum nosso cheiro, ou a cor do nosso anoitecer.

## PANTANAL

Pantanal é o lugar de minha infância. Recebi as primeiras percepções do mundo no Pantanal. Meu olhar viu primeiro as coisas no Pantanal. Minhas ouças ouviam primeiro os ruídos do mato. Meu olfato sentiu primeiro as emanções do campo. E assim com os outros sentidos. O que eu tenho de preciso são as primeiras emanções que Aristóteles chamaria de meus primeiros conhecimentos.

## PANTANEIRO

Minha poesia é feita para o mundo e eu dispensei rótulos. Eu sou poeta, não pantaneiro. Eu escrevo sobre nada, falo sobre a natureza, e esta existe em todos os lugares. Não sou de escrever ou narrar, por isso que não sou pantaneiro também. O Pantanal é algo que está presente na minha infância, pode ser que isso fertilize minhas poesias, mas elas não são sobre o Pantanal. Sou lido em várias partes do mundo, a poesia é do mundo e o poeta não é pantaneiro.

---

MACHADO, Lívia. Refúgio do poeta Manoel de Barros (crônica). *Folha do Povo*, Campo Grande-MS.

## PARA QUE O VERSO FIQUE EM PÉ

Escrevo meus poemas procurando o rumor das palavras mais do que o significado delas. Penso que rimo por dentro, e isso é coisa ínsita, não dá em ma-

deira. Meu processo de escrever é ir desbastando a palavra até os seus murmúrios e ali encaixar o que tenho em mim de desencontros. Isso produz uma coisa original como um dia ser árvore. Trabalho às vezes dias inteiros para pescar um verso que fique em pé.

## PARAFUSO A MAIS

*Primeiro eu sou cristão, acredito no dom. A pessoa nasce com uma predisposição, que chamo de dom para a arte. Acho que nasci com esse dom. Desde que me entendi por gente, com 13 anos, interno no Colégio dos Maristas, que fui ler pela primeira vez o padre Antônio Vieira, descobri o que era poesia, literatura, uma aplicação literária da palavra. Fiquei apaixonado pela palavra. Sabe o que é? É você sonhar com ela, e tomar nota, e de manhã saber se ela dormiu.*

*A partir disso, nunca mais quis me aplicar a outra coisa. Achei que era minha única destinação. Poesia é um parafuso a mais na cabeça. E nunca mais saiu da minha cabeça essa predestinação, essa tara, esse homicídio, essa obsessão pela palavra. Eu chamo isso de dom.*

## PARVO

*Parvo.*

## PERCEPÇÕES INFANTIS

*Eu não sou agnóstico. Eu creio em Deus mesmo. E não precisei ler muito para descrever; eu aprendi alguma coisa lendo. Mas onde eu aprendi mais foi na ignorância. A inocência da natureza humana ou vegetal ou mineral me ensinou mais. Quem não conhece a inocência da natureza não se conhece. Não há filosofia nem metafísica nisso. O que sei, na verdade, vem das percepções infantis. Que não deixa de ser o ensino pela ignorância.*

## POESIA

*É brinquedos de palavras.*

## POESIA É NECESSÁRIA?

A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas. Vendem-se hoje até vista para o mar, sapos com esquadrias de alumínio, luar com freio automático, estrelas em alta rotação, laminação de sabiás, etc. Há de se ter umas coisas gratuitas pra alimentar os loucos de água e estandarte.

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 53, maio 1979.

## POESIA E POLÍTICA

*Eu até fui eleitor do Lula. Com toda esperança que o povo tinha, porque era um partido ético, que a gente tinha certeza de que entraria e não ia roubar como os outros.*

*Mas aconteceu o contrário, roubaram mais. Eu fiquei desencantado. Eu gosto do pessoal do PT, o Gilberto Gil esteve aqui conversando comigo, bati um papo com ele, mas eu estou desencantado... não tenho razão nenhuma para ter outras esperanças, inclusive já estou fraco de esperança. Tenho poucas (risos).*

*A gente vai envelhecendo, vai vendo o mundo, vai sentindo as coisas e vai tendo desilusões... desilusões... desencantos todo dia, toda hora. Você imagina ter desencantos por 90 anos?! É muita coisa pra aguentar, pra ainda ter esperança.*

Mas eu ainda tenho sempre, sabe. Minha mulher até fala assim: "Todo presidente que entra, você é a favor". Mas eu sou, sou otimista, sempre tenho esperança.

## POESIA VAI PERMANECER?

Não sei. Acho que os cientistas estão furando tanto o planeta que não sei nada sobre o futuro. Sou um homem de fé e acredito na terra para sempre. Se a terra for me vencer e os seres humanos não voltarem ao chuparzi que foi Darwin diz que fomos se imo não se constata a poesia permanecerá. Mas, não sei.

## POETA

É o criador. A natureza foi criada a partir de Deus. O poeta é uma pessoa que mexe com a criação.

Poeta é uma pessoa que luta com palavras. Carlos Drummond escreveu: lutar com palavras é uma luta vã. Se eu pudesse eu reinventaria outros sinônimos para Poeta. Poeta seria o mesmo que parvo. É um sujeito que em vez de mexer com boas bolitas, pedras, caracóis, mexeria com as coisas sérias.

## POLÍTICA

*Penso que o poeta pode e deve ser político. Mas a sua poesia não. Poesia não aguenta ideias. Verso não precisa dar noção. Precisa iluminar o silêncio das coisas. Poesia não tem cânone. É igual açucena.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília-DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## PONTA DO LÁPIS

*Sou escravo do lápis com borracha. Depois tem outra: sempre imagino que na ponta do meu lápis tem um nascimento. Sei que isso é bobagem da minha parte. Mas as bobagens também criam raízes.*

## POR QUE O POETA SE ESCONDE DA MÍDIA?

*Por temperamento? Não tenho outra explicação. Até não sei se me escondo mesmo. Vai ver que me escondo para aparecer!*

*(...) gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando, mas escrevendo.*

## POSTERIDADE

*Sinceramente penso. Mas tenho todas as dúvidas.*

## **PRAZER**

*Releio minhas velhas preferências literárias. E de tarde, bem na hora do crepúsculo do dia que emenda com o meu crepúsculo, ouço música. A música erudita, principalmente, desabrocha minha imaginação.*

*Acrescento um pouco de álcool que me ajuda a ter visões. Mais tarde elaboro as visões.*

## **PREGUIÇA DE SER SÉRIO**

*Outra vez o Rosa me contou: “Precisei botar o nosso idioma a meu jeito a fim de que eu me fosse nele. Botei minhas particularidades. Usei de insolências verbais, sintáticas e semânticas, encaixei a linguagem. Foi meu estilo. Eu achava que o escritor havia de estar pregado na existência de sua palavra. E você, Manoel?” – me perguntou. Respondi: “Eu andei procurando retirar das palavras suas banalidades. Não gostava de palavra acostuada. E hoje gosto mais de brincar com as palavras do que de pensar com elas. Tenho preguiça de ser sério”.*

## **PRIMEIRO LANÇADOR**

*Eu não lanço nada. Essa palavra “lançar”, lá em Cuiabá, quer dizer vomitar. Nunca vomitei aqui nem vou vomitar.*

*O primeiro editor foi o Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, que me conheceu por acaso.*

*Ele me telefonou, fiquei espantado – bugre fica espantado –, e me disse que queria publicar um livro meu. Até os 60 anos não tinha editor, mas já tinha publicado oito livros.*

## PRIMEIRO LIVRO: 20 EXEMPLARES

*Meu primeiro livro de poemas escrevi com 18, 19 anos e publiquei com 20 anos. Eu tinha um amigo na carreira diplomática, o Henrique Rodrigues Alves, que morreu como embaixador em Moscou. Na época, ele tinha uma gráfica particular, como João Cabral também tinha. Eu mostrei o livro, ele olhou e falou: “Puxa! Vamos publicar lá na minha imprensa”.*

*Eu pensei que era brincadeira, não era... imprimiu 20 exemplares, me deu um cujo eu perdi, e deu outros para alguns amigos dele (risos)... mas eu tinha meu original que mais tarde publiquei pela Record. A Record afirmou: “Quero publicar toda sua obra”. Mas primeiro foi a Editora Civilização Brasileira, do Ênio Silveira, que me procurou e resolveu fazer uma espécie de coletânea dos meus primeiros nove livros.*

*Depois essa editora acabou, comprada pela própria Record. Quando Ênio morreu, a Luciana Villas Boas, que era a principal de lá, me convidou para ir pra Record; eu fui. Gostava muito da Record... Luciana falou: “Vamos publicar toda sua obra. Vamos começar tudo do zero”. E até hoje essa editora tem todos os meus livros.*

## QUAL A MATÉRIA DE SUA POESIA?

*Os nervos do entulho, como disse o poeta português José Gomes Ferreira. Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima é também matéria de minha poesia, eu já disse. Só bato continência é para árvore, pedra, cisco. O cisco semovente e o propriamente cisco.*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 53, maio 1979.

## **QUEM ESTÁ PARADO?**

O poeta sabia como ninguém se situar nessa dicotomia temporal: o tempo está parado. Sou eu quem “passo”. Esse é um dos grandes dramas e problemas da nossa existência, porque nós temos a percepção de que o tempo passa, mas, se é verdade aquilo que se disse antes, que estamos sempre no presente, que o passado existe apenas como lembrança e o futuro como espera, o tempo está parado: nós é que passamos.

## **RAZÃO E PAIXÃO**

Nesses “Diálogos do Ócio” com Manoel de Barros quis saber dele, no íntimo da quietação, o que pensava das inquietações, sobretudo da relação entre razão e paixão e como tais sentidos interagem com a amizade.

Manoel considerava que a relação com a razão era sempre vista de forma conflitante. A razão é uma espécie de guardiã das paixões, devemos mantê-la sob controle. Platão fala da razão como “o cão de guarda das paixões”.

## **RÉGUA E COMPASSO**

(Quanto ao amor, a virtuosidade faz Manoel palpitar, dá musicalidade, mas o descompasso o torna cruel, devastador. Há de ter ritmo, cadência, compasso.)

## **RIMAR?**

*A rima no meu poema é interna, entre as sílabas, as palavras. Gosto muito da rima na literatura de cordel. Os trovadores e repentistas do Nordeste*

*trovam muito bem, têm um dom para isso. Eles têm a intenção de cantar a realidade do povo deles, a miséria. Eles fazem tudo isso concomitantemente. Eu gosto muito de ler cordel, eles me mandam os livros.*

## **RIMBAUD TAMBÉM DESARRUMAVA**

*O Rimbaud é uma pessoa que também usou uma linguagem universal, uma poesia do mundo. Foi lá na França que começaram a dar maior valor à palavra. A poesia não é um fenômeno de ideias, mas de linguagens. E Rimbaud usava a poesia como fenômeno de linguagem, Baudelaire também, Valéry também, e também o Mallarmé, que falava que poesia não se faz com sentimentos, poesia se faz com palavras. Manobra com a palavra. Disso é que tem de nascer a poesia. Eu sou manobreiro de palavra.*

## **ROENDO O FUTURO**

*O tempo é implacável e somente ele dá o que precisamos para a completude. Do contrário, não haveria tanto mistério.*

*O tempo é uma reta, o presente é um ponto indivisível, que corre, deixa para trás o passado e andando para a frente roemos, por assim dizer, o futuro.*

*(Fiquei a refletir, dividindo manhãs e tardes ociosas com o meu poeta, a respeito da cômoda imagem que temos sobre o tempo que, por certo, não corresponde à nossa vida.)*

## **SABIÁ, CANTO E COR**

*Aprendi com meu filho quando ele tinha 5 anos que a linguagem das crianças funciona melhor para a poesia. Meu filho falou um dia:*

*“Eu conheço o sabiá pela cor do canto dele”. Mas o canto não tem cor!*

*Aí veio Aristóteles e lembrou:*

*“É o impossível verossímil. Pois não tem disso a poesia?”.*

## **SENSORIAL**

*Tudo o que eu aprendera até meus 90 anos era nada; meus conhecimentos foram sensoriais. O que aprendi em livros depois não acrescentou sabedoria, acrescentou informações. O que sei e o que uso para a poesia vêm de minhas percepções infantis.*

## **SERIA COMO NÃO VIVER**

*(...) a razão colhe e organiza as coisas e uma paixão pode principiar pela razoabilidade do nexos. Há sempre uma razão nas paixões. É um modo diferente de organizar nossa experiência. Não conseguimos ser racionais durante todo o dia. Seria terrível se fôssemos sempre racionais, seria como não viver, não experimentar emoções como o amor, ressentimentos, amizade, felicidade, ódio. Seria como se transformar numa pedra, num pedaço de madeira. Tentamos ver nosso ideal de sabedoria, seja do homem sem paixão, racional, capaz de ponderar os elementos, seja por meio de uma construção muito tardia, porque nascemos e crescemos com razão e amizade.*

(O pintor Marc Chagall, morto em 1985, dizia que a coisa mais importante na vida para ele era a amizade: “Se você tem uma amizade verdadeira, então isso é tudo”.)

## **SEXTO SENTIDO**

*Eu acho que a religião completa a gente, é o meu sexto sentido. Nossa fé é o sexto sentido.*

## **SÓ NO SUSTO**

*Leio pouco e estudo menos. Mariposeio sobre livros. Só paro de vez nalgum livro quando levo susto. Quando encontro uma palavra fértil. (Fértil para aquele momento meu.) Fico sonhando sobre essa palavra, em cima dela. E de repente encontro para ela uma sintaxe inconexa.*

## **SOU COMO ÁRVORE, EU SÓ FLOREIO**

*Não tenho muito amor pela ideia, não. Para o poeta, a coisa mais importante é a imagem. Na imagem, você pode descobrir alguma ideia, mas eu não escrevo obedecendo à ideia, querendo expressar uma ideia minha, um pensamento. Eu sou como árvore, eu só floreio.*

## **TARDE E CACHORRO**

*Sempre fui mais tido como um parvo! Porque eu queria mudar a feição das coisas com palavras. Assim, uma vez eu vi a tarde correndo atrás de um cachorro. A tarde não pegou o cachorro. Mas eu vi de visão. As águas irrompiam de minadouros para mim. Irrompiam como versos e como as sementes do verbo.*

## TERRAS E PROFETAS

*Naquelas cavernas das origens havia profetas, tontos, crianças e poetas. Eu morava no ente. Eu bem ouvi o tonto dizer: “Uma brisa me garça”. Achei que algum futuro meu poderia ter este título (Uma brisa me garça). É pura harmonia letral.*

## TODOS TÊM DE LER HOMERO?

*O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi. Os outros sentidos fomos adquirindo porque era quase uma obrigação. Era como um calço. Por que os repentistas, que são analfabetos, sabem fazer uma obra de arte mesmo que não estudaram? Fazem a poesia deles sem nenhuma preocupação estética. Todos têm de ler Homero? Poesias têm de ter palavras, uma feira de ideias.*

## TRADUÇÃO NO ESTRANGEIRO

*Tenho algumas traduções fora do país. Em espanhol, alemão, francês e até catalão. Teve um sujeito que tentou uma tradução para o inglês, mas veio falar comigo que brochou, porque tinha de inventar muitas palavras. Para minha tradução francesa, o tradutor teve de escrever mais de 20 cartas para mim. E o tradutor do alemão, o mesmo de Guimarães Rosa, também fez a mesma coisa.*

## TRÊS COISAS IMPORTANTES

*As três coisas mais importantes pra mim são duas;  
o amor e a poesia.*

## TUDO QUE PRESTA EM MIM

*Eu escrevo cada verso mais de 200 vezes, ou quantas forem necessárias, e sempre acho que nunca está acabado. Quando escrevo boto para fora minha loucura, insensatez e infâmia. Tenho um lastro: a vivência infantil, o menino que permanece poeta. Tudo que presta em mim é a inocência do Pantanal. É a inocência que comanda a poesia.*

## ÚLTIMO LIVRO

*Tenho recebido muitos telefonemas do Brasil inteiro sobre esse livro, que é um livrinho exíguo, sabe? Mas é meu último livro, é alguma coisa que eu ainda precisava dizer. É meu último livro.*

## UM ATO SOLITÁRIO

*... eu só escrevo realmente isolado. Tenho de fechar a porta. Escrever parece que é um ato solitário mesmo...*

*Não tenho nenhuma fluência. As coisas me vêm como uma galinha que vai enchendo a ovejuna antes de botar o ovo.*

## UM BEM-TE-VI NO SOL

*As coisas tinham para nós uma desutilidade poética. Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber. A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras. O truque era só virar bocó. Como dizer: “Eu pendurei um bem-te-vi no sol” ...*

## UM CAVALO AZUL

*Você pode não acreditar, mas eu não me emociono com a natureza como ela é. Suas águas, seus bichos, sua vegetação.*

*Até tenho um certo fastio da natureza. Igual Macbeth falava: “Tenho um certo fastio do sol”. Talvez a gente queira fazer um sol verde, um homem que voe como as noivas de Chagall, um cavalo azul e de asas.*

*É evidente que eu, tendo sido criado no Pantanal, tenha em mim um lastro de brejos e de conchas.*

*Tenho um sentido de abandono em mim. Um sentimento de lonjuras, de distâncias, de lugares sem dono. Venho daqueles tempos em que o Pantanal era o ermo. Fui criado naqueles ermos. Por isso tenho em mim um sentimento de abandono.*

*Na minha meninice chegavam apenas carros de boi, de três em três meses, no lugar em que morávamos. De forma que essa angústia de estar em lugar distante e perdido me acompanha até hoje. Não me seduz ver as paisagens do Pantanal porque elas estão dentro de mim. O que preciso é transfazê-las.*

## UM SÍMIO

*Sou um homem de fé. Me acho incompleto e por isso preciso do mistério. Pra mim, a razão é acessório. Preciso acreditar que estou nas mãos de Deus. Sem fé eu me sinto um símio.*

## UMA VIDA DE ENSAIO, OUTRA PARA VALER

(Do ponto de vista pessoal do nosso poeta maior, o saudosismo é inerente à natureza humana.)

*Minha poesia tem um pouco e todos nós temos muito do escritor francês Marcel Proust. Se perguntarem se gostaríamos de voltar à infância, diríamos que sim. Teríamos toda uma segunda vida para viver. Então, se devíamos ter uma vida de ensaio e outra para valer, é porque desejamos voltar a ser crianças.*

## UMBIGO AINDA NÃO CAIU

*Tenho uma identificação do jovem. Porque acho que sou infantil. Meu umbigo ainda não caiu. A ciência é esta: sou infantil. Num programa de televisão, que entrevistou uma porção de gente, a primeira coisa que meu irmão Abílio disse foi: “O Manoel nunca saiu da infância”. Pensou que eu ficaria bravo, mas não, eu fiquei satisfeito (risos).*

## VANGUARDA PRYMITIVA

*Tenho fascínio pelo primitivo. Há palavras que estão dentro de mim há milhões de anos.*

*Tenho em mim um sentimento de aldeia e dos primórdios. Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens. Não sei se isso é um gosto literário*

*ou uma coisa genética. Procurei sempre chegar ao criancamento das palavras. O conceito de vanguarda prymitiva há de ser virtude da minha fascinação pelo primitivo. Essa fascinação me levou a conhecer melhor os índios. Gosto muito também de ler as narrativas dos antropólogos.*

## **VELHICE**

*O que me chateia é a velhice. Quem gosta de escombros é a solidão. Nas minhas paredes começaram a nascer urtigas. Da própria palavra “velhice” não gosto. É desarmônica e pornográfica. O fato de ter passado 50 anos em quase absoluto anonimato não doeu. Passei esse tempo tentando envergar a linguagem do meu jeito. Fiz isso com volúpia e quase não vi o tempo passar. Deixei que as palavras me cuidassem. A voz da poesia tem de chegar ao nada para aparecer. Só fui reconhecido quando não tinha mais nada pra dizer – e fiquei a brincar. O dia em que só faço nada é fecundo. Hoje, sei que os verbos deliram – e isso é uma coisa saudável para a poesia.*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Braziliense*, Brasília-DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

## **VINICIUS DE MORAES**

*Conheci Vinicius de Moraes num puteiro. Estava de férias em Corumbá, tinha 20 e poucos anos, e ele dirigia o Suplemento Literário, acho que do “Correio da Manhã”. Resolvi escrever um poema e enviar, assim de gozação comigo, sei que não ia merecer. Na outra semana veio meu poema na primeira página, e era imenso. Ele publicou com elogio. Uma noite fui para o Rio, solteiro ainda, e fui ao Dancing Avenida. Quando olhei, sentado numa mesinha, estava o Vinicius rodeado de mulatas. Resolvi me apresentar, já tinha tomado uns*

*conhaques, ganhei coragem. Sentei na mesa e disse que ele tinha publicado um poema meu. Ele me cumprimentou, mandou chamar uma mulata pra sentar comigo. Tomamos mais algumas até dar a hora de a gente ir tomar uma canja, na Galeria Cruzeiro, que serviam para os bêbados e depois cada um sair atrás de quarto com a mulher.*

## **VIVER DE POESIA**

*Ganho dinheiro com poesia. Vendo muito bem, sabe? Primeiro recebo um adiantamento, e a venda paga o adiantamento e daí fico recebendo pela vendagem, e dos outros já publicados. Não é dinheirão, não, mas dá para ir levando.*

## **VOCÊ PERTENCE À GERAÇÃO 45?**

*Acho que não pertença à geração 45 senão cronologicamente. Não sofri aquelas reações de retesar os versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas. A mim não me beliscava a volta ao soneto. Achava e acho ainda que não é hora de reconstrução. Sou mais a palavra arrombada a ponto de escombros. Sou mais a palavra a ponto de entulho ou traste. Li em Chestov que a partir de Dostoiévsky os escritores começam a lutar por destruir a realidade. Agora a nossa realidade se desmorona. Despencam-se deuses, valores, paredes...*

*Estamos entre ruínas. A nós, poetas destes tempos, cabe falar dos morcegos que voam por dentro dessas ruínas. Dos restos humanos fazendo discursos sozinhos nas ruas. A nós cabe falar do lixo sobrado e dos rios podres que correm por dentro de nós e das casas. Aos poetas do futuro caberá a reconstrução – se houver reconstrução.*

*Porém a nós – a nós, sem dúvida – resta falar dos fragmentos, do homem fragmentado que, perdendo suas crenças, perdeu sua unidade interior. É dever dos poetas de hoje falar de tudo que sobrou das ruínas e está cego. Cego e torto e*

*nutrido de cinzas. Portanto, não tenho nada em comum com a geração 45. E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se, em cada livro, mais fragmentária. Mais obtida pelo escombros. Sendo assim, cada vez mais, o aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demolição...*

---

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros, sobreviver pela palavra. *Revista Grifo*, Campo Grande, MS, Editora MatoGrossense Ltda., n. 2, Arte e Cultura, p. 51, maio 1979.

## **VOCÊ VIVE EM PAZ?**

*É a questão do nascimento, da criação. Acho que isso influi muito. Sempre tive vida tranquila. Fui criado no Pantanal com minha mãe, meu pai, meus irmãos, sem conflitos, com carinho, sem fome – e sem notícia de que havia gente passando fome. Tudo isso conta em minha poesia.*

## **ZÉ “ABSURDO” LIMEIRA**

*Zé Limeira, o poeta do absurdo? Eu tenho livro dele aqui. É o melhor de todos os cordelistas (risos).*

*Ele não obedece a regra nenhuma, deixa sua imaginação correr solta... (risos). Negócio bom em poesia é não obedecer a nada. Não obedecer à gramática, à filologia, nada. É como a língua infantil. É preferível você obedecer à desordem da fala infantil do que obedecer à ordem gramatical. Em poesia, isso é muito importante. Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.*

## **Manyphesto da Vanguarda Prymitiva**

*Por Bosco Martins*

<i>Vanguarda Prymitiva</i>	<i>Um coração quente</i>
<i>Regresso ao futuro</i>	<i>Com um olho de pássaro</i>
<i>Palavra-alma guarani</i>	<i>Você pode ver o mundo</i>
<i>Chamas &amp; orvalho</i>	<i>De modo diferente</i>
<i>Origem própria original</i>	<i>Vanguarda Prymitiva:</i>
<i>originalidade selvagem</i>	<i>amor sem data de vencimento</i>
<i>A fala dos loucos dando flores</i>	<i>Invenção em vez de cópia</i>
<i>Todos os dialetos possíveis</i>	<i>Bárbara e nossa, como queriam</i>
<i>Inventados encantados alucinados</i>	<i>Rimbaud Baudelaire Oswald</i>
<i>Dialeto-rã</i>	
<i>Dialeto-pedra</i>	<i>Agora o andarilho</i>
<i>Dialeto-fogo</i>	<i>Lambe as palavras até que elas</i>
<i>Dialeto-bosta</i>	<i>produzam uma alucinação que</i>
	<i>renova sentidos do mundo no</i>
<i>A beleza das coisas nunca vistas</i>	<i>coração</i>
<i>Adivinhação divinação divinare</i>	
<i>Em vez do plágio sutil</i>	<i>Duas, três câmeras na mão e mil</i>
<i>Vidência</i>	<i>ideias fervendo na cabeça, nas</i>
	<i>veias, nos testículos, no corpo todo</i>
<i>O aproveitamento de todas as</i>	
<i>ancestralidades desprezadas</i>	<i>Depois de lambe as palavras</i>
<i>Vanguarda Prymitiva: os</i>	<i>O andarilho caminha alucinado</i>
<i>dicionários de pedra, de areia, de</i>	<i>Atravessa Paris Rio de Janeiro</i>
<i>água, de árvore</i>	<i>Oropas Nova Iorque e reaparece</i>
	<i>por encantamento na beira do Rio</i>
<i>O poeta lambe as palavras e</i>	<i>Paraguai ou na remota província</i>
<i>alucina o idioma</i>	<i>de Campo Grande capital de Mato</i>
<i>Para que o idioma volte a dar</i>	<i>Grosso do Sul ao mesmo tempo</i>
<i>encantamento</i>	

*Vanguarda Prymitiva: o português  
mágico manoelês arcaico à imagem  
das máfias das Academias de  
Letras e de outras máfias letradas*

*Luz câmera poesia em ação  
Nas margens do mundo onde o céu  
se confunde com as águas  
O olhar dum pássaro é uma lente  
de panavision  
Sem hollywood-money nos bolsos  
O poeta lambe as palavras e o  
idioma se alucina para sempre*

*Uma luz torta  
Uma luz rupestre  
Uma luz vegetal  
Uma luz de Vanguarda Prymitiva  
Uma luz diferente  
Uma luz que não se pode comprar  
nas lojas da capital*

*Agora um andarilho pode ser oito  
andarilhos*

*Ayores guaranis terenas bororos  
xavantes kinikinau guatós*

*O amor o humor os paradoxos  
encantatórios*

*O voo da palavra*

*O canto do peixe*

*O perfume do mistério*

*Vanguarda Prymitiva*

*Um mergulho no desconhecido  
das diferenças  
no mistério da luz do Pantanal*



## CAPÍTULO III

### **MANOEL POR ELE MESMO**

#### **POR STELLA, POR TERCEIROS DE BOA-FÉ E PELO CARTÓRIO**

#### **A SAGA DOS BARRINHOS\***

Os Barros do Livramento são descendentes dos irmãos João Leite de Barros e José de Barros, bandeirantes dos primeiros momentos de Cuiabá, onde já estavam em 1723. Eram filhos de Pedro Vaz de Barros e Maria Leite Mesquita, e netos de Antônio Pedroso de Barros, este, filho do primeiro Pedro Vaz de Barros, que foi capitão-mor e governador da Capitania de São Vicente e São Paulo. Os nomes João e José são repetidos na família em sucessivas gerações, ainda hoje, mais de 250 anos passados, mas os Barros que ocuparam o Pantanal de Corumbá parecem ser descendentes de José de Barros. Este se casou com Ana de Campos, filha de Rosa de Campos e neta de Ana de Campos Maciel, casada com Antônio Antunes Maciel, e oitava filha de Filipe de Campos, tido como pessoa da maior nobreza.

Barros, Campos e Antunes Maciel são os troncos mais ilustres desses pantaneiros. Documentalmente, sabe-se que Rosa de Campos Maciel (cujo nome nos liga à esposa de José de Barros) e Antônio Luís Coelho eram os pais de Francisco Leite de Barros (Nhonhô Fancho) e José de Barros Maciel, cujos filhos e netos foram fundadores de fazendas no Pantanal da Nhecolândia.

Francisco Leite de Barros, chamado Nhonhô Fancho, proprietário do Sítio Cocais, no município de Livramento, Mato Grosso, em

desânimo e já idoso, vendeu a sua propriedade em 1882, mudando-se para São Luís de Cáceres-MT. Levou consigo os dois escravos que lhe restaram, uma família numerosa e dois filhos homens, ainda solteiros, João Batista de Barros, o Janjão, e José de Barros, o Jejé, ambos com pouco mais de 20 anos e que assumiram, na mudança, a responsabilidade da manutenção familiar.

Em outro sítio, o Boa Vida, também nos arredores do Livramento, ficara o filho mais velho de Nhonhô Fancho, Gabriel Patrício de Barros, o Bié, que havia assumido a direção do sítio pertencente à família de sua mulher, Maria Carolina.

Em 1891, Nhô Bié e Maria Carolina deixam também o Sítio Boa Vida e o Livramento para se juntarem aos irmãos em São Luís de Cáceres.

O leitor está entendendo que faço a apresentação de alguns dos primeiros povoadores da Nhecolândia. De Cáceres, alguns anos mais tarde, se mudariam para o Pantanal de Corumbá. Trinta anos depois, um deles, José de Barros, o Jejé, aos 51 anos, em sua Fazenda Buriti, já na Nhecolândia, começa a escrever as suas "*Lembranças*" (BARROS, José de. *Lembranças*. Brasília, DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1987), publicadas depois por seus descendentes.

Um pouco mais afastada ficava a Rancharia, sítio onde viviam os Figueiredo do Livramento, um ramo dessa enorme família que, de um modo ou de outro, sempre esteve envolvida com a política e a história de Mato Grosso. Augusta de Figueiredo, uma das herdeiras da Rancharia, casara no próprio sítio de seu pai com Manoel Wenceslau de Barros. No mesmo sítio viveram alguns anos e lá mesmo nasceram 6 dos seus 15 filhos.

Foi Manoel Wenceslau de Barros quem comprou Cocais do velho Nhonhô Fancho, seu tio, em mudança para Cáceres. Aquele sítio era contíguo às terras suas, herdadas de José de Barros Maciel, seu pai e

irmão de Nhonhô Fancho. Tenho, como troféu afetivo, a escritura em inteiro teor da compra daquele sítio e, do mesmo dia, da venda que fazia Manoel Wenceslau de sua parte na Rancharia. Vendia para comprar.

Neste momento, a narrativa torna-se muito pessoal, pois devo anunciar que esse Manoel de Barros era meu avô, e que nesse mesmo sítio de Cocais, que ele comprara, nasceu o meu pai em 1890.

Manoel Wenceslau de Barros, no começo do século, mudaria para Cuiabá. Alguns anos depois, dona Augusta, já viúva, e 14 de seus 15 filhos formariam o rol dos migrantes papa-bananas de Corumbá. Lá estavam Nhonhô Fancho com seus 14 filhos, genros e noras. Os dois grupos constituíram os Barros da Nhecolândia. Unia-os os mesmos traços de caráter da gente livramentana, além do parentesco e essa coincidência de terem todos nascido ou vivido no mesmo sítio de Cocais.

Mais tarde, os corumbaenses faziam distinção entre os dois grupos, chamando Barrões aos descendentes de Francisco Leite de Barros e, aos pequenos e franzinos filhos de Manoel W. de Barros, chamaram Barrinhos. Não apenas o biótipo os distinguiu, mas marcantes traços psicológicos.

Os Barrinhos descendem de José de Barros Maciel por intermédio de seu filho Manoel Wenceslau de Barros, casado com dona Augusta de Figueiredo. A mesma linhagem dos Barros do lado paterno. A linha materna (Augusta de Figueiredo) vai ao mestre de campo Antônio José Pinto de Figueiredo, português de origem *cujo nome não será estranho a quem tenha uma vez deletreado as nossas crônicas da era colonial* (MESQUITA, José. *Genealogia mato-grossense*. São Paulo, SP, *Resenha Tributária*, 1992). Foi casado com a paulista Isabel Nobre Pereira e tiveram dez filhos, todos em Cuiabá. Os Barrinhos descendem de Maria Magdalena das Virgens de Figueiredo, sétima da geração do mestre de campo e que se casou com o coronel José Paes Falcão. Este era filho do outro José Paes Falcão, que

foi o fundador do primeiro povoado de Cocais, depois Livramento. José Paes Falcão era filho de Lucrecia Pedroso de Barros e Fernando Dias Falcão, que foi capitão-mor regente das minas de Cuiabá em substituição a Pascoal Moreira Cabral. Em linha descendente a partir de Maria das Virgens de Figueiredo temos Fernando Dias Paes, seu filho, casado com Ana de Arruda Proença, e, filha deste casal, temos Mariana Joaquina da Silva, casada com Manoel Leite de Araújo, donos do Sítio Rancharia e pais de Augusta de Figueiredo.

Deixo de lado os Barrões e Barrinhos e passo a falar de um barão, o de Vila Maria, e seu filho Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco, primeiros ocupantes deste Pantanal. Voltemos aos primeiros anos do século passado, quando o Nheco tinha já as suas posses medidas e legalizadas. Por trás de seus limites continuava o ilimitado, a leste. Por aí se localizaram os papa-bananas, entre outros, os Barros. Primeiro os Barrões, mais tarde os Barrinhos.

A ocupação dessa área nem de longe se assemelha à corrida desenfreada de lutas por apossamentos, frequentes na história das colonizações. Ela foi feita em um ordenado processo, firme e persistente, e, na maioria absoluta das vezes, a titulação das terras antecedia as posses. Como me referi na apresentação dessa gente, não houve aqui um único tiro por questões de terra. Mesmo disputa cartorária ou judicial de importância, se houve, não deixou notícia. Tudo se fez com íntima cooperação, respeito e ajuda mútua entre todos. Unia-os a mesma origem, o mesmo espírito, os mesmos princípios, a mesma cultura, traços que buscamos identificar nesse clã que chamamos *nossa gente do Livramento*.

Firmes e ordenados dentro de um mesmo procedimento, caminharam para leste chegando aos limites do pé da Serra de Maracaju. Nessa ocupação tinham percorrido mais de 400 quilômetros, a partir de Porto da Manga. Mas, antes de se esgotarem as possibilidades a leste, já haviam atravessado o Rio Taquari em busca de sua margem direita, a

zona do Paiaguás. Nessa região, que ocuparam também em sua maior parte, chegaram às margens do Piquiri e São Lourenço. Para lá também levaram, com seus pertences, os traços marcantes da *nossa gente*.

É difícil dar-se números exatos da extensão dessa ocupação pioneira. Mas, tendo em conta o tamanho do Pantanal corumbaense, pode-se afirmar que os Barrões, Barrinhos e descendentes do barão fizeram a fantástica ocupação de mais de dois milhões e meio de hectares, em pouco mais de meio século.

Ao tomar posse das terras do Firme, desde o começo, o Nheco procurou cercar-se de parentes. Essa preocupação parece indicar uma política de ocupação voltada à segurança. Tinha motivos suficientes para sentir-se inseguro. Em primeiro lugar era muito jovem ainda, 24 anos, quando veio para o Firme. Além disso, não tinha direitos adquiridos sobre a posse. Nas lutas judiciais do inventário de seu pai, a ele, de pouca instrução, a sanha dos credores deveria parecer ameaça. Nesse mesmo inventário, vira a família de seu irmão perder todos os direitos sobre a Fazenda Palmeiras. E existiam marcas de tragédia na família: o irmão mais velho foi morto pelos paraguaios na invasão, o segundo foi assassinado na Fazenda Piraputangas. Restava ele.

Depois de medidas e demarcadas as terras do Nheco, os seus parentes do Firme foram iniciando requerimentos e compras de novas áreas e sucessivas fundações de novas fazendas, consumando a progressão daquela marcha para leste, de que já falamos. Parentes e amigos não pararam de chegar, raramente estranhos. Em torno de 1915, chegaram os filhos de Manoel W. de Barros, trazidos pelo irmão José de Barros Maciel, chamado de Barrinhos, apelido que se estendeu ao clã do qual era chefe.

Ele era herdeiro do Nheco por casamento com uma de suas filhas. Chegando mais tarde, os Barrinhos foram se localizando em áreas distantes do Firme, próximas das cabeceiras das grandes vazantes, onde

as aguadas permanentes eram poucas e não havia salinas. Arroz sem Sal chamaram essa região que, por sua natureza, exigia maior esforço e cuidados no trato do gado.

Na última década do século retrasado, conta-nos José de Barros Maciel, o Nhéco possuía 3 mil cabeças de gado. Ao morrer, em 1909, andavam em torno de 15 mil. Menos de três décadas depois seus herdeiros e sucessores, nas mesmas terras, contavam em torno de 100 mil reses (José de Barros Maciel, em 1922, avaliava em 120 mil cabeças). Em 1934 Carlos Vandôni de Barros, em um trabalho sobre a Nhecolândia, avaliou, em toda a zona, 500 mil bovinos (BARROS, Carlos Vandôni de. *Nhecolândia*, 1934). Na metade do século passado já ultrapassariam um milhão de cabeças. Nessa época, o boi já tinha domado a macega bruta e desenhado o mapa da Nhecolândia em toda a sua extensão.

Em 1920, um genro de Nhéco, Leôncio Nery, constrói a Charqueada Otilia, nas proximidades do Porto da Manga, localização que claramente indicava a intenção de aproveitamento do rebanho nhecolandense. Já existiam outras charqueadas; a melhor em Porto Murтинho, ao sul de Corumbá, a Barranco Branco, e, próximo de Porto Esperança, a Charqueada Rebojo, da firma G. C. Dickson, inglesa. Nenhuma, entretanto, abatia gado do Pantanal da Nhecolândia. Nenhuma de capital mato-grossense.

Naquele mesmo ano de 1920, a firma Dickson dá notícias de encerramento de suas atividades na Charqueada Rebojo. Pretendendo arrendá-la, Fernando de Barros, do clã dos Barrinhos, recém-chegado de Cuiabá, com apoio de seu irmão José de Barros Maciel e de outros capitalistas, se propõe como arrendatário. Por dois anos, com sucesso, tocaram a empresa.

Em 1923, o grupo arrendatário do Rebojo, ampliado pela adesão de novos sócios, adquiriu a Charqueada Otilia, formando-se a firma Bar-

ros Gomes e Cia. Ltda., com dominância clara do clã dos Barrinhos. Esse foi um fato muito importante na história dessa gente, não somente pelo sucesso futuro do empreendimento, mas porque, pela primeira vez, se associavam para investimentos em área diversa da estrita atividade criatória. Esse fato marca também a ascensão do clã dos Barrinhos, que, por muitos anos, estaria ligado ao que era aqui chamado indústria saladeril. Graças às charqueadas, na década de 1930, a pecuária era de longe a atividade de maior projeção no município. Estava consumada a ascensão dos fazendeiros. Os papa-bananas ensaiavam grandezas.

Chefiavam o grupo José de Barros Maciel e seu cunhado, Eugênio Gomes da Silva. Como executivo à frente dos negócios estava Fernando de Barros. O Saladeiro Otília ficava à beira do Rio Paraguai, nas proximidades do Porto da Manga, em posição estratégica de aproveitamento do rebanho da Nhecolândia.

Na década de 1920 a firma Barros Gomes e Cia. dominou amplamente o negócio de charque no estado. A Charqueada Otília igualava, em abate, ao Descalvados em seu apogeu – 20 mil reses – e superava, em produção, a soma das três charqueadas da firma G. C. Dickson, em 1919.

Em torno de 1928, fizeram construir rio acima uma nova instalação industrial, a Charqueada Rabicho, com 70% de capital da Barros Gomes e adesão de novos sócios. Não temos documentos para avaliar os lucros da firma Barros Gomes, apenas depoimentos, mas o volume de investimentos em aquisição de terras pode nos dar um parâmetro. Os seus sócios, em compras individuais ou em grupo, chegaram a uma soma superior a 200 mil hectares, numa rápida marcha de ocupação do leste da Nhecolândia, atingindo áreas a mais de 300 km de distância das margens do Rio Paraguai.

A partir de 1930, a firma entraria em sérias dificuldades, chegando à quebraadeira financeira em 1933. Pela coincidência com a re-

cessão mundial, talvez possa estar por aí a explicação desse rápido declínio. Em meio às dificuldades, faleceu José de Barros Maciel, chefe do clã dos Barrinhos.

A firma Barros Gomes foi dissolvida, ficando uma parte dos sócios com a Charqueada Rabicho, outros com a Otília. Todos com a indústria e fazendas hipotecadas a credores concessionários do Rio de Janeiro e a alguns agiotas. Os remanescentes proprietários da Charqueada Otília criaram a firma Irmãos Barros & Cia. Ltda. O Rabicho passou à firma Paulino Gomes e Cia. Ltda.

Sem capital e nenhum crédito, os irmãos Barros deram a Charqueada Otília em arrendamento. Como meu pai era um dos sócios, passo à narrativa do ponto de vista familiar. Deixando três filhos na cidade, entregues a parentes, meus pais foram para sua Fazenda Rancharia, recém-fundada. Aos 5 anos, viajando pelo Pantanal, descubro-me, pela primeira vez, participante da surpreendente experiência de viver. Por uns momentos, esta narrativa passará a ser feita pelos olhos do menino.

A carreta de bois que nos levava era toldada com couro cru. Entre malas e objetos, se estendia, no piso, um colchão. Nos momentos de maior tédio descíamos da carreta e caminhávamos a pé. Às vezes, maior glória, ia na garupa do cavalo de meu pai. A jornada diária, sempre com madrugadas escuras, era variada, de uma fazenda a outra, sem alternativas intermediárias.

Na manhã do oitavo dia, após travessia de um corixo, com a emoção de ver as águas quase chegando aos nossos pertences, paramos em uma porteira. Meu pai chegou-se para nos anunciar: “Daqui para a frente é nosso!”. Tive um deslumbramento e perguntei emocionado: “Tudo? Até essas árvores?”. Essa é a mais distante imagem, com nitidez, em minha memória. Manifestação, talvez, do irresistível impulso de posse, muito forte em todos nós, desde a mais tenra idade. Tenho me indagado

sempre sobre o mistério dessa imagem, retida com tanta clareza e emoção. Ser é ter?

Ficamos nessa fazenda por mais de três anos, prisioneiros da falta de recursos. Estávamos nos limites a leste da ocupação desses pantanais. Às vezes, passava um tio, irmão de minha mãe, com “mascatearia” em carro de bois. Trazia coisas deslumbrantes e uma cocada branca, em lata, que disputávamos com avidez. Penso hoje que meus pais viviam tempos de apreensão. Vivi tempos de descobertas.

Um dia chegou uma carta para meu pai. Seu irmão chamava-o para retomarem o trabalho na Charqueada Otília. Já era possível. Lembro-me de que, dias depois, encilhou com cuidados uma égua tordilha chamada Serenata e desapareceu. Alguns meses mais e nos mandariam buscar. O menino começava as longas descobertas de um mundo maior e mais complicado.

Entre 1936 e 1950, a firma Irmãos Barros repetiria o sucesso de Barros Gomes e Cia. O número de abates rapidamente atingia os mesmos índices. A Charqueada Rabicho igualmente retomou seu funcionamento. Uma nova firma, também de capital local, montaria uma terceira charqueada em Corumbá. Juntos abateriam em torno de 35 mil cabeças por safra.

O apogeu da indústria saladeril do Pantanal corumbaense deu-se a partir do fim da década de 1930 e, principalmente, nos anos de 1940. Durante a guerra, houve uma supervalorização do couro, a que eu assistia embarcar para exportação nos grandes navios do Lloyd Brasileiro. Dizia-se, entre os íntimos, que o couro e o sebo praticamente cobriam o preço do boi em pé.

A partir de 1950, o declínio das charqueadas se fez sentir. Em 1955, praticamente todas estavam fechadas. Isso se deveu ao progressivo

fortalecimento da indústria frigorífica. O golpe final veio com a permissão aos frigoríficos para fabricarem charque de parte dos dianteiros, de pouca aceitação nos açougues. As charqueadas usavam vender em fardos, que continham todas as peças do animal, carne de primeira e de segunda. O mercado não fazia a distinção e a concorrência tornou-se insuportável para os saladeiros. Além disso, o grande mercado consumidor, que era o Nordeste, passou a ser abastecido por charqueadas do norte de Minas e mesmo da região.

\*Trechos da obra *Gente pantaneira – crônicas de sua história*, de Abílio de Barros, irmão de Manoel.

**“Veja, isso é que é poesia.”**

*Millôr Fernandes*

## AUTO-RETRATO FALADO

*Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas  
entortadas.*

*Meu pai teve uma venda de bananas no  
Beco da*

*Marinha, onde nasci.*

*Me criei no Pantanal de Corumbá, entre  
bichos do chão, pessoas humildes, aves,  
árvores e rios.*

*Aprecio viver em lugares decadentes por  
gosto de*

*estar entre pedras e lagartos.*

*Fazer o desprezível ser prezado é coisa que  
me apraz.*

*Já publiquei 10 livros de poesia; ao  
publicá-los me*

*sinto como que desonrado e fujo para o  
Pantanal onde sou abençoado a garças.*

*Me procurei a vida inteira e não me achei  
— pelo  
que fui salvo.*

*Descobri que todos os caminhos levam à  
ignorância.*

*Não fui para a sarjeta porque herdei uma  
fazenda de  
gado. Os bois me recriam.*

*Agora eu sou tão acaso!*

*Estou na categoria de sofrer do moral,  
porque só*

*faço coisas inúteis.*

*No meu morrer tem uma dor de árvore.*

## Auto-Retrato Falado

Vento de um Cuiabá garimpo e de muelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda de bananas na Beza da  
Marinha, onde nasci.

Fui criado no Pantanal de Corumbá entre bichos, do  
chá, pessoas humildes, aves, rios e árvores.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar  
entre pedras e lagartos.

Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.

Já publiquei 10 livros de poesia, me sinto mais desonrado  
ao publicá-los e fujo para o Pantanal onde sou  
alçoado de garças.

Me procurei a vida inteira e não me achei, pelo que  
fui salvo.

Desejari que todos os caminhos levam à ignorância.

Não fui para a serjeta porque herdei uma fazenda  
de gado. Os bois me recriam:

Figura em sou tão oraso!

Estou na categoria de sofrer do moral, porque só  
faço coisas inúteis.

No meu morrer tem uma dor de árvore.

José de Barros

Manuscrito enviado por MB a Millôr Fernandes, desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro, apresentando o poema "Auto-retrato falado", publicado no "Jornal do Brasil" em 1988.

## MANOEL POR ELE MESMO

*Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.*

*Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.*

*Porque, se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.*

*O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envolvimento com a vida. Sou filho e neto de bugres, andarejos e portugueses melancólicos. Minha infância levei com árvores e bichos do chão. Penso que a leitura e a frequência das artes desabrocham a imaginação para um mundo mais puro. Acho que uma inocência infantil nas palavras é salutar diante do mundo tão tecnocrata e impuro. Acho mais pura a palavra do poeta que é sempre inocente e pobre.*

## NEQUINHO\*

*Por Stella Leite de Barros*

*Como a gente ainda não se conhece, permita que eu fale um pouco a meu respeito.*

*Nasci em Minas. Fui criada sem pai, nem mãe.*

*A febre amarela levou a minha mãe. Eu estava com 3 meses de idade.*

*A minha mãe me deixou um retrato.*

*Ela era bonita.*

*Tinha 30 anos e deixou seis filhos.*

*Eu acabei sendo criada pelos avós.*

*Advogado influente e político de votos – foi deputado, prefeito de duas cidades –, o meu pai casou-se de novo. Não foi feliz dessa vez (acredito que a gente deve ter nascido para ser feliz uma só vez na vida).*

*Eu estava com 8 anos quando o meu pai, prematuramente, nos deixou. De desgosto, com a segunda união.*

*Estudei em colégio interno. Concluí o Curso Normal e decidi mudar para o Rio de Janeiro. Tinha 18 anos. Fiz concurso para o governo e não passei na prova de datilografia (futuramente, descobri que o meu marido não passou na de matemática). Uma das minhas irmãs era conhecida do oficial de gabinete do presidente dos pobres. E me apresentou a ele. O oficial determinou que eu fizesse um novo teste. Era 28 de dezembro. No mesmo dia, fiquei sabendo do resultado. Serviço público, no nosso país, sempre foi eficiente. Dois dias depois, eu recebia o meu primeiro salário e o décimo terceiro.*

*Passei sete anos na burocracia. Era a responsável pelo resumo das correspondências dos servidores.*

*Fui salva pelo casamento, que começou mais ou menos assim: eu fui a uma imobiliária comprar um apartamento. Uma colega de trabalho me havia recomendado a tal imobiliária. O negócio não foi fechado nesse dia e decidi não voltar mais lá.*

*Não gostei do tratamento dispensado pelo corretor. Contei o ocorrido à colega. Ela insistiu comigo: – Amanhã você vai voltar lá.*

*E voltei. Fui recebida, dessa vez, por um outro corretor, que também era advogado. Ocorreu, entre nós, uma simpatia mútua. Ele me conquistou imediatamente. Virou a minha cabeça, eu que não queria saber de virar a cabeça por homem nenhum.*

*“Quem é ele?*

*Será bugre do mato?*

*Quando eu nasci*

*o silêncio foi aumentado.*

*O meu pai sempre entendeu*

*que eu era torto*

*Mas sempre me aprumou.*

*Passei anos me procurando por lugares nenhuns*

*Até que não me achei – e fui salvo.*

*Às vezes caminhava como se fosse um bulbo.”*

*As minhas irmãs e eu, naturalmente, não sabíamos nada dele. E pior: elas não davam chance a ele de se explicar, de falar de suas intenções.*

*O corretor tinha acabado de chegar de Nova York, onde passou um ano. Vivia vestido numa jaqueta de couro – traje esquisito para a época.*

*Sorte dele (e minha também, é claro) foi a intervenção de um tio nosso – ele era médico –, que achou por bem ter uma prosa com o meu namorado. O nosso tio retornou do encontro dizendo para a gente não se preocupar, pois o rapaz vinha de família decente.*

*Ficamos noivos.*

*Por essa época, o meu noivo morava com um casal de amigos. Certo dia, ele me levou para conhecer esse casal.*

*A dona da casa me pegou pelo braço e me levou para ver o quarto do meu noivo. Lembro bem de que tinha uma porção de livros.*

*A dona me perguntou:*

*– Você sabe que ele é poeta?*

*Confesso que levei um susto!*

*Poeta não tinha muito cartaz naquela época, não.*

*– Fique tranquila, respondeu a dona, pois ele trabalha duro; só se mete a poeta nas horas vagas.*

*Roupas, o meu poeta tinha poucas: um sobretudo (ele sumia debaixo daquele sobretudo), duas camisas e duas calças.*

*Invariavelmente, lá pelas três da tarde, o meu noivo aparecia na repartição, e a gente saía para lanchar. Eu pagava o nosso lanche. Ele não tinha dinheiro para quase nada.*

*O meu noivo estava com 30 anos. E apressou o casamento. Dizia que não queria se casar com mais de 30 (mania de poeta, eu entendo agora).*

*“Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos.*

*Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos.*

*A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.”*

*Eu estava com 25 anos. Nós nos conhecemos em 28 de agosto de 1947, e nos casamos no dia 13 de dezembro do mesmo ano (o aniversário do meu poeta é no dia 19 de dezembro).*

*No ano seguinte, já grávida do primeiro filho, pedi demissão do serviço público. Tivemos, posteriormente, mais dois filhos.*

*Mas a situação não andava nada boa para nós no Rio. A advocacia também não estava rendendo nada.*

*O meu marido tinha recebido, de herança, quatro léguas do Pantanal.*

*Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as plantas, de todas as pedras.*

*Mas ele resolveu vender a área. Como a gente se casou com comunhão total de bens, ele precisava da minha assinatura para concretizar a transação.*

*Eu não quis saber de assinar aquela papelada toda (já tinha até comprador).*

*Foi quando ele falou:*

*– Então, você vai comigo fundar a fazenda.*

*Fundar a fazenda, fui ver mais tarde, era construir tudo. Era começar*

*do zero: erguer o rancho; comprar, criar e vender gado, porco, galinha; lavar, passar, cozinhar, capinar, et cetera, et cetera, et cetera.*

*Eu te digo uma coisa: gente da cidade não sabe o que é a vida dura do campo.*

*E foi assim que nós viemos parar aqui.*

*O meu marido já tinha publicado dois livros – um em 1937 e outro em 1942.*

*Essa vida, de poeta, ficou para trás.*

*Foi um baque para ele, que apreciava a vida de intelectual do Rio. Ele adorava encontrar-se com os amigos poetas e escritores.*



MB e família em visita à estátua art déco do Cristo Redentor, no topo do Corcovado, a 709m do nível do mar, que já na década de 1960 era point turístico do Rio.

(Foto: Acervo da família)

*Por dez anos, o meu marido não soube o que era fazer um verso.*

*Só assinava nota promissória de banco.*

*A nossa prioridade era educar os filhos. E assim o fizemos, graças ao senhor bom Deus.*

*Da fazenda, já na década de 1960, viemos para a cidade, para que os filhos pudessem estudar.*

*Mas vamos parar de falar um pouquinho de mim, porque sei que você quer mesmo é saber mais sobre a vida do poeta.*

*Pois bem. Eu te conto.*

*O poeta acorda cedo – assim como todo trabalhador.*

*Pela manhã, passa cinco, seis horas ali no “escritório de ser inútil” (o batismo é dele).*

*Passa cinco, seis horas trabalhando, que fique bem entendido.*

*Ele diz para todo mundo que eu sou a principal leitora dele.*

*Portanto, para não decepcioná-lo, sou exigente como leitora. Aprendi a gostar de poesia com ele.*

*Tem vez, ele leva oito, nove meses para fazer um livro (e eu muitas vezes estrago esse trabalho todo em um único dia).*

*Leio com atenção e – se for o caso – falo para ele: não está bom, não; volte lá para cima e vá trabalhar mais.*

*E ele volta a trabalhar nos poemas com uma determinação e obediência de me deixar de queixo caído.*

*“No aeroporto o menino perguntou:*

*– E se o avião tropicar num passarinho?*

*O pai ficou torto e não respondeu.*

*O menino perguntou de novo:*

*– E se o avião tropicar num passarinho triste?*

*A mãe teve ternuras e pensou:*

*Queria ser admirado pelos pássaros.*

*Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?*

*Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?*

*Ao sair do sufoco o pai refletiu:*

*Com certeza, a liberdade e a poesia, a gente aprende com as crianças.*

*E ficou sendo.”*

*E o meu marido só irá me mostrar o livro, de novo, após uns quatro, cinco, seis, sete meses, ou o tempo que ele achar necessário para encerrar aquele trabalho.*

*O meu marido sabe quando os poemas estão prontos e acabados. No fundo, sei lá por que ele me mostra os originais.*

*Mas, como foi ele quem me ensinou a avaliar quando um poema está bom, ele respeita a minha opinião. Aliás, acho que casamento é isso: um respeitar a opinião do outro. Para mim, eu que casei apaixonada (e apaixonada ainda me encontro), isso chega a ser fácil.*

*Hoje, o meu marido já deve ter uns 20 livros publicados (e pelas principais editoras do Rio e de São Paulo).*

*Professores de diversas universidades, públicas e privadas, defenderam teses de mestrado e doutorado sobre a obra dele. O cinema retratou um pouco da sua poética. Documentários para a televisão já foram realizados. Todo ano, peças teatrais baseadas em sua obra são exibidas (e com sucesso) nas principais cidades brasileiras.*

*O meu marido é lido no país todo. E também no exterior. Ganhou os mais importantes prêmios literários. Pelo correio, recebe uma média de dois livros por dia – alguns, de autores que também são críticos de revistas e jornais. Como não tem o costume de comentar trabalhos alheios, principalmente por escrito, é comum o meu marido ver a sua obra sendo criticada, ironicamente, por aqueles que pediram a ele uma opinião ou mesmo um prefácio.*

*A verdade é que o meu marido nunca gostou de se autopromover. Faz parte da sua personalidade. A gente tem de respeitar isso. Se você conhece um pouquinho de literatura, se já leu Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, padre Antônio Vieira, James Joyce ou João Antônio, vai entender melhor o que estou dizendo.*

*“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.*

*Meu fado é o de não saber quase tudo.*

*Sobre o nada eu tenho profundidades.*

*Não tenho conexões com a realidade.*

*Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.*

*Para mim poderoso é aquele que descobre as  
insignificâncias (do mundo e as nossas).*

*Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.*

*Fiquei emocionado e chorei.*

*Sou fraco para elogios.”*

*O meu poeta é um marido amoroso e um pai amigo dos seus filhos, e um amigo dos nossos amigos. Ele diz que isso é o que importa.*

*Ah, esqueci de dizer: o meu nome é Stella, e o apelido do meu marido, em família, é Nequinho. Mas você pode chamá-lo de Poeta Manoel de Barros.*

\*Trechos do livro Vaso de colher chuvas – contos-reportagem com Manoel de Barros, do jornalista e escritor corumbaense Luiz Taques.

## TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Manoel Wenceslau Leite de Barros – Manoel de Barros (19/12/1916–13/11/2014) – nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá. Segundo filho de João Wenceslau Barros, capataz na região, e Alice Pompeu Leite de Barros. Manoel foi morar, após dois meses de vida, em Corumbá. Depois, numa fazenda do Pantanal da Nhecolândia, antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

Aos 6 anos começa a ser alfabetizado pela tia, Rosa Pompeu de Campos. Começou sua educação formal aos 8 anos, em 1925, num internato em Campo Grande, concluindo seus estudos em 1928. Aos 12 já está no Rio de Janeiro, ainda interno, no Colégio São José, dos maristas, para fazer os estudos ginasiais e secundários. Viveria naquela cidade por mais de 30 anos.

Seu primeiro professor de “(a)gramática” foi o padre Ezequiel, que percebeu o gosto do adolescente Manoel, aos 13 anos, “por nada”. O menino receoso percebia que gostava dos defeitos das frases, e o padre alertava que isso poderia tornar-se virtude. Lê os clássicos da literatura portuguesa e francesa, descobrindo sua paixão e vocação para a poesia nos *Sermões* do padre Antônio Vieira. *“A frase para ele era mais importante que a verdade, mais importante que a sua própria fé. O que importava era a estética, o alcance plástico. Foi quando percebi que o poeta não tem compromisso com a verdade, mas com a verossimilhança.”*

Dez anos de internato lhe ensinaram disciplina e os clássicos, a rebeldia da escrita. O sentido total de liberdade veio com *Une saison en enfer*, de Arthur Rimbaud (1854–1871), logo que deixou o colégio.

Em 1929 nasce Abílio Leite de Barros, em Corumbá, o último dos cinco irmãos de Manoel. Antes dele, Antônio Pompeu Leite de Barros, nascido em 1915; Ana Maria Leite de Barros, em 1919; Neuza Leite de

Barros, em 1920; e Eudes Leite de Barros, em 1926. Em 1934 é aprovado para o Curso de Direito. Influenciado por Camões, escreve cerca de 150 sonetos. Entra em contato com a obra de autores modernistas como Raul Bopp, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Já em 1935 filia-se ao Partido Comunista, do qual se desliga, em 1945, após a aliança de Luís Carlos Prestes com o poder. Participa de atividades clandestinas na Juventude Comunista e tem o manuscrito de seu primeiro livro, “Nossa Senhora da Minha Escuridão”, apreendido pela polícia de Getúlio Vargas.

Depois do desencanto com Prestes por ter apoiado o Governo Vargas, decepcionou-se também com o comunismo, como diria depois a Bosco Martins: por ser “contrário à natureza humana”. Sua vida acadêmica se passou na cidade do Rio de Janeiro, onde ficou até se formar bacharel em Direito, em 1941.

Publica em 1937 seu primeiro livro de poesia, *Poemas concebidos sem pecado*, com uma tiragem artesanal de 20 exemplares mais um, que ficou para si. Viaja depois para a Europa, principalmente a Paris, lá faz contato com pintores e intelectuais e se deixa influenciar por poetas franceses que passam a ser referências para ele: Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e Baudelaire, entre outros.

Nos anos de 1940 a 1941 vai para Mato Grosso, onde recusa a direção de um cartório oferecido pelo pai. Retorna ao Rio de Janeiro e passa a atuar como advogado junto ao Sindicato dos Pe(s)cadores.

Deu um tempo para si, foi viajar para Nova York, entre 1943 e 1945, onde frequenta cursos de cinema e pintura no MoMA. Aprende inglês ao nível de poder ler no original os grandes poetas ingleses e norte-americanos.

Conhece “Poeta em Nueva York”, de García Lorca, e a obra de poetas e escritores de língua inglesa como T. S. Eliot, Ezra Pound e Stephen Spender. Viaja pela América do Sul (Bolívia e Peru) e pela Europa (Roma, Paris, Lisboa).

Em 1947 publica Poesias e, no Rio de Janeiro, Manoel conhece, namora e se casa com Stella dos Santos Cruz, em pouco mais de três meses. Tiveram três filhos: Pedro Costa Cruz Leite de Barros, em 1948; Martha Costa Cruz Leite de Barros, em 1951; e João Wenceslau Leite de Barros, em 1955. Martha, a única que sobreviveu à morte do poeta, usa seu talento nas artes. Manoel teve tempo de conhecer e curtir sete netos e cinco bisnetos.

Em 1949 deixa o Rio e se embrenha outra vez no Pantanal. Seu pai, João Wenceslau Barros, teve enfarte, e inabilitou-se para o trabalho. Manoel teve de ir cuidar de uma porção de terras que herdara na Nhecolândia. Uma área valorizada, mas bruta. O pai deixara uma indústria de charque em Corumbá onde os irmãos Leite de Barros ganharam dinheiro, tudo investido em compra de terras na região, então com valor simbólico.

Cada um aumentou como pôde a fazenda que recebera. De sua parte, Manoel já havia decidido que o melhor para ele era vender. A esposa Stella, uma mineira pé no chão, não concordou. A solução provisória foi aceitar sociedade com o irmão Abílio, bem mais confortável que Manoel nisso de mexer com boi. Criaram gado juntos por mais de uma década.

O poeta pôde então ir construindo sua Fazenda Santa Cruz, na forma como existe até hoje. Com Stella e os três filhos ficou no Pantanal quase dez anos, enfrentando todo tipo de trabalho, para deixar a fazenda num jeito que pudesse ser administrada de Campo Grande. Nesse tempo não escreveu poesia, só estocou memória. Quando os filhos puderam

assumir a administração da propriedade, Manoel entregou a eles o negócio e tudo iria bem até o fim se a vida não tivesse reservado a ele o sofrimento de perdê-los.

Como dizia não saber fazer mais nada além de versos, Manoel brinca que a herança o salvou da sarjeta. Mostra no poema “Auto-retrato falado” (à p. 78) que, ao contrário daqueles que criam e recriam bois, foram os bois que o recriaram. Viu-se assim um homem “meio livre” – para dedicar o seu tempo à poesia, aos seus “Diálogos do Ócio”.

Os anos de 1960 encontram Manoel em Campo Grande, de onde não mais sairia. Já em 1960 publica *Compêndio para uso dos pássaros*, com desenhos de João, seu filho, então com 5 anos, na capa e contracapa. O livro conquista o Prêmio Orlando Dantas, do “Diário de Notícias”, Rio de Janeiro.

Em 1966 publica *Gramática expositiva do chão*. O livro conquista o Prêmio Nacional de Poesia em Brasília e o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal. Em 1970 publica *Matéria de poesia*.

Nos anos de 1980, a partir de uma reportagem histórica de Eva Spitz intitulada “O poeta que poucos conhecem”, com diversas opiniões de intelectuais renomados acerca da poética manoelina, publicada em 1988 no “Jornal do Brasil”, e com Millôr Fernandes apresentando Manoel ao público, em suas colunas nas revistas “Veja” e “IstoÉ” e também no “Jornal do Brasil”, o poeta é lançado no cenário nacional. Começa a gravitar em torno dele, de todo o país, uma legião de admiradores. Alguns críticos o atacam. Um ou outro despica de sua poesia, por simples demais, quase uma brincadeira com as palavras, quando Manoel, ele próprio, dizia que esse era justamente seu objetivo: a simplicidade, o pequeno, o do chão, o “desprezado”, o “infantil”.

Também passa a ser lido e comentado por escritores como Fausto Wolff, Antônio Houaiss, João Antônio e Ismael Cardim.

“Poesia é coisa de louco, de criança, de bêbado”, dizia Manoel. Um de seus ídolos era Chaplin, de quem louvava a genialidade, na busca e na realização do simples, do lúdico, do circo, do garoto. *Ele fez, no cinema, teatro sem fala. Isso é lição de ser simples!*

Em 1980 publica *Arranjos para assobio*, com capa de Millôr Fernandes. É premiado pela APCA, a Associação Paulista de Críticos de Arte.

Sua mãe, Alice Pompeu Leite de Barros, falece em 1984.

Em 1985 publica *Livro de pré-coisas*. Em 1989 publica *O guardador de águas*. Em 1990 sua obra poética é reunida no volume *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)*. A edição tem prefácio de Berta Waldman, ilustrações de Poty e inclui todos os livros de poesia de Manoel publicados até o momento. Recebe diversos prêmios: Prêmio Jabuti na categoria Poesia, por *O guardador de águas*; Grande Prêmio APCA de Literatura; e Prêmio Jacaré de Prata, da Secretaria de Cultura de Mato Grosso do Sul, como melhor escritor do ano.

Em 1991 publica *Concerto a céu aberto para solos de ave*, com capa e vinhetas de Siron Franco. Em 1993 publica *O livro das ignoranças* em duas edições: uma edição comercial e outra de 300 exemplares, numerados e assinados pelo autor, para a Associação de Bibliófilos do Brasil.

Em 1996 entrega o *Livro sobre nada*, considerado sua obra mais famosa, com capa e ilustrações de Wegá Nery. A Associação de Bibliófilos do Brasil, sob curadoria e apresentação de José Mindlin, publica a antologia *O encantador de palavras*, com ilustrações de Siron Franco. A revista alemã “Akzente” publica *Das Buch der Unwissenheiten*, tradução de Kurt Meyer Clason para *O livro das ignoranças*. Recebe o Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Biblioteca Nacional, por *O livro das ignoranças*.

Em 1997 recebe o Prêmio Nestlé de Literatura, por *Livro sobre nada*. Um ano depois, em 1998, publica *Retrato do artista quando coisa*,

com capa e ilustrações de Millôr Fernandes. Recebe o Prêmio Nacional de Literatura, do Ministério da Cultura, pelo conjunto da obra.

Em 1999 publica o livro infantil *Exercícios de ser criança*, ilustrado com bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas. A obra abre a série de quatro livros infantis assinados pelo Manoel menino.

Nos anos 2000 publica *Ensaaios fotográficos*. É lançada em Portugal a antologia *O encantador de palavras*. Recebe diversos prêmios: Prêmio Cecília Meireles, do Ministério da Cultura, pelo conjunto da obra; Prêmio Pen Clube do Brasil de melhor livro de poesia; Prêmio ABL de Literatura Infantil; e Prêmio Odylo Costa Filho, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, por *Exercícios de ser criança*.

Em 2001 lança o *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Publica os livros infantis *O fazedor de amanhecer*, com ilustrações de Ziraldo, e *Poeminhas pescados numa fala de João*.

Em 2002 recebe o Prêmio Jabuti na categoria Livro do Ano de Ficção, por *O fazedor de amanhecer*. É lançada em Málaga, Espanha, a edição bilíngue *Todo lo que no invento es falso (antologia)*, com tradução e prefácio de Jorge Larrosa.

Em 2003 publica *Para encontrar o azul eu uso pássaros e os livros infantis Memórias inventadas: a infância e Cantigas por um passarinho à toa*, com ilustrações de Martha Barros. Publica na França *Les paroles sans limite (une didactique de l'invention)*, tradução de Celso Libânio de *O livro das ignoranças*, com ilustrações de Cícero Dias e capa de Martha Barros.

Já em 2004 publica *Poemas rupestres*. Recebe o Prêmio Odylo Costa Filho, da FNLIJ, pela obra *Cantigas por um passarinho à toa*.

Em 2005, na Espanha, é publicado em catalão o livro *Riba del dessemblat: antologia poética*, com tradução e prólogo de Albert Roig. Manoel

recebe o Prêmio APCA de Literatura na categoria Poesia, por *Poemas rupestres*.

Em 2006 publica *Memórias inventadas: a segunda infância*, com ilustrações de Martha Barros. Recebe o Prêmio Nestlé de Literatura, por *Poemas rupestres*. No ano seguinte, em 2007, publica o livro infantil *Poeminha em língua de brincar*, com ilustrações de Martha Barros. É publicado em Portugal *Compêndio para uso dos pássaros – poesia reunida, 1937-2004*. Morre seu filho João Wenceslau Leite de Barros.

Em 2008 publica *Memórias inventadas: a terceira infância*, com ilustrações de Martha Barros. Esse livro conquista o Prêmio APCA de Literatura na categoria Memória.

Em 2009 recebe o Prêmio Sophia de Mello Breyner Andresen, atribuído pela Câmara Municipal de São João da Madeira e pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), por *Compêndio para uso dos pássaros – poesia reunida, 1937-2004*.

Em 2010 publica *Menino do mato*. Também lança *Poesia completa* no Brasil e em Portugal. Recebe o Prêmio Bravo! Bradesco Prime de Cultura como melhor artista do ano.

Em 2011 publica *Escritos em verbal de ave*. No ano seguinte, em 2012, recebe o Prêmio de Literatura Casa da América Latina/Banif 2012 de Criação Literária, Lisboa, por *Poesia completa*, e o Prêmio ABL de Poesia, por *Escritos em verbal de ave*.

Em 2013 publica seu último poema, “A turma”, e a obra *Portas de Pedro Viana*. Morre seu filho Pedro Costa Cruz Leite de Barros. Nesse ano o poeta ainda figurou na lista como um dos indicados ao Nobel de Literatura. Em 13 de novembro de 2014, em Campo Grande (MS), falece Manoel de Barros. Em 2016 e 2017 foi homenageado pelas escolas de samba Sossego e Império Serrano.

Na Editora Record, no fim dos anos de 1990, já era o primeiro poeta a figurar na lista dos mais vendidos. Seu livro *Memórias inventadas*, editado pela Planeta, atingiu 450 mil exemplares. Tratando-se de venda de livros de poesia dificilmente será superado. Mantinha há 15 anos contrato com a editora Leya, responsável por seus últimos lançamentos. Herdeira de seus direitos autorais, a filha Martha passou para outra editora toda a obra do pai e colocou para cuidar desta uma das principais agentes literárias do país, Lúcia Riff, que cuida da obra de poetas como Mario Quintana, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Manoel de Barros passa a ser exclusivo da Alfaguara, selo da editora Objetiva. No exterior teve três obras traduzidas, além de Portugal, na França, na Espanha e nos Estados Unidos.



## CAPÍTULO IV

### DE BM PARA MB\*

#### *O POETA, ARDENTE COMO UM SOLUÇO SEM LÁGRIMAS*

[Em forma de diário, BM relata passagens significativas da vida de MB.]

#### **MANOEL DE BARROS – O POETA POR NATUREZA**

Por *Zé Hamilton Ribeiro, João Mariano e Bosco Martins*

[Trecho de reportagem publicada originalmente na revista “Caros Amigos”, nº 3, junho de 1997.]

Acredito como ninguém, ele não gosta de dar entrevista e muito menos de aparecer na televisão. Gratificante e surpreendentemente, resolveu atender a “Caros Amigos”. E não só falou de si como, de próprio punho, nos apresenta Bernardo, seu alter ego. Mais ainda. Entrega-nos a foto de seu grande personagem, coisa inédita.

Levou cerca de oito anos para acertar esse encontro. Bosco foi guiando seu carro e pegamos Manoel na porta de casa, em bairro nobre de Campo Grande. Ele saiu risonho e forte para um almoço de peixe.

– *Oi, pensei que você fosse mais baixo!*

– A tela da televisão é que é quadrada.

P.S.: O almoço com o repórter aconteceu antes de se anunciar que o poeta ganhara o Prêmio Nestlé.

Manoel de Barros fazia 80 anos, mas a expressão é vigorosa, a fala, firme, o pisar também.

Eu tive dois embaixadores para chegar ao Manoel de Barros. Primeiro foi um amigo da Associação dos Criadores, ultimamente foi o Bosco, ex-colega de trabalho, agora no SBT de Campo Grande. Jornalista, mas, sobretudo, homem de criar e de ajudar a acontecer, foi esse Bosco, por exemplo, que pôs no ar a TV Cultura de Mato Grosso do Sul. É sempre melhor querer uma TV Cultura com dificuldade do que não ter nenhuma TV Cultura.

Estou atrás desse Manoel de Barros desde que li a primeira linha dele. Podia ter sido esta:

*“– Com 100 anos de escória uma lata aprende a rezar”.*

Ou esta:

*“– Com 100 anos de escombros um sapo vira árvore e cresce por cima das pedras até dar leite”.*

Eu podia, nesses oito anos de procura, ter chegado a ele com um gravador, ele talvez até falasse. Mas não gosta. E não sairia do portão dizendo aquilo:

*“– Oi, pensei que você fosse mais baixo”.*

De entrevista ele não gosta mesmo, ainda mais de gravador. Desas de escrever no caderninho, pior ainda:

*“– Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade.*

*Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo mortal de angústia”.*

De outro lado, entrevista gravada é restrita.

*“Palavra falada não é capaz de perfeito. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito.”*

Já se o jornalista fizer as perguntas por escrito, e pedir com boa intenção, aí Manoel responde. Responde, não: dá um banho. (Isso é que está me valendo agora; estou catando essas respostas de escritos de Manoel, em livro ou entrevista dada para outros. Além do que rolou no nosso almoço.)

Um tempo atrás, a Prefeitura de Curitiba convidou Manoel para uma visita. No esquema, uma palestra na biblioteca, uma entrevista coletiva e um programa de TV. Manoel respondeu agradecendo, mas não iria: *“1. Palestra não sei fazer; 2. Entrevista evito, mais ainda se for em bando; 3. Em televisão nunca fui”.*

Curitiba não desistiu: Manoel que fosse, só por ele, sem precisar mexer com palestra, imprensa ou TV.

Manoel respondeu de novo: não ia dar certo, porque, se fosse, Stella também iria, e ele não estava a fim desse gasto com passagem e hotel. Além do mais, cobrava cachê.

Curitiba persistiu: trouxesse a mulher, não tinha problema, e o cachê seria pago.

*“– Aí não tive mais jeito: acabei indo.”*

Manoel foi a Curitiba, gostou, e hoje só elogia:

*“– Bom é no Paraná, rapaz. Lá eles pagam até poema”.*

A produção do Jô Soares está atrás de Manoel para uma entrevista, ele sempre negaceando.

*“– Ai pus um preço alto para eles desistirem: 20.000 reais. Não é que eles disseram que pagam? Mas eu acho que não vou nem assim: tenho vergonha.”*

*“– Não sou biodegradável. Ou talvez seja. Em três linhas.”*

“1. Nasci na beira do Rio Corumbá.”

Nem precisa as outras duas linhas para pegar Manoel inventando. Ele nasceu em Cuiabá, e Corumbá nem rio é. Certo que ele foi para Corumbá só com 2 meses, e daí para a frente (até fugir) viveu por lá: mas nascer, nasceu mesmo em Cuiabá. E, se de fato existe Rio Cuiabá, não existe Rio Corumbá.

*“2. Poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança.”*

Manoel de Barros passou a infância (até ser internado por dez anos em colégio de padre) em fazenda na Nhecolândia, a região mais bonita do Pantanal, com muitos lagos e campinas, muita cordilheira e capão, e muitas salinas (lagoas de água salgada, do tempo que ali era um mar).

*“3. Fui criado no chão.”*

Quando seu pai ia para o Rio de Janeiro (São Paulo não tinha importância, e Brasília não existia), pegava o vapor em Corumbá, descia o Rio Paraguai, passava por Assunção, seguia rumo a Buenos Aires para ali ganhar mar alto e costear o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo até sair em frente da Praça 15.

Quando Manoel vai da primeira vez para o Rio, a fim de entrar no colégio interno, ainda na década de 20, o roteiro já é outro:

– Vapor de Corumbá até Porto Esperança. Aí trem até Campo Grande – pouso em Campo Grande. No dia seguinte, trem até Araçatuba – pouso. Até Bauru – pouso, até São Paulo – pouso. Em São Paulo, troca de estação e, numa *esticada só*, chegada ao Rio. Uma viagem de seis dias, coisa que hoje se faz com uma hora de avião.

Manoel virou oito anos em colégio dos maristas no Rio (já tinha virado dois em Campo Grande).

Enquanto não vem a costelinha de pacu do tira-gosto que Bosco exigiu (isso depois de o garçom confirmar que caldo de piranha só à noite), Manoel pediu caipirosca, que fala com um “v” a mais.

*“– Gosto de caipirovsca. É quase um vício.”*

Manoel tem riso fácil e franco. Boca bonita, um jeito de sorrir com os olhos e muita luz no rosto.

Fala dos tempos de colégio interno. Foi tido como desconcentrado até perceberem que precisava era de óculos. Um padre abriu-lhe o mundo.

*“– Li os clássicos e percorri os quinhentistas, portugueses, Camões, Gil Vicente, Bernardes, Vieira. Vieira era frasista também. Aliás, ele foi grande pelo culto da palavra, a religiosidade dele não tem importância nenhuma.”*

Aprendeu latim, que hoje lhe vale como preciosa ferramenta para lampinar palavras, na sua lida de “filósofo amador”.

*“– Eu escrevo o rumor das palavras. Não tenho proporção para episódios.”*

Ou então:

*“– Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas, quando não desejo contar nada, faço poesia.”*

Sendo a poesia, diz ele em outro canto, algo com “a função de pregar a prática da infância entre os homens”.

O mesmo padre que lhe abriu os livros do mundo abriu-lhe também a poesia, de forma que ele sai do colégio interno com um caderno de poemas. Muito soneto. O assunto, místico: comunhão, eucaristia, santíssima trindade.

*“– Do título gosto muito: ‘Nossa Senhora da Escuridão.’”*

Um tempo depois, já membro do PC (“foi o Apolônio de Carvalho que me filiou”), morava numa pensão só de comunistas, e seu caderno de poesias vira personagem.

*“– O pessoal foi pichar a estátua do Pedro Álvares Cabral, a polícia saiu catando um a um. A dona da pensão, uma húngara, mostrou ao tira minha poesia de tão devota, e convenceu de que eu era bonzinho...”*

Por via das dúvidas, a polícia recolheu o “Nossa Senhora da Escuridão” e desde então Manoel nunca mais viu seu caderno.

*“– Não creio que a humanidade tenha perdido muito.”*

Deixando o colégio interno, e enquanto completava o tempo de um Curso de Direito “para inglês ver”, viveu o Rio, conheceu Di, Millôr, Ênio, Vinicius.

Aí chegou o tempo de voltar para Mato Grosso (era um Estado só naquela época). O pai de Manoel avisa que conseguira para ele um cartório; era como tirar dele as antenas do mundo. Recusa também ajudar na fazenda, fato que principia a gerar um mal-estar até que o irmão mais velho, com incrível intuição, define:

– Deixa o Manoel. O dom dele é outro.

Manoel se admira desse irmão que entendia desse negócio de dão:

*“– Nasci para administrar o à-toa*

*o em vão*

*o inútil”.*

*“Pertença de fazer imagens.”*

Manoel volta para o Rio, vive um tempo na Europa, outro tempo em Nova York.

*“– Às vezes eu ia almoçar com Osvaldo Aranha, no Waldorf Astoria. E gostava de andar com o Gilberto Amado: ele era engraçado, falava inglês com o maior sotaque nordestino sem nenhuma inibição.”*

Um dia lhe morre o pai, e Manoel herda uma parte da fazenda no Pantanal. Por ele, venderia, mas pela mulher mineira, com raiz na terra, resolve tocar.

*“– Amigo, foram 10 anos de pau puro. Minha vida era correr os bancos. Teve época que cheguei a dever a oito bancos diferentes.”*

Conseguiu equilibrar, a fazenda passou a dar um lucrinho coincidindo isso com o fato de que um dos filhos (tem três, dois homens e uma moça) mostrou propensão para lidar com terra e com boi, e Manoel entregou-lhe tudo.

*“– Agora vivo de mesada.”*

Manoel é requintado. Cita Rimbaud, Bachelard, Virgílio: é chegado a Brahms, Bach, Beethoven.

*“– Mas isso é de momento. Tem hora que eu sou Cartola, tem hora Lupi-  
ânio, tem hora Bezerra da Silva. Sou ouvidor sem nível.”*

Como Deus, prefere as linhas tortas.

*“– Me agradam mais aqueles que se atraem do que aqueles que se atêm. Gosto dos loucos de água e estandarte. Aqueles que urram de indignação prefiro aos dobradiços. É por isso que sempre rogo para Nossa Senhora da Minha Escuridão que me perdoe por gostar dos des-heróis. Amém.”*

No que vai rolando o almoço de peixe, Manoel fala como gostava do Rosa – e os dois tão parecidos. Ênio Silveira, o editor, achou que Manoel tinha de escrever um livro “pra estourar”. Que vendesse muito, figurasse nas fúteis e erráticas listas de best-sellers, chamasse atenção da mídia, para quem, como se sabe, poesia não vale nada. Não compra nada.

Seria um livro de Manoel de Barros sobre Guimarães Rosa; vai vender no Brasil inteiro, garantia Ênio.

*“– Comecei a escrever. Cheguei nas 15 laudas. Aí rasguei e pus fogo: era Rosa puro. O Rosa tinha se apoderado de mim.”*

Guimarães Rosa apareceu um dia em Campo Grande para ver o Pantanal com Manoel de guia; podia haver guia melhor?

Manoel deu-lhe dicas:

*“– Remédio contra tatu é formicida. Fura-se um ovo, bota formicida dentro e esquece ele largado no solo da roça. Rolinha passa por cima e nem liga. Mas o tatu espuga, vem e bebe o ovo. Sente a fígada da morte num átimo e sai de cabeça baixa, de trote para o Cerrado, pensando na morte...”*

Rosa foi para a fazenda na Nhecolândia, fez base lá. Os dois o tempo todo juntos.

*“– 'E passarinho, Manoel? Rosa me especulava por trás do couro, como quem sonda urubu. 'E o tordo, qual é a letra do canto que ela canta? A música eu sei de cor, mas a letra eu não sei', ele disse. A letra é assim: Primo com prima não faz mal: finca, finca, finca... 'Oi tordo erótico, Manoel. Os de lá de Minas têm mais compostura'.”*

Se Rosa foi atrás de Manoel, não foi à toa.

Outros já disseram que Manoel é o maior poeta brasileiro. Ele se diz apenas afogado em timidez.

*“– Sou um sujeito desacontecido rolando borra abaixo como bosta de cobra.”*

*“– O meu amanhecer vai ser de noite.”*

*“– Andando devagar eu atraso o final do dia.”*

Antes de acabar o pirão, Manoel chama outra “caipirovsca”. Agora conversa com toda pilha.

*“– Escrever para ‘Caros Amigos’? Escrevo. E nem precisa pagar, só tenho uma condição.”*

Qual a condição de um criador como ele, reformador da língua para figurar entre os colunistas de uma publicação modesta como “Caros Amigos”?

*“– Escrevo só, não. Vou lá. Um grupo de São Paulo, gente do Mindlin, vai lançar uma edição especial de um livro meu, preciso ir a São Paulo, aí vou conhecer a turma da redação. Eu telefono, a gente combina, eu vou. Vou mesmo.”*

A condição de Manoel de Barros: não quer saber de prazo.

*“– Esse negócio de prazo me lembra o tempo que eu penava na mão dos bancos.”*

Mas, Manoel, e a arte: tem pensa, ou não tem pensa?

*“– Arte não tem pensa: o olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.”*

## ILUSTRÍSSIMO DESCONHECIDO

Quem é o maior poeta em atividade no Brasil?

Luciana Villas Boas, da Editora Record, que publica João Cabral de Melo Neto e Manoel de Barros, define:

“Maior poeta é Manoel de Barros; João Cabral não é poeta: é uma obra”.

Antônio Houaiss e Millôr Fernandes também escolhem Manoel de Barros como nosso maior poeta vivo.

Tinha 20 anos quando publicou seu primeiro livro: *Poemas concebidos sem pecado*, já referenciado como obra de grande valor criativo e de “recriação” do idioma. Mostrou-se o poeta das coisas, gente e bichos comuns – lagartixas, lesmas, caracóis, tatus – do Pantanal.

Um volume de 1990 – *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)* – reuniu seus escritos até então, numa antologia que hoje é um clássico da língua portuguesa.

Antes do *Livro sobre nada*, de 1996, publicou *O livro das ignoranças* (1993), e continua escrevendo o que pode vir a ser uma Biografia “do Orvalho”.

Está em preparo atualmente uma outra antologia dos seus poemas, que será lançada pela Associação de Bibliófilos do Brasil, presidida por José Mindlin. É um livro de arte, com ilustrações de Siron Franco e papel artesanal, importado. Tiragem: menos de 200 exemplares. Mindlin diz que a eleição de Manoel foi “unânime” entre os membros da Associação de Bibliófilos e que uma das razões da escolha foi o fato de Manoel, apesar da excelência de sua obra, ser ainda pouco conhecido no Brasil.

Você aí, caro amigo: você sabia isso tudo de Manoel de Barros? Já tinha lido alguma coisa desse homem simples e retraído cuja obra é colocada no nível de Drummond, de Guimarães Rosa, de João Cabral?

O prêmio e a fuga. Manoel de Barros está de partida para o lugar de que mais gosta, nas imagens do mundo, onde o céu se confunde com a água, onde pode viver atento às coisas miúdas, onde ele é “inutensílio”. Vai para sua fazenda no Pantanal da Nhecolândia. Vai dar um tempo.

Alheio à badalação, o poeta está apavorado neste dia. Seu rosto está estampado em toda a imprensa. Acaba de ser premiado por seu mais recente *Livro sobre nada* com o Prêmio Nestlé (categoria Poesia).

Entre quatro paredes de seu escritório, em Campo Grande, onde conversamos, só pensa em cair fora. Voltar a ser caramujo, entocar em sua própria casca.

O telefone não para de tocar e a secretária avisa que o poeta já viajou. São escritores, amigos, jornalistas, querendo cumprimentá-lo ou entrevistá-lo.

Tento algumas considerações sobre o feito que acaba de alcançar. Apesar de calejado em vencer concursos, este tem um sabor especial, confia o poeta, “porque teve o julgamento popular”. E o que faz um poeta com 50 mil reais? “Viaja, vou visitar a Itália com Stella” (sua mulher), responde rápido e curto.

Este cuiabano, que nasceu no Beco da Marinha e foi criado em fazenda no Pantanal, já viveu no Rio, nos Estados Unidos, na Europa e na Bolívia. Ao contrário de Castro Alves ou Fernando Pessoa, só ficou conhecido já septuagenário. Foi quando a revista espanhola “El Paseante” dedicou um número especial ao Brasil, publicando poemas e textos de sua autoria, além de uma longa entrevista.

A “bem” informada intelectualidade brasileira se espantou. Afinal, na remota “província” de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, havia alguém que naquele tempo e espaço escrevia uma das obras mais notáveis e consistentes da moderna literatura em língua portuguesa.

Para o estouro, foi um pulo. O assédio tornou-se frequente. Como sempre o que é bom para o estrangeiro é bom para o Brasil, o país passou a tomar conhecimento da literatura de Manoel de Barros.

E depois de *O livro das ignoranças*, então, ninguém mais ficaria indiferente à sua obra. O trabalho insólito e perturbador do poeta ganha reconhecimento da “culta” imprensa brasileira que lhe dedica espaço e homenagens. Começam a aparecer os descobridores: “É o Guimarães Rosa da Poesia”, “poeta do Pantanal”, “reinventor das palavras”, “maior poeta vivo da Literatura” etc. e tal.

Assombrado e desconfiado com tanta pompa, o poeta cria sua rotina de recluso, busca refúgio no Pantanal, de onde sai apenas para “se atualizar no eixo ou circular no mundo”. “Me sinto meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças”, diz, chamando para si a responsabilidade do reconhecimento tardio. “Eu sou o culpado, porque sumi, eu gosto mesmo é de andar sozinho, não frequento o meio intelectual. Não tem nada a ver com o meu feito.” Apesar de já ter sido convidado, o poeta garante: “Não frequento e nunca frequentarei a Academia ou coisa alguma, não tenho tesão nenhum nisso”.

## **DEZEMBRO DE 2008**

A autobiografia inventada da terceira infância, que sai este ano, pode ser o livro-despedida de Manoel de Barros.

*“Eu sou cuiabano de chapa e cruz. Mas fui criado no Pantanal de Corumbá, no chão de acampamento, a ver meu pai fazendo cerca. Conheci as boas coisas do chão. Hoje meu olhar é ajoelhado para ver os caracóis da terra, as rãs da água, os lagartos das pedras.”*

Assim se define Manoel aos 91 anos, deixando de dizer que é um dos maiores poetas contemporâneos e que faz parte do seleto grupo de escritores que venderam centenas de milhares de livros de poesia.

*“Tenho paixão pelas coisas sem importância. As coisas importantes me aniquilam.”*

Advogado, fazendeiro por herança, poeta por escolha. Um apaixonado pelas palavras que prefere o silêncio ao sentir-se incapaz de fazê-las desabrochar. Hoje quase surdo, olhos lacrimosos de quem pouco vê e recém-recuperado da morte de um filho, Manoel assinala que é o derradeiro de sua vida o novo livro, terceiro, da trilogia Memórias inventadas: a terceira infância, pela editora Planeta.

*“É alguma coisa que eu ainda precisava dizer.”*

Falando as coisas mais simples e menos intencionais, ardente como um soluço sem lágrimas, tal qual Manuel Bandeira gostaria que fosse seu último poema, o desfecho da trilogia desvenda a autobiografia ficcional do autor. Mesmo escrevendo pouco, Manoel não é um poeta triste e solitário à espera das horas. Continua a viver na infância. E é dessa infância que nasce toda a sua poesia. Melancolia é uma fonte do minimalismo que eterniza as coisas sem importância do seu sertão pantaneiro.

*“Meu umbigo não caiu. A ciência é essa: eu ainda sou infantil.”*

Mas sua ciência é um desaforo. Tudo ao redor é contraditório e desaforado. Nas paredes da sala estão ladeados um arlequim de Degas e um velho retrato do vagabundo de Chaplin. No escritório onde produz uma poesia que só se explica com imagens, as paredes são brancas. Nas suas mãos estão os profetas bíblicos, embora ele já tenha dito que namorou o comunismo.

Tímido e avesso a entrevistas, há mais de uma década prefere responder a jornalistas apenas por escrito. Raros os momentos em que se permitiu mostrar sob a palavra falada.

## ABRIL DE 2012

São sete da manhã de uma quarta-feira e o poeta Manoel de Barros, antes de iniciar a rotina em seu “escritório de ser inútil”, me revela que o Prêmio de Literatura que acabara de ganhar em Portugal, o “Casa da América Latina”, o deixou ao mesmo tempo feliz e um pouco ressabiado.

Não seria o caso de ele estar “ressabiado”, pois que Manoel, considerado o maior poeta da língua portuguesa em atividade, está para lá de calejado com estas honrarias, “em torno de 15 prêmios mais ou menos”, como ele mesmo se orgulha de contar.

Este último, “o Prêmio de Literatura Casa da América Latina/2012”, de *Criação Literária*, foi atribuído à obra *Poesia completa*. O livro, publicado em 2011 pela Editorial Caminho, teve decisão unânime de um júri formado por “doutores em Literatura”. Consta que é a primeira vez em que é atribuído a uma obra de poesia e a um autor brasileiro. Criado em 2005 pela Casa da América Latina, destina-se a distinguir uma obra de um autor latino-americano em atividade publicada em Portugal nos dois anos anteriores.

Para aqueles que, como eu, convivem e acompanham o seu dia a dia, sabemos que a vitalidade do poeta Manoel de Barros é invejável. Próximo de seus 96 anos (completaria em dezembro), o poeta se mantém muito ativo e escreve mais um livro. O teor, segundo sua primeira, mais fiel leitora e confidente, sua companheira Stella, trata-se de sua obra-prima, mas para aguçar a curiosidade de seus leitores e jornalistas “ainda não pode ser revelado”.

Mas, se um prêmio destes só haveria de trazer motivações e orgulho, o que haveria de ser o “ressabiamento” do poeta?

Suas dificuldades auditivas e de visão, além dos cuidados com seu filho Pedro, ainda em recuperação de um AVC, impedem que ele e Stella de Barros, 90 anos, viajem a Portugal, para receber o prêmio, conforme me confidenciou.

Este seria o motivo para o poeta estar “ressabiado”, já que ele havia sido informado, pelos organizadores da cerimônia de entrega do prêmio, de que só receberia o valor de 10 mil euros, em data que seria indicada oportunamente, desde que se fizesse presente.

No caso de impossibilidade e não comparecimento, a organização exigia que o poeta, então ao menos, aparecesse em um vídeo, falando da importância do prêmio, coisa que também se recusou a fazer.

A solução em relação ao melindre, segundo Manoel de Barros me contou, teve a colaboração de seu editor em Portugal. Pascoal Soto, diretor editorial do Grupo Leya do Brasil, é quem contratou a obra do poeta mato-grossense, e que há muito tempo trabalha na edição de seus livros, para outros países, incluindo Portugal. Foi Soto quem interveio, resolvendo a questão, com o custeio da passagem que levava sua filha, Martha Barros, a Portugal, para representar o pai e receber os 10 mil euros da premiação.

Resolvido o problema do “ressabiamento”, o poeta, sempre em seu refinado bom humor, me faz uma outra revelação:

*“– Boscão, ser poeta não tá fácil, não!”*

*– Mas por quê, poeta?*

*“– Você acredita que, pra eu botar a mão nestes 24 mil reais, vou ter de deixar 27% de imposto pro governo? Faz a conta pra você ver, sô!”*

## AGOSTO DE 2013

Manoel de Barros vive em estado de sensibilidade pura. Não relê os livros que escreveu. E somente Stella tem o privilégio de ver os originais, antes que os mande à editora. Diante da consagração e da condição dos iletrados pós-modernos, sua poesia é nossa mais absoluta demonstração de independência e soberania, e de esperança nestes tempos de sociedade digital.

O poeta vai bem nos seus 96 anos (já contabiliza os 97 que vai completar em 19 de dezembro) e considera “um privilégio” ter chegado a essa altura, sem nunca precisar escovar nem bajular ninguém. Seus livros jamais foram recusados por uma editora.

Nascido em 1916, à beira do Rio Cuiabá, em Mato Grosso, Manoel agora não faz planos. Nem está assombrado pela ideia de morte. Caminha pela via única da poesia, movido pelas palavras que desenterra ou que inventa.

E o que é essa poesia tão poderosa? Pergunta-se ao poeta. Avesso a teses, pompas, fotos, teoremas, ele prefere se isolar a responder. Não vai dizer o que não pensa nem pensar o que não diz.

Ele sabe que a resposta está no que se escreve sobre ele. A obra é o homem. No seu caso, maior que o homem.

A poesia faz o artista pairar acima da rotina prosaica. Mas é dessa rotina que Manoel de Barros extrai os sentimentos, as intuições e traduz o que os olhos não veem. Leu muito Vieira, Guimarães Rosa, Machado, os clássicos, daqui e de fora.

Adora palavras novas. Sonoridades que saem de algum ouvido extra que Deus lhe deu. Uma audição conectada com canais insuspeitos, franqueados a poucos. Ele nunca pensou longamente em Antoine de Saint-Exupéry, mas sabe: o essencial é invisível.

“O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis”, diz ele.

Por conta da idade, Manoel diminuiu a produção. E chegaram alguns dissabores, como maior dificuldade e lentidão para escrever, agora, segundo ele, já em ritmo “baticum gererê”.

O poeta permaneceu escrevendo a lápis (ou com uma Bic), usando a mão direita; na esquerda alguns dedos são “adormecidos”. Mantém a letra miúda: “Escrevo a lápis, pois não sei de máquina. E ignoro computador. Cheguei antes”.

No “escritório de ser inútil” da Rua Piratininga, em Campo Grande, estão seus tesouros: a foto do pai, João Wenceslau, e da mãe, Alice; uma pequena biblioteca com os livros preferidos, dicionários; a escrivaninha, vários pequenos cadernos com anotações, tocos de lápis. É ali onde cria: relendo, escrevendo, ouvindo música clássica ou fazendo sua contemplação diária da vida.

Nos últimos 30 anos, em visita mais recente, desfiz a preocupação de uma outra ida à casa dele, quando não consegui vê-lo por conta de “uma constipação”. Nesse reencontro, desfiz tal preocupação: o amigo mantém o sorriso espontâneo e a vivacidade salta-lhe dos pequenos olhos pretos. O sorriso inesquecível do poeta e a cordialidade mineira de Stella continuam intactos.

Em pouco mais de duas horas de conversa dá para ver que Manoel ainda vive a fecundar sua poesia com o dom de lembranças da infância, com memória invejável.

Manoel de Barros é um humanista, sem ranço ou traço de piçague e nunca fez de seu conhecimento e sabedoria fator de arrogância. Em nada diminui, nem mesmo nesse atual ritmo, a perspicácia e o bom humor.

Degustamos o pão de queijo oferecido por Stella, com aromático cafezinho.

O poeta mantém o hábito de uma dose diária de destilado antes do almoço com única diferença de ter trocado as talagadas da pinga mineira por whisky com água de coco, orientação, segundo ele, do médico.

Come pouco. Gosta de ovo, arroz, carne, feijão. Depois do prato de sal, uma fruta.

Fazem parte de seu dia a dia, além de Stella, os sete netos, cinco bisnetos e a filha Martha quando vem do Rio, o que se dá quase sempre, e duas funcionárias que se revezam. Não perde a leitura dos jornais do dia, recebe com gosto a visita do irmão Abílio e de sobrinhos, e à noite curte TV, incluindo novelas.

Raramente sai de casa e a porta só se abre normalmente para familiares. A visão faltando um pouco, o mesmo com a audição, tornam incômodo o contato com pessoas de fora, mesmo sabendo tratar-se de admiradores. Atualmente tem evitado até mesmo entrevistas com perguntas por escrito, antecipadas. Câmera ou microfone, jamais.

No mais, continua a mesma pessoa humilde, gentil e terna que conheci, e é por isso que este ícone continua tão imortal. Não é só o poeta que mais vende livros, o mais lido e mais querido do Brasil; cada pessoa no mundo que descobre a sua poesia torna-se mais uma admiradora.

Agradável e fraterno, é “uma asa que nos eleva a Deus”, como diria Mário de Andrade. “O lado bom de sua pessoa é a imagem que se cristaliza no bem.”

Emociona-se quando revê um amigo. Dotado de delicadeza natural, vence a timidez para receber com simpatia admiradores que se aproximam.

Houve um tempo em que atendia todo mundo, não consegue isso mais, mas valoriza o carinho dos outros para com ele.

Sua poesia e sua obra cresceram tanto nestes anos que acabaram tirando-lhe o sono. Transformou-se (mesmo a contragosto) num “superstar” da poesia e não dá conta de uma agenda aberta. Mesmo desejando e querendo, não consegue atender aos que o procuram. Vive então no que chama de “*ócio criativo*”.

Às vezes as pessoas não se conformam, não levam em conta o ritual de alguém com 96 anos. Conhecer o outro exige a entrega na indistinção individual, representa, portanto, um exercício de cuidado que se pode alcançar pelo teor de uma conversa a dois. Manoel gosta de ser inteiro nas relações, tem para isso seu ritual.

Por essas e por outras, o poeta está cada vez mais disponível para a família. A companheira de todas as horas, Stella Leite de Barros, não se lembra de crise entre os dois. Já estão casados há 64 anos. Mineira de boa cepa é o contrário dele, mas afinados ao extremo. Ela cuida das coisas da casa e dos negócios da família, com ajuda de Felipe, um dos netos. É prática e bem pé no chão. O poeta sempre brinca que Stella é uma moça normal, enquanto ele é o avesso.

Manoel continua o mesmo ser meio desligado que conheci há anos e às vezes, de tão concentrado em uma coisa, aparta-se do restante.

Sempre foi um pai e avô amigo e apegado à família, muito carinhoso. Segundo Stella, que brinca sempre com esse lado do poeta, sua delicadeza é fruto de ter nascido sem arrebentar a bolsa d’água. Nasceu assim protegido, e foi por toda vida um homem de sorte. Além, é certo, de ganhar o “dom” de Deus.

O menino pantaneiro, que estudou pintura em Paris e cinema em Nova York, é hoje o autor que mais vende poesia no Brasil. Os livros

dele também saem bem na Europa, com seguidores principalmente em Portugal.

Stella é de opinião de que o poeta nunca julga as pessoas pelo menos, e tem delas um bom conceito, até que se prove o contrário. Acredita que todos são bons por natureza.

Sobre a morte, um dos temas mais recorrentes em perguntas que lhe são enviadas, Manoel evita responder. Nem sim nem não. Quando morre alguém, nunca questiona, nunca analisa. Dessa forma também lida com doenças, notícias ruins, gente cavorteira: não reclama de nada.

Todos morrerão, o poeta morrerá. Mas a poesia, ah! Essa tem parte com Deus. Sobreviverá aos tempos, aos desenganos, às doenças, aos limites físicos, à impossibilidade humana.

Apesar de certa dificuldade, o poeta detém uma incrível disposição para ouvir e a mais absoluta facilidade de decidir o que vai ser feito com as palavras. É assim que caminha para suas origens por meio do encantamento e do prazer de sua prosa poética: Vida longa, poeta!

**P.S. – Luto:** Nesse mês de agosto de 2013, no dia 13, Manoel perdeu seu filho mais velho, Pedro Costa Cruz Leite de Barros, aos 65 anos. Pedro vinha há cinco anos tentando se recuperar de três AVCs. Era pai de Silvestre Nogueira de Barros, filho dele com dona Maria Nogueira. O outro filho, João Wenceslau, Manoel perdera em acidente aéreo no ano de 2007, com 50 anos de idade, ocorrido na Fazenda Santa Cruz, no Pantanal da Nhecolândia, município de Corumbá.

## **DEZEMBRO DE 2013**

Manoel de Barros não anda nada bem de saúde, tem escrito pouco, mas continua produzindo. Em 19 de dezembro, no dia do aniversário

de 97 anos, ganhou como presente uma nova edição do livro *Poesia completa*, homenagem da editora Leya, com o frescor de um poema inédito, criado neste ano mesmo: “A turma”.

“A turma” (veja a seguir) é a volta a um tempo recorrente no trabalho do poeta, época de natureza, de criancice e do mudo companheiro Bernardo. “A gente não sabia botar comportamento nas palavras. Para nós, obedecer a desordem das falas infantis gerava mais poesia do que obedecer as regras gramaticais.”

Ultimamente são poucos os que chegam a Manoel. A filha Martha Barros, a mulher Stella e a secretária particular Elaine Sandra Paixão.

Este ano, quando perdeu o filho Pedro, potencializou a dor que havia experimentado na morte do outro filho, João. Uma tristeza a mais para abater quem caminha para os 100 anos.

Apesar da proteção criada pela família em volta da casa, sempre me foi permitido fazer chegar ao poeta livros de fãs com pedidos de autógrafos.

## A TURMA

*A gente foi criado no ermo igual ser pedra.*

*Nossa voz tinha nível de fonte.*

*A gente passeava nas origens. Bernardo  
conversava pedrinhas*

*com as rãs de tarde.*

*Sebastião fez um martelo de pregar água  
na parede.*

*A gente não sabia botar comportamento  
nas palavras.*

*Para nós obedecer a desordem das falas  
infantis gerava mais poesia do que*

*obedecer*

*as regras gramaticais.*

*Bernardo fez um ferro de engomar gelo.*

*Eu gostava das águas indormidas.*

*A gente queria encontrar a raiz das  
palavras.*

*Vimos um afeto de aves no olhar de  
Bernardo.*

*Logo vimos um sapo com olhar de árvore!*

*Ele queria mudar a Natureza?*

*Vimos depois um lagarto de olhos garços  
beijar as pernas da Manhã!*

*Ele queria mudar a Natureza?*

*Mas o que nós queríamos é que a nossa  
palavra poemasse.*

## SINA DE MANOEL

“– Deixa o Manoel partir, meu pai, ele tem o ‘dão’.”

Sempre que contava essa história, Manoel abria um largo sorriso. Lembrava da sensibilidade do irmão mais “simplão” que decretou sua sina poética.

Na fazenda do Pantanal o pai ainda imaginava o que seria daquele menino sempre “avoado das coisas e do lugar”. O conselho do irmão mais velho foi que deu senha para que o menino do mato fosse estudar em colégio interno.

## NOVEMBRO DE 2014

Stella, o amor de sua vida, sinalizou ao telefone inconformada que o poeta não estava bem: “Anda muito fraquinho. Não é justo o que está acontecendo com ele, Bosco!”, queixava-se ela, muito emocionada. Nos emocionamos juntos. Percebi que o assunto era sério quando Martha, a

filha, me enviou e-mail: “Gostaria de pedir, se for realmente nosso amigo, para respeitar nosso silêncio. O momento não está propício a visitas. Obrigada, bjs”.

Havia mais de um ano que não visitava o poeta. Ele estava disponível apenas para a família. Eu mantinha-me informado de sua saúde por meio de Stella e Martha.

O cara meio desligadão que conhecera há anos e que, na maioria das vezes, de tão concentrado, produzia “inutilizas”, parecia agora querer desligar-se de vez. Relembrei as tantas vezes que nos encontramos em sua casa para praticar o ócio e ouvir as histórias que ele gostava de contar.

Eram tempos de sua juventude estudantil no Rio de Janeiro. Tempos da ditadura Vargas. A convite do amigo Apolônio de Carvalho, entrou no PCB, Partido Comunista Brasileiro. Numa manifestação de apoio de Prestes ao Governo Vargas, se desencantou do *Partidão* e não quis mais saber de política. Não sem antes sofrer perseguição. O Pantanal foi o refúgio para despistar a polícia de Vargas. Queria prendê-lo porque agentes haviam encontrado, em seu quarto de pensão, material que seria a prova da sua militância comunista. O material era seu único livro inédito, que segue desaparecido até os dias atuais: “Nossa Senhora da Minha Escuridão” foi apreendido e confiscado pela polícia da ditadura Vargas. O poeta que nunca misturou poesia e política se divertia ao contar que aquele era seu livro “mais religioso” (naquele tempo a religião católica abominava o comunismo).

Manoel como pessoa não era de fazer tipo. Sua aversão a microfones tornou-se quase folclórica. Na única vez que o obrigaram a falar, num evento no Rio, meio que empurrado para o microfone, foi curto e grosso em seu primeiro e único discurso: “Tudo que tenho a dizer é que não tenho nada a dizer!!!”. Contava rindo que foi aplaudido à beça... “Nem pensei em poesia naquele momento. Queria era me livrar do microfone!”

Sáimos para beber, Manoel, eu e o Zé Hamilton Ribeiro, num restaurante de peixe famoso em Campo Grande. Fazíamos uma matéria para a revista “Caros Amigos”. Pauta do editor e amigo comum, Sérgio de Souza. A Sérgio, o poeta dedicava o maior respeito, só o tratando de “mestre”, pois gostava de contar que o “Serjão” havia sido seu copidesque depois de voltar de Nova York, quando fez uns “bicos” de jornalista no Rio de Janeiro. O garçom se aproxima e diz:

– O que vai tomar, seu Manoel? Uísque, vinho, cerveja?

“– *Qualquer coisa que me deixe um pouco tonto! Eu só bebo para ter umas tonturinhas!!!*”

Outra passagem, sobre morte e idade, ocorreu alguns anos antes da minha última visita. O poeta completaria 94 anos. Entrou literalmente em pane. Deu para pensar em morrer, andava magoado, depressivo.

“– *Não sei por que a morte não chega logo. Vou acabar senil!*”

“– *Tô velho demais, só penso em morte, morte, morte!*”

“– *A velhice é uma merda! Não consigo mais escrever!*”

Foi atrás do médico. Depois de algumas consultas e boa medicação antidepressiva, o poeta voltou ao normal e a escrever, com tempo inclusive para compor obras de alto nível.

Só algum tempo depois me dei conta de ter sido aquele nosso último encontro. Se eu soubesse, talvez naquele dia eu o teria amado mais, abraçado mais. Como numa crônica de Clarice (Lispector) em que a vida é para ser intensamente vivida. O poeta viveu até a última gota. Agora temos de nos acostumar ao ser “letral” que somos.

Manoel agora desvive de seu ócio criativo. Sem mais suas novas palavras.

## CONVERSA MATREIRA

João Guimarães Rosa e Manoel de Barros se conheceram, trocaram farpas maliciosas e conversaram sobre os passarinhos e sobre o mundo que nasce com as palavras.

[Por Vanessa Aquino, em reportagem especial do “Correio Braziliense”]

*“Temos que enlouquecer nosso verbo, adoecê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza. Humanizá-la. Rosa fez tudo isso.”*

(Manoel de Barros)

Um dos maiores acontecimentos da vida de Manoel de Barros talvez tenha se chamado João Guimarães Rosa. O primeiro título que leu foi *Sagarana* e ele se lembra bem da sensação que lhe causou: “Eu fiquei roseado”. A tendência de desconstruir a linguagem já era evidente, mas a prosa de Guimarães Rosa deu asas à poesia de Manoel de Barros. O encontro ocorreu em 1960, por meio do diplomata Mario Calabria. Manoel deu ao mestre o *Compêndio para uso dos pássaros*, recém-publicado, e Rosa, ao terminar de ler disse: “Manoel, é um doce”. Antes, a bordo de um navio a caminho de Corumbá, tinha trocado algumas poucas palavras com Rosa. O assunto do breve bate-papo só podia ser passarinhos. E foi. Rosa sondou Manoel para saber se ele conhecia a essência dos entes de folhas e asas que habitavam brejos e roçados.

A dicção particular de uma linguagem trabalhada para ter som e sabor foi o maior ponto de aglutinação entre a poesia de Manoel de Barros e a prosa de Guimarães Rosa. “Já no primeiro livro de Manoel de Barros, *Poemas concebidos sem pecado*, de 1937, poesia em prosa, nota-se no poeta a procura de uma dicção particular; a partir do uso da lingua-

gem regional trabalhada, com ecos da ficção de Guimarães Rosa. O que eles têm em comum é essa busca de uma linguagem particular, mas um é poeta, o outro é prosador”, explica a professora e pesquisadora em Literatura da USP Berta Waldman.

*“Encontrei Rosa no Pantanal. Andamos para ver a roça de mandioca. Tatu estraga muito as roças por aqui.*

**Guimarães Rosa:** Há muito tatu, Manoel?

**Manoel de Barros:** *Eles fazem buraco por baixo do pau a pique, varram pra dentro da roça, revolvem tudo e comem raízes. Remédio contra tatu é formicida. Fura-se o ovo, bota formicida dentro e esquece ele largado no solo da roça. Rolinha passa por cima e nem liga. Mas o tatu espuga, vem e bebe o ovo. Sente a fisgada da morte num átimo e sai de cabeça baixa, de trote para o Cerrado, pensando na morte... Homem é igual. Quando descobre sua precariedade, abaixa a cabeça. Já sabe que carrega sua morte dentro, seu formicida.*

**Guimarães Rosa:** Essa é nossa condição. Eu escondo de mim a morte, Manoel. Disfarço ela. Lembra o livro do nosso Álvaro Moreira? A vida é de cabeça baixa... Deveria não ser. Chegamos perto da metafísica. E voltamos. Havia araras. Havia o caramujo perto de uma árvore.

**Guimarães Rosa:** Habemos lesma, Manoel.

**Manoel de Barros:** *Caramujo é que ajuda a árvore a crescer.*

*Ele riu. Relvas cresciam nas palavras da terra. Rosa escutava as coisas. Escutava o luar comendo árvores.*

**Guimarães Rosa:** E como é o homem aqui, Manoel?

*Eu fui falando nervoso. Ele queria me especular.*

**Manoel de Barros:** *O homem se completa com os bichos, com os seus marandovás e com as suas águas. Esse ermo cria motucas. Por aqui não existem*

*ruínas de civilizações para o homem passear dentro delas. Só os bichos e águas e árvores para a gente ver. Não tem coisas de argamassa, ferragens destripadas do deserto, essas coisas me aparecem nos relentos da Europa. Aqui é brejo, boi e Cerrado. E anta que assobia sem barba e sem banheiro.*

*Rosa me olhou de esquelha.*

**Guimarães Rosa:** *Árvore, Manoel? O nome de algumas, você me dará?*

**Manoel de Barros:** *Aqui, o que sabemos é por instinto e por apalpos. Não é como o senhor faz com as palavras.*

*Ele me olhou mais ao fundo.*

**Guimarães Rosa:** *Como sabe que eu mexo com as palavras? Você é daqui, Manoel?*

**Manoel de Barros:** *Sou pantaneiro de chapa e cruz. Sou puro de coriixo e de vazantes: Ele quis me descobrir. Me empedrei. Quer saber qual o nome que árvore tem aqui. Quer saber o nome daquele passarinho que pula no brejo, cor de café, e como é que ele canta. A gente só sabe dessas coisas por eflúvios, pelo faro. Mas sempre se pode errar pelo faro. Pensa que vai dar na guariroba e dá no guaviral. A gente não sabe o cultural desses entes de folha e de asa. Só se sabe o natural. O que se vê. A cor do ovo que botam, o duro do voo, a casca, a resina, os excrementos. Aqui toda árvore a gente chama de pé-de-pau. Menos aquelas de fazer cerca, madeira de lei, vinhático, aroeira, piqui, piúva. E mais aquelas de onde se tira medicina: para-tudo, nó-de-cachorro, mangavabrava.*

**Guimarães Rosa:** *E passarinho, Manoel?*

*Rosa me especulava por trás do couro, como quem sonda urubu. Queria saber de um tudo.*

**Manoel de Barros:** *De avoador, só urubu, garça, carcará – esses pássaros grandes. O resto quase é inominado. Passarinho pequeno é passarinho à toa.*

*Rosa sabia essas coisas, só estava me sondando. (...) Rosa estrelou sua risada.*

**Guimarães Rosa:** É isso mesmo, Manoel. É tanta gente que não se sabe o nome. E passarinho é gente daqui. E o tordo, qual é a letra do canto que ele canta? A música eu sei de cor, mas a letra eu não sei.

**Manoel de Barros:** *A letra é assim: primo com prima não faz mal, finca, finca...*

**Guimarães Rosa:** Oi tordo erótico, Manoel. Os lá de Minas têm mais compostura.

**Manoel de Barros:** *E sapo, lá tem demais?*

**Guimarães Rosa:** Tem quase menos que por aqui! Mas os poucos que tem lá cantam mais bonito.

*Queria me desafiar.*

**Manoel de Barros:** *Mas, Rosa, pode reparar uma coisa: no canto do nosso sapo tem uma curva luminosa.*

*Rosa gostou. Nossa conversa era desse feitio. Ele inventava coisas de Cor-disburgo, eu inventava coisas do Pantanal. Rosa andou por aqui em junho de 1953. Já havia publicado Sagarana e estava consagrado. Não tinha fim a sua curiosidade. Dava ares de um rei. Mas o rosto merecia anjo. (...) disse para ele que o Pantanal quase teve um dialeto. Muitos anos os moradores ficaram isolados. Isto se fez uma ilha linguística. Palavras sofriam erosões morfológicas ou semânticas. Outras eram criadas. E algumas sumiam por serem de cidade.*

**Guimarães Rosa:** Por exemplo, Manoel, uma palavra que sofreu erosão?

**Manoel de Barros:** *Aqui se mata uma capivara para comer e a primeira coisa que se faz é tirar da capivara a misca. Misca é uma catinga, um cheiro forte localizado no lombo da capivara. Muitos anos vivi com essa palavra, e agora se.*

**Guimarães Rosa:** Vem de almíscar, né?

**Manoel de Barros:** *Sim, vem de almíscar. Almíscar sofreu uma erosão nas duas margens e virou miscar.*

*De palavra Rosa sabe tudo.*

**Guimarães Rosa:** Almíscar é uma substância odonífera.. E por que não se completou o dialeto, Manoel?

**Manoel de Barros:** *A ilha não é mais ilha. Agora caminhão atravessa, fordeco, avião. Mascate chega de carro, e o rádio desemboca músicas e falas estranhas.*

**Guimarães Rosa:** Pode me dizer alguma expressão que ficou do dialeto, uma invenção?

**Manoel de Barros:** *O verbo clarear, por exemplo. Aqui ele tomou um outro significado. Assim: clarear de uma pessoa é fugir dela. A expressão vem de quando, nas corridas de cavalo, aquele que vai na frente, avança mais de um corpo sobre o outro. Se avança mais de um corpo, o cavalo faz luz dele para o outro. Quer dizer: clareia do outro. Para dizer que deixou a namorada, se fala: clareei dela.*

*Rosa acha que se obedeceram às leis da formação de uma língua. Quis saber, ele, ainda, de meus receios sobre as confusões com o exótico. Falei, falei demais, espichei. Um superficial para só se ver e bater chapa. Mesmo os que cantavam em prosa e verso ficavam enumerando bichos, carandás, jacarés, seriesmas; e que essa enumeração não transmite a essência do Pantanal, porém só sua aparência. Havia perigo de se afundar no puro natural. Temos de enlouquecer*

*o nosso verbo, adoecê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza. Humanizá-la. Rosa fez tudo isso. Alguns anos depois deu a público o seu Com o vaqueiro Mariano, um livro intenso de poesia e de transfigurações. Dele recebi um exemplar dedicado: 'Olha aí, Manoel, sem folclore nem exotismos – como você queria'. Só vi Guimarães Rosa outras vezes na Divisão de Fronteiras do Itamaraty e em sua posse na Academia, três dias antes de morrer. A morte que lavava o corpo. E que nem pôde dessa vez esconder-se dela... Esse gênio eu conheci e tenho orgulho disso."*

---

AQUINO, Vanessa. Conversa matreira. *Correio Brasileiro*, Brasília-DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 4.

### **POETA "PANTANEIRO"**

*"O Pantanal está nas palavras. Palavras têm sedimentos. Têm boa cópia de lodo, usos do povo, cheiros da infância, permanências por antros, ancestralidades, bostas de morcegos, etc. Não vou encostar as palavras, lesma, sapo, águas, etc., pois elas são meus espelhos. Sou o Narciso delas..."*

---

AQUINO, Vanessa. Poesia ilumina o silêncio das coisas. *Correio Brasileiro*, Brasília-DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 2.

### **13 DE NOVEMBRO DE 2014**

O 13 de novembro marca a data em que o poeta partiu, privando-nos de sua presença. Manoel de Barros partiu 36 dias antes de completar, em 19 de dezembro de 2014, seus 98 anos.

Mas não existe a morte para alguém como Manoel de Barros. Não cabe bem, até por sinal de respeito. O poeta nunca gostou que colocas-

sem data na existência. Então, o dia é de mais uma daquelas inutilidades que a vida inventa e que ele por tantas vezes substantivou.

O coração parou por volta das 8h daquela quinta-feira, no Proncor, depois de seis meses em estado de ruína, como ele mesmo definia os efeitos dos 97 anos de idade, quase 98.

“Nesses últimos dias, não reconhecia mais ninguém”, diz o irmão Abílio Leite de Barros, de 85 anos. Mas a debilidade veio de forma lenta, lembra ele. “Não foi doença, foi a velhice que se agravou nos últimos seis meses. Acabou com a falência múltipla de órgãos”, detalhou.

No dia 24 de outubro, Manoel fora internado para cirurgia de desobstrução intestinal. Depois, permaneceu na UTI, já sem reconhecer ninguém.

Para a família, é uma despedida preparada desde que o próprio Manoel manifestou a vontade de morrer. “Ele já não era mais capaz de ler e escrever e me disse que depois disso não valia mais a pena viver”, contou Abílio.

Os últimos meses foram em uma cama ou na cadeira de rodas, em casa, se alimentando por sonda, auxiliado por quatro enfermeiros, sem lápis ou leitura, sem falar ou andar. Ironicamente, por fim ficou como vegetal.

Manoel sofreu pelas doenças do corpo e da alma, desbotada pela perda dos dois filhos. Nunca mais o poeta teve muitas vontades. Apesar de toda a tristeza diante da notícia (sem a graça das invencionices), é bom lembrar que Manoel sabia que o tempo só anda de ida e que, esperto, amarrou o dito cujo no poste para jamais ser esquecido.

Outra sorte é que, antes de partir, nos mostrou o que está sob a pedra. Despertou emoções sobre o bruto. Levantou o que todo mundo

chuta para chamar atenção ao sentimento e sugerir paciência de lesma ao olhar apressado. Vegetalizou as pessoas, com simplicidade profunda, como os amigos costumam definir.

*“Vivi nos brejos, lugares úmidos que custam muito a secar. Eu convivi muito com essas palavras que aparecem em mim”,* escreveu sobre o Pantanal. Ali, tirou o homem do centro das atenções para falar de sapos, formigas, cobras e gotas d’água. *“Poderoso não é quem descobre ouro, mas quem descobre as insignificâncias.”* Falando assim, seguiu uma vida toda, dando lições de humildade. Admirava Charlie Chaplin, por exemplo, por ele ter *“monumentado”* o vagabundo.

Conversava, pessoalmente ou por telefone, com quem o chamasse para uma prosa. Uma rotina que terminou há cerca de um ano, quando o contato ficou restrito à família e aos enfermeiros. Nem sequer um autógrafo mais conseguia desenhar.

Durante a vida, arrumou vários empregos, inclusive de corretor de imóveis, mas achava chato. Permaneceu por dez anos no Pantanal à toa e ali começou a armazenar poesia na memória. Mas as obras que o levaram ao reconhecimento só vieram mesmo depois dos anos de 1960, já com morada em Campo Grande.

Preferia ser poeta a ser jornalista ou advogado. Porque *“quem descreve não é dono do assunto, quem inventa é”*. E, afinal, *“as invenções servem pra aumentar o mundo”*.

No trajeto, Manoel teve como um dos maiores trunfos a esposa e conselheira Stella, cinco anos mais nova. Uma senhorinha que ainda anda de Fusca e chegou a brigar certa vez com o marido por conta de uma poesia que julgou desrespeitosa por falar do sexo de Nossa Senhora Aparecida.

Os dois se conheceram no Rio de Janeiro, quando o corretor Ma-

noel de Barros tentava vender um apartamento para Stella. “*O casamento me salvou. Há muito não me interessava por nenhum homem*”, dizia a esposa.

Ganhou fãs apaixonados, que ao publicar de uma reportagem sobre o velho “Maneu” respondiam à repórter com dezenas de comentários e pedidos para encontros e autógrafos da nossa mais querida celebridade. “*Isso satisfaz mais do que crítico, mestrado ou doutorado*”, comemorava.

Quando ficou “famoso” passou a despertar na imprensa especializada o interesse por entrevistas e então criou, bem sem querer, a aversão à máquina, a tudo que não dialoga, como um gravador ou um microfone. Nunca trocou a máquina de escrever pelo computador, e correspondência, na visão dele, só vingava como carta, entregue pelo carteiro.

Antes de partir, teve a oportunidade de deixar como despedida o orgulho de ser lido, amado e lembrado graças à poesia. “*O ser biológico é sujeito à variação do tempo, o poeta não*”, ensinou Manoel.

E nesse aspecto, muito está por vir. Manoel não deixou ninguém órfão. A obra dele agora será editada pela Alfaguara, e com o aval da filha, Martha Barros, responsável pelos direitos autorais do pai.

Da minha parte, havia muito começara a me despedir do meu amigo poeta. E acabei ficando responsável por alguns “boletins médicos” relativos a MB. Com o passar dos dias e a fragilidade cada vez mais evidente de MB, passei a reproduzir aos seus leitores a mensagem que ele nos deixou para reflexão sobre a inevitável partida: “*Devemos nos acostumar ao ser lettral*”.

O poeta que bebia “na fonte do ser e cuja palavra é Bem-de-Raiz” desfiava vocábulos que traduziam uma afiada percepção da natureza, não só humana. Nos anos que usufruí com enlevo e encanto de sua amizade aprendi que, mais que as confidências, admirava nele seu modo cavalheiresco de tratar as pessoas.

Ele tinha personalidade única e uma inteligência telúrica para os mais diversos temas. Nestes tempos agora de homenagens, a saudade dele bate dobrada e faz o coração sofrer a dor da solidão, dando um vazio enorme na gente.

Em sua casa na Rua Piratininga nos reuníamos para os “Diálogos do Ócio”. Eram conversas que tínhamos sempre que lançava um novo livro. Manoel gostava de mostrar e comentar com os amigos sobre a obra inédita, e os encontros resultavam em boa conversa e sarau de poesia.

Por ter se “abastecido de infância” e viver constantemente em sua “Terra do Nunca” eu brincava ser ele “o Peter Pan da literatura”. No que me apelidou “Bardo”, visto que eu gostava de declamar. Declamava outros poetas que trazia de cor, mas os poemas dele nunca consegui entender por que não conseguia decorar. Sempre que os declamava lia direto do papel.

Ele dizia gostar da “sinceridade cerimonial” e das “emoções fonéticas” que lhe provocavam minhas leituras. Ia lendo o escrito novo dele e o poeta se comprazia em complementar seus próprios versos ao fim de cada leitura. Fazia de sua memória um armazém de infinidade de versos construídos artesanalmente. E os “*ócios do ofício*” davam o tom dos diálogos que mantínhamos. Os encontros em sua casa, meu caro Manoel, mostraram-me o quanto é produtivo aproveitar o “ócio” para exercitar a linguagem, descompromissada, mas inebriante, que você produzia.

De seu engenho artístico a florava um poeta original, criativo, divertido, filosófico, e, assim como na vida, na poesia a mina de seu coração cordial nos abastecia de palavras e infância. De memória invejável, guardava na ponta da língua a maioria das construções poéticas que originavam os versos tecidos por ele e referendados por Stella, sua revisora e copidesque, além de o grande amor de sua vida.

Meu caro poeta, misturadas à saudade, vêm à lembrança, nesses momentos, a sensibilidade e a poesia do amigo que sempre cultivou a linguagem simples, avesso a peripécias gramaticais e a estilos.

Meu caro Manoel! Que morte é essa que não há? Você continua presente, como se a matéria estivesse intacta a conduzir esta atmosfera de poesia que ainda nos circunda e alimenta a nossa alma.

Obrigado, Manoel!

“Uso a palavra para compor  
meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das  
águas  
Dou respeito às coisas  
desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos  
mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de  
nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância  
de ser feliz por isso.  
Meu quintal  
é maior do que o mundo.”

Neste momento em que você se immortalizou por meio de sua obra, gostaria de lhe segredar uma novidade para os próximos “saraus”. Lembra-te daqueles poemas seus dos quais eu dizia terem me ajudado a ver o mundo de uma forma diferente? Pois bem, meu caro poeta, não se preocupe mais!

Desde que você partiu os poemas foram prosperando em mim e agora eu os trago na ponta da língua – de cor e salteado.

*“Tem mais presença em mim o que me falta.”*

*“Desfazer o normal há de ser uma norma.”*

*“Escrever nem uma coisa nem outra – A fim de dizer todas – Ou, pelo menos, nenhuma. Assim, ao poeta faz bem desexplicar – Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.”*

*“As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas.”*

*“Ando muito completo de vazios. Meu órgão de morrer me predomina. Estou sem eternidades. Não posso mais saber quando amanheço ontem. Está rengo de mim o amanhecer. Ouço o tamanho oblíquo de uma folha. Atrás do ocaso fervem os insetos. Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino. Essas coisas me mudam para cisco. A minha independência tem algemas.”*

*“No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro.”*

*“O silêncio era um carregador? Estava carregando o bêbado. Fotografei esse carregador. Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo. Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado. Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.”*

*“Fotografei a existência dela. Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo. Fotografei o perdão. Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre. Por fim eu enxerguei a nuvem de calça. Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski – seu criador. Fotografei a nuvem de calça e o poeta. Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva. A foto saiu legal.”*

*“No osso da fala dos loucos têm lírios.”*

*“A palavra amor anda vazia. Não tem gente dentro dela.”*

*“Que a palavra parede não seja símbolo de obstáculos à liberdade nem de desejos reprimidos nem de proibições na infância, etc. (essas coisas que acham os reveladores de arcanos mentais). Não. Parede que me seduz é de tijolo, adobe preposto ao abdômen de uma casa. Eu tenho um gosto rasteiro de ir por reentrâncias baixar em rachaduras de paredes por frinchas, por gretas – com lascívia de hera. Sobre o tijolo ser um lábio cego. Tal um verme que iluminasse.”*

*“No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. E pois. Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio.”*

*“A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos.”*

*“Por pudor sou impuro.”*

*“Eu sou o medo da lucidez. Choveu na palavra onde eu estava. Eu via a natureza como quem a veste. Eu me fechava com espumas. Formigas vesúvias dormiam por baixo de trapas. Peguei umas ideias com as mãos – como a peixes. Nem era muito que eu me arrumasse por versos. Aquele arame do horizonte que separava o morro do céu estava rubro. Um rengo estacionou entre duas frases. Um descor. Quase uma ilação do branco. Tinha um palor atormentado a hora. O pato dejetava liquidamente ali.”*

*“O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de um vidro mole... Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz... se chama enseada... Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.”*

*“Por viver muitos anos dentro do mato moda ave. O menino pegou um olhar de pássaro – Contraiu visão fontana. Por forma que ele enxergava as coisas. Por igual como os pássaros enxergam.”*

*“Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.”*

*“A minha independência tem algemas.”*

*“Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito.”*

*“Aqui de cima do telhado a lua prateava.”*

*“O maior apetite do homem é desejar ser. Se os olhos veem com amor o que não é, tem ser.”*

*“Deixei uma ave me amanhecer.”*

*“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças, nem barômetros. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”*

*“Tentei descobrir na alma alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas. Consegui não descobrir.”*

*“Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo da estrada. Gosto do desvio e do desver.”*

*“Poderoso pra mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas). Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado e chorei.”*

*“Poetas e tontos são feitos com palavras.”*

*“Há um comportamento de eternidade nos caramujos.”*

*“Sou livre para o silêncio das formas e das cores.”*

*“Quando o mundo abandonar o meu olho. Quando o meu olho furado de beleza for esquecido pelo mundo. Que hei de fazer.”*

*“A inércia é o meu ato principal.”*

*“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.”*

*“O fingidor: O ermo que tinha dentro do olho do menino era um defeito de nascença, como ter uma perna mais curta. Por motivo dessa perna mais curta a infância do menino mancava. Ele nunca realizava nada. Fazia tudo de conta. Fingia que lata era um navio e viajava de lata. Fingia que vento era cavalo e corria ventena. Quando chegou a quadra de fugir de casa, o menino montava num lagarto e ia pro mato. Mas logo o lagarto virava pedra. Acho que o ermo que o menino herdara atrapalhava as suas viagens. O menino só atingia o que seu pai chamava de ilusão.”*

*“As coisas muito claras me noturnam.”*

*“A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva, etc., etc. Perdoai, mas eu preciso ser outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.”*

*“Afundo um pouco o rio com meus sapatos. Desperto um som de raízes com isso. A altura do som é quase azul.”*

*“Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão – Antes que das coisas celestiais.”*

*“A voz de um passarinho me recita.”*

## **DEZEMBRO DE 2014**

*“Sou um cara que ama brincar com palavras. Eu me criei no mato moda ave. O lugar onde me criei tinha só árvore, água e passarinhos. O lugar me in-*

*ventou para fazer brinquedos. Comecei fazendo bola de laranjas e carros de latas de goiabada. Depois me desenvolvi: comecei a fazer brinquedos com palavras, eu batizava elas a meu gosto. Sou hoje um cidadão, inventor da língua de brincar. E me comunico em livros na língua de brincar. Não há nisso metafísica?”*

Assim Manoel de Barros gostaria de ser lembrado. Em 19 de dezembro Manoel completaria 98 anos! Pouco mais de um mês antes, em 13 de novembro, ele se foi. “Virou passarinho”, como disse uma de suas netas.

O Pantanal, lugar em que Manoel de Barros inspirou a sua poesia, não vestiu luto. Bernardo, seu inesquecível personagem/amigo, não entristeceu, até comemorou o reencontro com um velho amigo. Nós, seres mortais, sentimos sua partida. Uns choraram copiosamente; outros releeram sua obra.

O Universo não ficou triste pela partida do Manoel. Ele também comemorou a criação de mais um filho ilustre. O poeta que colocou a poesia no berço da literatura universal fica eternizado em sua obra. O amigo, uma nuvem a se desmanchar ao vento. Deles, poemas e prosas, fazemos uma parte de nós.

Para Manoel restaria sempre a alegria das palavras. A alegria de ser poeta. “Eu queria era mudar a feição das coisas”, dizia.

Transformar, distorcer, experimentar, revelar. O tempo todo, Manoel me dizia a mesma coisa: só a poesia dava conta do presente dele. Manoel de Barros era um poeta/humanista/utópico. Advogado ou corretor no Rio de Janeiro, sempre foi um poeta erudito e cosmopolita.

De repente quis se encontrar com o “seu ser primitivo”. Viajou pela América do Sul, saindo por Bolívia, Peru, Colômbia, indo parar em Nova York, onde conheceu museus e lia poesias em francês e inglês. Manoel de Barros bebeu na fonte dos clássicos e tem influências dos “faróis”

da literatura mundial, como Homero, Valéry, Baudelaire, Rimbaud. Até onde deu, releu clássicos que o influenciaram, como “os ‘Sermões’ de padre Antônio Vieira” e, nos últimos tempos, voltou a Clarice Lispector. Isso, sem, contudo, deixar de falar suas “bobagens” e conversar com gente simples e crianças, assistir a novelas, ver futebol e acompanhar os noticiários do dia. Era, portanto, um homem comum “de carne e de memória”, como diria Ferreira Gullar.

Manoel foi profundo conhecedor do cinema e das artes plásticas. Contava que desde a infância se manifestava nele esse espírito humanista.

Sempre que tentavam enquadrá-lo em alguma escola literária, gostava de dizer que sua competência poética era esta: usar a palavra libertadora de sua poesia para se colocar ao lado dos mais fracos, necessitados e dos pequenos. A estima aos detritos, a valorização do que é desconsiderado, era para o poeta “*as coisas sem importância*” Para ele, tinham importância “*as coisas sem importância*”.

## MANOEL E ROSA

Aliado de Rosa (Guimarães) contra a literatura ruim, seus personagens também são reais, como Zezinho-Margens-Plácidas, fazedor de discursos patrióticos; Maria-Pelego-Preto, tão abundante de pelo no pente que o pessoal pagava para ver; Mário-Pega-Sapo, que esfolava os batráquios a canivete para ver nas entranhas o futuro dos outros; e Bernardo, o transfecedor da natureza.

Com recorte original e formas diferentes de fazer leitura de sua poesia, alguns enxergam nela o erotismo. Uma relação quase carnal com as palavras, com a intenção do poeta de dar à luz novos mundos.

A poesia dele tem muita paz e luz. Obra originalíssima no universo literário mundial, traz a marca sempre recorrente dos seres amiú-

des... com estética insuperável, é uma voz permanente em favor dos que habitam o oco do mundo. Um poeta de raríssima escrita e que aparece somente em tempos seculares, como no caso de Rosa (Guimarães).

Manoel fala da natureza sem ser “o poeta da natureza”. Praticava seu ócio inventando sua língua de brincar com outro olhar sobre as coisas e o mundo.

Quanto ao ser humano, um amigo carinhoso, sensível, de grande generosidade. Bem-humorado, de sorriso fácil, gostava de um bom papo e de um bom copo. Um grande sujeito!

Um sinônimo para ele podia ser “a palavra”. Vivenciou a palavra e buscou 24 horas por dia o que era seu subterfúgio. Revolucionário da palavra, recriou e subverteu a linguagem, instigando seus leitores a enxergar as coisas de um modo novo e diferente.

## VANGUARDA PRYMITIVA

Veja ou outra pseudointelectuais que proliferam na crítica tentavam enquadrá-lo neste ou naquele movimento ou escola literária, para grande divertimento do poeta. Um dizia ser ele o poeta “do Pantanal”, outro que pertencia a uma suposta “vanguarda prymitiva”. Esta expressão foi realmente cunhada pelo próprio Manoel, em brincadeira com um grupo de amigos. Nunca se afinou com algum movimento literário. Eram de “vanguarda” todos os que passaram alguns momentos com ele e posteriormente produziam textos ou matérias sob inspiração extraída de seu “*ócio criativo*”.

Talvez por alimentar seu ser criança é que Manoel é tão admirado por gerações distintas. Dos pedidos de entrevistas e visitas nestes mais de 30 anos de amizade, passaram tanto acadêmicos, músicos e escritores

como crianças, admiradores leigos e jovens das mais diversas correntes. Dentre as muitas despedidas ao poeta nas redes sociais destaco Pedro Cezar, diretor do documentário “Só dez por cento é mentira”, no Facebook:

“– O ser biológico Manoel de Barros passou para outra dimensão. Sua poesia fica com todos nós e continuará encantando e transformando a humanidade eternamente. Que Deus o tenha. Nossos sentimentos a toda a família. Stella (Dona Pássara), Martha Barros (menina avoadada), netos e bisnetos”.

E outro texto/diálogo/inédito via Facebook sobre a passagem do poeta chegou por meio do amigo vanguardista, o jornalista Rubens Valente.

“Caro Bosco, ele sempre foi avesso aos fardões, salões, convessotes, grupos, movimentos e aberrantes rituais de classe e poder. Até depois da morte. Na semana passada, cogitou-se velar seu corpo com toda a pompa na Câmara de Vereadores, para o desfile dos poderosos que provavelmente nunca leram um livro seu. Fiel aos princípios do poeta, a família disse ‘não’; o corpo seguiu direto para o cemitério, onde foi velado e enterrado no mesmo dia.

Esnobado pela Academia Brasileira de Letras, formou-se um imortal pela sua arte, não por um título. Ele pertencia a um outro mundo e a um outro tempo, o do comedimento, do afastamento, da reflexão, do artesanato das palavras.

Talvez até por isso só se tornou conhecido no país quando já passava dos 60 anos de idade graças a Millôr Fernandes, que explicou ao mundo que ali estava um poeta de verdade.

Como ocorre a muitos dos grandes, sua poesia não era apreendida de imediato. Em 1993, em um grande jornal brasileiro, escreveu-se que ele era ‘uma fraude’, um ‘conto do vigário’. O poeta deu de ombros. Ao

seu lado está gente do porte de Guimarães Rosa e Antônio Houaiss (o jornalista José Geraldo Couto saiu corretamente em sua defesa em um brilhante artigo. Três anos depois, o crítico apresentou desculpas pela metade, dizendo que o texto fora um dos maiores erros da sua carreira, não pelo conteúdo e sim pela ‘estridência’).

Pode ser natural, mas a tentativa de enquadrar um artista em uma determinada estante costuma produzir resultados hilários. Como voltou a ocorrer aqui e ali no necrológio, dias atrás. Um jornal disse que ele era um poeta ‘do Pantanal’ (e Drummond por acaso seria poeta ‘de Itabira’ ou ‘do Rio de Janeiro?’). E outro afirmou que ele pertencia a uma suposta ‘vanguarda prymitiva’, uma expressão que só foi cunhada quase por brincadeira por um grupo de amigos, entre os quais Bosco Martins, muitos anos depois de seus principais livros. A verdade é que o poeta nunca se filiou a nenhum movimento literário.

Uma expressão às vezes associada ao seu nome na imprensa é o ‘regionalismo’. Seria ele então um legítimo ‘poeta regionalista pantaneiro’. Por toda sua vida o poeta teve de conviver com esse tipo de enquadramento reducionista, estimulado até mesmo por gente bem-intencionada, da academia, que procurava construir teorias sobre seus livros (não seria necessário, mas ressalto aqui a erudição e o cosmopolitismo do poeta, que deu aulas de filosofia e advogou no Rio, onde teve uma rápida passagem pelo Partido Comunista, morou em Nova York, lia poesias em francês, era um profundo conhecedor do cinema e das artes plásticas, sendo fã de Giorgio de Chirico e Paul Klee, e conheceu alguns dos principais escritores de seu tempo).

Quem percorre seus versos com boa-fé e despidido de preconceito conclui que nada seria mais enganoso do que taxá-lo de ‘regionalista’ – sabe-se lá o que isso queira dizer. A força de sua arte, a profunda e genial simplicidade de sua arte, está na rerepresentação das coisas e das pessoas aos olhos cansados dos adultos, como uma criança que abre os olhos pela primeira vez.

O poeta lê o mundo de um ponto de vista insólito ou encantado, como ele dizia, ‘transvê’ o mundo. Um grande achado do poeta foi recorrer ao Pantanal das cores fantásticas, das águas lentas, das criaturas miúdas, para falar de sonhos, impressões e gestos que se encontram em toda parte do mundo, da Nhecolândia à Avenida Paulista.

Ao falar de formigas e dos pores do sol, o poeta está sempre a falar de outra coisa: é tudo sobre nós, sempre nós, como o mundo se apresenta a nós, como nós o compreendemos, a fugacidade da vida e o extraordinário absurdo encerrado nesta condição. ‘O Manoel’ – como gostamos de chamá-lo lá em Mato Grosso do Sul, à moda de um amigo íntimo e antigo – é um redator ilustre do assombro da existência. Para isso, lapida as palavras como um ourives de luxo.

Escrevo sobre a incompreensão de sua arte com a tranquilidade de quem caiu na mesma armadilha: nem tudo é o que parece. Passei parte da juventude lendo e admirando seus versos, mas só depois creio que comecei a compreendê-los em sua inteireza. O clique ocorreu há uns 20 anos, quando ouvi uma história, já não sei se real ou inventada, de que Manoel teria dito a um repórter que o lugar mais bonito do mundo não era a Baía de Chacororé, mas a Praia de Ipanema. Ante a surpresa do interlocutor (logo ele, um legítimo ‘poeta pantaneiro’, dizer isso de uma glória pantaneira?), Manoel teria acrescentado: ‘No Pantanal tem muito mosquito. O Pantanal é só pretexto, tudo é pretexto’. Se verdadeira ou não, a história ilustra Manoel à perfeição. Seus versos não são sobre as coisas, mas a propósito das coisas.

Quem sabe depois da morte lhe será conferido o lugar que uma parte da crítica recusou dar em vida: ao lado de Drummond e João Cabral de Melo Neto, um dos grandes poetas da nossa civilização, a Santíssima Trindade da Poesia Brasileira. Mas se isso não ocorrer também não fará a mínima diferença – se nunca fez para Manoel em vida, sempre escondido em seu sorriso envergonhado, por que faria agora?

O grande reconhecimento ele obteve em vida, das suas centenas de milhares de fiéis leitores. Prova disso presenciei há cerca de 15 anos, quando o vi pela última vez. Em uma noite de sábado, ele apareceu em um bar lotado em Campo Grande. Ninguém o assediou em sua mesa, talvez sabedores de sua lendária timidez. Mas no momento em que ele se ergueu para ir embora, o bar inteiro levantou-se e aplaudiu de pé. Umhas 80 ou 100 pessoas, todas batiam palmas vigorosamente, como se fosse um maestro encerrando um concerto. Da mesa até a porta, ele foi cumprimentando os bêbados da noite.

Foram 43 anos até Millôr começar a falar dele! Nesse período já havia publicado *Poemas concebidos sem pecado*, *Face imóvel*, *Poesias*, *Compendio para uso dos pássaros* e os impressionantes *Gramática expositiva do chão* e *Matéria de poesia*. São seis livros. Depois de *Matéria*, ele passa dez anos sem publicar! De 1970 a 1980, com o *Arranjos para assobio*, e nessa época aparecem os textos de Millôr.

As poesias de Manoel são parte mesmo da nossa vida, e ao lê-las boa parte da minha juventude passa na cabeça, tendo chegado aos 18 anos em Campo Grande e pela primeira vez tendo contato com a produção do poeta. É triste perdê-lo, é perder um pedaço da vida vivida. Bom, falar aqui sobre o poeta é uma forma pequena de homenageá-lo, mantendo-o vivo em nossa memória. A imensa obra de Manoel ainda será muito falada e espalhada, ele plantou em solo fértil como os grandes artistas fazem, ele é querido e reverenciado por milhares de leitores em todo o país, mas é só o começo. Ainda agora posso vê-lo ao cruzar a porta, a mão direita levantada e um sorriso aberto. Na hora eu não disse nada, mas digo agora: ‘Adeus, Manoel, e obrigado por tornar nossa vida mais leve e suportável.’”

Suas colocações sobre os “pseudointelectuais” que vivem a diminuir a importância de Manoel estão perfeitas. Monopolistas dos cadernos B tentam ditar normas na literatura centrados no eixo Rio/São Paulo/

Belo Horizonte. Na verdade, falsos intelectuais que ou não leram ou não tiveram sensibilidade para entender a profundidade de sua obra, pautada pela simplicidade. Insensíveis, devemos desconfiar de que só agora, com o poeta morto, se debruçarão para conhecê-la, e tentar entender. Até então, a soberba não lhes permitia admitir que um poeta “da província” fosse mais culto que eles. Um poeta provinciano que ousou em vida dedicar-se e descobrir a sua pedra filosofal na simplicidade da sua escrita. O que sempre admiramos nele foi justamente isto: a simplicidade com que resumia as coisas e a vida.

Tem uma passagem que conto do Manoel, anos atrás, quando fizemos uma noite de autógrafos na Fnac de Pinheiros em São Paulo. Ele chegou a me dizer naquele dia que os críticos tinham medo dele... Eu nunca esqueci isso. A história que o Pedro Cezar, o cineasta do documentário “Só dez por cento é mentira”, conta é emblemática. Passou-se num hotel, também em São Paulo, quando do lançamento de Pedro Cezar “Ensaios fotográficos”. Um intelectualoide em busca de exposição apareceu no lançamento travestido de entrevistador. Resolveu tratá-lo como “um poeta menor”. Stella presente, acompanhando a cena, ficou furiosa e cobrou uma atitude de Manoel. Ele disse que não comentaria nada. Insistente, o arrogante repórter cobrou uma resposta e Manoel então lhe respondeu: “Os jornais vivem publicando que sou o maior poeta do Brasil; acho isso uma tremenda bobagem, mas nunca mandei carta reclamando! Por que iria reclamar agora?”.

\*Trechos de matérias produzidas pelo autor para artigos de jornais e revistas.

Em tempo, uma coletânea de alguns versos originais do poeta Manoel de Barros:

*“Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa  
com janelas de aurora e árvores no quintal –  
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores  
E ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores.  
O que desejo é apenas uma casa.  
Em verdade,  
não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de rendas.  
Em verdade, nem é necessário que tenha cortinas.  
Quero apenas uma casa em uma rua sem nome.  
Sem nome, porém honrada, Senhor.  
Só não dispense a árvore,  
porque é a mais bela coisa que nos destes e a menos amarga.  
Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos,  
e ver o sol dourando os cabelos negros e os olhos de minha amada.  
Também a minha amada não dispense, meu Senhor.  
Em verdade ela é a parte mais importante deste poema.  
Em verdade vos digo, e bastante constrangido,  
que sem ela a casa também eu não queria, e voltava pra pensão.  
Ao menos, na pensão, eu tenho meus amigos  
e a dona é sempre uma senhora do interior que tem uma filha alegre.*

*Eu adoro menina alegre, e daí podeis muito bem deduzir  
que para elas eu corro nas minhas horas de aflição.*

*Nas minhas solidões de amor e nas minhas solidões do pecado  
sempre fujo para elas, quando não fujo delas, de noite,  
e vou procurar prostitutas.*

*Oh, Senhor, vós bem sabeis*

*como amarga a vida de um homem o carinho das prostitutas!*

*Vós sabeis como tudo amarga naquelas vestes amassadas  
por tantas mãos truculentas ou tímidas ou cabeludas.*

*Vós bem sabeis tudo isso, e, portanto, permiti  
que eu continue sonhando com a minha casinha azul.*

*Permiti que eu sonhe com a minha amada também, porque:*

*– De que me vale ter casa sem ter mulher amada dentro?*

*Permiti que eu sonhe com uma que ame andar sobre os montes descalça.*

*E quando me vier beijar faça-o como se vê nos cinemas...*

*O ideal seria uma que amasse fazer comparações*

*de nuvens com vestidos, e peixes com avião;*

*que gostasse de passarinho pequeno,*

*gostasse de escorregar no corrimão da escada.*

*E na sombra das tardes viesse pousar*

*como a brisa nas varandas abertas...*

*O ideal seria uma menina boba:*

*que gostasse de ver folha cair de tarde...*

*Que só pensasse coisas leves que nem existem na terra,*

*e ficasse assustada quando ao cair da noite*

*um homem lhe dissesse palavras misteriosas...*

*O ideal seria uma criança sem dono,*

*que aparecesse como nuvem,*

*que não tivesse destino nem nome –*

*senão que um sorriso triste.*

*E que nesse sorriso estivessem encerrados*

*toda a timidez e todo o espanto das crianças que não têm rumo..."*

*"O mundo meu é pequeno, Senhor.*

*Tem um rio e um pouco de árvores.*

*Nossa casa foi feita de costas para o rio.*

*Formigas recortam roseiras da avó.*

*Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.*

*Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.*

*Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco,*

*os besouros pensam que estão no incêndio.*

*Quando o rio está começando um peixe,*

*Ele me coisa*

*Ele me rã*

*Ele me árvore.*

*De tarde um velho tocará inverter os ocasos.”*

## **DEZEMBRO DE 2017**

“O grande poeta de pequenas coisas”, Manoel de Barros faria 101 anos nesse 19 de dezembro, quando foi homenageado com diferentes presentes.

A inauguração de uma estátua, em tamanho real, na Avenida Afonso Pena, em Campo Grande (MS), foi um dos presentes. A obra de arte do cartunista e escultor campo-grandense Victor Henrique Woitschach, o “Ique”, já está instalada.

Outro presente foi o lançamento do livro *101 reinvenções para Manoel – um estudo sobre a influência da linguagem do poeta Manoel de Barros*, a respeito da criação literária em MS. A 1ª edição da obra, com 1.500 exemplares, foi organizada pelos poetas e professores Fábio Gondim e Ana Maria Bernardelli.

A antologia traz 101 diferentes releituras e pontos de vista de consagrados e jovens autores sobre o poeta, que é um dos autores que mais vendem livros no Brasil.

Propositalmente o lançamento oficial foi escolhido para coincidir com a data de aniversário de Manoel e aconteceu simultaneamente em

livrarias nas três maiores cidades do estado: Campo Grande, Dourados e Corumbá. A seleção da antologia recebeu textos de quase 200 autores de Mato Grosso do Sul que foram submetidos à avaliação de uma banca. Cada autor enviou entre dois e cinco textos para serem avaliados. Entre outros critérios, a banca escolheu textos em formato de poesia e prosa. *101 reinvenções* é o primeiro volume de uma trilogia: *102 reinvenções de Manoel* terá, além dos autores de MS, a presença de escritores de outros estados, e com *103 reinvenções de Manoel* pretende-se englobar autores de todos os países que falam português no mundo.

Era 27 de abril de 1983 e eu completava 26 anos, quando meu amigo João Wenceslau de Barros, filho de Manoel, me levou para conhecê-lo. Naquele tempo, Manoel ainda trabalhava no escritório da fazenda na Rua Rui Barbosa, entre a Rua 15 de Novembro e a Avenida Afonso Pena, área central de Campo Grande (MS). A partir desse dia nos tornamos amigos.

Tive a felicidade e o privilégio de conviver com ele em sua casa. Mesmo pertencendo a uma geração cuja diferença nos distanciava em pelo menos quatro décadas, nossa amizade continuou forte até o fim de sua vida, e com um enredo especial e terno. Fora dos dias em que ia a sua casa, me mantinha informado por Stella.

Aos que iam encontrá-lo pela primeira vez, eu recomendava “um ritual de doação”. Manoel era reservado e prezava muito sua “*timidez de bugre*”. Carecia de respeitá-la. Isso talvez justifique o fato de que, mesmo muito assediado, o poeta sempre tenha se resguardado muito. Quanto ao seu “rito final”, reservou apenas aos familiares.

Manoel sempre significou para mim e minha companheira Marcia – com quem sempre dividi a vida, os filhos e também a amizade dele e de Stella – um amigo fraterno, um irmão.

Entre os rituais de consagração, sobretudo nas visitas a ele, eu me embestia de suas lições de poesia e de vivência, literária e humana. Era um encantamento ouvi-lo, com certas aparições de seu discreto sotaque cuiabano/pantaneiro.

Ao amigo, a liberdade do espaço da rua, da conversa de homem para homem entre seres que se respeitavam e, acima de tudo, se entendiam.

Manoel gostava de contar a amigos comuns como nos conhecemos:

*“No dia em que nos encontramos pela primeira vez, o Bosco fazia aniversário e o João chegou dizendo que queria apresentar um amigo cujo presente seria me conhecer. Perguntei-lhe então quantos anos fazia? Ele me respondeu citando Galileu: ‘Tenho, na verdade, os anos que me restam de vida, porque os já vividos não os tenho mais’”.*

Rimos bastante naquele dia de encontro especial e inesquecível. Eu já tinha ciência da importância daquele pequeno grande poeta, de 66 anos, e pouco mais de um metro e meio de altura, cuja amizade se tornou meu melhor presente.

## **JANEIRO DE 2018**

*“... não posso ver a palavra andarilho que  
eu não tenha vontade de dormir debaixo  
de uma árvore.*

*Que eu não tenha  
vontade de olhar com*

espanto, de novo, aquele homem do saco  
a passar como um rei de andrajos nos  
arruados de minha aldeia..."

**Nota:** Trecho do poema "Palavras", da obra *O fazedor de amanhecer*.

Anotação de Manoel de Barros sobre andarilho em um de seus "cadernos de rascunhos". Manoel de Barros fabricava pequenos cadernos, de capas coloridas, com cerca de 40 páginas, onde ia anotando, segundo ele, tudo que lhe ocorria, a lápis, com letrinhas miudinhas que lia sem óculos. Dos cadernos de rascunhos passava para um caderno maior o que considerava aproveitável, que poderia se transformar num poema. Produziu mais de 200 caderninhos de rascunhos, que são guardados como tesouros para futuros lançamentos.

*Andarilho*  
6 Aves sonham ser ele.  
1 Andarilho é um homem  
2 que anda, que anda e anda  
3 e pede comida no estrado  
4 como debaixo de árvores  
5 e tem um erro transparente no olhar.

---

Imagem: trecho da p. 81 do livro *Celebração das coisas\** – *bonecos e poesias de Manoel de Barros*, 90 anos do poeta, de Pedro Spíndola, edição independente, 2006.

A estátua de bronze do poeta Manoel de Barros se tornou abrigo para moradores de rua e depósito de lixo. O monumento foi inaugurado em dezembro de 2017 em comemoração aos 101 anos do poeta. Está instalado no cruzamento da Avenida Afonso Pena, principal via de Campo Grande (MS), esquina com a Rua Rui Barbosa, embaixo de uma figueira centenária.

Pois na madrugada do dia 9 de janeiro de 2018, um andarilho escolheu o sofá de Manoel de Barros para dormir. Uma equipe da Secretaria Municipal de Assistência Social esteve no local e levou o morador de rua para o Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante (Cetremi). Ele é conhecido na rua e vive por lá há pelo menos quatro anos.

Em entrevista ao site [www.campograndenews.com.br](http://www.campograndenews.com.br), o vendedor ambulante Leonardo Luiz da Silva, que trabalha próximo do local onde a estátua está instalada, afirmou que sempre há moradores de rua na região. “Eles dormiam no chão. Agora, preferem a estátua ou o banco”, ressaltou Da Silva.

A Guarda Municipal informou que sempre faz rondas na região para garantir que o monumento não seja danificado.

Devemos nos indignar com a miséria que toma conta das ruas. A imagem do poeta agora faz parte do cenário da cidade, então está sujeita às contradições que fazem parte do contexto da sociedade. Assim como fotos belas, irão surgir fotos com outros aspectos, entre eles a situação da pobreza nas ruas. Parodiando Caetano, a estátua do Manoel agora “é do povo como o céu é do avião...”. E a estátua é mais um elemento da cidade! A doçura de Manoel ameniza a dor, mas infelizmente não tem poder de acabar com ela.

Viva Manoel!

Manoel vive!

Antes de ser instalada no atual local, a estátua do poeta foi alvo de muita polêmica. Manoel morreu em 2014, em Campo Grande. Em 2016, o governo de Mato Grosso do Sul encomendou ao artista plástico Ique Woitschach uma estátua de bronze para homenagear o centenário de nascimento do poeta.

O monumento em bronze tem 1,38m x 1,60m, pesa 400 quilos, custou R\$ 232 mil e foi apresentado em abril de 2017. O governo desde então queria instalar a escultura no canteiro central da Avenida Afonso Pena, entre as ruas Rui Barbosa e 13 de Maio.

Mas o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) se manifestou contrário, porque nessa área existe um sítio arqueológico militar. Com essa preocupação, o Ministério Público Estadual entrou com um pedido, dia 1º de setembro de 2017, para impedir a instalação da estátua. O Ministério Público alegou que a área escolhida é tombada pelo patrimônio histórico e cultural da cidade.

No dia 4 de setembro de 2017, após um encontro com o artista plástico Ique, o juiz da 2ª Vara de Direitos Difusos, Coletivos e Individuais Homogêneos de Campo Grande, David de Oliveira Gomes Filho, determinou que num prazo de 60 dias a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Campo Grande e o IHGMS definissem em comum acordo um novo local para a estátua. Em caso de descumprimento seria aplicada multa de R\$ 100 mil em favor do Fundo Municipal de Meio Ambiente.

“Fui conversar com o juiz para que ele entendesse que a estátua do Manoel não é somente uma escultura, ela faz parte de um quintal maior que é o mundo. Assim, era importante que ficasse perto do centro cultural onde haveria uma exposição da obra do poeta. Como não foi possível instalar no local inicialmente escolhido, pedi para atravessar a avenida e instalar uma quadra acima”, explicou Ique na época, em entrevista ao portal G1.

Enquanto aguardava a escolha do local definitivo, o monumento ficou em exposição no Museu de Arte Contemporânea (Marco), em Campo Grande.

O local onde agora está a estátua do poeta é como um abrigo, embaixo de uma figueira centenária. “Ele sempre disse que quando morresse queria virar árvore. Então vai ficar na sombra de uma árvore – onde as pessoas podem até interagir com ele”, disse Ique ao portal G1. A área também recebeu calçamento e um jardim.

Manoel agora está de frente para o pôr do sol, conforme concebeu Ique. “Tem uma explicação para isso. Eu não queria que a estátua ficasse em um lugar fechado ou coberto, tinha de ser ao ar livre e nessa posição, porque o poeta vai ‘assistir’ ao pôr do sol todo dia. O relógio dele vai estar marcando 6h justamente por isso. Esse espaço é sombreado e está no coração da cidade”, relatou Ique ao portal Midiamax.

O governador Reinaldo Azambuja considerou histórica a perenização da imagem de Manoel de Barros, por meio da arte do escultor Ique, retratando o poeta em um sofá. A imagem, materializada em bronze, mostra aquilo que era um dos recantos de ócio e diálogos, sobre tudo que o poeta transformava em linguagem poética, incluindo as inutilidades mais importantes, o modo manoelino de ver, revelar e interpretar o mundo e a natureza humana.

“Os monumentos são referências das antigas e novas civilizações, são marcos da evolução e da cultura dos povos, que se afirma por meio das manifestações artísticas e também da produção literária. A obra de Manoel de Barros é um patrimônio cultural, daí a importância da entrega de sua imagem permanente à população, por meio dessa estátua. A história só vale se for testemunha do tempo, como já dizia Cícero, o grande pensador romano.

O governo tem de ter essa preocupação de resgatar a memória, que se reflete não apenas nas manifestações artísticas, mas também no resgate cultural, na perpetuação dos patrimônios materiais e imateriais, por meio dos monumentos e museus, que em Mato Grosso do Sul têm forte relação com a cultura e os processos de desenvolvimento econômico e social.

Além da admiração por este grande poeta, inerente a praticamente todo sul-mato-grossense, como governante, cumpro aquilo que era dever do estado, de resgatar a memória literária, preservar nossa cultura. Imortalizado por sua obra, faltava esse resgate da imagem de Manoel de Barros, assim como muitos outros povos fizeram com os grandes personagens, artistas e pensadores da história das civilizações.”

Um momento para respirar. E para absorver esta pequena joia de Manoel de Barros:

### ***O andarilho***

*Eu já disse quem sou Ele.*

*Meu desnome é Andaleço.*

*Andando devagar eu atraso o final do dia.*

*Caminho por beira de rios conchosos.*

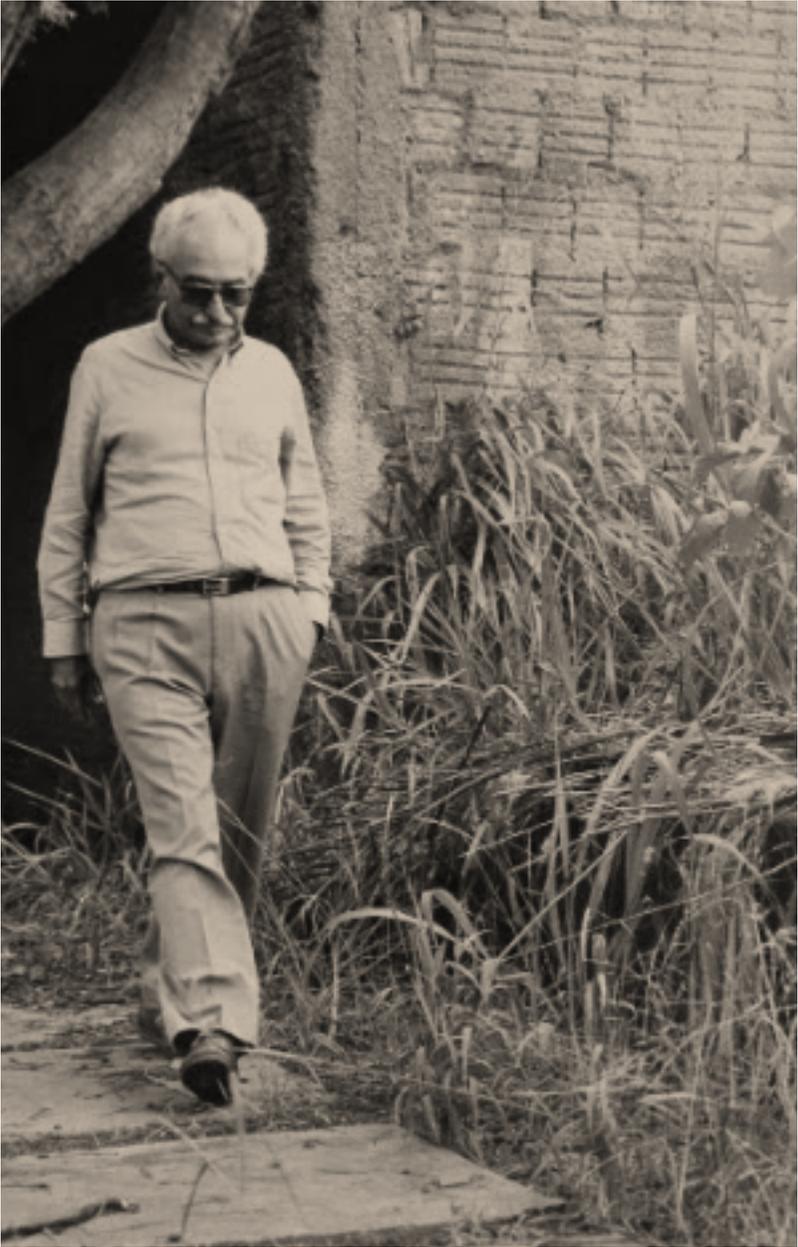
*Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.*

*Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.*

*(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)*

*Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.*

*Os loucos me interpretam.*  
*A minha direção é a pessoa do vento.*  
*Meus rumos não têm termômetro.*  
*De tarde arborizo pássaros.*  
*De noite os sapos me pulam.*  
*Não tenho carne de água.*  
*Eu pertenceço de andar atoamente.*  
*Não tive estudamento de tomos.*  
*Só conheço as ciências que analfabetam.*  
*Todas as coisas têm ser?*  
*Sou um sujeito remoto.*  
*Aromas de jacintos me infinitam.*  
*E estes ermos me somam.*



## CAPÍTULO V

# ABECEDÁRIO MANOELÊS

### MANOEL DE BARROS DE A a Z

[Aqui reuni mais de dois mil termos do “abecedário manoelês”, dos dicionários (colecionados por MB) e os inventados pelo poeta – começa com *abastado*, passa por *baticum gererê* e vai até *zoroava*]

Neste alfabeto foram garimpadas “algumas joias” em versos representativos de MB. Todas foram tiradas de algumas entrevistas e de sua obra completa. No manuscrito, com sua letrinha miúda tão característica, MB passa uma dica sobre como multiplicar por três o resultado da consulta ao dicionário.

Conselho de Manoel de Barros a Leticia Spíndola sobre como pesquisar palavras no dicionário. Publicado na página 106 do livro de Pedro Spíndola (Org.), *Celebração das coisas\* – bonecos e poesias de Manoel de Barros, 90 anos do poeta*. Campo Grande-MS: edição independente, 2006.

*“Querida amiguinha Leticia (Spíndola). Fiquei sabendo por seu pai que você já procura palavras no dicionário. Essa curiosidade, em quem não fez 10 anos ainda, é um dom. Sendo eu um procurador de palavras no dicionário, desde pequeno, vou dar um conselho a você. Assim: cada vez que você buscar uma palavra nesse dicionário, leia também as 3 que estão acima e as 3 que estão abaixo da palavra que você buscou. Desse jeito você aprenderá 7 palavras de cada vez. Isso vai criar em você um hábito cultural sadio. Um beijo de seu amigo, o tio Manoel.*

*12 de dezembro de 1991.”*

## O INSOFISMÁVEL ABECEDÁRIO DO POETA MANOEL DE BARROS

A ideia de reunir os “vocábulos” de MB surgiu de um telefonema de José Hamilton Ribeiro no momento em que eu e Sérgio de Souza (Serjão), editor da revista “Caros Amigos”, desfrutávamos de um bate-papo com o poeta na casa dele.

Achei genial a ideia de fazermos a coletânea, porque o que de fato marca a poesia de Manoel de Barros é o cuidado que ele tinha com a linguagem, tão racional e, paradoxalmente, mergulhado em um universo onírico. Eu estava ali, ao lado de dois emblemas literários, um semeador de poesias e um semeador de informações. Serjão espalhou revistas, era um repórter espetacular, copidesque, editor e revisor implacável, perfeccionista, um dos maiores difusores de publicações que conheci, tão gentil quanto rigoroso no trato com a linguagem escrita, único a adotar a narrativa do “anticurso”.

Seu idealismo era tão latente que escreveu o manual de redação da revista “Caros Amigos”: “Como não enriquecer na profissão”. Minha convivência com Serjão era muito gratificante. Fiz o “curso” e fui convidado a ser o correspondente da revista no Brasil Central, já com o aviso de que não haveria salário. Para ter alguma remuneração eu teria de vender assinaturas, anúncios, distribuir os exemplares, além de produzir boas pautas da região. É óbvio que não vendi nada e tive o prazer de ficar como correspondente da publicação no Centro-Oeste brasileiro.

Nessa época de correspondente eu frequentava o escritório de Manoel de Barros, que ficava na esquina das ruas 15 de Novembro com a Rui Barbosa (menos de duas quadras de onde hoje está a estátua do poeta em seu sofá). MB era fazendeiro no Pantanal e invariavelmente ia ao es-

critório, administrado pelo filho, que cuidava da venda de gado. O poeta era avesso à administração. Quando eu ia até lá, levava exemplares do “Jornal do Brasil”, “O Globo”, e a revista “Caros Amigos”. MB morou por muito tempo no Rio e gostava de ler os jornais cariocas e comentávamos as notícias. Até tentei vender uma assinatura, mas o poeta era pão-duro. Eu bancava do próprio bolso os exemplares. Às vezes ele me pedia outros exemplares para dar aos amigos e eu pagava. Cheguei a vender algumas assinaturas, menos de uma dúzia, mas o fato é que naquela época comecei a aproximar duas amizades com grande similaridade literária.

Curiosamente, MB e Sérgio de Souza tinham em comum a construção das palavras na ponta do lápis (detalhe: tinha de ser o de número 1). Melhor explicando, ambos usavam o lápis até o último risco do grafite. Manoel, franzino, menos de 1,60m, dedos curtos; Serjão, compleição encorpada, dedos longos. A impressão que eu tinha era de que eles eram guiados pelo lápis e Sérgio usava o material como uma batuta na regência dos textos. Riscava frases, usava a pontinha do grafite que sobrava para circular as palavras que julgava impróprias e assim conduzia a edição de textos que alvorocavam o mundo editorial. Para Manoel de Barros, o lápis o transportava, o fazia surfar nas palavras, guardadas nos cadernos de rascunhos e que compõem o arcabouço que denominei de o “abecedário manaelês”.

Generosos, humildes, donos de uma simplicidade sem tamanho, despojados, mas muito fiéis às suas convicções literárias. As lembranças de Serjão me permitirão escrever um outro livro, até porque a era de ouro (no sentido figurado) das publicações de revista passou necessariamente pelo inconfundível estilo de Sérgio, que foi editor da revista “Realidade”, uma das primeiras edições de projeção nacional, fenômeno editorial.

Como MB, Serjão era implacável à regra literal, mas não sem incorporar a emoção e desnudar os mitos e a ignorância do intelecto, va-

lorizando, sobretudo, a racionalidade. A capacidade de MB de empregar neologismos e sinestésias em suas poesias fez com que sua obra fosse considerada surreal, mas, na verdade, o fato de ele popularizar o conhecimento não deixa dúvida de que estamos diante de um dos principais autores da geração modernista. Sérgio de Souza, um dos maiores editores e intérpretes da vida nua e crua, tão racional quanto emotivo, retratando tragédias, rompendo barreiras e contrapondo hipocrisias sociais, como a que ficou conhecida como a mais amarga herança da desigualdade e miséria – a morte por uma barra de chocolate.

Pode-se dizer que o sonho e a racionalidade se completam e para MB a linguagem se constrói na forma como se sente e vivenciamos, não importando onde nem quando. Podemos observar essas características singulares no glossário que extraí ao longo dos 30 anos de convivência com o poeta, que escrevia como se estivesse esculpindo a palavra e por vezes a transformava em imagem. O “abecedário” de MB permitiu ao poeta a construção de uma linguagem simples, coloquial, vanguardista e poética. MB se enebriava buscando palavras e seus significados no dicionário e assim nascia, como ele próprio batizou, o “ídiotelel manoeles archaico”.

<b>A (de abastado)</b>	Absurdos
<i>“(...) A maior riqueza do homem é a sua incompletude.</i>	Abulia
<i>Nesse ponto sou <b>abastado</b>. (...)”</i>	Abuso
Abastado	Acalenta
Abeira	Achamento
Abeira-se	Achante
Abelardo	Aclamado
Abílio (irmão)	Aclara
Abismo(s)	Aclará-los
Abléfaro	Aclare
Abluções	Acometido
Abortada	Acopla
Abrolhos	Acróstica
Abrunha	Acua
Abconsos	Acurizeiro
Abstêmios	Adaga
Abstratas	Adágio
Abstrato(a)	Adâmica
Absurdez	Adão
Absurdo(a)	Adejante

Adejo(s)	Agramática
Adélia Prado	Agramaticalidade
Ademanes	Agríope
Aderência(s)	Agroval
Adernada	Aguaçal
Adobe	Aguamentos
Adoidado	Aguilhão
Adonde	Ajuntamento
Adornei-me	Akaki Akakievitch
Adornos	Álacre(s)
Adunco	Alamares
Aferidor	Alameda
Afez-se	Albertine
Afilhavam	Alcandora
Afincado	Alcandorou-me
Aflora	Alcunha
Afrodisíaca	Aldabras
Agnóstico	Alento
Agonia	Alfama
Ágrafa	Alfombra

Alforje	Amaranto
Algaravia	Amareluz
Algibe	Amarra-pinto
Algodoin	Amassa-barro
Alguidar	Amavios
Alheamento	Âmbar
Alicerces	Amontar
Alimpa	Amontoavam
Alimpar	Amontou
Alimpe	Amorfo
Alinhavo	Amplidão
Aloja	Amulheravam
Alter ego(s)	Amuram-se
Altivo	Amurou-se
Alucina	Anacoreto
Alude	Analfabetam
Aludir	Analogia
Alumeia	Anca
Alva	Ancestral
Amansa	Ancestralidades

Andaime(s)	Aniquilamento
Andaleço	Anômalas
Andarejo	Anônimas
Andarilho(s)	Anonimei
Andejo(a)	Anormal
Andor	Anquilostomina
Andrajos	Anspeçada
Anedotamos	Antechupando
Anedotas	Antepara
Anelos	Antesmente
Anêmonas	Antiapocalíptico
Angico	Anticristão
Angu	Antióbvio
Angulosa	Antipiqueteiro
Anhuma	Antissalmo
Aniagem	Antítese
Aniceto	Antitética
Anil	Antoninha-me-leva
Ânimo	Antro(s)
Aniquilam	Antúria

Antúrios	Apraz
Anulação	Apregoar
Anunciação	Apregoava
Anuroso	Apromou
Ânus	Apuleio(s)
Apeiam	Araças
Apêndice(s)	Aragem
Apetrechos	Aramaico
Aplaina	Arameiro
Aplastra	Aranhas-caranguejeiras
Apoderada	Arãquã
Apoderado	Ararês
Apodrecem	Aras
Apodrecendo	Arauto
Apodrecente	Arbora
Apodrecer	Arcado
Apodreceu	Arcaico
Apodrecidos	Arcano
Apodreço	Árdego
Apolítico	Ardimentos

Areão	Arregaçadas
Areientas	Arregaçando
Aresta	Arregaçava
Ariano	Arregala
Arichiguana	Arreganha
Arino	Arreiado
Ariticum	Arreios
Ariticuns	Arremeda
Armaus	Arretado
Arnica	Arribação
Aromal	Arrimo
Arpejo	Arriou
Arquétipos	Arrodeavam
Arrancha	Arroio(s)
Arrebatou-me	Arrojo
Arrebóis	Arrolhar
Arrebol	Arromba(m)
Arreda(va)	Arruado
Arredou	Arrulo(s)
Arregaça	Arta

Artelhos	Atracou
Arúspices	Atravancada
Ascender	Atrelar
Ascensão	Atro
Ascese	Aturdidos
Ascoso	Audodidata
Aspro	Aura
Assestavam	Aurora(s)
Astroso	Auspícios
Atarraxados	Autobiografia
Atávica	Ave-nêspera
Atavismo	Aveludam
Atiçou	Avena
Átimo	Aviciada
Atinei	Avilta-se
Atoamente	Avino
Atonal	Avoada
Atônito	Avoadoramente
Atordoamento	Avoar
Atraca	Azebre

Azedal	Baldrames
Aziago	Balseiros
Azinhavre	Bamburro
Azinheiras	Bandarra
Azul-perdão	Banhado/a(s)
Azula	Banzé
<b>B (de Bernardo)</b>	Bão
<i>“(...) Quando de primeiro o homem era só, <b>Bernardo</b> era. Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento. (...)”</i>	Bárbaro
	Barnardão
	Barranco
	Barranqueira
Bacurau	Barrotes
Bago-de-porco	Barrado
Bagualeava	Batelão
Baguaris	Batelões
Baías	Batente(s)
Baixio	Baticum gererê
Balbucio	Batráquias
Baldeou	Beato
Baldio	Bêbeda

Bedel	Bigiando
Beira-corgos	Biguá
Beiradeava	Bilboqué
Beirais	Bisônticas
Beletrista	Bizantino
Beligerava	Blandícia
Bentevi	Bocagemente
Bentevis-cartolas	Bocaiuva
Benzeu	Bocó(s)
Benzo	Boêmio
Beque	Bogalhos
Bernardo da Mata	Bojo
Bernardo-árvore	Bola-Sete
Besta	Bolinados
Bestamentos	Bolino
Bestego(s)	Bonifácia
Bicheiras	Boqueirões
Bicho-de-porco	Boquiabriu-se
Bicho-do-mato	Borco
Bicoram	Bordoavam

Borra	Bronha
Bosteado	Brumas
Bosteia	Bueiro
Bosteou	Bugigangas
Brabo(a)	Bugre
Brandeia	Bugre Teotônio
Branquejam	Bugrinha
Braque	Bulbos
Brasão	Buliço
Brasonar	Buliçosas
Brazão	Bulir
Brejava	Bundura
Brejo(s)	<b>C (como de cabelentas)</b>
Brenha(s)	<i>“(...) E entrega seu canto assim sujo mesmo</i>
Brenhentas	<i>de ir trazer das grotinhas <b>cabelentas</b> é pedra com titica de aves</i>
Breu	<i>é galhos empassarados de sol...”</i>
Bridão	Cabelentas
Brivante	Cabrestear
Brochas	Cabresto
Brocoió	Caçoada

Cacoete	Campeava
Caçoou	Campinal
Cacunda	Camuflava
Cadência	Cancã
Cadoveos	Candeia
Cágado	Cândida
Cago	Candor
Caiação	Candura
Cais	Canga(s)
Caititu	Cangapé
Cálido	Cangava(m)
Callais	Canoeiros
Camalotes	Canoro(a)
Cambaias	Cansanção
Cambão	Canzis
Cambarás	Caos
Cambota	Capar
Caminhoso	Capengava
Campeador	Capivara(s)
Campear	Capote

Caracóis	Casimiras
Caramujo(s)	Casimiro de Abreu
Caramujos-flores	Castidade(s)
Carancho	Casto
Carandá	Castrado
Caranguejeiros	Catre-Velho
Carbonizado	Cauto
Carcomidos	Célebre
Cardos	Celebro
Cariados	Celestam
Carlitos	Celeuma
Carnegão	Celeusma
Carniça	Cercais
Carreando	Ceva
Carrear	Chaira
Carunchos	Chalaneiro
Casa-de-pássaros	Chamejamento
Casa-do-vento	Chamuscado
Cascudos	Chanfrada
Casebre(s)	Chapa e cruz

Chapoleta	Ciscando
Charco	Ciscavam
Charlie Chaplin	Cisco(s)
Charqueada	Cítaras
Chatilenas	Clamores
Chia(r)	Clitemnestra
Chilrear	Coalescente
Chincha	Coaxo(a)
Chiquitanos	Coaxos
Chiquitos	Cobra-d'água
Chucro	Cobrona
Cindia	Coche
Cingem	Cofiar
Cintila	Coiceiro
Cintilância	Coisa-nada
Cio(s)	Coisal
Cipoal	Coisário
Cipriano	Coito
Cisca	Colarinho
Ciscam	Colear

Colosso	Congonhas do Campo
Comandita	Congraçam
Combure	Conjunções
Comitiva	Consagrada(s)
Comparamento	Consolata
Compêndio	Conspícuo/a(s)
Competência	Constativos
Compostura	Consumismo
Comprazem	Contemplação
Compungia	Contiguidades
Comunga(m)	Contráctil
Cona(s)	Contradições
Concebidos	Conturbavas
Concepção	Convê
Conchosos	Conversamentos
Concretude	Convescotes
Concupiscente	Copiosamente
Condão	Cópulas
Condecora	Corcova
Condizentes	Corcovear

Corcunda	Craniar
Corgo	Cravado
Corixo(s)	Creonte
Corno	Crepúsculo(s)
Corola(s)	Crepusculou-se
Corrompe	Crespas
Corrompê-los(as)	Crespo
Corrompem-se	Criame(s)
Corromper	Criançamento
Corromper-se	Crisálida
Corrompidos(as)	Cruza
Corruptela	Cruzamento
Corumbá	Cu
Cosmologia	Cubando
Costaneiras	Cubículo
Cousas	Cuiabá
Covil	Cuiabá-garimpo
Coxim	Cuiabanos
Craca	Culatra
Cracará	Cultas

Cupidez	Decadência
Curimba	Decadente(s)
Curimpãpã	Decaída
Cururu	Decomposição
Cuspe	Defecam
Cuspia	Defloramentos
Cuspido	Deformado
Cuspiu	Deformou
Cuzinho	Defronte
<b>D (como de dádiva)</b>	Dejectos
<i>“(...) no entanto no homem passava ladeado de muros!</i>	Dejetar
<i>E eu não pude descobrir em seu olhar de morto</i>	Dejetava
<i>O mais pequeno sinal de que estivesse esperando alguma <b>dádiva</b> (...)”</i>	Dejeto(s)
Dádiva	Deletério
Dão	Delimpam
Darling	Delinquem
De-comer	Delira(m)
De-réis	Delírio(s)
Deambulo(a)	Delivrar-se
	Delonga

Demência(s)	Desalento
Dementados	Desalojasse
Dementam	Desamarela
Dementava	Desamontou
Dementes	Desamparada
Denigre	Desandando
Dependimentos	Desapetite
Depura-se	Desaprender
Desabado(s)	Desaprumei
Desabar	Desbastando
Desabavam	Desbrincou
Desaberto(a)	Descabelado
Desabre(m)	Descaminhos
Desabro	Descanga
Desacontecem	Descangotados
Desaconteceu	Descoisas
Desacontecido	Descomeço
Desacontecimentos	Descomem
Desafazem	Descomer
Desagero	Descomo

Descomparado	Desencostado
Descompasso	Desenterravam
Descompensações	Desenxerga
Descomportamento	Deserção
Descompreende	Desescrevem
Desconcertos	Desexplicar
Desconformada	Desfigura
Desconstrução	Desfolha
Descontrole	Desfolhamentos
Descor	Desforma
Descortínio	Desformam
Descreio	Desformar
Deseducado	Desfralda
Desembesta	Desgoverna
Desembestado	Desgualapado
Desemendado	Des-herói(s)
Desemendar	Desidero
Desempena	Desígnio(s)
Desencalho	Desimportância
Desencontros	Desimportante(s)

Desinfluída	Desolo
Desinquilibra	Desonra
Desinventar	Desonrado
Deslendo	Desorbitar
Deslimites	Desordem
Deslumbramentos	Desordenadamente
Deslumbre	Desorgulhoso
Desmedir	Desova
Desmembrado	Desovadas
Desmerece	Despalavra
Desmoçar	Despedra
Desmoçou	Despegando-se
Desmolhadas	Despenteados
Desmorrer	Despertencidos
Desmusgo	Desplanam
Desnatura	Desprefere
Desnobre(s)	Desprende
Desnome	Desprezível
Desnomear	Desproporciona
Desobjeto(s)	Despropósito(s)

Despróprio	Desver
Desremelar	Desverbado(a)
Dessaber	Desviravam
Destampava	Desvirtuado
Destampo(a)	Desviver
Destarraxam	Detrimentos
Destarraxar	Detritos
Destelhou	Devaneiam
Destemperam	Devaneios
Desteoria	Devante
Desterrada	Devassos
Desterro	Diademas
Destramela	Dialeto-rã
Destripada	Dialetólogos
Destroncada	Diligência
Desúteis	Dilui-se
Desutilidade	Disaparta
Desvãos	Disaprender
Desvendável	Disforme
Desventa	Disfunção

Disfunções	<i>chegavam os porcos famintos e, lhes entrando nos homens por debaixo, saíam com eles nas costas, quando lhes não prostravam na própria obra. De forma que sujos de suas obras, como se lê no <b>Eclesiastes</b>. Montados ainda no porco, alguns homens entravam na Vila, na maior sengraceira, com cara de cachorro que peidou na igreja. (...)</i>
Disilimina	
Disparate	
Dispois	
Dissimulada	
Dissipação	
Dissoluto	Eclesiastes
Distinção	Edênica
Distúrbios	Eflúvios
Divinam	Eira
Divinare	Eito
Divino	Eivado
Diviso	Elide
Dólmã	Elipses
Dom	Emanações
Dorowa	Emancipado
Douto	Emaranha
Draga	Emaranhos
<b>E (como de Eclesiastes)</b>	Embaraçado/a(s)
<i>(...) Na hora do homem fazer força, quando a vaidade se acaba, justo aí</i>	Embevece

Embico	Empíreo
Embira	Empluma
Embostando	Empoema
Embotada	Empós
Embuçala	Emprenhado(s)
Embutem	Emprenhou
Embutido	Enalanguescidos
Eminência	Encega
Empacha	Encetando
Empassarados	Encilhar
Empassarou	Encolhas
Empeça	Encompridava
Empedra	Encontradiço
Empedrados	Encontrável
Empedravam	Encostamento
Empedreço	Encruado
Empeixado	Encurtam
Empelicado	Encurtamento
Empernam	Endivina
Empernava	Enfado

Enfastiando	Enraíza-se
Enfeza	Enraizados
Enflorados	Enramados
Enformigada	Enrubesce
Enfrutam	Ensaruou
Engalana	Enseada
Engastado	Entarda
Engendrava	Entardecentes
Engendram	Entardeço
Engenhei	Ente(s)
Engenhoso	Enternecer
Engomar	Entesouro
Engonços	Entonces
Engrandecido	Entontecer
Engrola	Entorna
Enivelado	Entorpece
Enlace	Entorpecido(a)
Enlama	Entraduras
Enlanguesce	Entrançado
Enluaçada	Entranhas

Entrecosto	Ermitão
Entrelaçado	Ermo
Entremências	Erógena
Entrementes	Erótico/a(s)
Entretontos	Errante
Entrevado	Errático
Entronizou-se	Erroso
Enunciado(s)	Erudição
Enverdam	Erudito(a)
Enverdar	Ervar-se
Envesgar	Escalavrados
Enviesam	Escaleno
Enviesado	Escâncaros
Enxertar	Escapatória
Enxertou	Escapulário(s)
Enxurro	Escapuliu
Eólicas	Escaravelho
Epifania(s)	Escárnio
Eremisa	Escarpas
Eremito	Escarrado

Escatológicos	Esgalgado
Escoava	Esgalgo
Escol	Esgarçados
Escolhos	Esgarçam
Escombro(s)	Esgarços
Esconso	Esgueirando
Escorço	Esgueirar-me
Escorei	Esmaecido
Escória(s)	Esmar
Escorralhas	Esmera
Escorreito/a(s)	Esmo(a)
Escouceia	Esmolambado
Escrínio	Espaceado
Escroto	Espaceiam
Escrutínio	Espáduas
Escuma	Espalmado
Escura	Espalmar
Escutamentos	Espatifado
Esfarinham	Esplendente
Esfarrapada	Esplendor

Esplendorou-a	Estético
Espojar-se	Estigma
Espolegar	Estirada
Esporão	Estorvo(a)
Espraia	Estrábicas
Espraiaido	Estraçalhado(a)
Espraiaim	Estratos
Espumoso	Estrebuchou
Espurcícia	Estremelamente
Esquálida(o)	Estrepe
Esquiva	Estribar
Estacou	Estridência
Estafermo(s)	Estropiado
Estafeta	Estrupício
Estâmago	Estuário
Estame(s)	Estudamento
Estampa	Estultícia
Estandarte(s)	Estupefação
Estendal	Estúrdio
Estertoravam	Esverdeadas

Esverdeado	Existidura
Esvoó	Exorciza
Êta	Exorta
Etrúria (navio)	Êxtase
Eurico	Externam
Eva	Exubera
Evadido	Exuberância
Evém	Exulta-se
Evocadas	Ezequiel (o profeta)
Evola	<b>F (como de fazer)</b>
Exara	<i>“(...) <b>fazer</b> coisas desúteis. O nada mesmo. (...)”</i>
Excertos	Fado(s)
Excitação	Fagote
Excitadas	Falena(s)
Excitadinho	Famanaz
Excogita	Fanho
Excrementos	Fardões
Excreta	Farfalha
Exíguo(a)	Farrapos
Exílio	Fastio

Fasto	Filham
Fatigados	Filhar
Fazedor	Filhavam
Fazeu	Filó
Fecundam	Filologia
Fecundante	Finórios
Fedegoso	Firmamento
Feição	Física Quântica
Feitio	Fiúza
Feitura	Flanando
Fela	Flanar
Felisdônio	Flancos
Femeiam	Flandres
Fenece	Florejam
Feneceu	Florilégio
Feridava	Florimentos
Ferrabrás	Fluência
Ferrolhos	Fode
Fícus	Foder
Figueira	Foderem

Fodida	Fron dara
Fole	Frondear
Folham	Fron des
Folhou	Fron dosas
Fônico	Fron do so
Fontana	Frontispícios
Formigas-carregadeiras	Fulgor
Fósseis	Fulgurâncias
Fóssil	Fumegante
Francisco	Fundamentalistas
Frango(s)-d'água	Furnas
Franzem	Fusão
Frásico	<b>G (de girar)</b>
Frecha	<i>"(...) girar os braços, respirar o ar fresco, lembrar dos parentes. (...)"</i>
Freme	Gaiato
Frementes	Gala
Fremir	Galalau
Frinchas	Galardão
Frisos	Gâmbias
Fróidico	Garampos

Garatuja	Gogol
Garatujei	Gorjeado/a(s)
Garça-ave	Gorjeiam
Garços	Gorjeio(s)
Garrincha(s)	Gosma
Gárrulo(a)	Gosmam
Garupa	Gosmar
Gavar	Gosmento
Gaviões-caranguejeiros	Gosmilha
Gaviões-fumaça	Gozar
Gênesis	Gozava
Genitais	Gozo
Gental	Gralhas
Germano Agostinho	Granar
Germínios	Grandura
Gesta	Grasna
Gidian (ou Gedeão)	Grassam
Glabras	Gravanha(s)
Glicínias	Gravatá
Globoso	Grelo

Grenho	Gutura
Gretas	<b>H (como de hoje)</b>
Gromel	<i>“(...) hoje eu desenho o cheiro das árvores (...)”</i>
Grosa	Hamlet (de William Shakespeare)
Grosava	Harpava
Grota(s)	Harpejos
Grotinhas	Haurir
Guampa	Helesponto
Guanandis	Hera
Guanás	Hermafroditas
Guaranis	Hermética
Guató	Hespectador Hativo
Guaviral	Hexâmetros
Guibas	Hibernados
Guima	Hippies
Guiratinga	Hirtas
Gume(s)	Homicídio
Gumito(a)	Homizia
Guspe	Honorabilidade
Guspe-de-taquarizano	Horizonto

Hortar	Iguarias
Hortava	Ilação
Hortênsias	Ilhota
Horto	Ilogismo
Hosco	Iluminuras
Hulha	Imaculados
Húmus	Imaculantes
<b>I (de idílio)</b>	Imagético
<i>“(...) em tempo de namoro quero-que-ro é boêmio. Não aprecia galho de árvore para o <b>idílio</b>. Só conversa no chão. No chão e no largo. (...)”</i>	Imanente
	Imarcescível
	Imatura
Idílio	Imbecil
Idioleto manelês arcaico	Imbico
Idiota(s)	Imensam
Idiotice	Iminências
Idôneo	Imoral
Ignácio Rayzama	Imperturbável
Ignácio Rubafo	Implume(s)
Ignorãça(s)	Impregnado
Ignorância(s)	Impregnar-se

Impressentidas	Incrustações
Imprópria	Incrustada
Impuro(a)	Incumbências
Imundícia(s)	Incutir
Inacabado(s)	Indescoberto
Inalienável	Indícios
Inaudível	Indigência
Inauguramento(s)	Indigente
Incasto	Indignidade
Incestuosos	Indistintas
Inclementa	Indizível
Íncolas	Indóceis
Incompletude	Índole
Inconexo(a)	Indormidas
Inconsútil	Indulgência
Incorporante(s)	Indumentos
Incorre	Inércia
Incorreu	Inerências
Inços	Inerente
Incrusta	Inexistências

Infame	Insignificante
Infâmia	Ínsita
Infantia	Insolências
Infenso	Insondável
Ínfimo/a(s)	Instaura
Infinitam	Ínsua
Infinitiva	Intendência
Infira	Internato
Inflexões	Intersexuais
Inflorescência	Interstícios
Ingazeiro(s)	Interventor
Inglória	Intratável
Inocula	Intumências
Inominado/a(s)	Intumescências
Insana	Intumescidas
Insânia	Inturgescer
Insensatez	Inutensílio(s)
Insetal	Inutilidade
Insetoso	Ínvio
Insigne	Invólucros

Irisam	Jirau
Irmão-preto	Jó (livro de)
Irresolvido	João-ferreiro
Irrompem	João-grande
Irromper	João-ninguém
Irrompiam	João-pintos
<b>J (como de jacaré)</b>	Joaquim Sapé
<i>“(...) <b>Jacaré</b>s passeavam dentro da casa, pelas peças vazias, apanhando peixes na gaveta das mesas (...)”</i>	Joás
Jaburu(s)	Jubilações
Jacinto(s)	Jubiloso(a)
Jambo	Junco
Janette	Juvêncio
Japa	<b>K (como de Katy)</b>
Jaracambeva	<i>“(...) <b>Katy</b> dançava de cabelos soltos no jardim (...)”</i>
Jaz	Katy
Jazer	<b>L (de líquenes)</b>
Jesus	<i>“(...) <b>líquenes</b> comem sapatos. (...)”</i>
Jias	Lábio-lagartixa
Jiboiar	Lacraia(s)
	Lacuna

Ladeado	Lastreadamente
Ladeira Cunha e Cruz	Lastro
Ladeou	Latejo
Ladino	Latências
Laia	Latrina(s)
Lajedo(s)	Lavandeira
Laminação	Lavor
Lampeiros	Lavra
Lampejos	Leicença(s)
Lampino	Lêndeadas
Landis	Lepidóptero
Lanho(s)	Lepramentos
Lapela(s)	Lésbicas
Lara	Lesmava
Larva(s)	Leso
Larvais	Letral
Larval	Levianinha
Lascívia	Levítico
Laspear	Léxicos(as)
Lasso	Liames

Libidinoso	Locas
Libido	Locustas
Lides	Lodo
Lídima	Logra
Lili	Longemente
Limbo	Lonjura(s)
Limoso	Lontra
Limpamento	Lopes Chaves
Lindeiro	Lorotas
Linfas	Loteada
Linguetas	Louçania
Líquén	Louçãs
Líquenes	Louvo
Liquidamente	Louvoso
Lira	Luaçal
Lírica/o(s)	Luarais
Lítera	Luava
Literato	Lubricidade
Lívida	Lúbriço
Lobinhando	Lúcida

Lucidez	Madrugenta
Lúdicos	Magnificam
Lura	Magrento
Lustral	Magrez
Luxúria	Maltraçado
Luzerna	Malafinado
<b>M (como de maçarocas)</b>	Malcomportado
<i>“(...) Suporte de uma tapera é o abandonado.</i>	Maldição
<i>Aqui passeiam emas distraídas, com as suas moelas de alicate, a comer suspensórios, cobras, pregos, <b>maçarocas</b> de cabelo, cacos de vidro etc. (...)”</i>	Mamona
Maçarocas	Manguaras
Macbeth (de William Shakespeare)	Manhã-passarinho
Macega	Mano Preto
Macerações	Mansei
Machucaduras	Mansidão
Macumba	Mansura
Macunaíma	Mar de Xaraés
Madame Bovary (de Gustave Flaubert)	Marandovás
	Marcelle
	Maria-Pelego-Preto
	Maria-Preta

Mário Calábria	Merejava
Mário-Pega-Sapo	Mesmal
Mariquinha-Besouro	Mesmice
Martim-pescador	Metafísico(a)
Mascate(s)	Metáfora(s)
Masturbação	Metamorfozes
Matizes	Mexericando
Matrona	Mexericou
Maxixo	Miasmas
Mazurcas	Micravel
Mbyá-guarani	Milagrar
Medra	Minadouros
Meias-solas	Minhocal
Melenas	Minimalista
Melões-de-são-caetano	Mirrado
Meneia	Misca
Meneios	Mísera
Meninagem	Miserável
Meninice	Miséria(s)
Mercedes (tia louca)	Misgalhadinhos(as)

Mister	Muçum
Mito	Muleiro
Miudezas	Mundinho
Móbiles	Múrmura
Mochos	Murmúrios
Mocomonco	Murta
Mofó	Musgo(s)
Moléstia	Mutualismo
Moliço(s)	Mutucas
Monturo(s)	<b>N (como de nasci)</b>
Monumentar	<i>“(...) nasci para administrar o à toa o em vão</i>
Monumentou	<i>o inútil. (...)”</i>
Moreia	Naco(s)
Moringa(s)	Nadeiras
Mormaço	Nadezas
Morrimentos	Nadifúndios
Mosaico	Náfego
Moscal	Nafegou
Mossa(s)	Nain
Muar(es)	Nambu

Narcisismo	Nódoas
Narcisista	Nojo
Narciso(s)	Nossa Senhora da Minha Escuridão
Natências	Nostalgia
Naufragados	Noturnam
Náusea	Novembras
Néant (de Sartre)	Novilúnio
Necrológio	Núbil
Néctar	Nurse
Nesga	<b>O (como de oblíquo)</b>
Nexo	<i>“(...) ouço o tamanho <b>oblíquo</b> de uma folha.(...)”</i>
Nhá Velina Cuê	O Capitão Ahab (personagem de <i>Moby Dick</i> , de Herman Melville)
Nhame-nhame	Oblíquo
Nhanhá	Oblitero
Nhecolândia	Obscena
Niilidades	Obscuro(a)
Ninfômana	Obsessão
Niquices	Obstinação
Níveo	Obstinada
Nobrementes	Obtuso

Ocarino	Orellana
Ocaso	Órfico
Ocelados	Orgasmo
Ócio	Orifícios
Ode	Orla
Odificada	Ornamenta
Ofendículos	Ornamentos
Ofídica	Ortigas
Ofídio(s)	Oruros
Oiseau(x)	Orvalhada(s)
Oive	Os Irmãos Karamazov
Olhoso	Oscilante
Omnipresente	Osga
Onça-pintada	Ossarais
Ondeante	Ossatura
Ônticos	Ouriços
Opulência(s)	Outonal
Opulento	Outonam
Ordumes	Oveira
Orelhas-de-pau	Ovura

**P (como de pudor)**

*“(...) por **pudor** sou impuro. (...)”*

Pacu(s)

Padeçam

Padecer

Padeço

Paina

Palatáveis

Paleta

Palor

Panhou

Pantanal

Pantaneiro/a(s)

Papa-bananas

Papoila

Papudas

Paracleto

Paradeza

Paramentos

Parasitas

Parenteza

Parvo

Pássara

Passarinhal

Passo-Triste

Patéticos

Pau-pra-porco

Paulina

Pealar

Peculiar

Pedral

Pedregal

Pedrento

Pedro

Pedro Norato

Pedrouços

Pega-pra-capar

Peixe-cachorro

Pejos

Pélago

Pelando	Pertinências
Pelego	Pervaga
Pelotear	Pervertido
Pendão	Peschibeque
Península	Pestana
Pênis	Petição
Pensa	Petrônia
Pentateuco	Peúva
Pentecostes	Pevide
Pentelhos	Phalo
Penumbra(s)	Pichitos
Peraltagens	Pierrô
Peregrino/a(s)	Pimenteiras
Perena	Pinchar
Perorou	Pinchava
Perpendicularmente	Pinchou
Perpétua	Pirizeiro(s)
Perplexos	Pispinicou
Perro	Pitéu
Persignado	Placidez

Plaino	Potros
Plange	Prado(s)
Planura	Praguejado
Plasmo	Pranto
Plastra	Prateava
Platão	Prateia
Platinado	Prazenteiro
Plunge	Pré-coisas
Pobre(s)-diabo(s)	Pré-história
Pocas	Pré-histórica
Pocito	Pré-musgos
Poente	Pré-vermes
Polina	Precedências
Pompeia	Preceptor
Porcariinha	Preclaro
Porfiar	Predestinação
Porta da Tarde	Prefácio
Porta-estandarte	Preguiçosamente
Porto da Manga	Preguntava
Postura	Prelúdios

Premunem	Priscar
Prenhas	Priscava
Prenomes	Pristinas
Prenúncios	Prodígios
Preposto	Promíscuas
Prepúcio(s)	Promiscuidade
Presciência	Promíscuo
Préstimo	Propendo
Pretensões	Propensão
Pretextas	Propício(a)
Preze	Prosear
Primal	Prosódia
Primaveril	Prostitutas
Primaveris	Prostravam
Primazia	Pruído(s)
Primitivismo	Pua
Primitivo(s)	Pube
Primordiais	Púcaros
Primordial	Pudor
Primórdios	Puerícia

Puerto Suarez

Pulvis

Purgava

Putamente

### **Q (de quase-animismo)**

*“(...) sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho **quase-animismo**. (...)”*

Quase-animismo

Quati(s)

Quelônio

Quero-quero

Quiasmo

Quiçaça

Quimera

Quintiliano

Quíper

Quite

### **R (como de retiro)**

*“(...) **retiro** semelhanças de árvores comigo. (...)”*

Rabeja

Raiz-de-santo

Raizame

Ralhou

Ramela

Ramoso

Rampadas

Ranho

Rapa-canoa

Raphael

Rapsodos

Raslkólnikof (Rodion Románovitch)

Rastros

Razoabilidade

Rebocos

Reboja

Rebotalho

Rebrotos

Recalques	Relento(s)
Recava	Religam
Reclinadas	Reluz
Recôndita	Relva(m)
Recontos	Relvar
Recriam	Relvava
Redenção	Relvou
Redime	Remanescente
Redomão	Remansam
Reentrâncias	Remanso
Refegos	Rememrança
Refertos	Rêmiges
Refolhos	Remontados
Refulge	Rendoleiro
Regaçar	Renega
Regalo	Rengo(a)
Reima	Renovos
Reio	Renteando
Rejuntado	Repentistas
Relenga	Repona

Repositório	Retravés
Rês	Revelhos
Reses	Reverberava
Resfolegante	Reverdece
Resguardado	Reverdeciam
Resíduos	Revisitado
Resignada	Riachoso
Reslumbra	Ribeirinhos
Resplende	Ribeiro(s)
Ressaio	Robafos
Ressecas	Roçam
Resseco(s)	Rogaciano
Ressoando	Rogam
Ressonância	Romaria
Réstia(s)	Rombudos
Restolho	Rorejados
Restumes	Roto(s)
Retinir	Roupa-grande
Retiro	Rouxinol
Retórica	Rubafo(s)

Rude	Sagram
Rudemente	Salobra
Rudimentos	Salpicado
Ruína(s)	Salustiano
Rúmen	Sambaquis
Ruminam	Sambixuga
Rumor(es)	Sandeu
Rumorejos	Sangradouro
Rupestres	Sangrentos
Ruptura(s)	Sanguemente
Rutilâncias	Sanhara
<b>S (como de Sabastião)</b>	Santa Cruz de la Sierra
<i>“(…) <b>Sabastião</b> subiu o barranco se arrastando como um caranguejo trôpego (…)”</i>	Santiago (vaqueiro)
Sá	Santidade
Sabastião	Santificam
Sabimentos	Santo Agostinho
Sabuco	São Cipriano
Sacristão	São Francisco de Assis
Sacristias	São Jerônimo
Sagração	São Paulo

Saqueado	Semiescuridão
Sará(s)	Semimortos
Saracura	Semoventes
Sarças	Sempiterna
Sargento Aquino	Sengraceira
Sariemas	Sensatez
Sarinha	Sensato
Sarjeta(s)	Senso
Sáurio	Sensual
Sazona	Sentinela
Sebastião	Seo Adejunto
Sectarismo	Seo Antônio Ninguém
Sedição	Seo Mané Quinhentos Réis
Seixal	Sépalas
Semânticas	Sepultura
Semântico(s)	Seráficas
Semblante	Serepente
Semelho	Seresteiro
Sêmen	Serviciadas
Sementava	Sêsse

Sesso	Soberano
Sesta	Soberbo/a(s)
Sesteando	Sobremuito
Sestear	Socó(s)-boca-d'água
Sesteava	Sodalícios
Sestro	Sodoma
Severo	Soga
Sexual	Solapão
Sinfônico	Solene
Singelas	Solenidade
Singular	Solfejava
Sinimbus	Solitudes
Sinistro	Sombra-Boa
Sintáticas	Sondar
Sintaxe	Sonetam
Siputá	Soneto(s)
Sisudas	Songo
Sitiados	Sônico
Sitiante	Sorna
Soberania	Subaco

Subideiras	<b>T (como de tudo)</b>
Subjacentes	<i>“(...) Tudo que não invento é falso. (...)”</i>
Subjugados	Taciturna
Sublime	Talabartes
Submetido(a)	Talha
Subtexto	Taligrama
Subúrbio	Tamanduá
Sucata	Tamarindo
Súcubos	Tamarino
Sucuri	Tangido
Suficiente	Tango Maria
Suicida(s)	Tanque da Praça da Matriz
Sujidades	Tantã
Sulcos	Tântricos
Sumarentos	Tapagem
Supimpa do	Tapera
Surto	Taquaral
Suspensórios	Tara
Suspiciência	Tardeando
Sustava	Tardoso

Tartamudo	Teso
Tarumã	Tições
Tarumeiro	Tijuco
Tascou	Timbre
Tasquei	Tino
Tateando	Tiradeiras
Tatibitate	Tirante
Tátil	Tisnar
Tédio	Titica
Teius	Togas
Tendais	Tolhiças
Tenente Cunha e Cruz	Tolice
Tênias	Tolo
Tenra	Tomás de Aquino
Tentacular	Tomilho(s)
Terapeutam	Tonto/a(s)
Terena	Tordo(s)
Teréns	Torneiral
Teriscos	Torpezas
Terna	Torpor

Torquês	Transnomações
Torto/a(s)	Transparenta
Torva(s)	Transpedregoso
Trago	Transpõem
Trajos	Transsubstanciação
Trambolhos	Transvé
Tramela	Transver
Trampa(s)	Transversais
Tranqueiras	Trapo(s)
Transcender	Traquinagem
Transcrever	Trastal
Transfazê-las	Traste(s)
Transfazer	Tratagens
Transfigura	Travador
Transfiguração(ões)	Trêfegas
Transgrediu	Tremblavam
Transida	Trepam
Transitiva	Trepar
Translúcidas	Trepavam
Transmudaram	Tresconta

Tributo	<b>U (como de úbere)</b>
Trinado(s)	<i>“(...) quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão <b>úbere</b> por baixo – e se enterra. (...)”</i>
Trinos	
Tripa(s)	
Tritão	Úbere
Troços	Umidez
Trolhas	Unção
Tromba-d’água	Unge
Trombolhos	Urde
Troncha	Urinóis
Trôpego(a)	Urinol
Tropicar	Urros
Tropos	Urubuzeiro
Troucha(s)	Urucum
Truculentas	Urzes
Truncados	Usamentos
Tu-you-you	Utópico(a)
Tuiuiú	<b>V (de vácuo)</b>
Túrgidos	<i>“(...) Cobra não ataca no <b>vácuo</b> (...)”</i>
Turvo(s)	Vã

Vacilante	Vanglória
Vácuo	Vãobora
Vadiações	Vaqueiro(s)
Vadiagem	Vaquejava
Vadium	Varado
Vadias	Vareios
Vadiasse	Vareja
Vadiavam	Varo
Vadio	Varões
Vagabundeando	Várzeas
Vagabundear	Vassily Ordinov
Vagabundeio	Vate
Vagabundos	Vazado
Vagar	Vazadouro
Vaginação	Vazante
Vaginas	Veado
Vagínula	Vedo
Valise	Veementes
Valsante	Vegeta
Valva	Vegetar-se
Vancê	Velha Honória

Velhaca	Versificação
Venal	Verter
Venéreo	Verteu
Venício	Vespral
Ventados	Vestígios
Ventena	Vesúvias
Vera	Vezeiros
Verdasco	Vezo
Verdejam	Viça(r)
Verdejantes	Viçava
Verdor	Vicejo
Vereda(s)	Viciado(a)
Vergalhos	Viço
Vergéis	Vil
Vergôntea(s)	Vilezas
Verme(s)	Vilipêndio
Vernissages	Vinco
Vernos	Violas de cocho
Verossímeis	Violosa
Verossímil	Virtude(s)
Verruma	Virtuosidade

Visceras	Xaraés
Visgo	Xum
Vislumbra	<b>Y (de ygnorãça)</b>
Viterbo	<i>“Não tenho nenhuma pretensão de chegar à <b>ygnorãça</b> perfeita. Isso me sobra em dobro.”</i>
Vogo	Ygnorãça
Voluptuoso	<b>Z (de zamboada, como uma trança de cipó e trepadeira)</b>
Voyerísticas	
Voyeur	<i>“(…) Fora do mato, no limpo, taman-duá nega encrenca. Porém se encontra <b>zamboada</b>, vira gente. E desafia cachorro, onça-pintada, tenente. (…)”</i>
Vulgar	
Vulva	
<b>W (de whiskies)</b>	
<i>“Tenho uma rotina quase militar. Acordo às 5 horas, tomo um copinho de guaraná em pó, caminho 25 minutos, tomo café com leite, subo para o meu escritório de ser inútil, desço ao meio-dia, tomo dois <b>whiskies</b>, almoço e sesteio. O resto é pra ouvir música. E ver o dia morrer.”</i>	Zamboada
	Zé Limeira
	Zezinho-Margens-Plácidas
	Zine
	Zínias
	Zoadas
Whiskies	Zombou
<b>X (como de xará)</b>	Zona
<i>“(…) Oive de mi, <b>xará</b>. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele. (…)”</i>	Zoró
Xará	Zoroava

## DICIONÁRIOS

*Por Raquel Naveira\**

Amo os dicionários, essa compilação de palavras e locuções organizadas em ordem alfabética, fornecendo definições, sinônimos, revelando a pronúncia e a ortografia corretas. Quanta riqueza nesse livro espesso, pesado, silencioso e ruminante como um camelo no deserto.

Pablo Neruda escreveu o surpreendente poema “Ode ao dicionário”, em que ele, como mago das palavras, se rende ao valor desse livro “que não é tumba, túmulo ou mausoléu”, mas é “preservação, fogo escondido, plantação de rubis, perpetuação viva da essência, celeiro do idioma”.

Abro ao acaso uma das páginas do dicionário: “eufemia”, “eufonia”, “euforia”. Eu-fo-ria: que sensação de bem-estar perfeito, de alegria intensa, ao pronunciar estas sílabas devagar, sentindo minha respiração, um gosto de damasco na boca.

Os dicionários tiveram sua origem na antiga Mesopotâmia: tabletes de escrita cuneiforme informando signos, profissões, divindades, objetos. Os gregos criaram os catálogos, os *lexicons*. Os monges copistas da Idade Média, os glossários. Houve também o estudo sistemático dos enciclopedistas de ciências, artes e ofícios, como Diderot. O advento da imprensa alavancou a difusão desses livros de informações tão práticos e úteis.

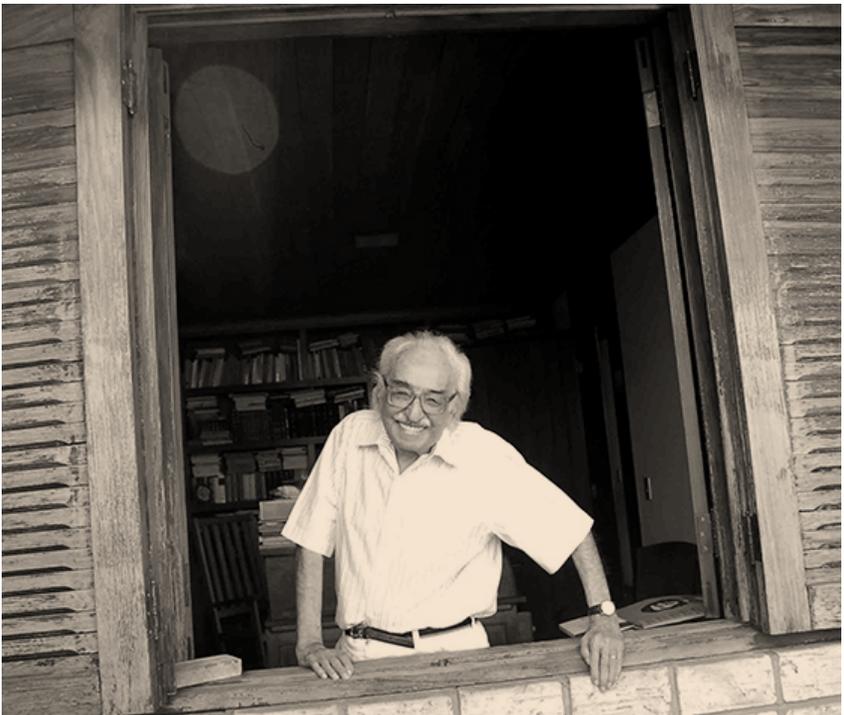
*Aurélio*: incrível o nome de um homem com vocação de escriba como o professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira tornar-se sinônimo de dicionário. Quão grandes devem ter sido sua coragem, suas vigílias, as opressões sobre seu espírito, para nos oferecer esse tijolo recoberto por um jaquetão de couro preto com seu nome gravado em letras douradas. Uma mina de pedras preciosas a ser escavada.

Os escritores lutam com as palavras. Drummond escreveu que “Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos / mal rompe a manhã”. No nosso direito de artistas aceitamos as explicações propostas pelo dicionário ou modificamos o sentido, ou criamos novas palavras. No esforço pelo texto, pelo poema, pelo autoconhecimento, recorrem também ao dicionário de símbolos para decifrar linguagens profundas, mergulhar nas camadas ocultas da mente, domar energias, vislumbrar o extraordinário poder das palavras que criam realidades; ao dicionário de ideias afins onde as palavras são agrupadas de acordo com a área de significado comum unindo, por exemplo, palavras como “ovo”, “começo”, “embrião”, “infância”, “feto”, “princípio”, “germe”, “gênese”, “aurora”; ao dicionário de rimas, “salvação da lavoura poética”, como declarou o próprio Drummond, pois uma rima não gera um poema, mas pode vitalizá-lo, iluminar sentidos com emoção e espanto e, aliás, a palavra “dicionário” rima com “diário”, “necessário”, “destinatário”, “devocionário”; ao dicionário etimológico, que aponta a origem, a composição, a evolução dos vocábulos como, por exemplo, “colina”, “pequeno monte ou outeiro”, deriva do francês “colline”, do italiano “collina” e, este, do latim “collina”.

Ouvi do poeta Manoel de Barros, certa vez, que muitas de suas invenções com as palavras surgiram da leitura e pesquisa em seus dicionários. Era com esse auxílio que ele criava o seu “*idioleto manóelês arcaico*”. Em *O guardador de águas* ele afirma que “crescem jacintos sobre palavras”; que seu personagem poético, Bernardo da Mata, conversa com Rã como quem conversa em Aramaico. Em nota explica que “o Dialeto-Rã falado por pessoas remanescentes do Mar de Xaraés, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico, idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas”.

Em *Arranjos para assobio*, Manoel cria um “Glossário de Transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhuma) ou menos” e vai elencando e enunciando palavras: “Cisco, s. m. / Pessoa esbarrada em raiz de parede...”; “Poesia, s. f. / ... Produto de uma pessoa inclinada a antro”; “Lesma, s. f. / Semente molhada de caracol que se arrasta sobre as pedras deixando um caminho de gosma escrito com o corpo”. Registro esta outra frase louca: “Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina”.

\*Raquel Naveira é escritora, poeta, formada em Direito e Letras, e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras; doutora em Língua e Literatura Francesas e mestre em Comunicação e Letras.



## CAPÍTULO VI

### A CRÍTICA

“Manoel, é um doce.”

---

Guimarães Rosa, escritor, diplomata, novelista, contista e médico brasileiro, após ler *Compêndio para uso dos pássaros*.

“Manoel de Barros é o maior poeta brasileiro vivo.”

---

Carlos Drummond de Andrade, poeta, contista e cronista.

*“Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1942.*

Meu caro Manoel de Barros:

*Li Face imóvel em alguns minutos. Depressa e com emoção. Penso que você, através desse livro rápido e imperfeito, mostrou possuir os elementos essenciais de uma poesia cheia de humanidade e pungente lirismo. Não lhe dou conselhos nem me sinto autorizado a dá-los (de resto, nada valem). Mas acredito que quem escreveu esses poemas tem muita coisa a dizer, no confronto de si mesmo com o mundo. Guardei aquele ‘como rosa em peito de suicida’ e aquela ‘luz da lâmpada na moringa’ como sinais, entre vários outros, de uma expressão poética rica de dramaticidade e sentimento das relações secretas entre as coisas. Com um grande interesse pelo desenvolvimento de sua poesia (interesse que é simpatia amiga), e grato ainda às boas palavras que me dedicou, abraço-o cordialmente.”*

*Carlos Drummond de Andrade*

“A poesia de Manoel de Barros é de uma enorme racionalidade. Suas visões, oníricas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor. É um visionário da humildade e solidariedade humanas. Recebo a poesia de Manoel de Barros em estado de graça, me comprazo com ela e, graças a ela, com o mundo.”

---

Antônio Houaiss, filólogo, crítico, intelectual e diplomata.

“Veja, isso é que é poesia.”

---

Millôr Fernandes, desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro, apresentando Manoel de Barros ao Brasil.

*Carta de Mário de Andrade a Manoel de Barros em 1942, após ler e reler Face imóvel*

*“São Paulo, 5 de novembro de 1942.*

*Manoel de Barros:*

*Recebi a ‘Face imóvel’ e faz dias que estou pra lhe escrever agradecendo a oferta. Teu livro é realmente bom e você vai me desculpar si não pormenorizo em qualidades o meu bem querer pelo seu livro e sua poesia. Realmente não posso fazer coro: excesso de trabalhos e sobretudo esta espécie de fadiga de viver artes que me tomou agora com essa guerra. Vivo tomado de uma tamanha ‘evidência’ de que não-vale-a-pena que nem sei bem como é que estou vivendo.*

*Mas, acredite, gostei com franqueza da ‘Face imóvel’ e reli seus versos. Há na maioria deles uma real intensidade de poesia, poesia em vertical, mesmo diante dos temas objetivos que você me compraz em descrever. Enfim é de fato um livro de poesia. E poesia que me comoveu. Muito obrigado.”*

J. Paulo, 5-XI-42

Manuel de Barros

Recebi a "Face Tomvel" e faz dias que estou pra-  
lho escrever agradecendo a oferta. Seu livro é real-  
mente bom e não sei que desculpar a não  
parabenizaro em qualidades o meu benquerer  
pelo seu livro e sua poesia. Realmente não pos-  
so fazer isso: excesso de trabalhos e sobretudo  
esta espécie de fadiga de viver artes que me  
tomou agora com essa guerra. Vivo tomado de  
uma tãnaonha "evidência" de que não-va-  
a-pena que quem sei bem como é que estão  
vivendo.

Mas a verdade, gostei com franqueza da Face  
Tomvel e reli seus versos. Há na obra uma  
delas uma real intensidade de poesia, poesia  
em vertical, mesmo diante dos temas objetivos  
que não se compra, em descrever. Enfim é  
de-fato um livro de poesia. E poesia que me  
comoveu. Muito obrigado.

es - de Andrade

(Foto: Reprodução/Portal Livre Opinião)

Mário de Andrade, poeta, escritor, crítico literário,  
musicólogo, folclorista e ensaísta brasileiro.

“O que é Manoel: um mágico das palavras, um fenômeno como ser humano ou um grande poeta? É muito difícil defini-lo. Quando li suas poesias pela primeira vez, perguntei a mim mesmo se o que eu estava lendo era uma revelação ou uma revolução. Não tinha dúvida de que estava diante de um poeta, mas que poeta? Como é possível publicar uma porção de livros de poesia (até os títulos são poéticos) sem escrever um soneto sequer? O desrespeito às formas consagradas pode ser chocante, mas creio que é justamente o que encanta o leitor que não se preocupa com essas formas, e sente a beleza do desencontro das ideias e das palavras. Mesmo assim, haverá leitores que podem se perguntar de que espécie é a poesia de Manoel de Barros, ou qual é a métrica de seus versos. Ora, essa poesia, embora cheia de lirismo, não é lírica. E embora arrojada, não é épica. Mas é poesia. Quanto à métrica, não adianta procurar alexandrinos, porque não existem, nem fazem falta. Seriam alexandrinos se Manoel se chamasse Alexandre. Mas felizmente não se chama, e é aí que se encontra o mapa da mina: seus versos são, pura e simplesmente, manuelinos.

Únicos e incomparáveis. E isso, a meu ver, responde à minha pergunta inicial: a poesia de Manoel de Barros é uma revelação e uma revolução. Estou certo de que o leitor deste livro não poderá deixar de concordar comigo.”

---

José Mindlin, bibliófilo e membro da Academia Brasileira de Letras.

“Esse surrealista-minimalista pantaneiro, poeta das insignificâncias, dos detritos, descobre dramas na vida dos caramujos e nos ovos de formiga e faz os sapos do lodo denunciarem nossa fragilidade.”

---

Arnaldo Jabor, comentarista e cineasta, no artigo “Escrevo hoje um artigo sobre quase nada”, no caderno Ilustrada, da “Folha de S.Paulo”, 15 out. 1996.

“Diz a lenda que fui o segundo a registrar a ‘*palavra falada*’ de Manoel de Barros. A primeira teria sido uma também repórter da TV Cultura.

Porém uma coisa é certa. Fui o primeiro jornalista que teve a chance de acompanhar o processo de criação do poeta e documentar seu dia a dia. Em casa – na companhia da mulher Stella, dos filhos, netos e bisnetos; no silêncio de seu gabinete de trabalho – ou ‘*lugar de ser inútil*’ como ele diz; os encontros e conversas com os amigos nas ruas de Campo Grande; os dias de descanso na Fazenda Santa Cruz. As mais de oito horas gravadas durante esse encontro inesquecível, foram o presente de Natal do ‘Globo Ecologia’ para seus telespectadores em 1992.

Nesse programa especial, o então ministro da Cultura, professor Antônio Houaiss, declarou: ‘Poesia é alimento para o ser humano. Faz bem ler poesia. Faz muito bem ler a poesia de Manoel de Barros’.

Desde então descobri que mais bem faz ainda conviver com o Dr. Manoel e sua família. Registrar nossas conversas para compartilhar com milhões de telespectadores o bem que também faz ver e ouvir a ‘*palavra falada*’ na voz do poeta. Respeito, carinho e dedicação à poesia que Manoel conta nos cinco episódios de ‘Paixão pela palavra’ – série para TV, exibida em 2008 pelo Canal Futura.”

---

Claudio Savaget, jornalista, diretor de programas do “Globo Repórter”, “Globo Ecologia” e da Fundação Roberto Marinho.

“Embora de estatura mediana, Manoel de Barros, como diz Vinicius de Moraes, possui a ‘altitude mental dos altos píncaros’. Ele não tem nem nunca teve pasta de correspondências expedidas e correspondências recebidas. Não é homem de autopromover-se e muito menos de fazer da literatura um instrumento de picaretagens. É homem íntegro, afável, de

sorriso solto, humor afilado. Seus cabelos começam a pratear; os óculos dependurados no nariz compõem a figura do intelectual honesto, de posições definidas e, sobretudo, avançadas. Mato Grosso possui poucos poetas e muitos *poetastros*. No entanto, a inversão de valores, no fundo mesmo, é apenas uma questão de aparências: os medíocres, apesar de todo foguetório, no fim dos tempos, irão para a vala comum dos inodoros ao passo que os bons restarão para todo o sempre. É só dar uma olhadinha na história para se ver que assim foi e assim será eternamente.

Se nossos homens públicos possuíssem alguma clarividência intelectual, as obras de Manoel de Barros já deveriam de há muito estar reeditadas; frequentando as nossas bibliotecas; sendo estudadas pelos nossos jovens e sua figura conhecida em seu estado natal. Infelizmente a realidade não é essa.

Tímido e circunspecto como todo bom poeta, Manoel de Barros é arredio às confrarias literárias. Sua carreira de homem de letras começa em 1937 quando financia a primeira edição de seu livro *Poemas concebidos sem pecado*.

Mais tarde em 1942, a editora Século XX publica outro livro seu de poemas, *Face imóvel*; em 1956 edita pela Pongetti *Poesias* e em 1961 ganha o seu primeiro prêmio nacional de literatura, o Prêmio Orlando Dantas, com o livro *Compêndio para uso dos pássaros*, e, em 1969, pela editora Tordos publica o seu *Gramática expositiva do chão*, com o qual ganharia o Prêmio de Poesia do IV Encontro Nacional de Escritores, em Brasília. Recentemente publicou pela Livraria São José a sua última obra: *Matéria de poesia*.

Num estado onde impera a ausência de realizações culturais, sufocando toda e qualquer motivação individual, Manoel de Barros se fez poeta pela simples razão de ter nascido poeta. Remando contra as correntes adversas ele se impôs unicamente pelo seu alto valor literário. No

seu universo poético vê-se, antes de mais nada, a própria realidade mato-grossense (principalmente a região do Pantanal corumbaense, onde o poeta passou grande parte de sua existência, especialmente a infância, magistralmente retratada), sente-se em cada verso (os da última fase, inclusive, com certas conotações surrealistas) o homem fincado em suas origens, em seu chão. Valho-me novamente de Vinicius para realçar a importância do trabalho de seu irmão Manoel: 'Ninguém é universal fora de seu quintal'. Seus versos possuem muito de telúrico e de poder encantatório; de originalidade criativa e de força de comunicação."

---

José Octávio Guizzo, radialista, jurista, administrador, compositor, músico e escritor, em abertura da matéria "Manoel de Barros, sobreviver pela palavra", na "Revista Grifo" (nº 2, p. 50 a 53), publicada em maio de 1979.

"O sábio é um adulto com olhos de criança. Esse é o Manoel. Tenho uma relação não só com a obra do Manoel de Barros, mas com o próprio Manoel. Nós passamos alguns anos nos correspondendo. Essa amizade surgiu no fim dos anos 80, quando descobri a poesia dele e andei atrás dele. Quis fazer uma obra sobre a obra do Manoel e nos aproximamos muito, estive na fazenda da família e conheci um personagem importante da obra dele, o Bernardo (peão de sua fazenda há mais de meio século), que já morreu.

Nós nos tornamos amigos, adoro a Stella, a mulher dele, a filha dele, Martha Barros, que é uma grande artista plástica, uma pessoa queridíssima, ilustradora da obra do pai. Tenho lembranças maravilhosas do Manoel. Me considero uma excelente leitora do Manoel de Barros, como se eu tivesse conseguido entender um pedacinho da alma dele. A poesia é um treinamento. Você só gosta de poesia quando começa a ler e insiste na leitura, passa a conhecer a arquitetura de um poeta, o estilo

literário – aí é uma coisa que te atrai ou não, e o estilo dele me atrai e muito –, até você entender todas as influências dentro da vida dele. O Manoel sempre citou desde Beethoven, Bernardo, Jesus, São Francisco – as maiores estrelas da história da humanidade estão dentro da obra dele. Manoel é um homem que se construiu desse homem. Você lê Manoel e vê muito de Guimarães Rosa, quem lê Guimarães sabe disso. Vou sentir muita falta dele.”

---

Cássia Kis Magro, atriz, ao Portal UOL, em 13 nov. 2014.

“Sua obra tem originalidade, absurdez, infantilidade, síntese, mas principalmente esse absurdo verossímil que a gente vê no mundo infantil, mas com muita estética. Ele é muito coerente com a obra dele.”

---

Pedro Cezar, diretor do documentário “Só dez por cento é mentira”.

“(…) ele mesmo, o Manoel de Barros, é uma pessoa muito recatada. De vez em quando ele sai, vai ao Rio de Janeiro, mas com muito sacrifício. Provo isso porque já estivemos juntos algumas vezes e ele disse: ‘Pô, não sou de sair de casa. Quero ficar no meu Pantanal, aqui sossegado...’. Mas tive essa felicidade, essa ousadia também de gravar um poema do Manoel de Barros, de quem já li muitos livros. Gosto dele, acho fantástico o Manoel de Barros, um gênio.

Engraçado que o Manoel de Barros foi o único que me inspirou, até porque as letras dele, não sei por quê, têm algumas lembranças de coisas que já escrevi em discos passados. Espero que essa ligação com Manoel de Barros dure, pois quero musicar mais coisas dele.

Manoel talvez seja o autor que eu mais li depois de Herman Hesse, que é um escritor que repito até hoje. Ultimamente tenho lido mais Manoel, penso inclusive em fazer mais coisas, compor mais em cima dos versos dele, porque me identifico também com a pessoa dele, que é maravilhosa!”

---

Luiz Carlos dos Santos (Luiz Melodia), ator, cantor e compositor à revista “Churrasco & Churrascarias”, e a Felipe Tadeu (site novacultura).

“O reino das imagens é sinônimo do lugar onde pode ocorrer a grande metamorfose, onde se flagra a coisa no momento de si mesma, onde tudo é capaz de se transfigurar em tudo, porque o poeta ‘aumenta o mundo com suas metáforas.’”

---

Marilene Felinto, jornalista e escritora, em artigo no caderno Ilustrada, da “Folha de S.Paulo”, 29 abr. 2000.

“Quando conheci Manoel fiquei tão abismada, tão iluminada, tão nutrida da poesia rara dele, que achei que ele era uma coisa muito distante, lá onde moram os mitos, lá onde mora Deus. Aí concluí: Deus existe. Essa poesia com grandeza de caracol, com pressa de lesma por dentro do sentido das coisas, esse encostamento na parede – alma da gente –, que os versos dele realizam, põem imediatamente meu pensamento para brincar enquanto me ensina.”

---

Elisa Lucinda, atriz e poeta.

“Mais do que um poeta, foi um mestre na aprendizagem de um outro olhar, um olhar mais próximo das coisas essenciais, essas que só entendemos por via da infância. Por meio da poesia ele rearrumou o mundo e ensinou-nos o valor das coisas que não parecem ter préstimo.

Esse préstimo pode ser o simples facto de se ser pequeno, desvalido e instigador de beleza. A sua palavra foi uma espécie de microscópio para vermos o que nos ensinaram a desconsiderar. Por tudo isso, a sua vida e o seu nome não podem ser ditos no pretérito.”

---

Mia Couto, escritor moçambicano, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Quantos sabem o que é o idioleto mannelês arcaico? *É o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e as moscas. Você conhece palavra inutilidade? E criação?* O que Manoel quer dizer quando fala: *‘Prefiro as máquinas que servem para não funcionar?’* Ou: *‘Perder o nada é um empobrecimento?’* Encantos, foi o que Manoel de Barros fez a vida inteira. Na sua simplicidade, singeleza, despojamento há mais temas do que tratados de filosofia. Quantos volumes podemos escrever sobre esta afirmação: *‘Tudo que não invento é falso’*. E esta, então: *‘As palavras me escondem sem cuidado’*. Ah, Manoel, sem você vai ficar tudo tão rasteiro.

Quem escreverá sobre *ignorâncias* ou sobre o *Nada* com o teu jeito?”

---

Ignácio de Loyola Brandão, escritor, contista, romancista e jornalista, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Acompanhei a obra dele a partir dos anos de 1960 até 1980. *De Face imóvel* (1942) ao *Compêndio para uso dos pássaros*, de 1960, a mudança

foi grande. Basta ver os títulos dos livros citados. A meu ver sua poesia sofreu essa metamorfose quando assimilou uma escrita ‘rosiana’, como se ele escrevesse a partir dos rascunhos de Guimarães Rosa. O resultado foi bom e até surpreendente em *Gramática expositiva do chão* (1966) e *Arranjos para assobio* (1980). Com o andar do tempo o que foi surpresa ficou maquinal, maneirismo de frases, mais ou menos felizes.”

---

Armando Freitas Filho, poeta, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Não há palavras de dizer esse nosso dikota (mais-velho) Manoel. Uma vez chamaram-lhe Manoel do Barro. Manoel-em-Barros. Hoje eu queria sonhar um post-scriptum para ele – era quase assim: *talvez ao poeta faça bem / desabrochar-se / tanto quanto ele / se nos acendeu nos vagalumes.*”

---

Ondjaki (Nдалu de Almeida), escritor e poeta angolano, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Querido Manoel: Tentei me preparar para esse momento. Achei que, chegada a hora, estaria suficientemente forte para suportar a dor de sua ausência... enganei-me... descanse em paz, Manoel. Abraço a Bernardo-passarinho. Agora, tem aqui um deserto em nós.”

---

Pascoal Soto, ex-diretor editorial da Leya, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“A poesia de Manoel de Barros me ensinou que ‘há várias maneiras de dizer nada’. Aprendi com seus livros encantatórios, como *Arranjos para assobio* e *Livro sobre nada*, a verdadeira ‘virtude de ser inútil’. A poesia

de Manoel de Barros é tão forte que dialoga com outras linguagens como a dança, a música, o teatro e as artes visuais. Basta assistir ao espetáculo ‘Tudo que não invento é falso’, de Paula Maracajá, ou ainda à ‘desbiografia oficial’ pintada pelo cineasta Pedro Cezar, ‘Só dez por cento é mentira’, para entender que a poesia de Manoel de Barros é a infância da língua portuguesa.”

---

Ramon Nunes Mello, poeta, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Manoel de Barros é um poeta perigoso. Como Guimarães Rosa, Beckett ou João Cabral, seu estilo é daqueles que encantam o leitor e podem levar um escritor ao desespero.

O leitor em mim, sobretudo quando está de bom humor (Manoel é melhor lido em dias de bom humor), fica maravilhado com sua capacidade de moldar as palavras como se elas ainda fossem barro mole, como se ele ainda fosse criança! E com as suas ideias pequenas, suas ingenuidades essenciais, sua filosofia miúda. Como gosto de gente sem pompa, só com circunstâncias...

O leitor em mim gosta do Manoel de Barros; o Manoel não tem medo do ridículo, porque só o ridículo é *matéria de poesia*. Aí vou escrever, me ponho a escrever. Estou escrevendo e de repente brota uma *dália* manoelina no meu texto, um girassol em forma de *horizonte*, uma lista de instruções para a engenharia de *nuvens*. De repente meu *verbo* começa a *pegar delírio* (e olha que eu dei a ele todas as vacinas). Sobrevém o temido momento: impossibilitado de copiar o Manoel de Barros, eu fico *impres-tável* para a escrita, sentado ali, em *estado de árvore*. Bendito seja.”

---

Victor Heringer, poeta, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“Manoel de Barros era o último sobrevivente de uma tradição literária de trabalhar o folclore, inventariar a linguagem e propor um pacto de ingenuidade com o leitor. Era um tarado pelas palavras. Buscava os primórdios, o intuitivo. Os personagens comuns e deliciosamente simples. Ele professava douda ignorância. Sua poesia é um menino aprendendo a falar e um velho aprendendo a esquecer.”

---

Fabricio Carpinejar, poeta, ao portal O Estado de S. Paulo, 13 nov. 2014.

“O poeta nasceu em Cuiabá em 1917, antes da mudança da família para Corumbá. Veio no colo da d. Alice. Da Fazenda Campinas que fundaram, foi para o colégio interno desde os 7 anos. Não havia outra opção: primeiro no Colégio Pestalozzi em Campo Grande, depois Colégio Lafaiete e Colégio São José, no Rio de Janeiro, depois Faculdade de Direito. Poeta não foi depois, foi antes, parece que ele nasceu com esse defeito – uma disfunção de caráter lírico.

Sempre me perguntam como é o poeta na vida prática. Uma vez respondi, em discurso, quando ele recebia o título *Honoris Causa*, em uma universidade, que ele era um homem inútil. Não sabia fazer nada, só poesia. Ele deu uma gargalhada, a plateia também. Sobre sua poesia já se disse tudo. Crítica de todo o país e do exterior o louva. Sobre ele muitas teses de mestrado e doutorado, em nossas universidades, já foram feitas, além de um livro na Espanha. É hoje o poeta mais vendido no Brasil.

Creio que Manoel de Barros é o último poeta brasileiro em tempo integral. Se tivesse vivido no tempo do Romantismo teria morrido aos 21 anos, de tuberculose, como era moda.

Mas ele se casou com d. Stella, mineira de boa cepa, da Zona da Mata, que nunca o deixaria morrer de tuberculose. Foi a companheira certa que sempre comungou com o poeta dos prazeres do espírito, da

boa leitura, dos devaneios estéticos, mas, com os pés no chão, sem arredar da realidade.”

---

Pedro Spíndola, amigo e autor do livro *Celebração das coisas\** – *bonecos e poesias de Manoel de Barros, 90 anos do poeta.*

“A obra poética de Manoel de Barros espelha sua capacidade de trabalho. Sua adolescência esteve assinalada pelo prazer de desvendar os mistérios e os segredos das palavras; mais tarde trabalhou muito no estudo de consagrados artistas. Ao retornar para sua pátria, a palavra, orientado pelas referências estéticas contempladas, inaugurou o próprio caminho estético e não mais retornou. O resultado de sua jornada de incansável e diário labor de ‘escorvar palavras’ são os inúmeros volumes de sua monumental obra.

Incrustou poeticamente nas palavras as mais belas experiências de nossa cultura e de nossa terra. Ninguém senão ele viveu as belezas da infância corumbaense; ninguém retratou com arte a experiência única de amor paterno nas enchentes pantaneiras; ninguém amou a sabedoria de seus personagens que navegam sempre em dimensões transcendentais e imersas nesta terra. Semeou imagens e versos inaugurais que serão lidos e relidos para se compreender o viver de qualquer tempo. Reinventou a vida e auxiliou o seu leitor fiel a se reinventar para embelezar qualquer tempo em que seus versos forem lidos.

A poesia de Manoel de Barros, por sua riqueza estética, possibilita leituras em qualquer campo artístico e proporciona uma reinvenção da vida a cada leitura; afinal, a grandeza de Manoel de Barros é um patrimônio da arte universal.”

---

Pe. Afonso de Castro, graduado em Letras, Filosofia, Teologia e Pedagogia. Mestre em Letras e doutor em

Teoria Literária e Literatura Comparada. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e autor do livro *A poética de Manoel de Barros*.

“A poesia de Manoel de Barros é a casa do coração, onde renascemos para o prazer de ver, ouvir, sentir e tocar o selvagem coração da vida.

(...) definições de poesia existem inúmeras. Nenhuma tão apropriada, tão definitiva como ‘poesia é voar fora da asa’, com que Manoel de Barros nos brinda em *O livro das ignoranças*, publicado em 1993.

Até hoje não me lembro de alguém que tenha condensado de forma tão perfeita o mistério, o encantamento, as ilimitadas possibilidades do fazer poético em frase tão reduzida.

Principalmente a liberdade de criar e tornar infinitas as coisas mais insignificantes e perecíveis.”

---

Maria da Glória Sá Rosa, professora, escritora e crítica de arte.

“Manoel vivia para a poesia, dizia que ‘estudara Direito por linhas tortas’, que Deus ajeitara nele um dom: ‘pertencer para uma árvore, escutar o perfume dos rios’. Era alguém que não desejava ‘cair em sensatez’ e que só almejava o ‘feitiço das palavras’.

O seu livro *Pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*, que mistura prosa e poesia, é um dos que melhor retratam o universo das fazendas, do ermo onde ele se manteve. Apresenta sua terra, Corumbá, a Cidade Branca, com orgulho, viajando de lancha ao encontro de si mesmo, de seu personagem, de seu alter ego, num ‘Rio Paraguai empeixado e cor de chumbo’, que ‘flui entre árvores com sono’. Sente o cheiro dos currais; vê ca-

sas nascendo; meninos recolhendo vacas no lusco-fusco, na semiescuridão; depara-se com o agroval, onde arraias viram ninhos de larvas, cios, pólens e sêmens fervilhantes. Sente o ‘perfume de terra molhada que invade a fazenda’. Deleita-se com o mundo sem limites do Pantanal cheio de cogumelos nos troncos e bagunça de periquitos nas ramagens.

Ouve o ranger da carreta de bois puxando cordas tiradeiras. Conta que, assim como os cafeicultores paulistas iam passear e se cultivar em Paris, no sentido de obter cultura, assim também houve o caso daquele fazendeiro que, da Europa, enviou bilhete ao gerente do banco: ‘– Venda carreta, bois do carro, cangas de boi’. ‘O boi cria o pantaneiro’, conclui melancólico. A sua faina de fazendeiro/fazedor de poemas é cheia ‘de nó pelas costas’, ‘pois tem que transfazer natureza’. Transfazer, entende? Só os loucos ouvem estrelas como Olavo Bilac; conversam com o mar salgado pelas lágrimas de Portugal como Fernando Pessoa; dizem que a voz das águas tem sotaque azul como Manoel de Barros.

Só os loucos se comunicam com o inanimado, inventam, fantasiam, voam fora da lógica, criam metáforas, dão mais importância ao sonho que à realidade.

A poesia é doença da alma, sublimação, catarse. Poesia é um desejo de ser e de fazer.”

*Raquel Naveira, escritora, poeta, formada em Direito e Letras e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas e mestre em Comunicação e Letras.*

“Lembrar de Manoel de Barros é, ao mesmo tempo, celebrar sua criativa vida, claro, e reverenciar a sua farta memória. Conheci o nosso poeta no Rio de Janeiro, no fim da década de 1960, quando já era famoso pela força dos seus versos que têm o Pantanal como fonte principal de inspiração.

Eu ficava muito orgulhoso quando lia as seções de cultura dos jornais cariocas e via a poesia de Manoel ali estampada. Como amante da poesia e da literatura que sou, aquilo era um enorme presente. Depois tive o prazer de encontrá-lo muitas vezes em Campo Grande. Aliás, quando podia, me dirigia a sua casa para ‘sorver’ um pouco da sua imensa inteligência e fineza no trato. Manoel era cosmopolita. Sabia de tudo e tinha uma cabeça privilegiada que encantava a todos. Aliava talento e simplicidade, coisa rara em um só homem.

Em função das suas reconhecidas qualidades, em 1998, pouco tempo depois de ter fundado a Uniderp (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal), decidi criar a Fundação Manoel de Barros, para fomentar pesquisa e extensão, principalmente no Pantanal, bioma que o poeta amava e cantava nos seus imortais versos. Essa foi uma boa e promissora ideia. Até os dias de hoje a fundação estimula a pesquisa e a cultura do nosso estado.

Nosso poeta partiu para o outro plano aos 97 anos, felizmente teve tempo de deixar-nos um manancial de palavras só comparável à biodiversidade do próprio Pantanal. Como bem dizia ele, sua matéria era a palavra, não era a paisagem nem a ecologia. Seu universo era o de desencantar as palavras. Que mais poderíamos esperar de um poeta? Seus livros são lidos em diversos países do mundo. Não há dúvida de que ele está entre os grandes da poesia universal. São justas as inúmeras honrarias e homenagens que recebeu – e continua recebendo –, mesmo não estando entre nós. Eu tenho a convicção de que nem os livros nem os prêmios – e provavelmente nem as páginas acadêmicas já escritas a respeito de Manoel de Barros – serão capazes de defini-lo.”

---

Pedro Chaves, empresário e político, em trechos do artigo “Pedro Chaves: ‘Cem anos do poeta Manoel de Barros’”, publicado no portal Correio do Estado, em dezembro de 2016.

“A vida do poeta Manoel de Barros, ‘Nequinho’ para os caramujos e as cigarras pantaneiras, já era conhecida ‘90 anos antes do nada’. Assim, a sua indecifrável inspiração só falta emitir som como nos quadros acadêmicos o pôr do sol ou aquelas figuras do Museu de Madame Tussaud, o da humanidade em cera. Há pessoas inteligentes que à força de se deixarem embevecer pela vaidade acabam estúpidas. Não é o caso do nosso poeta, que gosta com naturalidade, sem se prostrar ou se anular. Agora, na sua demorada ascensão ao céu, devo acarinhá-lo e santificá-lo, para todos os efeitos, por esse jeito milagroso de se inspirar e pela obstinação camuflada de amar.”

---

Nelson Trad, ex-deputado federal.

“Meu primeiro contato com a obra de Manoel de Barros aconteceu em 1981. Recém-chegada a Campo Grande, minha grande paixão poética era, até então, um Manuel com ‘u’, o Bandeira. Fui lendo aos poucos, pois era difícil encontrar os livros dele.

A obra do Manoel é toda voltada para a palavra, é linguagem pura, daí sua capacidade para falar o humano e o mundo, reduzindo-os ao nome. Além disso, é leitor do que há de melhor em literatura e nas outras artes (música, cinema, artes plásticas...). Tudo isso é visível nos seus poemas. Faz parte da tradição da cultura ocidental.

Estudar a obra do Manoel implicou não parar mais de ler os seus livros. E sempre com muito prazer. Depois, conheci o Manoel pessoalmente. É tão encantador quanto o poeta. Uma combinação rara de sensibilidade, razão e generosidade. Ficaram cruzadas para sempre a amizade da leitora e do poeta.

Sou leitora do Manoel há 25 anos. É pouco, perto dos 70 só de poesia. Mas procuro dar conta de tudo. Acho impossível ler um único

livro. A leitura de um livro leva a outro anterior e a outros poetas e obras e quadros e músicas e filmes. Ele obriga o leitor a interromper a leitura linear, a buscar a voz do outro e a renovar os sentidos do que acabou de ler. É puro jogo. Não dá pra ser de outro modo ou os equívocos acontecem. Não existe pressa na leitura da obra de Manoel. Minha homenagem ao poeta e amigo é constante: é ler e compreender que é preciso repetir, repetir, repetir, até ficar diferente.”

---

Maria Adélia Menegazzo, graduada em Letras com mestrado em Letras e Linguística, doutorado em Letras e pós-doutorado no Grupo de Pesquisa em Arte e Fotografia do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP. Professora aposentada da UFMS, pesquisadora e orientadora no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS e no doutorado em Letras, campus de Três Lagoas.

“Manoel de Barros chega aos 90 sem ceder a modismos, sem arrear de seu compromisso essencial com a Palavra. Nela está o rito de sacração de sua poética – no Verbo em estado puro de gênese, que precede e transcende a pantanais, sibérias, atacamas e glaciais. Xamã desse culto secreto que conecta caramujos e galáxias na recriação do Universo, Manoel de Barros é atemporal. Mas sabê-lo por perto neste tempo e nesta hora nos dá o alento de que a Criação é obra em andamento. E o Criador não poderia ter melhor contramestre.”

---

Oscar Ramos Gaspar, jornalista e escritor.

“Ah! Manoel!

Seu jeito menino de escrever e desenhar só me leva a pensar que todo dia é dia de reconhecer e valorizar a infância. Seu jeito menino de

ser me estimula a lutar para que mais crianças tenham direito de viver e de sonhar. Seu jeito menino de ver o mundo me leva a acreditar que toda criança, todo mundo, tem o direito de ser feliz e de amar. Seu jeito menino de fazer 90 anos me leva a dizer que não importa a idade, o que importa é viver a vida em sua plenitude.”

---

Ordalia Alves Almeida, professora da UFMS, graduada em Pedagogia, Magistério da Pré-Escola, mestre em Educação – Fundamentos da Educação e doutora em Educação – Metodologia do Ensino, com pós-doutorado na área da Sociologia da Infância.

“Manoel de Barros é a minha fonte de inspiração eterna. Lê-lo sempre me faz viajar pelas entranhas da vida. A primeira vez que tive um contato com ele, foi no início da década de 1990, no século passado. Eu era um jovem repórter de TV. Havia recém-chegado a Campo Grande, terra onde Manoel viveu a maior parte da vida.

Um dia, recebi um desafio: entrevistar o poeta Manoel de Barros para a primeira revista científica de uma universidade que pretendia alcançar a tradução mais fiel do Pantanal. Eu deveria obter dele algo que interligasse a poesia à pesquisa. O convite veio da professora Yara Penteadó e do professor Paulo Cabral. A revista se chamaria ONATI. No vocábulo terena a palavra ‘ONATI’ tem sentido de saudação positiva, que expressa situações de alegria. Topei na hora.

Fiz a lista de perguntas e mandei para o Manoel. À época ele preferia as correspondências às entrevistas presenciais. Pouco tempo depois, as respostas chegaram em forma de pura poesia.

Ao final, bem ao seu estilo, com sua letra miúda e inconfundível, o poeta me mandou um recado, em que aceita – carinhoso – o convite que

lhe fiz para tomar 'uns goles de cachaça', coisa que ele muito apreciava. A certa altura (veja a transcrição do bilhete, logo a seguir), diz esperar que eu não me decepcione com o conteúdo das respostas. Imaginem, logo eu!

Maranhão Viegas, prezado jornalista.

A moça que trouxe as suas perguntas me disse que você teria pressa. Não relaxei entretanto, por isso. Fiz o que posso e o que sei. Talvez se houvesse prazo maior as linhas aumentassem. Espero que você não se decepcione. Quanto aos goles em algum boteco do mundo, vamos marcar. Grande abraço. O amigo Manoel de Barros

P.S. Acho que misturei as perguntas, a ordem delas. M.

Maranhão Viegas, prezado jornalista.

A moça que trouxe as suas perguntas me disse que você teria pressa. Não relaxei, entretanto, por isso. Fiz o que posso e o que sei. Talvez, se houvesse prazo maior as linhas aumentassem. Espero que você não se decepcione. Quanto aos goles em algum boteco do mundo, vamos marcar. Grande abraço.

O amigo, Manoel de Barros.

P.S.: Acho que misturei as perguntas, a ordem delas. M.'

O bilhete acima guardo com o carinho de quem realizou um sonho. O sonho de ter tocado o poeta e sua poesia. Depois dessa primeira vez, ficamos íntimos. Eu, muito mais, da poesia dele. E toda vez que releio nossa conversa um arrepio percorre meu corpo. Sinal evidente de que a poesia não morre.”

---

Inorbel Maranhão Viegas, jornalista.

“Um dia sem muita pretensão me chamaram para fazer umas fotos na casa de Manoel de Barros... Quem? Eu? Nossa, passar algumas horas da minha vida com o homem que inventava sonhos, que guardava poesia nas palavras, que pintava o céu de azul...

Vesti minha roupinha de orgulho, calcei meu sapato de pegasus e chegando lá fui recepcionada por um sorriso tão largo com bigodes que já me achei a amiga das antigas. Como podia tanta simplicidade, carinho, afeto, modéstia e sabedoria conviver com tanta harmonia em um só menino?! Naquela tarde aprendi para muitos dias e ouvi histórias para muitas caraminholas enroladas nos meus pensamentos.

Manoel de Barros mudou minha vida com seus pensamentos simples descritos de uma forma mais simples ainda, cheios de poesia.”

---

Ângela Finger, produtora, fotógrafa e apresentadora.

“Quando meu mundo era só uma aldeia, terminei o magistério e fui direto para as Letras, em 1970. Ainda usava saiotê e nunca tinha namorado. Na teoria, a cabeça viajava perseguindo idiomas, Kafka e convivendo com Fellini, Rossellini, Bergman e Buñuel, por causa de uma professora que adorava cinema e transformou sua paixão em matéria de escola.

Eu já fazia música e começava a participar dos festivais que Glorinha Sá Rosa organizava no Clube Surian. Na faculdade, minha turma era de jovens espertos e adultos casados. Eu me sentia um peixe fora d'água, até que conheci uma moça que havia morado no Rio de Janeiro: Anomízia Santana Durães. Seu apelido era 'Noca': inteligente, fina, despojada e voluntariosa.

Glorinha Sá Rosa era nossa professora de Literatura e, um dia, Noca falou: 'Vamos fazer nosso trabalho na casa da Martha. O pai dela é

bom nessas coisas'. Martha morava na Rui Barbosa com a Rua 15 de Novembro e realmente o pai dela foi ótimo: homem calmo, voz tranquila e olhos brilhantes sob as lentes grossas. Voltei outras vezes com Noca e um dia o pai da Martha nos deu de presente um livrinho. 'Uau... o livrinho era dele mesmo... o nome estava ali... Manoel de Barros. Então, o pai da Martha era um poeta?'

O título do livrinho era *Gramática expositiva do chão*, impresso em 1966. Adorei o livrinho, devorei o livrinho e comecei a brincar de música com ele. Foi assim que musiquei dois poemas de Manoel, 'Pertences de uso pessoal' e 'Poema número dois'. Muito tempo depois, quando criei coragem para lhe mostrar as músicas, Manoel disse: 'Lenilde, não me venha com nada bonitinho!!!' Ontem mesmo confidenciei ao amigo Bosco Martins: 'Me sinto em vigília, porque sei que Manoel está se preparando para alçar voo'.

No outro dia ele partiu. Querido Manoel, o Tempo agora é todo seu!"

---

Lenilde Ramos, cantora, instrumentista, compositora e escritora.

"Manoel de Barros me cristalizou para o 'manoelês'... utilizando borboletas, me resetou e me configurou a pedra, árvore e pássaros. Eu entrei no mundo das imagens para mostrar na peça 'Manual de Barros' (sem palavra) os personagens recorrentes em sua poesia, como o Andarilho, a criança, a velhice e os objetos em desuso. Por meio de um universo imagético, uma criança (representada como sua infância) entra de dentro das memórias fósseis (o baú) do poeta e segue uma jornada para o encontro entre a velhice e a infância. Por meio dessa produção de Teatro de Formas Animadas tive o prazer de me apresentar ao poeta, o qual me

agraciou com um lindo elogio poético ao fim do espetáculo: ‘Eu tomei um banho de infância’. Como um atleta que ganha uma medalha eu ganhei uma poesia que representava tudo que ele tinha visto naquele dia 24 de fevereiro de 2007.”

---

Marcos Moura, diretor, ator, bonequeiro na linguagem do Teatro de Formas Animadas.

“Havia pensado em tratar de um autor ao qual há muito devo algum ensaio, palestra ou ambos. É Manoel de Barros, poeta magnífico sobre o qual gostaria de ter escrito.

No rodapé da página 186 de suas *Poesias completas*, em referência a seu ‘Inutensílios de Aniceto’, há esta observação:

*‘Esses inutensílios foram colhidos entre os mitos cadiuéus, narrados pelo prof. Darcy Ribeiro. Resguardando-se a petulância e a distância, exercitou-se aqui a moda posta em prática por Eliot incorporando à sua obra versos de Shakespeare, Dante, Baudelaire. E o que fez James Joyce aproveitando-se de Homero. E ainda o que fez Homero aproveitando-se dos rapsodos gregos.*

*Ai pobres cadiuéus! Esse bugre Aniceto aí em cima é que vai perpetuar vocês? Nem xum’.*

E segue o texto:

‘O homem deixou o filho no cisco e saiu a pé comendo fruta do mato

*tem certidão desse homem por tudo quanto é vereda*

*tem tapera e osso de caititu por tudo quanto é lugar.*

– *Todas as coisas têm serventia sinimbus arvoredos*

*de noite os passarinhos não têm onde descansar.*

*– As nações já tinham casa, máquina de fazer pano, de fazer enxada, fuzil, etc.*

*foi criança mexeu na tampa do vento.*

*Isso destelhou as nações’.*

Existe um bugre Aniceto? Ou Manoel de Barros encarnou, incorporou um índio? Nesse rodapé, Manoel de Barros brinca com o leitor quando diz que está pondo em moda a prática de Eliot de reescrever outros autores. Primeiro, porque não reescreveu coisa nenhuma; inventou. É um texto original. Segundo, os poetas sempre reescrevem outros poetas.

Purificar a linguagem é uma alusão a Mallarmé, o grande simbolista francês, e ao poema dele em homenagem a Edgar Allan Poe, onde diz que o poeta deve tornar mais puras as palavras da tribo. Nós somos servidores da língua e essa é a diferença entre poesia e linguagem instrumental. No discurso, quem escreve faz que a linguagem sirva a determinado objetivo: a uma demonstração, uma ordem, um pedido, o que for. É a redação instrumental. Na poesia a relação se inverte: Mallarmé falava em abandonar-se ao fluxo da linguagem. Manoel de Barros, por sua vez, tem muito a dizer a respeito, e estou fazendo alguns recortes sugestivos: ‘No descomeço era o verbo’. Ou seja, a linguagem nos precede. E precede aquilo que precede: não está no começo, mas no descomeço. Só depois é que veio o ‘delírio do verbo’, uma das muitas alusões que encontro a Rimbaud, o enorme poeta inaugurador da modernidade literária junto com Mallarmé, e que fala do desregramento dos sentidos para que o poeta atinja a condição de vidência. Para Manoel de Barros:

*'No descomeço era o verbo.*

*Só depois é que veio o delírio do verbo.*

*O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.*

*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.*

*Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.*

*E pois.*

*Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –*

*O verbo tem que pegar delírio.'*

Aqui, não é a criança que delira; é ele, o verbo. Manoel de Barros está invertendo a relação entre o emissor e a fala. Nós é que somos falados, o verbo é que nos delira, em poesia, que é a voz do poeta, voz de 'fazer nascimentos, o verbo tem que pegar delírio'.

Como se pega delírio? Por intermédio do som, do ritmo, da magia e do encantamento da palavra. No começo a poesia foi oral. A transmissão escrita é posterior, todos sabemos. Poesia: 'Uma coluna ascendente composta de verbos (...) de unidades rítmicas que aparecem e desaparecem uma após a outra num espaço invisível feito de ar. É tempo na sua mais pura forma'. Manoel de Barros diz a mesma coisa de um modo diferente:

*Respeito as oralidades*

*Não oblitero moscas com palavras.*

*Uma espécie de canto me ocasiona.*

*Respeito as oralidades.*

*Eu escrevo o rumor das palavras.*

*Não sou sandeu de gramáticas’.*

Vejamos a origem desse modo paradoxal de expressar-se; ou de criar poesia por meio de paradoxos. Poetas sempre fizeram isso. Eles amam os oximoros, as locuções contraditórias, os paradoxos, as antinomias, encontradas nos místicos, nos barrocos (nestes, muito mais ainda).

Entendo que, para qualquer ouvido menos ingênuo, ou seja, para a grande maioria das pessoas, está evidente que a poesia de Manoel de Barros é uma enorme paráfrase de ‘Correspondências’ de Baudelaire, assim como muitos que vieram depois, embora lembrando que Baudelaire foi muito mal recebido quando publicou *As flores do mal* em 1857. Mas já em 1865 dois jovens poetas se proclamaram discípulos dele: Mallarmé e Verlaine, os iniciadores do simbolismo. Logo depois, Rimbaud escreveria que Baudelaire foi ‘o primeiro vidente, o maior vidente, um verdadeiro Deus’, o vidente máximo. Então, não é apenas Manoel de Barros a parafrasear Baudelaire. Vamos examinar algumas equivalências das correspondências baudelairianas. Acho que, nas quinhentas e tantas páginas que compõem este volume (*Poesia completa* de Manoel de Barros), tem analogias e sinestésias baudelairianas de ponta a ponta, retomadas de um modo pessoal, sempre com a marca da originalidade de Manoel de Barros. Por exemplo, aqui:

*'O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha. A pedra foi descoberta por um índio. O índio fez fósforo da pedra e inventou o fogo pra gente fazer boia. Um menino escutava o verme de uma planta, que era pardo. Sonhava-se muito com pererecas e com mulheres. As moscas davam flor em março. Depois encontramos com a alma da chuva que vinha do lado da Bolívia – e demos no pé.*

*(Rogaciano era índio guató e me contou essa cosmologia)'.*

Pode ser. Ou pode ser que ele tenha inventado; ou pode ser ambos. Agora, notem bem: 'Um menino escutava o verme de uma planta, que era pardo', ou seja, a mesma coisa que Baudelaire, quando diz que o som do oboé é verde. É a sinestesia, ou analogia, as correspondências entre coisas diferentes.

Vamos ver mais alguns exemplos. Tem um que é esplêndido e sintético: 'Vermelhas trevas', 'a escuridão é vermelha', 'silêncio rubro'. A escuridão e o silêncio têm cor, exatamente o que Baudelaire dizia.

Manoel de Barros, como muitos outros poetas, é um fingidor (como dizia Fernando Pessoa). Finge-se de ingênuo, uma vez ou outra, mas percebemos que estamos diante de um erudito literário que dialoga com Baudelaire, Rimbaud, Homero e os clássicos, ao mesmo tempo em que dialoga com o índio guatô a que se refere, bem como com todos aqueles marginais, andarilhos de beira de estrada, que traz para seus textos e também são reais.

Manoel de Barros resumiu o Baudelaire do 'Hino à beleza', que é um dos muitos poemas de antíteses dele, o mais importante, em que vai jogando com termos opostos e contraditórios. Tem mais alguma coisa do Manoel de Barros sobre ambivalência, em que ele é especialmente baudelairiano:

*Escrever nem uma coisa*

*Nem outra –*

*A fim de dizer todas –*

*Ou, pelo menos, nenhuma.*

*Assim,*

*Ao poeta faz bem*

*Desexplicar –*

*Tanto quanto escurecer acende*

*os vaga-lumes'.*

Vejam a capacidade de síntese, como consegue resumir uma poética completa, das antinomias, dos paradoxos e de ambivalências. Acrescento: define o que é pensamento analógico, aquele modo de pensar que contraria o princípio da identidade e não contradição, pelo qual uma coisa é uma, e outra é outra. Portanto, se A é A e B é B, A não pode ser B

nem B pode ser A. É o princípio lógico da identidade e não contradição (Parmênides, ou a primeira página da lógica de Aristóteles, o fundamento da lógica ocidental, inclusive do pensamento cartesiano).

O pensamento analógico proclama que não: tudo se relaciona, uma coisa também é outra. Se este copo é um copo e este livro é um livro, uma coisa não pode ser outra. No pensamento analógico, partilham uma identidade comum ou participam de uma mesma identidade. Essa ideia do pensamento analógico vai sendo multiplicada por Manoel de Barros nessas 492 páginas, e ao mesmo tempo vai sendo sintetizada de uma forma brilhante, como nesse trecho de escrever nem uma coisa nem outra, a fim de dizer todas. Ou seja: se você destrói a ideia de que isso é isso e aquilo é aquilo, uma ideia de relação linear definida entre o significante e seu sentido, então vai, o tempo todo, produzir novos sentidos.

Baudelaire promove uma antropomorfização, na medida em que atribui a lugares, a um país, um território, uma ilha, as características de gente; e uma animização pelo modo como confunde qualidades humanas e coisas. Ou seja, está misturando tudo.

*Vejamos como Manoel de Barros faz isso:*

*Já se viam vestígios de mim nos lagartos*

*Todas as minhas palavras já estavam consagradas de pedras*

*Dobravam-se lírios para os meus tropos*

*Penso que essa viagem me socorreu a pássaros*

*Não era mais a denúncia das palavras que me importava*

*mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entraduras.*

*Foi então que comecei a lecionar andorinhas'.*

Se é para estabelecer confusão entre o sujeito e o objeto, entre o eu e o mundo das coisas, então acho que Manoel de Barros o conseguiu.

Qual o sentido desse tipo de confusão? Aonde os poetas querem chegar? Ou alguns poetas, especialmente de Baudelaire até hoje?

Se admitirmos uma contradição profunda entre o sujeito e o objeto, o nosso mundo interior, dos sentimentos, dos pensamentos, das ideias, do desejo, dos sonhos, enfim, de tudo que compreende a subjetividade, e o mundo dos objetos, das coisas que estão aí – é claro que essas instâncias são contraditórias, só não seriam contraditórias na magia onde a subjetividade pode atuar no mundo objetivo –, o que poetas tentam é superar essa contradição para atingir uma nova unidade, uma síntese. E fazem isso por meio dessa confusão de qualidade da esfera do sujeito e do objeto, das coisas.

Vejamos a imaginária resposta de Manoel de Barros, não sei se ele lê Helberto Helder, ou vice-versa, mas vejam o que responde Manoel de Barros: ‘Repetir, repetir até ficar diferente; repetir é um dom de estilo’.

Essa ideia de que poesia é metalinguagem, de que todo poema expressa ou manifesta uma poética, acho que acabei de exemplificar agora ao colar esse trecho de Manoel de Barros sobre Helberto Helder. Um repete e o outro diz: o negócio é repetir. São as escritas do avesso, que restituem à palavra sua identidade. Convenhamos que esse jogo de confrontar poetas, de fazer dialogarem e mostrar que convergem, é enriquecedor. Serve, inclusive, para mostrar o que exemplifiquei, principalmente de Manoel de Barros: lendo poesia se aprende a ler mais poesia.

Agora, o que é ler poesia, o que é fazer poesia? Admitindo que a palavra venha antes – e vem antes, porque a linguagem nos rodeia, ela preexiste a cada um de nós –, ela não se configura em nosso mundo. Então, ao subvertermos e transformarmos a linguagem desse modo, nós estamos modificando o mundo.”

---

Claudio Willer, poeta, ensaísta, crítico e tradutor brasileiro, na palestra “O valor poético: Manoel de Barros”, no 1º Encontro Estadual de Literatura, em 23/7/2013, Campo Grande (MS).



## CAPÍTULO VII

### O PICASSO PANTANEIRO

Toca o telefone, era o Serjão (Sérgio de Souza, criador da revista “Caros Amigos”). Queria umas fotos do poeta. Eu e o Zé Hamilton (quem acabou assinando a matéria foi o João de Barros) havíamos feito a matéria para o número 2 da revista. Pensei logo no Roberto Higa, um dos maiores fotógrafos com quem já trabalhei na vida. E, além de tudo, é um grande amigo. Havia tido um AVC (acidente vascular cerebral) e estava doído para retomar a fotografia com algo que marcasse sua recuperação “quase” milagrosa. Já havia me dito que queria fotografar o poeta e “causar”, fazer a sua grande reentrada, algo que marcasse o “seu renascimento”, algo fora do comum.

Liguei para o poeta, e disse que iria aparecer em sua casa para tirar umas fotos para a revista. A foto famosa acabou dando mais fama ao Roberto Higa, que se tornou autor de uma das fotos mais originais da vida do poeta.

Assim nos dirigimos para a casa do poeta, para a primeira pauta “post-mortem” do Higa. A mil por hora o Higa pensava em várias situações



para a foto. Imaginava ele segurando algum objeto antigo, de sua mocidade, nas fazendas em Cáceres, Poconé ou Corumbá, ao lado de um pilão antigo, feito à mão. Coisas assim...

Chegamos à casa do poeta e começamos a fotografá-lo. Em seu escritório de trabalho, escrevendo; na janela, onde o Higa cismou de retratar o poeta pelo lado de fora (tendo até de escalar o telhado). Stella vinha nos acompanhando perto da escadaria, na porta pelo lado de fora da casa.

Já estávamos na sala e, enquanto trocava a camisa, mais uma vez o Higa disparou sua Canon e foram duas fotos sem camisa e sem pose. Na sequência, antes de colocar outra camisa, o Higa pediu a foto diferente: “Poeta, gostaria de fazer um retrato seu que marcasse, assim como fizeram do Einstein com a língua de fora, de Pablo Picasso em seu estúdio, de Salvador Dalí brincando com o bigode. Gostaria de fazer uma fotografia sua que o marcasse pelo resto de nossas vidas...”.

Manoel, pacientemente o ouviu, olhou para a réplica do quadro de Pablo Picasso, à direita, e se virou para o Higa e para mim fazendo pose de fisiculturista, como “Picasso pantaneiro” – perguntou: “Assim serve”? E abriu o mais largo sorriso que já o tinha visto dar. Estava feito o retrato!

Acho que ninguém conseguiu fazer uma fotografia dele assim. Minha intenção era só fazer alguma coisa em que Manoel aparecesse de forma diferente da que ele sempre vinha aparecendo nas fotos. Naquele instante nascia um novo e inédito Manoel de Barros. E naquele instante eu me dava por satisfeito com o meu renascimento também. Vida longa, poeta!!! (Pro senhor e para mim.)

O poeta gostava de De Chirico, um artista que pintava com inspirações filosóficas. Assim como Manoel também foi muito inspirado nos grandes faróis da filosofia universal, como a poesia de Baudelaire, Rimbaud, Hugo, Apollinaire, Max Jacob, entre outros.

Consta que Giorgio de Chirico foi tão enigmático quanto suas primeiras obras. Queria decifrar a essência do Homem, do Universo, as relações, os elementos. Seus quadros tentam dar significado ao abstrato e aos objetos dispostos ao silêncio e ao vazio, retirados de seus comuns

cenários para relacionarem-se entre si no mundo absurdo do pintor. O fórico de Nietzsche foi absorvido por De Chirico, entre outros.



---

**Nota:** Picasso, como Giorgio de Chirico (surrealista), tinha esse componente forte em sua arte que o poeta adorava. Os dois tinham uma particular forma de ver e entender o mundo que foi fortemente influenciada por filósofos como Nietzsche e Arthur Schopenhauer, os quais impactaram diretamente sua arte metafísica, como se seus quadros fossem a expressão plástica dessas filosofias.



## CAPÍTULO VIII

### A STELLA E AO POETA

*Por Bosco Martins*

Meu caro poeta...  
esteja tranquilo.  
O Pantanal, com seus corixos e  
mistérios,  
permeia suas palavras,  
caleidoscópio da abóbada celeste  
na moldura de minha janela.

Esteja tranquilo,  
meu caro poeta.  
O sistema solar esconde os  
equinócios,  
guaches, pincéis, clavicórdios,  
num par dourado de olhos  
amarelos  
devorados por suas palavras.

Meu caro poeta,  
amo estes morros, esses  
guavirais.  
Amo andar sobre esse tapete  
mágico  
de cabeça pra baixo no  
imponderável.  
Amo o íntimo de sua poesia,  
da mesma maneira

que amas o Rio Paraguai,  
o Cerrado,  
tua infância em Corumbá.

Dona Assunção, da Rua Frei  
Mariano,  
fez uma bela goiabada daquelas  
goiabas.

Bernardo, lá na Cidade Branca,  
espalhou quinze livros por  
aquela praça.

O neto do seu Jorge e da dona  
Guiomar  
fez um gol de bicicleta naquela  
grama.

Meu caro poeta,  
busque na memória.  
Não distribuíram nozes aos  
comensais.  
Mas Zé Correia estendeu o  
coração  
na extensão do abraço do seu  
acordeon.

A passagem do ano se  
dependurou  
no pescoço de um fulano que  
não era eu.

Esteja tranquilo,  
meu caro poeta,  
mas aqui entre nós,

caríssimo poeta,  
que ninguém nos veja,  
ninguém nos ouça,  
eu entendo este navio em festa  
passando ao largo,  
levando consigo o poente,  
o poeta e um poema sobre nada.



## **SOBRE O AUTOR**

Bosco Martins é um jornalista, radialista, escritor, poeta, produtor cultural brasileiro, ambientalista e empresário de turismo em Bonito (MS).

Foi diretor-presidente da Fundação Estadual Jornalista Luiz Chagas de Rádio e Televisão Educativa (Fertel), mantenedora da TVE Cultura MS, Rádio Educativa FM 104,7 e Portal da Educativa.

Atuou como repórter, apresentador, editor, chefe de redação, diretor de jornalismo, articulista em jornais, revistas e em emissoras de TV (EPTV Ribeirão e TV Morena, afiliadas da Globo; SBT-MS, TV Brasil e TV Cultura).

Foi representante do Brasil Central no Sistema Nacional de Emissoras Educativas na década de 1980, quando participou da fundação e exerceu a função de conselheiro fiscal da Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec). No setor ainda participou da fundação do Instituto Brasileiro de Empresas Públicas de Comunicação (Ibepec), sendo também presidente do Fórum Nacional das Emissoras Estaduais Públicas de Rádio e Televisão.

Na Fertel, exerceu a presidência em vários períodos, sendo o dirigente com maior tempo à frente da fundação (de 1987 a 1991, 1999 a 2006, 2015 a 2018 e em 2020). Foi o dirigente que transformou a TV Educativa de MS de retransmissora em geradora com maior conteúdo de programação regional, criando o Sistema Público de Rádio e Televisão Educativa de MS.

Criou no início da introdução da internet no Brasil, fim da década de 1990, a primeira revista eletrônica: “Prosa & Segredos”, transformada posteriormente em programa de TV. Além do Portal da Educativa, criou sites de conteúdos regionais, sendo responsável por vasta produção local, modernizando a TVE Cultura e colocando a emissora na era digital. Foi secretário de Estado de Comunicação, quando criou a Agência Popular de Notícias (APn).

Na TV Morena, foi repórter de rede na metade da década de 1980, quando produziu reportagens épicas para a Globo. Como o histórico acordo de retomada da reserva dos índios kadiwéu, na região da Serra da Bodoquena, em episódio no qual foi feito refém. Nessa condição, acabou conquistando a confiança dos índios, proporcionando acordo entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o governo de MS, e originando a Associação das Comunidades Indígenas da Reserva Kadiwéu (ACIRK).

A questão indígena e de assentados, na época uma das principais inquietações sociais, era uma pauta temática e conflituosa, abordada por poucos, daí a pecha herdada pelo jornalista nas redações de “repórter índio” e “repórter conflito”. Fato que lhe rendeu a introdução de uma de suas matérias como fio condutor do road doc “Martírio”, documentário premiado do cineasta franco-brasileiro Vincent Carelli, antropólogo, indigenista e documentarista.

Outra reportagem do autor, sobre os “brasiguaios”, rendeu outro documentário, realizado pelo professor Marcos Estrada, da University of Oxford. O trabalho “Brasiguaios – transnational lives and identities” retrata a história de vida e a identidade desse grupo de sem-terra marcadas pela busca de terras para a produção agrícola no Brasil ou no Paraguai.

Jornalista de “priscas eras” e “repórter de antanho”, BM exerce a profissão desde os 14 anos, sendo filiado à Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), à FIJ (Federação Internacional de Jornalistas), Fenaj

(Federação Nacional dos Jornalistas), a Sindicatos de Jornalistas Profissionais de SP, Ribeirão Preto e MS. Em sua trajetória profissional, recebeu várias homenagens e menções honrosas por sua atuação, entre elas da Câmara Municipal de Campo Grande e do Ministério Público Estadual.

Profissional que teve o privilégio de registrar parte da trajetória de importantes personagens da vida brasileira, como Apolônio de Carvalho, realizando com ele sua última entrevista; Luís Carlos Prestes, o “Cavaleiro da Esperança”, em seu retorno do exílio por Ribeirão Preto; e também da vida do grande poeta brasileiro Manoel de Barros, de quem foi muito próximo por três décadas. BM trilhou uma amizade tão estreita com MB que se tornou não apenas um confidente, mas fiel interlocutor e um dos intérpretes de sua obra. Por fazer parte do seletor grupo de pessoas que conviveram e frequentavam a casa do poeta, traz fatos que jamais seriam conhecidos, como a intimidade de MB e sua aguçada percepção sobre as coisas simples e imperceptíveis. Revela ainda detalhes da vida de um dos precursores da modernidade poética, não apenas por ter criado uma linguagem própria, mas também pela incorporação do prosaico no humor e do cotidiano de seus textos.

#### **De caipira do Vale do Rio Pardo a bonitense pantaneiro –**

BM nasceu João Bosco de Castro Martins com registro em Fernandópolis, interior de São Paulo, em 27 de abril de 1957. O que se desconhece dele é que, na realidade, BM nasceu na Macedônia do interior paulista, um pequeno distrito de Fernandópolis. Distante das históricas macedônias, mais famosas e universais, que protagonizam uma histórica disputa no uso do topônimo Macedônia/Macedónia. Na pequena Macedônia brasileira, Bosco Martins teve como pais Waldemar Martins e Iracê Miriam de Castro Martins. O pai, jornalista, escritor e professor de Literatura e Português, é autor do livro de crônicas *Na venda do tatu (1971)*, prefaciado por Manoel de Barros, e do livro *Escreva correto pela sonoridade das palavras*. A mãe, também professora, dava aulas de Francês.

Bosco Martins passou a maior parte da infância entre Jaboticabal, Rifaina e Cândia, distrito de Pontal, na Região Metropolitana de Ribeirão Preto. Margeando o Cerrado brasileiro, na Bacia do Rio Pardo, surgindo daí a denominação “caipira do Vale do Rio Pardo”, conferida pelo amigo do peito e redação José Hamilton Ribeiro, um dos maiores autores da atualidade.

Antes de se estabelecer em Campo Grande e Bonito, o jornalista atuou e estudou em Ribeirão Preto, onde cursou Direito na antiga Universidade Laudo de Camargo, no início da década de 1980. Ativista estudantil, participou intensamente de atividades culturais, fazendo parte do Centro de Estudos da Cultura Latino-Americana naquela cidade.

Foi um dos precursores dos grupos de teatro e colaborou na criação do Cineclubes Cauim, voltado à promoção da cidadania, época em que lançou três livros de poesia: *Eu poeta?*, *Poeta moderno e Antologia cigana*, edições fora de prelo com publicações encontradas apenas em sebos. Escreveu e dirigiu “Impacto Poético”, uma coletânea de grandes poetas e poesias próprias, já mostrando sua afinidade com a escrita.

A carreira jornalística começou em Jaboticabal e Ribeirão Preto na era do chumbo quente das redações dos principais jornais da região – “O Ascensor”, “O Democrata”, o “Combate”, “Diário da Manhã”, “A Cidade” e “Diário de Ribeirão Preto”.

**A descoberta de Campo Grande** – Em 1984 se estabeleceu em Campo Grande, como correspondente da Globo e repórter da TV Morena. Em 1997 herdou uma pequena propriedade rural de 50 hectares, quando se destacou como um dos pioneiros da hotelaria rural, construindo um dos primeiros hotéis-fazenda em Bonito.

Casado com a jornalista e bióloga Márcia Brambilla, pai da médica-veterinária Mariana Brambilla de Castro Martins e de Pedro Ian

Brambilla de Castro Martins, psicólogo, BM se divide atualmente entre Campo Grande e Bonito, onde tem o Título de Cidadão Bonitense e o Prêmio Piraputanga de Turismo, pela contribuição e pelo incentivo na promoção do segmento, conferido pela Associação dos Jornalistas da Mídia Eletrônica e Turismo do Brasil. Incrustada no pé da Serra da Bodoquena, a sudoeste de Mato Grosso do Sul, a cidade, onde o jornalista é proprietário do Hotel Fazenda Rio Formoso, foi eleita por diversas vezes como um dos principais destinos do ecoturismo mundial.



# APÊNDICES

## CADERNOS DE RASCUNHOS

Dezenas de cartas que o escritor trocou com inúmeras pessoas, como o bibliófilo José Mindlin, o embaixador aposentado Mário Calábria e o editor Ênio Silveira, foram reunidas por pesquisadores e podem, no futuro, ser publicadas. “As cartas dele são lindas. Tenho de conseguir todas elas. Espero que as pessoas colaborem. A maioria, acho, é de conteúdo intelectual. O papai já trocou cartas com muita gente. Tanto com a família, e eu mesma tenho muitas cartas, os filhos, os netos, e vários intelectuais. Era a maneira mais forte dele se comunicar com as pessoas. E tem os cadernos de rascunhos, que ele até já me deu e eu sei que há conteúdo muito precioso. Um dia eu vou ver o que é que tem ali”, disse Martha Barros em entrevista ao blog <https://blogs.oglobo.globo.com>, em fevereiro de 2014.

## A PEDAGOGIA DO OLHAR

Na relação de amizade com o poeta, durante nossa longa convivência, eu cuidava de responder, sob supervisão e com a sua anuência, a centenas de correspondências de admiradores e jovens autores. Elas chegavam pelos correios ou por e-mail. Entre as pessoas com as quais o poeta também se correspondia estão a escritora e professora Berta Waldman, o poeta Douglas Diegues, o escritor e jornalista Luiz Taques, Pedro Spíndola, a escritora e professora Lúcia Castello Branco, a jornalista Thaís Costa, o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, o poeta e ensaísta Alberto Pucheu, o antropólogo Carlos Brandão, o filólogo Antônio Houaiss, a curadora da biblioteca Mindlin, Cristina Antunes,

o fotógrafo Roberto Higa, e o próprio editor, Pascoal Soto, à época na Editora Leya.

Lúcia Castello Branco, doutora em Estudos Literários e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por exemplo, colecionou cerca de 100 cartas enviadas por Manoel. O acervo foi tema de seu primeiro ensaio, “Palavra em estado de larva”, de 1982, encomendado para o “Suplemento Literário de Minas Gerais”. Em uma das cartas, datada de 12 de dezembro de 1995, Manoel afirma que “essa coisa de linguagem/psicanálise” o seduz e escreve: “Os lacanianos amigos meus dizem que eu sou prato cheio para os psicanalistas. Todo mundo é prato cheio só que gostam do sofá. Mas eu pergunto: será que os psicanalistas vão descobrir coisas mais profundas dos que não sabem nada sobre as profundidades? Às vezes, tudo é mais superfície, roupa rasgada no corpo, do que ruptura do espírito”.

Nas correspondências, Manoel ainda aborda várias de suas predileções, citando Oswald de Andrade, Arthur Rimbaud, padre Antônio Vieira, os gregos.

O professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Alberto Pucheu passou a trocar cartas com Manoel a partir de 1990, quando o conheceu no dia em que foi ao lançamento de *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)*, na então livraria Dazibao, em Ipanema, Rio de Janeiro. “Eu me correspondi com ele durante um certo tempo e não tenho dúvidas de que existe um imenso material de cartas a ser descoberto. Em algum momento elas vão surgir e, aí, vai ficar ainda mais indicativo todo o comprometimento dele com o rigor poético e as leituras teóricas. As entrevistas escritas são um prolongamento do seu trabalho poético. Ao dar entrevista exclusivamente por escrito, era como se dissesse: ‘Publicamente, quero sempre ser escritor’. Elas são uma continuação do pensamento dele, impulsionado por perguntas de terceiros, o que o levava a fazer novas reflexões”, disse Pucheu em entrevista

ao blog O Globo, em fevereiro de 2014.

Entre as correspondências também há uma carta de 5 de setembro de 1988, endereçada a jornalistas poetas da revista literária “Bric a Brac”, de Brasília, como Luís Turiba e João Borges, que tentavam uma entrevista com o poeta. Manoel, diante da pergunta “por que você foge tanto da fama? Seria medo ou simplesmente tática poética?”, responde: “A mim me falta jeito para pegar na glória. Ela corre muito e fica no alto. Eu trato com trastes. E contrastes. Pra mim ardentes são as coisas desimportantes. Mas gosto quando falam sobre minha poesia. Incho de orgulho. (...) estufo muito e disfarço (...) então, em verdade, em verdade, esse negócio de dizer ‘eu só aguento o esquecimento’ é maneira de se exaltar. Esse desejo de apagar-se é, no fundo, um incêndio de orgulho”.

A entrevista foi publicada em 1989 e também contribuiu para tirar Manoel do anonimato. Apesar de ter lançado seu primeiro livro em 1937, ao qual se seguiram outros, até o início da década de 1980, já septuagenário, ele era pouco conhecido.

Nas três décadas de amizade, eu e Manoel tivemos momentos de muita emoção, alegria e de tristeza sem fim. Sempre busquei estar a seu lado e servir no que estivesse ao meu alcance. No episódio da morte de João Wenceslau, me responsabilizei por passar à imprensa informações e boletins médicos sobre o estado de Manoel, bastante abalado com a trágica perda. Isso poupava a família de ser importunada naquele momento de tamanha dor.

Um momento especial foi quando, numa terça-feira cinzenta e fria, me chamou à sua casa para o que me pareceu ser uma despedida. Pediu-me para avisar amigos, admiradores e fãs, gente que, enfim, gostava dele, da decisão de se recolher. A partir daquele dia não receberia mais ninguém. Sua fragilidade era evidente. Manoel ainda me disse: “É, deveríamos nos acostumar ao ser letral que somos”.

Outra lembrança que guardo, e de que jamais me apartarei, é sobre sua dedicação aos versos, o afinco e a simplicidade de quem sempre viu o mundo pela lente da beleza.

A contemporaneidade de Manoel de Barros não se esgota. Ela se encaixou bem nos anos de 1980, assim como nos de 1990 e no século 21. Manteve-se universal e atemporal, com versos que falam das miudezas do cotidiano, daqueles lampejos que passam despercebidos, dos segundos ignorados em um tempo marcado pela velocidade e pelos excessos.

Para ele, *quem descreve não é dono do assunto, quem inventa é*. E assim suas invenções serviam *pra aumentar o mundo*.

MB era humilde, porém vaidoso. Ele gostava de receber elogios, especialmente das mulheres. Com sinceridade e bom humor, brincava sobre a desilusão de só ficar famoso depois de velho, quando Millôr Fernandes escreveu sobre a sua obra (“veja, isso é que é poesia”), e uma reportagem de Eva Spitz, intitulada “O poeta que poucos conhecem”, publicada no “Jornal do Brasil”, em 1988, o apresentava com diversas opiniões de intelectuais renomados acerca de sua poética.

Nos anos de 1990, a revista espanhola “El Paseante” dedicou seu número 10 ao Brasil, destacando a poesia de Manoel de Barros, dividindo as páginas com escritores consagrados, como Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Rubem Fonseca e João Cabral. Então, o que era natural, diante de tamanha originalidade, aconteceu o sucesso.

Quando ficou “famoso”, na década de 1990, passou a despertar o interesse da imprensa por entrevistas. Então, meio que involuntariamente, foi acometido de certa aversão à máquina, a tudo que não dialogava, como um gravador ou um microfone. Nunca trocou a máquina de escrever pelo computador. Correspondência, na visão do poeta, só vingava como carta, entregue pelo carteiro.

## CERTA PICARDIA

Em momentos variados relembra comigo passagens da mocidade, ainda solteiro, no Rio de Janeiro. Conheceu Vinicius de Moraes, arriscou uma aproximação com Manuel Bandeira, vibrou com Clarice Lispector e “flertou” com Leila Diniz, então a mulher mais badalada do Rio. Sobre Leila, o poeta contava que chegaram até a namorar. Certo dia, em seu apartamento, em encontro um tanto mais íntimo, a admiração pela atriz era tanta que, na hora “H”, falhou de vez. Em meio a uma gostosa gargalhada, dizia que nunca mais apareceu na vida da precursora do *topless* das praias cariocas. Ao contar esse episódio, MB me deixou ao sabor da imaginação. Seria essa uma das proporções de invenção que permeavam a sua poesia? “Tudo que não invento é falso”, dizia. Mas o fato é que tudo isso o divertia muito. Ele adorava se referir a casos em que havia certa picardia, alguma insinuação erótica.

Outras passagens e lembranças de sua vida fora da poesia poderiam tanto ser fruto da imaginação como também situações reais. De fato, nunca vamos saber, mas, de qualquer forma, ele nunca desmentiu. Era um jogo dele, histórias agradáveis e boa prosa numa saborosa “divertilândia” onde atenuávamos, às vezes, o tempo e a solidão.

Foi na dificuldade de seus últimos dias, quando já havia fechado o “escritório de ser inútil”, que Manoel de Barros elaborou o seu manual de sobrevivência. Falava de dias que serviam para amarrar o tempo no poste e que também consistiam numa receita de como prolongar o espaço fazendo o seu ontem chover no futuro. E sempre praticando o ócio, fonte de sua criação.

## DIÁLOGOS COM MB

Houve um tempo em que visitava o poeta regularmente, até para um simples aperto de mão. Lembro-me de uma tarde, pouco mais de

um ano antes de ele partir, em que tivemos uma sessão especial nesses “Diálogos do Ócio”. Senti em seus olhos o prazer de me ver. Nesse dia, tomado de tristeza, ele apertou meu braço e comentou que não conseguia mais nem ler nem escrever. Com lágrimas nos olhos, disse-me que já não via razão de viver. E então, com um meio sorriso, afirmou:

*– Agora você está liberado para publicar nossas conversas!*

## HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

*Por Angela Kempfer\**

São poucos os interlocutores que nos levavam ao poeta Manoel de Barros: a artista plástica Martha Barros, filha do poeta, estabelecida no RJ, e que junto com a mãe Stella “são as guardiãs da prosa poética de Manoel”, a secretária dele, Elaine Sandra Paixão, e o jornalista Bosco Martins, que cultivava uma amizade de mais de 30 anos com o casal. Um de seus porta-vozes mais frequentes, Bosco Martins conhecia como poucos a rotina da casa.

Foi por insistência de Pena Branca (o repórter policial Otávio Ribeiro, com atuação em jornais de São Paulo e do Rio), que tinha uma namorada de nome Parê e era apaixonada pelo poeta, que Bosco foi introduzido no “manoelês arcaico”. A história da amizade do poeta com o jornalista remonta ao início da década de 1980. Era 27 de abril de 1983 quando Bosco, que se tornara amigo de João Wenceslau de Barros, filho do poeta, conhece Manoel trabalhando com João no escritório da fazenda da família (naquele tempo instalado na Rua Rui Barbosa, entre a Rua 15 de Novembro e a Avenida Afonso Pena, centro de Campo Grande). O jornalista, que completara 26 anos naquele dia de encontro especial, tinha ciência da importância do homem de 66 anos. “Houve uma química imediata”, diz Bosco. Talvez porque o poeta foi um tempo também jornalista no Rio, à época em que acabara de retornar de uma estada nos Estados Unidos.

Manoel de Barros foi reconhecido tardiamente, já septuagenário. Foi quando Millôr Fernandes escreveu, em 1988, no “Jornal do Brasil”, sobre certo “poeta de verdade” que o Brasil não conhecia. Nesse mesmo ano foi publicada na Espanha, pela revista “El Paseante”, a primeira matéria, organizada pelo ficcionista cearense Carlos Emílio C. de Lima,

destacando a poesia de Manoel mundo afora. A reportagem teve colaboração, nos contatos com o poeta, de Bosco e da jornalista Thaís Costa, e da “Bric a Brac”, revista de Brasília, que contribuiu para tornar a obra de Manoel de Barros mais conhecida na capital e em Goiás.

O jornalista Sérgio de Souza (a quem o poeta tratava de *mestre*), amigo comum de Manoel de Barros e Bosco Martins na época, fortaleceu ainda mais a amizade entre ambos. Serjão, como era chamado pelos amigos, foi o criador da revista “Caros Amigos”, de que Bosco Martins era correspondente em Mato Grosso do Sul.

**Grande demanda sobre Manoel** – Mesmo pertencendo a uma geração cuja diferença era de quatro décadas, a amizade entre Manoel de Barros e o jornalista se fortaleceu e tinha um enredo terno e especial. Bosco se mantinha informado sobre Manoel por intermédio de Stella, e se dedicava a acompanhar a agenda e o dia a dia do poeta, divulgando informações quando era o caso, mas principalmente “despachando” com Manoel a correspondência que a ele chegava de fãs, estudantes, jornalistas e professores. Todos queriam notícias sobre “o maior poeta em atividade na literatura portuguesa”, como dizia Bosco, e este as fornecia com prazer e na medida.

Houve época em que Bosco também conduziu à Rua Piratininga, 363, no coração do Jardim dos Estados, onde vivia Manoel, personalidades como Gilberto Gil (então ministro da Cultura), o escritor José Júlio Chiavenatto, a atriz Cássia Kis, entre famosos e anônimos em busca de uma prosa ou um afago. Nessa hora especial de encontro, o jornalista recomendava certo “ritual de doação”, pois Manoel era reservado e preservava sua timidez de bugre, então era preciso jeito para chegar a ele.

Manoel de Barros sempre tratou o jornalista pelo nome, mas vez ou outra o chamava por um apelido que tinha inventado para ele: “Bar-do”. O motivo é que Bosco gosta de declamar e Manoel tinha ciência das

mais de 60 poesias de autores diversos – Manuel Bandeira, Drummond, Vinicius, João Cabral – decoradas por ele. Só não tinha de cor poemas de Manoel de Barros; estes necessitava ler direto no livro.

“Minha poesia não ajuda a arrumar namorada, deve ser por isso que o Bardo só declama outros autores”, divertia-se o poeta na brincadeira, mas meio que cobrando.

Em uma de suas visitas mais recentes, o jornalista deixou 12 livros para o poeta autografar e repassou informações sobre ele solicitadas por intermédio de e-mails, correspondências diversas, inbox do Facebook, etc. A coisa entre os dois funcionava assim: o jornalista conversava com Manoel, indicando o que havia trazido, os pedidos. Antes de sair anotava num papel os itens que passava a Stella. Esta, no seu tempo, sinalizava que tinha em mãos os livros autografados, Bosco então ia buscar para, em seguida, distribuir aos interessados. Com pedidos de entrevista também havia esse acordo e, como sempre, Manoel só respondia por escrito às perguntas dos jornalistas; Bosco também nisso servindo de mensageiro.

Exemplos de solicitações que chegavam ao jornalista:

*Bom dia, Bosco! A Eliane Oliveira, nossa amiga jornalista que vive em Milão, na Itália, me pediu ajuda para conseguir um contato com Manoel de Barros. Ela está escrevendo um livro por lá e pensa em citar a obra do Manoel, mas quer, antes de tudo, obter autorização para citá-lo. Será que vc consegue os contatos com ele ou alguém que cuide da obra dele? Se puder, me mande ou mande direto pra ela. Grande abraço. E obrigado, desde já.*

\*\*\*

*Querido Bosco. Tenho a ALEGRIA de dizer em primeiríssima mão que minha dissertação recebeu avaliação favorável para publicação na editora PAULINAS. NO ENTANTO, preciso de autorização do poeta MANOEL DE BARROS para publicação, haja vista que há alguns poemas dele no corpo do trabalho.*

*Você acha que é possível? Preciso do endereço do poeta para enviar a dissertação. ESTOU DIVIDINDO MINHA ALEGRIA COM VOCÊ. BJS.*

\*\*\*

*Oi Bosco, tudo bem? Bom, vamos lá. Vou publicar meu livro de poesias O Haver Flor, pela Editora Coruja, daqui de Ribeirão Preto. Estou com um projeto superbacana com o pessoal de lá. E queria saber de ti se você acha viável algo que me deixaria muito feliz, apesar de eu achar que talvez seja algo muito complicado de acontecer. Eu gostaria muito que o Manoel de Barros lesse meu livro e escrevesse algo sobre ele, uma apresentação, para compor a publicação. Seria um sonho realizado, na verdade. Mas sei que o nosso poeta querido já está velhinho e, por isso, não sei se seria possível. Como você tem o contato direto e é amigo dele queria saber o que você acha disso. É isso, um beijo e, desde já, imensa gratidão!*

\*\*\*

*Olá, Sr. Bosco, bom dia! Meu nome é Thayara Barboza, sou assessora de imprensa da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar (OMEP). A OMEP é uma ONG que atua em defesa da Educação Infantil no Brasil e no mundo. Aqui no estado, é mantenedora de um instituto de Educação Infantil, localizado no bairro Tiradentes, e também do Instituto de Formação da OMEP (IFOMEPE), que desenvolve qualificação profissional na modalidade a distância. Há 23 anos, a organização realiza o Encontro Estadual de Educação da OMEP, que reúne profissionais para debater assuntos específicos da Educação em nosso estado. Este ano, o tema é: O Exercício de Ser Criança, em alusão ao livro do Sr. Manoel de Barros. Por este motivo, vamos produzir uma edição especial de nosso jornal institucional, falando sobre o autor, suas histórias, trajetória e importância no cenário educacional e cultural em todo o mundo. Caso seja possível, agradeceria imensamente, em meu nome e em nome da OMEP, a possibilidade de uma entrevista. Para facilitar, seguem abaixo algumas perguntas e, desde já, agradeço a atenção.*

– Quanto das vivências de infância do senhor serve como inspiração para seus poemas? Como a rotina do senhor contribui para que as palavras, as poesias e os textos fluam? Como outros autores inspiraram a trajetória do senhor? Quando o senhor descobriu o amor pelas palavras e pela linguagem? Falando em descobertas, na opinião do senhor, como a Educação pode contribuir para que as pessoas, especialmente as crianças, se envolvam e se apaixonem pelas palavras? Gostaria de saber, ainda, se é possível algum contato com a filha, Martha, pois, ficaríamos muito gratos se houver autorização para que publicemos, também, uma de suas ilustrações. Desde já, agradeço! Att, Thayara Barboza. Assessoria de Imprensa OMEP/BR e OMEP/BR/MS.

---

\*Texto adaptado de reportagem publicada em 11/11/2014 no site musarara.com.br.

## LAS FONTES SELVAGENS DE MANOEL DE BARROS

Por Douglas Diegues\*

Tenho 25 años y estoy leyendo por primeira vez los versos de Manoel de Barros em fotocópias que ganhei de uma jornalista bela e perfumada que morava em Campo Grande. *“Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima serve para a poesia.”*

Alguns versos de Manoel de Barros son mais chapantes que las drogas egípcias ou las drogas pós-modernas! Quem non lembra mais del gran Dino Segre, jornalista e escritor italiano de folhetines baratellis mais conhecido pelo pseudônimo de Pitigrilli? Com ele ficamos sabendo que “sempre existiram drogas mais potentes, mais calmantes, mais tranquilizantes, mais alucinógenas do que todas as drogas da farmacopeia antiga e da farmacologia contemporânea: essas miracle-drugs, drogas milagrosas, são as palavras”.

Acabo de embarcar nel primeiro ônibus que saiu para Campo Grande y espero que non me decepcione tanto com la City Morena y encuentre pelo menos algunos libros del poeta Manoel de Barros. Estamos em 1989. Seus livros estão todos esgotados.

Continuo a ler outros versos de Manoel de Barros fotocopiados. *“As mulheres tratavam-nos com uma bundura extraordinária.”*

Me encantan aquela parte de la región central de Campo Grande onde podemos caminar entre hermosas árvores gigantes.

*“Lá no alto da nuvem estava deitada a minha amada completamente nua.”* Os versos de Manoel de Barros têm magias selvagens lisérgicas que apaziguam os leitores y les devuelve el paraíso perdido nonsense da língua em estado de sol e garças. *“A gente se negava corromper-se aos bons costumes. A gente examinava a racha dura das lagartixas Só para brincar de ciência.”*

Ler poesia non eram solamente aquelas declamações chatas que rolavam na escola. Ler poesia podia ser também uma experiência divertida como drogar-se com palavras. “Poesia, s. f. Designa também a armação de objetos lúdicos com emprego de palavras imagens cores sons etc. – geralmente feito por crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados.”

Manoel de Barros morava numa hermosa casa na Rua Piratininga 363, onde tinha um escritório no andar de cima e passava as manhãs trancado enfiando magia selvagem nas palavras. *“Já enxergo o cheiro do sol.”* Versos sempre alucinógenos. Manoel de Barros fazia uns caderninhos e colava imagens recortadas de revistas e jornais na capa. Depois ele enchia os caderninhos de frases, versos, delírios verbais.

Palavras amanheciam entre aves nos seus caderninhos proto-cartoneros. Depois selecionava as frases. Separava as que ficavam em pé, como ovo, das que não ficavam. E montava o poema com sequências de versos y delírios verbais fazendo uma espécie de edição de imagens.

Ele curtiá celebrar. Celebrar coisas sem importância, coisas do mato, coisinhas do chão. Celebrar uma manhã de pernas abertas. *“Escrevo gags, Douglas. Não querem dizer nada. Não informam porra nenhuma. Mas as palavras, a frase, a imagem, o delírio verbal tem que ter canto dentro.”*

Manoel de Barros era também naquele tempo el sujeito mais anti-romero britto da literatura brasileira. Detestava que o chamassem poeta do Pantanal ou poeta pantaneiro. Achava o rótulo folclorizante um negócio falso e redutor. Jamais aceitaria participar de *talk shows* ou de mesas literárias em eventos como Flip etc. e tal. *“Prefiro o Leblon ao Pantanal”*, dizia Manoel de Barros quando estava de saco cheio do título de poeta pantaneiro. *“Nunca escrevi uma linha sequer no Pantanal.”*

Suas palavras estavam contaminadas de chamus, orvalho, aves, sol, pedra, rio, árvore, gosma, flor, infância, porém el poeta nunca des-

comecia para o paisagismo verbal. El Pantanal que aparece em sua poesia é a palavra Pantanal. Nada a ver con lo real fotogénico para inglês ver.

Deleuze descobriu lendo Proust que o escritor “inventa uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira”, na língua em que se diz: “arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar”.

Manoel de Barros inventou um *idioleto*, um *manoelês arcaico* delirante, dentro da língua em que se disse:

*“Sou mais a palavra com febre,  
decaída, fodida, na sarjeta.*

*até que padeçam de mim e me sujem  
de branco.*

*Sou mais a palavra ao ponto de  
entulho.*

*Sonho exercer com elas o ofício de  
criado:*

*Amo arrastar algumas no caco  
de vidro, envergá-las pro chão,  
corrompê-las*

*usá-las como quem usa brincos”.*

Carlos Drummond de Andrade reverenciou Manoel de Barros dizendo que o poeta fazedor de inutilidades era o maior poeta vivo no Brasil, porém hasta el momento nenhum crítico importante do eixo Rio-Sampa escreveu uma linha sequer sobre Manoel de Barros. Em contrapartida, Manoel de Barros nunca lambeu las bolas de los críticos y de los periodistas.

Um dia mandei um verso para ele: “Moscas phodem voando”. Depois de alguns dias recebi uma carta dele elogiando a grafia de “phodem”. Fiquei muy feliz com aquela carta. Era o meu primeiro verso emportunhol selvagem. Y habia sido elogiado por el brujo! A partir desse

verso, Manoel de Barros passou a me respeitar como poeta. Chegou a incorporá-lo num poema. Mas o poema foi vetado da versão definitiva do *Livro das ignoranças*, mas aqui publicamos ele na íntegra:

#### VIII

Sou um sujeito letrado em dicionário.  
Pelo menos uma vez por dia me vou no Moraes ou no  
Viterbo +  
Afim de consertar a minha ignorância,  
mas só acrescenta.

- 
- \* Viterbo : Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo. Tenho seu Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usavam e que hoje regularmente se ignoram. Meu exemplar é da 2a. edição, de 1865, que dizem ser muito incorreta. Nele encontrei o arcaísmo ê que glose abaixo, com rara impropriedade. Trata-se do verbo jeitar.+

- 
- \* Jeitar :  
Venéreo ajuntamento, diz Lemos.  
Jeitar é forma arcaica de deitar-se com  
fazer phoda.+  
Se ajeitar no sofa era o mesmo que fazer no sofa.  
And so on - como dizia o meu professor quando não  
havia mais nada que dizer.

- 
- \* Phoda :  
Grafei dessa maneira o verbo phoder para não chocar  
os pudores e por inspiração de um verso do jovem  
poeta Douglas Diegues, que é assim :  
Moscas phodem voando.

Durante anos, o melhor programa cultural em la City Morena era visitar o poeta Manoel de Barros na Rua Piratininga 363. “Custa crer que tanta inventividade, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido tanto tempo no escuro!”, anotou Ismael Cardim. Fausto Wolff vinha do Rio de Janeiro só para beber escoceses y prosear com Manoel de Barros en la Rua Piratininga 363.

“*Já posso amar as moscas como a mim mesmo.*” Gilberto Gil quando veio a Campo Grande fez questão de passar pela Rua Piratininga 363 para dar um abraço nel poeta. José Mindlin publicou uma edição belíssima fora do comércio do *Livro das ignorâncias*. Mas os grandes críticos brasileiros que Manoel de Barros respeitava non escreveram sequer una miserable línea sobre os seus *delirios* rupestres.

“*O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho.*” Manoel de Barros coletava a potência verbal selvagem em almanaques populares, provérbios do mato, em boca de pessoas simples do Pantanal, andarilhos, loucos, bêbados e crianças. Pela sua força verbal delirante contaminada de sol, de infância, de rios e árvores, Manoel de Barros ocupa um lugar histórico próprio entre os principais nomes da moderna literatura brasileira, de Gregório de Matos a Glauco Mattoso. Todos sabemos que las qualidades verbais de Manoel de Barros derivam de suas ligações profundas com as suas fontes, que são a fala das crianças, dos loucos, dos andarilhos, dos índios, dos bêbados. As fontes populares do riso. Os filmes de Chaplin. Os provérbios e refrãos antigos. A prosa do padre Vieira e a prosa do padre Manuel Bernardes. Rimbaud y el desregramiento de los sentidos. La fala do povo em feiras e nos mercados.

Podemos observar que uma das fontes mais importantes da arte da poesia de Manoel de Barros es la infância. A infância própria e a de outras crianças; o pensamento selvagem infantil; a fala torta das crianças; a imaginação infantil sem limites. Nunca a infância esteve tão presente

do primeiro ao último livro em um grande poeta da literatura brasileira. Nunca antes a poesia brasileira havia sido tan hermosamente infectada pela infância.

*“(...) O delírio do verbo estava no começo, lá onde*

*Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.*

*a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.*

*E pois.*

*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona*

*Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer*

*para cor, mas para som.*

*nascimentos*

*– O verbo tem que pegar delírio.”*

Os bêbados, os loucos de água e estandarte também son importantes fontes de inspiración. Mas a infância parece ser mais importante para o poeta: “O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro toque, o cheiro, enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi”.

Escrever com o corpo é como escrever com a infância do corpo, as sensações primeiras: os primeiros cheiros, as primeiras cores, os primeiros sabores, as primeiras texturas, os primeiros ruídos, as primeiras alegrias. El próprio poeta reconhece, em entrevista, que solamente teve infância, ou seja, que non teve tempo de degenerar em adulto.

As entrevistas do poeta Manoel de Barros também podem ser lidas como poemas. Em Arranjos para assobio, primeira parte, *Sabiá com trevas*, XV, ele usa a entrevista como gênero poético, como brinquedo

de palavras, livre da solenidade das entrevistas sérias. *“No caminho, as crianças me enriqueceram mais do que Sócrates. Minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo de estrada. Gosto de desvio e de desver.”* A infância está nos desvios e no desver. Desvendo pelos desvios o poeta vai dar nas origens, el futuro, onde moram las palabras. Manoel de Barros usa poesia para regresar al futuro, a las origens, a la infância da língua y de la linguagem. E o que significa esse regresso ao futuro? Significa usar desvios e desveres, entre outros recursos, para chegar ao que ele chamou de *“criançamento das palavras”*. La poesia como objeto lúdico, brinquedo de palabras, uma droga perigosa que pode te deixar menos burro y menos covarde.

*“A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens.”*

*“A liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.”*

São muitos os versos de Manoel de Barros com criança dentro: a energia subversiva da infância; infância como liberdade de linguagem; infância como imaginação que non cabe nos limites de uma forma de adulto. Escrever desde el ponto de vista das crianças como uma recusa a escrever desde o ponto de vista do adulto estaria mais para escrever com a ignorãça própria do corpo, escrever usando o corpo inteiro em vez de escrever apenas usando cérebro, inteligência racional, lógica, seriedade, pose de adulto.

É uma recusa radical também a las solenidades oficializas e aos ensinamentos do programa de ensino estatal onde se aprende sobretudo a ser mais um bom funcionário, mais um bom profissional, mais uma pessoa bem-sucedida no mercado de trabalho.

*Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.* Como os guaranies, Manoel de Barros non cree que um mortal possa instruir outro mortal na arte do canto. O canto, a sabedoria, as belas palabras vêm do

alto, vêm de cima, vêm de las origens de céu, têm qualidade de criança.

Bartomeu Melià<sup>1</sup> relata algo sobre la arte de la palavra entre los mbyá-guarani que ilumina simultaneamente el tekó eté, o modo de ser autêntico, da palavra de Manoel de Barros: *A palavra não é ensinada, nem é aprendida humanamente. Para muitos guarani resulta insensato e até mesmo provocativo pretender ensinar as crianças em salas de aula; dá o receio e por vezes a enérgica rejeição ao ensino escolar ocidental. A palavra é um dom que se recebe do alto, e não um conhecimento aprendido de outro mortal.*

Pergunto a Manoel de Barros aonde ele quer chegar. Ele responde sem pensar muito:

*“Eu queria avançar para o começo.*

*Chegar ao criancamento das palavras.*

*Lá onde elas ainda urinam na perna”.*

Os delírios verbais terapeutam os leitores. Manoel de Barros pode ser lido também como literatura infantil para adultos. *Se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.*

Criancas as palavras é entrar em comunhão com as coisas, com a alegria dos palhaços, dos anões, dos bichos, das pedras, das árvores, das águas, do sol. O riso contra a seriedade oficial. A alegria sem forma das crianças contra a solenidade dos adultos presos dentro de suas formas. *A gente gostava mais das vadiações com as palavras do que das prisões gramaticais.* Criancas as palavras pode ser também fugir da prisão gramatical

---

<sup>1</sup> MELIÀ, Bartomeu. *Otra palabra es posible*. Asunción, Paraguay: Servicios Koinonia, 2006.

voando fora da asa. *A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.* A poesia como jogo, play, diversión, e não a poesia como trabalho, profissão, cansaço, emprego fixo.

*Uma rã me pedra.*

Em algunos versos, Manoel de Barros mata a piedra y mostra o passarinho.

*Um passarinho me árvore.*

Outro recurso para chegar ao criancamento das palavras é brincar de fazer himeneos de palavras, casamento de termos inusitados, por exemplo, o casamento de um peixe com uma lata. Num dos poemas de *O guardador de águas*, uma lesma fode uma pedra. Num poema anterior, idiotas de estrada urinam em formigas para infantilizá-las.

Os personagens de Manoel de Barros nunca crescem, nunca se tornam adultos, nunca atingem a maturidade, embora estejam no mundo desde os tempos primigenios, quando nada ainda se sabia. São personagens que lembram um pouco aquele velho menino sábio da China antiga, que nasceu bebê de cabelos brancos de uma mãe de mais de 80 anos.

*Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.* O delírio, a doença, a anomalia, o estranhamento, a imprevisibilidade, são mais importantes do que a beleza para o procedimento de criancamento de la linguagem.

*Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessabe.* Fabricar criancamentos, gags verbais encantatórias, brinquedos de palavras, não tem mistério: *o truque era só virar bocó.*

Quando seus filhos eram pequenos, Manoel de Barros colocava-os no colo, pedia para que eles contassem qualquer coisa, e anotava num

bloquinho as frases de Pedro, João e Martha. Brincaba de Ready Made com los filhos. Assim escreveu boa parte de *Compêndio para uso dos pássaros* (1960). *Veio Maria Preta fazeu três araçás pra mim. Meu bolso teve um sol com passarinhos.*

Quanto mais o poeta envelhecia por fora, mais criança ele ficava por dentro. *Não adianta prefácio nem posfácio nem nada. O que apresenta um poeta, Douglas, é a poesia que o poeta apresenta.*

Bernardo, o alter ego de Manoel de Barros, também é valorizado pelo poeta por sua inocência selvagem. *Bernardo transmitiu à minha poesia, às minhas palavras, a inocência dele. Até hoje tenho as raízes da minha infância muito fortalecidas por causa dele.*

As crianças revelam a Manoel de Barros a inocência primitiva da natureza humana. Mas non apenas isso. *Crianças desescrevem a língua. Arrombam as gramatical.* O ilogismo que dá vida aos versos também sofre influências do tekó eté, o modo de ser autêntico, da imaginação delirante das crianças. *A inocência da natureza humana ou vegetal ou mineral me ensinara mais. Quem não conhece a inocência da natureza não se conhece. Não há filosofia nem metafísica nisso. O que sei, na verdade, vem das percepções infantis.*

Entender nunca havia sido tão parede na literatura brasileira. El néctar de la linguagem própria de Manoel de Barros nunca me deixa sozinho em meio a la mielta toda y de japa me transmite las alegrías selvagens necessárias al pensamiento kontra todas las forzas que nos querem tristes, sérios, servis, tolos y cagones. Avante!

---

\*Douglas Diegues é poeta e tradutor, autor de *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*, o primeiro livro de poesia escrito em portunhol nel ambito de la literatura luso-hispano-americana. Trechos em portunhol selvagem da “Biografia literária de Manoel de Barros.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Vanessa. O encantador de palavras. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 14 nov. 2014. Especial, p. 1.
- BARROS, Abílio Leite de. *Gente pantaneira – crônicas de sua história*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2012.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa – Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2010.
- BRASIL, Ubiratan. *Novos livros evidenciam a volta da poesia indispensável de Manoel de Barros*. Abr. 2016. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,novos-livros-evidenciam-a-volta-da-poesia-indispensavel-de-manoel-de-barros,10000025631>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- CASARIN, Rodrigo. Cartas e manuscritos inéditos estão em reedições de Manoel de Barros. *Veja*, São Paulo, abr. 2016. Disponível em: <https://paginacino.blogosfera.uol.com.br/2016/04/06/cartas-e-manuscritos-ineditos-estao-em-reedioes-de-manoel-de-barros-veja>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- CHAVES, Pedro. Cem anos do poeta Manoel de Barros. *Correio do Estado*, Campo Grande, MS, dez. 2016. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/opiniao/pedro-chaves-cem-anos-do-poeta-manoel-de-barros/294083>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- COUTO, Carlos Magno. Manoel de Barros, por Carlos Magno Couto. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, dez. 2014. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/artigos/manoel-de-barros-por-carlos-magno-couto>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- DIÁRIO DO NORDESTE. O legado do singelo em Manoel de Barros. *Diário do Nordeste*, nov. 2014. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sopadelivros/literatura-nacional/o-legado-do-singelo-em-manoel-de-barros>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- DIEGUES, Douglas; MARTINS, Bosco. *Aos noventa anos Manoel de Barros se considera um songo*. Dez. 2006. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=8169&portal=cronopios>. Acesso em: 22 nov. 2017.

DIEGUES, Douglas; MARTINS, Bosco; TRIMARCO, Cláudia. Três momentos de um gênio. *Caros Amigos*, São Paulo, n. 117, p. 29-33, dez. 2006.

FUNDAÇÃO MANOEL DE BARROS. *O Poeta*, Campo Grande, MS, nov. 2014. Disponível em: <http://www.fmb.org.br>. Acesso em: 22 mar. 2018.

KEMPFER, Angela. Manoel, a musa Clarice, a vergonha que o fazia vomitar e a morte. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, nov. 2014. Disponível em: [https://www.campograndenews.com.br/impressao/?\\_=%2Flado-b%2Fartes-23-08-2011-08%2Fmanoel-a-musa-clarice-a-vergonha-que-o-fazia-vomitar-e-a-morte](https://www.campograndenews.com.br/impressao/?_=%2Flado-b%2Fartes-23-08-2011-08%2Fmanoel-a-musa-clarice-a-vergonha-que-o-fazia-vomitar-e-a-morte). Acesso em: 22 nov. 2017.

KEMPFER, Angela; MARTINS, Bosco. *Manoel de Barros: uma história de amizade*. Nov. 2014. Disponível em: <http://www.musarara.com.br/manoel-de-barros-uma-historia-de-amizade>. Acesso em: 21 nov. 2017.

LIMA, Juliana Domingos de. *Como (e por que) ler Manoel de Barros, o poeta das miudezas*. Dez. 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expres-so/2016/12/19/Como-e-por-que-ler-Manoel-de-Barros-o-poeta-das-miudezas>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MACIULEVICIUS, Paula. Por 10 anos, amigo caminhou todos os dias ao lado do Manoel homem e poeta. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, nov. 2014. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/por-10-anos-amigo-caminhou-todos-os-dias-ao-lado-do-manoel-homem-e-poeta>. Acesso em: 22 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Manoel de cabelos ainda pretos está entre registros inéditos do poeta para 2016. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, nov. 2015. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/manoel-de-cabelos-ainda-pretos-esta-entre-registros-ineditos-do-poeta-para-2016>. Acesso em: 22 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Com a vida e versos de Manoel de Barros, Afonso Pena ganha a feição da poesia. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, nov. 2016. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/com-a-vida-e-versos-de-manoel-de-barros-afonso-pena-ganha-a-feicao-da-poesia>. Acesso em: 22 nov. 2017.

*Manoel de Barros* – vida e obra. Nov. 2014. Disponível em: <http://www.porta-lentretextos.com.br/especiais/manoel-de-barros-vida-e-obra,165.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

*Manoel de Barros* – biografia. Nov. 2014. Disponível em: [http://totodenadie.blogspot.com.br/2014/11/manoel-de-barros-biografia\\_14.html](http://totodenadie.blogspot.com.br/2014/11/manoel-de-barros-biografia_14.html). Acesso em: 11 abr. 2018.

MARTINS, Bosco. *Manoel de Barros se considera um songo* – Parte I. Dez. 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/manoel-de-barros-se-considera-um-songo-parte-i>. Acesso em: 23 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. *A “Caros Amigos” traz a poesia de Manoel de Barros*. Dez. 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-caros-amigos-traz-a-poesia-de-manoel-de-barros>. Acesso em: 8 dez. 2017.

MARTINS, Bosco et al. Um privilégio nosso e de nossos leitores. *Caros Amigos*, São Paulo, n. 141, p. 39 e 40, dez. 2008.

NUNES, Keyla Cirqueira Cardoso. *Poesia, experiência, infância: um estudo sobre o acontecer infantil na poética de Manoel de Barros*. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manoel de Barros é lembrado com carinho por amigos e escritores*. Nov. 2014. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,manoel-de-barros-e-lemrado-com-carinho-por-amigos-e-escritores,1592291>. Acesso em: 5 mar. 2018.

O GLOBO. *Morre o poeta Manoel de Barros, aos 97 anos*. Nov. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-poeta-manoel-de-barros-aos-97-anos-14548514>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PIZA, Daniel. Manoel de Barros, o poeta que veio do chão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,manoel-de-barros-o-poeta-que-veio-do-chao,523717>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PORTAL DA EDUCATIVA. *Antiacadêmico, Manoel de Barros dizia que boa literatura tem formação humanística*. Campo Grande, MS, jul. 2015. Disponível em: <http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/antiacademico-manoel-de-barros-dizia-que-boa-literatura-tem-formacao-humanistica>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ROCHA, Valmira Alves da. *Três infâncias: a técnica literária de Manoel de Barros aplicada ao ensino no 9º ano do ensino fundamental II*. 2017. 69 f. Dissertação (Mestrado em Letras – área de conhecimento em Linguagens e Letramento) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, SP, 2017.

RODRIGUES, Karine. Manoel de Barros de cartas abertas. *O Globo*, Rio de Janeiro, nov. 2014. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/manoel-de-barros-de-cartas-abertas-522704.html>. Acesso em: 5 abr. 2018.

RODRIGUES, Sabrina. *Morre aos 97 anos Manoel de Barros, o poeta da natureza*. Nov. 2014. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/noticias/28775-morre-aos-97-anos-manoel-de-barros-o-poeta-da-natureza>. Acesso em: 20 fev. 2018.

SPÍNDOLA, Pedro (Org.). *Celebração das coisas\** – bonecos e poesias de Manoel de Barros, 90 anos do poeta. Campo Grande, MS: edição independente, 2006. p. 18-33 e 72.

TADEU, Felipe. *Luiz Melodia na Alemanha* – Retrato do artista quando longe. Out. 2004. Disponível em: <http://www.novacultura.com/0410som.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

TAQUES, Luiz. *Vaso de colher chuvas* – contos-reportagem com Manoel de Barros. Campo Grande, MS: Letradágua, 2008. p. 27-33.

UOL. *Morre aos 97 anos, em Campo Grande, o poeta Manoel de Barros*. Nov. 2014. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/13/morre-aos-97-anos-em-campo-grande-o-poeta-manoel-de-barros.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.

UOL. Cássia Kis: *O sábio é um adulto com olhos de criança*. Esse é o Manoel. Nov. 2014. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/13/cassia-kis-o-sabio-e-um-adulto-com-olhos-de-crianca-esse-e-o-manoel.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.

VALVERDE, Franklin. *O retrato do artista quando coisa*. 2002. Disponível em: [http://www.franklinvalverde.com.br/jornalismo\\_musica\\_retrato.htm](http://www.franklinvalverde.com.br/jornalismo_musica_retrato.htm). Acesso em: 20 fev. 2018.

VIEGAS, Maranhão. Entrevista: O azul do quintal de Rodin. *Revista Onati – Revista Técnico-Científica e Cultural do Cesup (Centro de Ensino Superior de Campo Grande)*, Campo Grande, MS, n. 1, p. 18-21, set. 1994.

\_\_\_\_\_. Poesia não morre. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, nov. 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/poesia-nao-morre>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text e Montserrat.  
Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>



BOSCO MARTINS

# DIÁLOGOS DO ÓCIO

Um inventário de amizade com  
o poeta MANOEL DE BARROS



ISBN 978-65-86943-83-2



9 786586 943832



editora  
UFMS

